Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Magdalena Nowinska

Tradução e sensibilidade

Die Judenbuche *de Annette von Droste-Hülshoff*
e suas traduções

(versão corrigida)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Doutora

Área de concentração: Letras Modernas

Orientador: Prof. Dr. João Azenha Jr.

São Paulo
2012

Magdalena Nowinska

Tradução e sensibilidade: Die Judenbuche de Annette von Droste-Hülshoff e suas traduções

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora, sob a orientação de Prof. Dr. João Azenha Jr.

Aprovada em: 30 de março de 2012

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Azenha Jr. (USP) – Orientador

Prof. Dr. Helmut Galle (USP)

Prof. Dr. John Milton (USP)

Prof. Dr. Karin Volobuef (UNESP)

Prof. Dr. Markus J. Weininger (UFSC)

Agradecimentos

Várias pessoas e instituições contribuíram de modos diferentes para a realização deste trabalho; gostaria de agradecer particularmente às seguintes:

Prof. Dr. João Azenha Jr., meu orientador, pela orientação dedicada desde o Mestrado, pelo apoio, pelos valiosos incentivos e pelo delicioso café;

Membros da banca da qualificação do Mestrado, Prof. Dr. Helmut Galle e Prof. Dr. John Milton, bem como os membros da banca de qualificação do Doutorado, Prof. Dr. Tércio Redondo e Prof. Dr. Jaime Ginzburg, pelas importantes críticas e sugestões;

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas concedidas, que possibilitaram minha dedicação integral à pesquisa;

PD Dr. Mona Körte, do Zentrum für Antisemitismusforschung (ZfA) da Technische Universität Berlin, Prof. Dr. Ulrike Stamm, da Humboldt-Universität zu Berlin, Prof. Dr. Norbert Mecklenburg, da Universität zu Köln e Dr. Jochen Grywatsch do Landschaftsverband Westfalen-Lippe (LWL), pelas entrevistas concedidas;

Cecilia Casini, pela revisão das traduções de trechos italianos; Sonia Stramare, pelas explicações de alguns termos italianos; e Elizabeth Ágata Fenyvesi Bester, pela revisão das traduções de trechos húngaros e por explicações sobre eles;

Diogo Coutinho, Jean-Paul Rocha e Marcos Paulo Veríssimo, do Gabinete, pelo ambiente de trabalho perfeito, pelas conversas e sugestões, e pelos vários "frozen" tomados juntos;

Meus pais, Jadwiga e Andrzej, minha irmã, Maja, e meus sogros, Lenita e José Afonso, pelo apoio, transatlântico e cisatlântico, a esse trabalho;

Cristiane Tavares, pela amizade e por ter endireitado uma coluna dobrada;

Kathrin Schweiger, pelos "colóquios", por ter sempre um ouvido aberto, por ser minha amiga;

Virgílio, meu marido, por aliviar pesos e por me manter no chão, pelo companheirismo, pelos incentivos, pelo engajamento neste projeto e pelo apoio irrestrito e incansável a ele.

Resumo

Nowinska M. Tradução e sensibilidade: *Die Judenbuche* de Annette von Droste-Hülshoff e suas traduções [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012.

Este trabalho é guiado por uma questão central que diz respeito ao comportamento de tradutores e editores diante de textos de cujo conteúdo eles talvez discordem. Em termos concretos, analisou-se como as traduções de um determinado texto – *Die Judenbuche* (1842), de Annette von Droste-Hülshoff, um texto canônico da literatura alemã, ainda sem recepção e sem tradução no Brasil – enfrentaram os *motifs* judaicos nela contidos, *motifs* estes que apontam para estereótipos antijudaicos. O corpus de análise foi composto por 25 traduções de 12 idiomas e 13 países, todos do âmbito cultural chamado de Ocidente, coincidindo, do ponto de vista temporal, aproximadamente com o século XX. Baseando-se em teorias de recepção (principalmente nas vertentes de Wolfgang Iser e da *Reader-Response-Theory*) e de reescritura (de André Lefevere), a pesquisa buscou mostrar que traduções, uma das formas de recepção e reescritura de literatura, evitam discutir temas sensíveis nos textos nelas publicados e são, assim, mais "estáticas" do que a crítica literária, uma outra forma de recepção e reescritura, escolhida aqui como ponto de comparação. Para a análise das traduções, certos trechos e aspectos da *Judenbuche* foram definidos e analisados em relação ao original. Além dos textos traduzidos, os paratextos das traduções foram também analisados. Nos textos traduzidos, procurou-se por *shifts* indicativos de atitudes; nos paratextos, por menções aos *motifs* judaicos e discussões sobre eles. A interpretação dos resultados considerou vários contextos (os contextos nacionais e históricos, as editoras, a identidade dos autores dos diferentes gêneros textuais, as convenções dos gêneros, etc.). Como contexto comum e como uma das fontes de reações dos autores dos textos analisados foi presumido o contexto da história judaica no Ocidente. Os resultados da análise confirmaram, por um lado, a hipótese, mostrando que as traduções de fato não costumam debater explicitamente temas sensíveis em textos literários. Ao mesmo tempo, contudo, as traduções mostraram que os *motifs* judaicos da *Judenbuche* preocuparam sim os tradutores e editores. Os textos traduzidos mostraram diversos *shifts*. Nos paratextos, menções explícitas e valorativas aos *motifs* judaicos foram poucas, mas observou-se a tendência de seu aumento nos anos mais recentes, nos quais o tema do antissemitismo na literatura vem ganhando destaque no âmbito dos estudos literários. Traduções inseridas em contextos acadêmicos mostraram mais ocorrências de menções aos *motifs* judaicos em paratextos do que traduções direcionadas a um público geral. Em relação ao contexto da história judaica do século XX, mudanças no corpus como todo foram observadas; *shifts* nos textos traduzidos aumentaram no período de 1933 a 1945, enquanto os textos traduzidos de depois de 1945 mostram uma tendência a atenuar as ambiguidades da *Judenbuche*. Em relação aos contextos nacionais, mudanças foram observadas na direção de um aumento de sensibilidade em relação ao conteúdo da *Judenbuche*. Concluiu-se, assim, que, embora traduções não fossem consideradas uma plataforma de debates abertos sobre o problema do antissemitismo na literatura, os tradutores e editores mostraram um aumento de sensibilidade em relação ao tema no decorrer do tempo.

Palavras-chave: *literatura alemã; tradução literária; recepção; antissemitismo literário; ética*

Abstract

Nowinska M. Translation and sensibility: *Die Judenbuche* by Annette von Droste-Hülshoff and its translations [thesis]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012.

This study is guided by a question about the behaviour of translators and editors towards texts the contents of which they possibly disagree with. More specifically, the study analysed how the translations of a particular text – *Die Judenbuche* (1842), by Annette von Droste-Hülshoff, a canonical text of German literature, as yet without reception or translation in Brazil – face the Jewish *motifs* contained in it, *motifs* sometimes considered as anti-Semitic stereotypes. The corpus of the study, composed of 25 translations into 12 languages and from 13 countries, comprehends the cultural area usually denominated as the West, and coincides temporally with the 20th century. Based on theories of reception studies (by Wolfgang Iser and from Reader-Response-Theory) and on the theory of rewriting (by André Lefevere), the study sought to demonstrate that translations, one of the forms of reception and rewriting of literature, avoid discussing sensitive topics in the translated texts, and are thus more "static" than literary criticism, another form of reception and rewriting, chosen as point of comparison. For the analysis of the translations, certain passages and aspects of *Die Judenbuche* were defined and analysed in comparison with the original. The paratexts of the translations were also analysed. The analysis of the translated texts sought to identify shifts indicative of attitudes; the analysis of the paratexts sought to identify references to and discussions on the Jewish *motifs*. The interpretation of the results considered different contexts (the national and historical contexts, the publishing houses, the identity of the authors of the different text genres, conventions of the genres etc.). The Jewish history in the West was presumed as a common context and as one of the sources of attitudes of the authors of the analysed texts. The results of the analysis confirmed the hypothesis, demonstrating that translations in fact do not undertake explicit debates of sensitive topics in literary texts. However, the translations also demonstrated that the Jewish *motifs* in *Die Judenbuche* did preoccupy the translators and editors. The translated texts contained diverse shifts. In the paratexts only few explicit and evaluative references to the Jewish *motifs* were identified, but in recent years, in which literary anti-Semitism has received more and more attention in literary studies, an increase in references was observed. Translations from academic contexts showed more references to Jewish *motifs* in their paratexts than translations for the general public. Against the context of Jewish history in the 20th century, variations have been observed in the corpus as a whole; in the translated texts, shifts increased during the years from 1933 to 1945, while in the years after 1945 tendencies towards an attenuation of *Die Judenbuche's* ambiguities dominated. Within the national contexts, an increase of sensibility towards the content of *Die Judenbuche* was observed. Thus, even though translations apparently are not considered a platform for debates on problems of anti-Semitism in literature, the results evidenced that translators and editors did show, in the course of time, an increase in sensitivity with regard to the topic.

Keywords: *German literature; literary translation; reception; literary anti-Semitism; ethics*

Zusammenfassung

Nowinska M. Übersetzung und Sensibilität: *Die Judenbuche* von Annette von Droste-Hülshoff und ihre Übersetzungen [Dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012.

Die Leitfrage, die diese Untersuchung bewegt, ist die nach dem Verhalten von Übersetzern und Verlegern angesichts eines Textes, mit dessen Inhalt sie möglicherweise nicht übereinstimmen. Dabei wurde untersucht wie die Übersetzungen eines bestimmten literarischen Textes – der *Judenbuche* (1842) von Annette von Droste-Hülshoff, einem Text des deutschen Literaturkanons, der in Brasilien noch nicht rezipiert und noch nicht übersetzt worden ist – mit der jüdischen Thematik des Textes, die in die Nähe antisemitischer Stereotypen rückt, umgingen. Das untersuchte Korpus setzt sich zusammen aus 25 Übersetzungen in 12 Sprachen und aus 13 Ländern, alle aus dem Kulturkreis des sogenannten Westens, und deckt zeitlich in etwa das 20. Jahrhundert ab. Vor dem Hintergrund von Rezeptionstheorien (insbesondere den Arbeiten von Wolfgang Iser und der *Reader-Response-Theory*) und der Theorie des *rewriting* (von André Lefevere), zielte die Untersuchung darauf ab, aufzuzeigen, dass Übersetzungen, eine der Formen der Rezeption und des *rewriting* von Literatur, es vermeiden, sensible Themen in übersetzten Texten zu diskutieren und daher "statischer" sind als die Literaturkritik, eine andere Form der Rezeption und des *rewriting* von Literatur, hier zum Vergleich herangezogen. Für die Analyse der Übersetzungen wurden Passagen und bestimmte Aspekte der *Judenbuche* definiert und im Vergleich zum Ausgangstext analysiert. Darüber hinaus wurden auch die Paratexte der Veröffentlichungen untersucht. In den übersetzten Texten wurde nach *shifts* gesucht, die auf Einstellungen der Übersetzer verweisen würden, in den Paratexten dagegen nach Erwähnungen der jüdischen Thematik und nach Diskussionen darüber. Die Interpretation der Ergebnisse berücksichtigte unterschiedliche Kontexte (die nationalen und historischen Kontexte, die Verlage, die Autorschaft der verschiedenen Textsorten, die Konventionen der Textsorten usw.). Als gemeinsamer Kontext und als eine der Quellen für die Reaktionen der Textautoren wurde der Kontext der jüdischen Geschichte im Westen angenommen. Die Ergebnisse der Untersuchung bestätigten einerseits die Hypothese, indem gezeigt werden konnte, dass Übersetzungen in der Tat es vermeiden, sensible Themen in literarischen Texten zu diskutieren. Andererseits zeigten die Übersetzungen jedoch, dass die jüdische Thematik der *Judenbuche* durchaus die Übersetzer und Verleger beschäftigt hat. Die übersetzten Texte wiesen diverse *shifts* auf. In den Paratexten wurden zwar wenige direkte, wertende Verweise auf die jüdische Thematik gefunden, dennoch wurde aber in den neueren Jahren, in denen der literarische Antisemitismus in der Literaturwissenschaft auf ein immer größeres Interesse stößt, eine Zunahme der Verweise beobachtet. Übersetzungen aus akademischen Kontexten wiesen dabei in ihren Paratexten eine größere Zahl von Verweisen auf die jüdische Thematik als Übersetzungen fürs allgemeine Publikum auf. Im Vergleich zum Kontext der jüdischen Geschichte wurden Veränderungen im Korpus als Ganzem beobachtet; insbesondere im Zeitraum 1933-1945 nahmen die *shifts* in den übersetzten Texten zu, während der Zeitraum nach 1945 eine Tendenz zur Abmilderung der Ambiguitäten in der *Judenbuche* zeigt. Innerhalb der nationalen Kontexte wurden Veränderungen beobachtet, die auf eine Zunahme der Sensibilität in Bezug auf den Inhalt der *Judenbuche* hinweisen. Es wurde daher geschlussfolgert, dass trotz der Tatsache, dass Übersetzungen an sich nicht als Plattform für Debatten über literarischen Antisemitismus gelten, Übersetzer und Verleger dennoch eine immer stärkere Sensibilität gegenüber diesen Themen zeigen.

Schlagworte: *deutsche Literatur; Literaturübersetzung; Rezeption; literarischer Antisemitismus; Ethik*

Listas de tabelas e ilustrações

Lista de tabelas

Tabela 1: Divisão do texto traduzido em capítulos na tradução italiana de 1933.....	92
Tabela 2: Divisão do texto traduzido em capítulos na tradução italiana de 1987.....	92
Tabela 3: Divisão do texto traduzido em capítulos na tradução sueca de 1966.....	93
Tabela 4: Tipos textuais dos peritextos nas traduções do corpus.....	98
Tabela 5: Ocorrência do gentílico "Jude" e seus variantes no texto original.....	109
Tabela 6: Metodologia da análise das estratégias de tradução nas traduções do corpus....	120
Tabela 7: As traduções do título da <i>Judenbuche</i> nas traduções do corpus.....	171
Tabela 8: As traduções do corpus: informações editoriais.....	293
Tabela 9: As traduções do corpus: títulos e coleções.....	295
Tabela 10: As traduções do corpus: peritextos.....	297
Tabela 11: As traduções do corpus: os autores das antologias.....	299
Tabela 12: A análise das estratégias de tradução.....	300
Tabela 13: As traduções das frases do primeiro trecho analisado.....	303
Tabela 14: As traduções dos adjetivos "ordentlich" e "angesessen".....	305
Tabela 15: As traduções das frases no segundo trecho analisado.....	307
Tabela 16: As traduções dos termos "Jude", "Israeliten" e "hebräisch".....	308
Tabela 17: As traduções dos apelidos "Wucherjoel" e "Lumpenmoises".....	309

Lista de ilustrações

Ilustração 1: Início da primeira parte da <i>Judenbuche</i> no <i>Morgenblatt für gebildete Leser</i> . .	20
Ilustração 2: Frente e verso da nota de 20 marcos alemães.....	38
Ilustração 3: A distribuição dos idiomas no corpus de pesquisa.....	81
Ilustração 4: As páginas 82-83 da tradução sueca de 1966.....	84
Ilustração 5: As páginas 146-147 da tradução italiana de 1998.....	89
Ilustração 6: A inscrição hebraica.....	138
Ilustração 7: A inscrição hebraica na tradução tcheca de 1938.....	139
Ilustração 8: A inscrição hebraica na tradução italiana de 1933.....	140
Ilustração 9: Primeira capa da tradução dinamarquesa de 1923.....	174
Ilustração 10: Primeira capa da tradução italiana de 1987.....	176
Ilustração 11: Primeira capa da tradução italiana de 1998.....	178
Ilustração 12: Primeira capa da tradução para o inglês de 2008.....	179
Ilustração 13: Primeira capa da tradução norueguesa de 1979.....	180
Ilustração 14: Quarta capa da tradução norueguesa de 1979.....	180
Ilustração 15: Primeira capa da tradução italiana de 1933.....	181

Ilustração 16: Primeira capa da tradução inglesa de 1958.....	181
Ilustração 17: Primeira capa da tradução francesa de 1958.....	181
Ilustração 18: Primeira capa da tradução holandesa de 1984.....	181
Ilustração 19: Primeira capa da tradução para o inglês de 2010.....	182
Ilustração 20: Primeira capa da tradução holandesa de 1932.....	184
Ilustração 21: Primeira capa da tradução espanhola de 1996.....	184
Ilustração 22: Primeira capa da tradução sueca de 1966.....	185
Ilustração 23: Primeira capa da tradução húngara de 1957.....	186
Ilustração 24: Sobrecapa da tradução inglesa de 1934.....	187
Ilustração 25: Primeira capa da tradução para o inglês de 1975.....	188
Ilustração 26: Primeira capa da tradução argentina de 1977.....	189
Ilustração 27: Primeira capa da tradução para o inglês de 1997.....	190
Ilustração 28: Quarta capa da tradução italiana de 1998.....	195
Ilustração 29: Nota de rodapé da tradução para o inglês de 1989.....	235

Sumário

Introdução.....	11
1 <i>Die Judenbuche</i> e <i>motifs</i> judaicos.....	17
1.1 <i>Die Judenbuche</i> : gênese, publicação, recepção geral.....	17
1.2 Os <i>motifs</i> judaicos na <i>Judenbuche</i>	25
1.2.1 Descrição e evidência textual.....	25
1.2.2 Uma leitura crítica: ambiguidades da representação.....	32
1.2.3 Recepção na crítica literária.....	36
1.3 <i>Die Judenbuche</i> , o antissemitismo literário e o corpus de pesquisa.....	52
2 Tradução literária e atitudes.....	54
2.1 Traduções como meios de mediação de literatura.....	55
2.1.1 Traduções como documentos de recepção.....	57
2.1.2 Traduções como reescrituras.....	62
2.2 Atitudes em traduções literárias.....	70
2.2.1 Tradução como citação.....	70
2.2.2 Traduções ecoantes.....	73
2.2.3 Atitudes nas traduções do corpus de pesquisa.....	75
3 As ferramentas da análise.....	80
3.1 O corpus de pesquisa.....	80
3.1.1 A composição do corpus.....	80
3.1.2 Idiomas e lugares de publicação.....	82
3.1.3 Formatos editoriais.....	85
3.1.4 Textos traduzidos.....	89
3.1.5 Peritextos das traduções	95
3.2 As heterogeneidades do corpus.....	99
3.2.1 A comparabilidade das publicações.....	100
3.2.2 O multilinguismo do corpus.....	101
3.3 A análise do corpus: manifestações de atitudes.....	103
3.3.1 A análise dos textos traduzidos.....	103
3.3.2 A análise dos peritextos das traduções.....	115
3.4 Critérios para a interpretação dos resultados.....	117
3.4.1 A consideração das publicações nos seus contextos mais imediatos.....	118
3.4.2 As publicações nos seus contextos mais amplos.....	122

4 A análise do corpus de pesquisa.....	128
4.1 Os <i>motifs</i> judaicos nos textos traduzidos.....	128
4.1.1 Estratégias de tradução.....	128
4.1.2 A integridade do texto.....	133
4.1.3 A inscrição hebraica.....	139
4.1.4 Frases em trechos da narrativa.....	143
4.1.5 Elementos lexicais.....	154
4.2 Os <i>motifs</i> judaicos nos peritextos das traduções.....	168
4.2.1 O título da <i>Judenbuche</i> nas traduções.....	169
4.2.2 Os peritextos editoriais e os <i>motifs</i> judaicos.....	173
4.2.2.1 Os títulos nas capas dos livros.....	174
4.2.2.2 As ilustrações da primeira capa.....	175
4.2.2.3 Os textos editoriais da quarta capa e das orelhas.....	193
4.2.3 Os <i>motifs</i> judaicos na instância prefacial.....	200
4.2.3.1 As traduções dos anos anteriores a 1933.....	203
4.2.3.2 As traduções dos anos 1933 a 1945.....	207
4.2.3.3 As traduções a partir de 1945.....	216
5 Conclusões.....	264
Bibliografia.....	275
As traduções da <i>Judenbuche</i>	275
Referências.....	277
Anexo: Tabelas.....	293

Introdução

O que um tradutor deve fazer se descobre que o que ele promove não é comunicação e colaboração, mas o seu contrário? Essa questão, feita por Carol Maier (2007, p. 261) é uma das perguntas centrais que moveram o trabalho aqui apresentado. Ela diz respeito aos próprios fundamentos da autocompreensão de tradutores como agentes de comunicação intercultural, e surgiu durante uma pesquisa de mestrado, que era justamente a tradução de um texto literário cuja narração é caracterizada por uma certa ambiguidade.

O texto em questão é a narrativa *Die Judenbuche* (1842), de Annette von Droste-Hülshoff, um texto canônico da literatura alemã, que conta uma história da vida rural em uma comunidade na Westfália do feudalismo tardio. Em várias passagens desse texto, é também narrado o assassinato de um comerciante judeu nessa comunidade. O tema remete à relação conflituosa entre judeus e não-judeus que existe na Europa desde a Antiguidade. O tratamento desta temática na *Judenbuche* foi, em várias ocasiões, acusado pela crítica literária de possuir traços antissemitas, embora não haja unanimidade, entre os críticos, acerca da natureza dos *motifs* judaicos na narrativa.

A partir da questão sobre como lidar com a ambiguidade dos *motifs* judaicos na minha própria tradução, surgiu a pergunta acerca da história da tradução desse texto e dos modos de relacionamento dos outros tradutores com esse problema. O corpus de pesquisa foi composto de traduções para doze idiomas, de treze países, todos pertencentes ao âmbito cultural chamado de Ocidente.¹ O período que as traduções da *Judenbuche* abrangem corresponde aproximadamente ao século XX, com a mais antiga das traduções de 1913 e a mais nova, de 2010. Apesar da multiplicidade de contextos nacionais das traduções do corpus, elas foram consideradas como comparável entre si por compartilhar dois aspectos. Em primeiro lugar, elas compartilham o mesmo texto original como base da tradução. Em segundo lugar, como traduções de países inseridos no âmbito cultural e político do

1 Segundo as minhas pesquisas em catálogos de bibliotecas, nacionais e outras, no Brasil e em Portugal, a *Judenbuche* não foi ainda traduzida para o português. A recepção de Annette von Droste-Hülshoff no Brasil restringe-se, ainda segundo minhas pesquisas, a uma tradução de um breve poema para o português, publicada dentro de uma antologia de poesia alemã (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1960). O único trabalho de crítica literária em língua portuguesa sobre a autora encontrado foi uma "tese de licenciatura" na Universidade de Lisboa (cf. SILVA, 1955).

Ocidente, elas compartilham um contexto comum em relação à história judaica, o contexto que interessava para a análise.

A questão mencionada na abertura desta introdução está relacionada a duas outras: o fato de o texto conter *motifs* judaicos foi percebido pelos tradutores como problemático ou pelo menos sensível? como eles se posicionaram diante disso? A sensibilidade, ao menos potencial, de *motifs* judaicos em textos literários foi presumida em relação ao contexto histórico do corpus. O século XX foi marcado por debates e controvérsias acerca de "questões judaicas" e o tema continua sendo um tema sensível no debate público até hoje. Enquanto no início do século XX as controvérsias estavam focadas nas questões da igualdade e da aceitação de judeus em sociedades ocidentais, na época pós-Shoah o debate se desdobrou em questões ligadas ao trauma dessa "ruptura civilizatória" ("Zivilisationsbruch", DINER, 1988), por um lado, e a controvérsias relacionadas à fundação e às políticas do Estado Israel. Não há nenhuma sociedade no Ocidente que tenha sido indiferente a essas questões. Pressupôs-se, portanto, pelo menos um potencial de sensibilidade diante de um texto que, por meio de *motifs* judaicos, parece interagir com essas questões, a despeito da distância temporal.

Averiguar se esse potencial de sensibilidade se realizou e de que modo isso aconteceu foi o objetivo dessa investigação. Procurou-se por declarações e indícios de atitudes dos tradutores e outros agentes presentes nas publicações analisadas que apontariam para qualquer forma de sensibilidade frente a *Judenbuche*. Por "sensibilidade" foram compreendidas manifestações que poderiam ser interpretadas como uma forma de "mal-estar" em relação ao texto. Uma questão básica a ser considerada a esse respeito foi se esse tipo de manifestações nas traduções de um texto literário poderia ser identificado. De certa forma, portanto, o objetivo da análise parece contradizer noções gerais acerca de traduções segundo as quais tradutores (e outros agentes da tradução) devem se abster de manifestar a sua "voz" – devem ficar "invisíveis". Essa noção diz respeito principalmente aos tradutores, para os quais, segundo as noções correntes acerca da profissão de tradutor, costuma valer que, se eles reagissem emocionalmente em relação ao texto traduzido – e isto, segundo Hermans (2007a, p. 85), é inevitável, pois "traduzir significa sempre traduzir com uma atitude" – eles devem abster-se de manifestar essas emoções ou atitudes. A excepcionalidade de um tradutor expressar suas atitudes fica visível no termo "tradução

engajada" (BROWNLIE, 2011): enquanto nesse tipo de traduções, por exemplo feministas, a expressão de atitudes parece ser aceita, para a maioria das traduções parece pressupor-se um não-engajamento dos tradutores. Nesta pesquisa, contudo, assumiu-se como premissa a possibilidade de engajamento de tradutores em qualquer ato de traduzir e também uma possibilidade de manifestar, mesmo sem querer, esse engajamento.

A investigação, por fim, foi conduzida a partir de uma certa perspectiva em relação ao texto traduzido. Pressupôs-se aqui que a *Judenbuche* é um texto pelo menos potencialmente "sensível" (cf. SIMMS, 1997), ou seja, os *motifs* judaicos nela contidos foram aqui considerados como potencialmente controversos e as traduções do corpus foram analisadas a partir desse ponto de vista. Não se esperou, no entanto, nenhum tipo concreto de reações. A análise visava, assim, a verificar se a presença desses *motifs* foi considerada, nas traduções, como sensível e, em caso afirmativo, como se lidou com essa constatação. A análise visava, assim, a averiguar se traduções literárias são um lugar de debates acerca da literatura, ou se a expectativa da "invisibilidade" prevalece.

As hipóteses de pesquisa foram desenvolvidas a partir de duas observações preliminares no que diz respeito ao material a ser estudado: de um lado, o debate na crítica literária acerca do significado dos *motifs* judaicos na narrativa sofreu mudanças conjunturais que podem ser atribuídas a tendências mais amplas (mudanças nas atitudes em relação a essa problemática nas sociedades em geral, e na Alemanha em particular) e a tendências teóricas (mudanças das teorias predominantes nos estudos literários, que, por sua vez, representam um reflexo de posições sociais frente à literatura, tendências filosóficas e científicas). Os estudos literários são uma área à qual os trabalhos de crítica literária estão mais estreitamente ligados do que as traduções; contudo, as traduções literárias também interagem com essa área.

De outro lado, o desenrolar do debate nos dois tipos de documentos – os trabalhos da crítica literária e as traduções literárias – pareceu divergir. A observada intensificação do debate na crítica literária, a partir dos anos 1990, por exemplo, pareceu não se ter refletido nas traduções; de sua parte, as traduções pareceram participar menos dos debates teóricos acerca da obra, reproduzindo, ao mesmo tempo uma imagem mais tradicional e canônica do texto. Os dois tipos de documentos como meios de recepção literária representam,

evidentemente, diferentes abordagens, tanto no que diz respeito à narrativa como obra literária, quanto no que diz respeito aos *motifs* judaicos mais especificamente.

Assim, esta pesquisa foi, por um lado, guiada pela hipótese segundo a qual as traduções como meio de recepção de obras literárias (canônicas²) são mais "estáticas" do que trabalhos da crítica literária. Assumiu-se, assim, que as traduções como meio de recepção tendem mais a reproduzir e apresentar obras literárias, ao passo que trabalhos críticos procedem de um modo argumentativo, discutindo e interpretando um dado texto literário. Procurou-se demonstrar, com o caso da *Judenbuche*, que essa suposição vale não apenas para questões da canonicidade de um texto e das visões que se tem dele como obra literária, mas também para questões de valores e atitudes, como é o caso dos *motifs* judaicos, cuja discussão gira em torno de questões do antissemitismo na literatura.

Por outro lado, partindo da natureza comercial das traduções, supôs-se que se os *motifs* judaicos não encontraram muito espaço até os anos 1990 na crítica literária, essa discussão iria ser encontrada com ainda menos probabilidade nas traduções, supondo que a natureza comercial impõe às traduções certos limites em relação ao tratamento do tema. Traduções publicadas constituem documentos de recepção de seus autores e, ao mesmo tempo, meios de comunicação a serviço de editoras. Como tais, elas tendem a evitar controvérsias e encorajar opiniões positivas acerca dos textos publicados, evitando principalmente tabus sociais. Contudo, levou-se em consideração também a ligação mais próxima de traduções comerciais a tendências sociais cotidianas, refletidas mais imediatamente no mercado editorial do que na academia. Supôs-se, portanto, que isso deveria ter deixado seus traços nas traduções em relação aos *motifs* judaicos.

Para verificar essa hipótese, as traduções foram analisadas a partir da perspectiva de teorias da recepção e do modelo de reescritura. Procurei construir uma história de recepção, partindo de uma descrição dos fenômenos encontrados nas traduções. A descrição foi seguida por uma interpretação dos resultados, tendo como pano de fundo tanto os estudos literários acerca da *Judenbuche*, quanto a história judaica no período de tempo abrangido pelo corpus, o século XX, um período de grandes cesuras na história judaica. Defendo, neste trabalho, que as diferenças na recepção podem ser atribuídas a

2 A análise levou em consideração o status canônico do texto-base de recepção. Obras canônicas costumam oferecer maior resistência a reinterpretções e os debates acerca delas precisam contestar longas tradições interpretativas.

diferentes fatores de uma recepção: fatores textuais ligados ao texto-base, fatores da recepção ligados ao leitor, fatores sócio-históricos ligados ao contexto da recepção e, por fim, fatores relacionados com os meios de comunicação nos quais a recepção acontece. Esses últimos influenciam o modo de comunicação da recepção, ou seja, a forma como a obra literária é discutida e apresentada ou mediada a um público.

Com isso, o trabalho visa a contribuir com duas áreas de pesquisa. Por um lado, o trabalho pode ser visto como uma contribuição aos estudos sobre ética na tradução. Até há não muito tempo, trabalhos sobre ética na tradução eram praticamente inexistentes. Embora isso tenha mudado e haja agora uma certa regularidade nas publicações de trabalhos sobre esse tema,³ ainda há muito a ser explorado sobre o assunto. Os trabalhos existentes, preocupados com questões de responsabilidade, ativismo social de tradutores e questões de integridade pessoal, abrangem cada vez mais áreas de tradução, desde a interpretação, tradução de cinema, jornalismo, traduções técnicas até a tradução literária. Inghilleri e Maier (2011) veem isso como sintoma de um aumento de atenção em relação aos processos de comunicação intercultural, que decorre de recentes processos de globalização e de ascensão de novas políticas globais em consequência dos ataques terroristas de setembro de 2001. Na área de tradução literária, a mudança de atenção para questões éticas significou, sobretudo, que o comportamento "ético" do tradutor não vem mais definido e discutido em termos de uma fidelidade textual, mas em termos de responsabilidade com o Outro, tocando, principalmente, em questões de representação na tradução. O presente trabalho partiu de preocupações semelhantes e ocupou-se, assim, com questões de ética na tradução literária, mais especificamente com questões de tradução e antissemitismo literário.

Ao mesmo tempo, este estudo pretende contribuir para a pesquisa acerca da recepção da narrativa *Die Judenbuche* sob o aspecto dos *motifs* judaicos nela presentes. Há vários trabalhos acerca da recepção desta narrativa na Alemanha, mas não existem ainda trabalhos sistemáticos focados na recepção dos *motifs* judaicos; alguns trabalhos tratam apenas de alguns aspectos da questão.⁴ Ao mesmo tempo, as traduções da narrativa ainda não foram objeto da atenção sistemática por parte da crítica literária.⁵ Por fim, trabalhos sobre a

3 Trabalhos mais recentes incluem, por exemplo, Pym (2001), Baker (2006), Tymoczko (2007), Koskinen (2000), Fiola (2004), Arrojo (2005), Bermann & Wood (2005), Maier (2007), Inghilleri (2008).

4 Abordagens mais pontuais encontram-se em Grywatsch (2006), Mecklenburg (2008) e Doerr (1994).

5 O único trabalho crítico encontrado que estuda as traduções da *Judenbuche* é Roe (1998), uma tese de doutorado defendida na Universidade de Calgary.

recepção de Annette von Droste-Hülshoff fora da Alemanha são escassos e costumam enfocar a obra da poeta como um todo.⁶ O presente estudo busca fornecer uma contribuição em todas essas áreas.

A tese está organizada da seguinte forma: o capítulo 1 apresenta a *Judenbuche* e define e discute o conceito de "*motifs* judaicos" usado nessa pesquisa; o capítulo 2 expõe e discute os pressupostos teóricos da pesquisa; o capítulo 3 faz uma descrição geral do corpus da pesquisa, composto de 25 traduções da *Judenbuche*, e expõe os procedimentos metodológicos na análise das traduções e na interpretação dos resultados; o capítulo 4 traz os resultados da análise e sua discussão, que foi organizada segundo os gêneros textuais encontrados no corpus de pesquisa; os resultados da pesquisa são interpretados, por fim, no capítulo 5, que traz as conclusões gerais deste trabalho. Ao final encontram-se, além da bibliografia, um anexo com tabelas que organizam os dados acerca do corpus de pesquisa e alguns dos resultados da análise.

6 Sobre a recepção da autora fora da Alemanha há apenas alguns estudos, já mais datados: Dees (1966) escreve sobre a recepção da *Judenbuche* no Reino Unido e nos Estados Unidos, Thomas (1969), sobre a recepção no Reino Unido, e Miyamoto (1969), sobre a recepção no Japão.

1 Die Judenbuche e *motifs* judaicos

A análise de atitudes diante de *motifs* judaicos nas traduções da *Judenbuche* partiu do pressuposto de que a representação dos judeus nesse texto é pelo menos potencialmente controversa. Esse ponto de vista é discutido neste capítulo. Após uma breve apresentação do texto-base (cf. tópico 1.1) segue-se, no tópico 1.2, uma descrição dos *motifs* judaicos nele presentes, com uma discussão da evidência textual e da recepção desses *motifs* na crítica literária. O tópico 1.3, por fim, discute a questão se os *motifs* judaicos na *Judenbuche* podem (ou devem) ser vistos como elementos que apontam para a presença de antissemitismo literário no texto.

1.1 Die Judenbuche: gênese, publicação, recepção geral

O original das traduções analisadas nesta pesquisa é uma narrativa curta alemã, publicada em 1842 por Annette von Droste-Hülshoff (1797-1848), sob o título de *Die Judenbuche: Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen* (A faia dos judeus. Um quadro de costumes da Westfália serrana), na revista *Morgenblatt für gebildete Leser* (Folha matutina para leitores cultos), do editor Cotta, em Stuttgart.⁷ A narrativa foi a primeira obra em prosa submetida para a publicação pela autora, que até então havia adquirido uma modesta fama como poetisa por ter publicado alguns poemas esparsos, bem como dois volumes de lírica. A publicação da narrativa na *Morgenblatt*, uma então influente revista cultural e literária,⁸ teve um certo caráter prospectivo: ela foi pensada como pré-publicação, como excerto de um relato sobre a Westfália, uma obra maior, de caráter etnográfico-ficcional,⁹ planejada pela autora. A obra sobre a Westfália, contudo,

7 A descrição da *Judenbuche* resumida aqui baseia-se, em linhas gerais, na documentação acerca da narrativa no volume 5,2 da edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (HUGE, 1984) e nos comentários da edição anotada da narrativa de Begemann (1999). Em alguns pontos, outras referências da fortuna crítica sobre a *Judenbuche* são indicadas.

8 Um resumo detalhado da história da revista encontra-se na introdução de Fischer (2000).

9 O termo "etnográfico" em relação à prosa de Droste-Hülshoff, e especialmente em relação à *Judenbuche*, é usado aqui para caracterizar o objetivo de Droste-Hülshoff de traçar, com a sua prosa, uma imagem da sociedade da Westfália rural. O procedimento de Droste-Hülshoff aproxima-se da pintura de gênero, sendo que a própria autora indica essa referência ao intitular a *Judenbuche* como "Sittengemälde", um termo que remete à tradição de pintura de gênero na Holanda dos séculos XV a XVII. A pintura de gênero com seu olhar realista e ao mesmo tempo didático-crítico para a sociedade teve uma grande influência tanto para a pintura quanto para a prosa da época do *Biedermeier* (cf. GAEHTGENS, 2002). O adjetivo "etnográfico" é usado aqui por falta de um termo para esses retratos realistas e didáticos em prosa que corresponderia ao termo "pintura de gênero" para imagens.

nunca se concretizou. A narrativa permaneceu a única publicação em prosa de Droste-Hülshoff publicada em vida e foi lida desde então como um texto autônomo e ficcional.

O texto da *Judenbuche* foi originalmente concebido por Droste-Hülshoff como uma história criminal. A primeira notícia sobre a narrativa está em uma carta de 1837, na qual a autora menciona que trabalha em uma história com o título *Criminalgeschichte Friedrich Mergel* (*Uma história criminal – Friedrich Mergel*).¹⁰ O texto foi mudado pela autora no decorrer dos anos e, em 1842, seria publicado, dentro da obra sobre Westfália, como um estudo de caso para a ilustração do "caráter nacional" da população da região de Paderborn.¹¹ O texto narra, no plano de *story* (cf. BAL, 2004), a trajetória da vida de um camponês, Friedrich Mergel, na Westfália rural do século XVIII. O texto acompanha a vida de Friedrich desde o seu nascimento até a sua morte e relaciona a biografia com o seu contexto social. A importância do contexto social para a vida individual é salientada pelo narrador, que insere Friedrich, a partir da primeira frase do texto em prosa, dentro desse contexto.

As etapas da vida de Friedrich Mergel são demarcadas por mortes violentas, cuja autoria não é revelada.¹² O pai, Hermann Mergel, um bebedor local que maltrata a mãe de Friedrich, Margreth, morre em circunstâncias não esclarecidas quando Friedrich tem nove anos de idade. Friedrich cresce sob a influência de um tio, Simon Semmler, que está ligado a atividades criminosas. Nesse contexto, Friedrich envolve-se em um assassinato de um guarda florestal; o caso, contudo, não é esclarecido. Mais tarde, Friedrich vira suspeito de um outro assassinato, de um comerciante judeu, Aaron, com o qual ele havia contraído dívidas. Friedrich foge da região; esse assassinato tampouco é esclarecido. Vinte e oito anos mais tarde, um homem que diz chamar-se Johannes Niemand, junto com o qual Friedrich teria fugido, mas que mais tarde é identificado como o próprio Friedrich Mergel, retorna à região da trama, alegando que passara os anos desde a fuga do vilarejo como escravo na Turquia. Um ano depois, ele é encontrado enforcado na árvore sob a qual Aaron

10 Droste-Hülshoff menciona esse título em uma carta a Wilhelm Junkmann, de 4 de agosto de 1837 (cf. WOESLER, 1992, p. 228).

11 Descrições detalhadas da gênese da *Judenbuche*, reconstruída com base nos manuscritos da autora que abrangem os anos 1825 até 1842, encontram-se no volume 5,2 da edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (HUGE, 1984), em Schneider (1995) e em Begemann (1999).

12 A não-revelação da autoria dos crimes na *Judenbuche* faz parte da estratégia narrativa principal do texto, denominada frequentemente de "Verdunklung" ("obscurecimento") na fortuna crítica da narrativa. Entre as contribuições mais importantes sobre esse aspecto do texto encontram-se Bernd (1970) e Rieb (1994).

fora morto, uma faia que havia sido comprada e marcada, pela comunidade judaica da região, com uma inscrição hebraica que, como é revelado na última frase da narrativa, exortava a punição do assassino desconhecido de Aaron. O morto é identificado, por meio de uma cicatriz, como Friedrich Mergel e a sua morte, embora de novo não esclarecida, é interpretada como suicídio e confissão de culpa do assassinato de Aaron.

A trama em torno da vida de Friedrich Mergel e das mortes violentas está duplamente emoldurada. No texto em prosa, a história de Friedrich é contada tendo como um pano de fundo uma sociedade apresentada como violenta e moralmente ambígua, na qual, como afirma o narrador, os conceitos de justiça e injustiça da população ficaram "um tanto confusos" ("waren [...] einigermaßen in Verwirrung gerathen", DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 3; § 4).¹³ Além disso, a sociedade rural da *Judenbuche* é apresentada como marcada pelo conflito violento entre camponeses e senhores feudais acerca do usufruto das florestas. A violência social e a confusão moral são, assim, mostradas como condicionamentos do desenvolvimento psicológico de Friedrich, que, de um certo modo, fica condicionado para atividades criminosas, mostrando a biografia criminal como produto de seu ambiente.¹⁴

Ao mesmo tempo, a trama é emoldurada por dois textos que tematizam questões de culpa e expiação. O texto em prosa é precedido por um poema que, com alusões a conceitos cristãos de justiça, indica que o texto trata de temas de culpa, expiação e atribuição de culpa. O poema forma uma espécie de contraponto ao esclarecimento do significado da inscrição hebraica, que fecha o texto. Assim, a narrativa trabalha dois temas frequentes na obra de Droste-Hülshoff: a questão de vingança e culpa, ligadas a questões de religião e metafísica,¹⁵ bem como temas regionais da Westfália,¹⁶ ambos presentes na sua obra lírica e de prosa.

13 As referências a passagens e trechos da *Judenbuche* são feitas com base na edição histórico-crítica mais recente do texto, Droste-Hülshoff (1978a), dentro da edição histórico-crítica das obras de Droste Hülshoff (WOESLER, 1978). Os números de parágrafos remetem para a tradução da *Judenbuche* de minha autoria, anexada em CD-ROM a este trabalho.

14 Neste sentido, a *Judenbuche* encaixa-se na tradição de histórias criminais que, seguindo o *Verbrecher aus verlorener Ehre* (1786) de Friedrich Schiller, buscam explicar a psicologia do crime. Para Nusser (2009, p. 1), trata-se aqui não de "literatura criminal" ("Kriminalliteratur") *stricto sensu*, mas, antes, de "Verbrecherliteratur" ou "literatura sobre criminosos".

15 Cf. sobre isso os trabalhos de Woesler (2000), Kühlmann (2006) e Mayer (2007).

16 Cf. sobre isso por exemplo Ölke (2002).

Droste-Hülshoff entregou o manuscrito sob o título de *Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen* (*Um quadro de costumes da Westfália serrana*), dando, assim, ênfase ao caráter etnográfico (*Um quadro de costumes*)¹⁷ e regional (*da Westfália serrana*) da narrativa, em função do plano da obra sobre a Westfália. Com base na trama criminal original, preservada no texto, e em uma palavra que aparece três vezes na narrativa, o editor responsável no *Morgenblatt*, Hermann Hauff, sugeriu, porém, um outro título, mais breve e com mais apelo: *Die Judenbuche* (*A faia dos judeus*)¹⁸. Droste-Hülshoff aceitou a sugestão, e o título original foi mantido como subtítulo,¹⁹ como mostra a reprodução, abaixo, da publicação da primeira parte²⁰ da narrativa no *Morgenblatt*:

17 Cf. nota 9.

18 É discutível se o título deveria ser compreendido como "A faia *dos* judeus" (o gentílico "judeu" no plural) ou como "A faia *do* judeu" (o gentílico "judeu" no singular). A forma alemã da palavra permite ambas as interpretações, já que "Juden-" pode ser tanto plural, quanto genitivo do gentílico "Jude". Na minha tradução optei pelo plural, considerando que a faia fora comprada pela comunidade judaica.

19 Os dois títulos representam, ao mesmo tempo, os modos de leitura da narrativa no decorrer da sua recepção nos estudos literários. O título de Hauff, mais literário e dominante, corresponde ao teor geral da recepção da narrativa, que foi lida sobretudo em termos estéticos – uma forma de leitura sem dúvida induzida pelo título de Hauff e condicionada pelo contexto histórico da crítica literária. O título de Droste-Hülshoff, mais concreto e, ao mesmo tempo, relegado à segunda posição, representa abordagens mais raras em relação ao texto, leituras voltadas à questões de representação. Apesar dos dois planos da narrativa – o estético e o representacional – serem entrelaçados, como observa Zeller (1978), a maioria das interpretações está voltada ora a um, ora ao outro plano.

20 *A Judenbuche* foi publicada, no *Morgenblatt*, em 16 partes, entre os dias 22 de abril e 10 de maio de 1842. Para mais detalhes cf. a documentação sobre a *Judenbuche* na edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (HUGE, 1984, p. 194s).

Ilustração 1: Início da primeira parte da *Judenbuche* no *Morgenblatt für gebildete Leser*

A sugestão de mudança de título de Hauff pode ter sido motivada por razões sobretudo comerciais, na intenção de dar à narrativa um título com mais apelo ao leitor. Os dois títulos contrastam: o artigo definido e autoconfiante "die" do título de Hauff contrapõe-se ao indefinido e reservado "ein" do título de Droste-Hülshoff; a frase longa e descritiva do título original é substituída, no título novo, por um termo conciso e enigmático. Ao mesmo tempo, parece-me também possível especular o quanto de provocação²¹ Hauff pode ter

21 Que os *motifs* judaicos na *Judenbuche* haviam captado o interesse de Hauff, parece-me também indicado pelas epígrafes das edições do *Morgenblatt*, nos quais a narrativa foi publicada. Cada número da revista continha uma epígrafe, como é visível na ilustração 1 (aqui, a epígrafe é de Shakespeare, da peça Henrique VI). Hugel liga principalmente as epígrafes dos números da revista, nos quais a *Judenbuche* constitui o primeiro texto de cada edição, com a narrativa (cf. HUGEL, 1984, p. 195s). Dentre deles, a epígrafe do número 108 da revista, do dia 6 de maio de 1842, no qual a parte do texto com a maioria dos *motifs* judaicos da narrativa é publicada, faz uma referência direta a esses *motifs*: trata-se de uma tradução de um trecho de *O Mercador de Veneza* de Shakespeare: "Halsstarr'ger Jude, nicht des Henkers Beil/ Hat halb die Schärfe deines scharfen Grolls" (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1842a, p. 429; HUGEL, 1984, p. 196), referindo-se provavelmente ao trecho "Not on thy sole, but on thy soul, harsh Jew/ Thou makest thy knife keen" (*The Merchant of Venice*, IV,1). A referência ao *Mercador de Veneza*, uma peça

calculado com o novo título, em uma época de debates, nas sociedades europeias, e assim também a Alemanha, sobre a emancipação dos judeus,²² ou seja, o seu reconhecimento como cidadãos iguais, e, ao mesmo tempo, tendo como o pano de fundo as primeiras manifestações de um antissemitismo político, na Alemanha visível sobretudo em tumultos antijudaicos chamados *Hep-Hep-Krawalle*.²³

O texto teve uma recepção relativamente tardia, que, contudo, levou a uma rápida e permanente canonização.²⁴ A publicação no *Morgenblatt* despertou pouca atenção da crítica e do público em geral. Depois da morte da autora, em 1848, o texto, junto com as outras obras de Droste-Hülshoff, só não caiu em esquecimento devido às atividades de amigos e mentores da autora que, por meio de publicações póstumas de suas obras e de retratos biográficos,²⁵ preservaram a herança de Droste-Hülshoff, apesar do desinteresse do público. Como afirma Schneider (1995, p. 148), nessa época também foram formados os primeiros clichês da recepção de Droste-Hülshoff, condicionados pelo seu contexto, alguns dos quais permaneceram até hoje.

A recepção ampla da autora e da *Judenbuche* começou apenas no final do século XIX. A recepção da *Judenbuche* para além de um pequeno grupo de interessados foi iniciada pela inclusão do texto em uma antologia influente de novelas alemãs, *Deutscher*

na qual a representação de Shylock aponta, em vários momentos, para atitudes antissemitas, bem como a escolha como epígrafe da cena do julgamento de Shylock, na qual ele é apresentado como cruel, parece indicar, ao mesmo tempo, a perspectiva de Hauff em relação à *Judenbuche*, e especialmente aos *motifs* judaicos nela contidos, que ele pode ter desejado a passar para os seus leitores.

22 O termo "emancipação" refere-se a medidas políticas de diversos estados europeus, desde a declaração de direitos humanos em 1789 na França, de garantir aos judeus igualdade como cidadãos. Na Alemanha, a emancipação foi introduzida por Napoleão durante a ocupação dos territórios alemães. As medidas foram em parte revisadas depois do Congresso de Viena em 1815. Igualdade completa foi concedida aos judeus na Alemanha apenas na Constituição de Weimar de 1919. Cf. Geiss (2002, p. 612s), Schubert (2007) Elon (2002).

23 Os assim chamados *Hep-Hep-Krawalle*, "a primeira explosão de um antissemitismo embrionário" (GEISS, 2002, p. 681), eram tumultos antijudaicos em diversas cidades alemãs no decorrer do ano 1819, durante os quais lojas de proprietários judeus foram destruídas e judeus foram agredidos e mortos. Para Elon, "nada parecido havia sido visto desde a Idade Média" (ELON, 2002, p. 102) Os tumultos resultaram em parte de uma crise econômica na Alemanha depois do Congresso de Viena de 1815, mas também são vistos em parte como reação à emancipação de judeus desde a Revolução Francesa em diversos estados europeus, entre eles a Alemanha (cf. GEISS, 2002, p. 681). Sobre isso cf. também Erb & Bergmann (1989), Rohrbacher (1987, 2002).

24 Sobre a canonização de Droste-Hülshoff cf. Gödden (1992), Schneider (1995), Heydebrand & Winko (1996) e, com uma abordagem de cunho feminista, Niethammer (2002). Um estudo amplo sobre a recepção geral de Droste-Hülshoff na Alemanha é a publicação *Modellfall der Rezeptionsforschung* (WOESLER; HAVERBUSCH, 1980).

25 Trata-se aqui principalmente das publicações de Christoph Bernhard Schlüter (1801-1844), Levin Schücking (1814-1833) e Elise Rüdiger (1812-1899). Uma apresentação e discussão das publicações encontra-se em Schneider (1995, p. 149-152).

Novellenschatz de Paul Heyse e Hermann Kurz, publicada em 1878. Por sua vez, a instrumentalização da autora no assim chamado *Kulturkampf*, um conflito político e cultural entre a Alemanha da era Bismarck e a igreja católica (1871-1887),²⁶ deixou Droste-Hülshoff conhecida como poetisa. Ambos os acontecimentos, combinados, levaram a um interesse maior por parte da crítica literária e à admissão de Droste-Hülshoff no cânone literário alemão, junto com o título de "maior poetisa alemã".

A *Judenbuche* ganhou, a partir da virada dos séculos XIX e XX, uma posição fixa nos currículos escolares alemães,²⁷ e despertou inúmeros trabalhos acadêmicos²⁸ e edições.²⁹ Considerada, a partir daí, um "clássico" de literatura alemã do século XX, a canonicidade da *Judenbuche* atingiu o auge quando foi representada, junto com sua autora, na nota de 20 marcos alemães, emitida entre os anos 1992 e 2001 (cf. ilustração 2).

A maneira como a *Judenbuche* foi recepcionada em trabalhos da crítica literária corresponde em geral ao panorama da história da metodologia germanística.³⁰ A primeira recepção, no início do século XX, estava voltada para questões de gênero, da hermenêutica e dos aspectos da gênese da narrativa. A inclusão da *Judenbuche* no *Novellenschatz* definiu o texto, até então visto como um exemplo de "Dorfgeschichte", como novela, e a discussão concentrou-se inicialmente acerca da questão desse gênero. Além disso, a gênese da narrativa foi analisada com base nos manuscritos e nas cartas da autora, resultando nas primeiras edições críticas do texto. Vários trabalhos de cunho hermenêutico buscaram, por fim, interpretar o texto, visto como hermético e obscuro por causa de sua estrutura

26 O termo *Kulturkampf* refere-se a diversas medidas políticas do Império Alemão na era de Bismarck que visavam a diminuir a influência da igreja católica e separar o Estado e a Igreja. O conflito foi mais agudo entre os anos 1871 e 1887. As medidas tiveram um sucesso apenas parcial e uma das consequências dessa disputa foi o aumento da influência de partidos políticos ligados à igreja católica na Alemanha. A disputa acontecia também na área de artes e literatura (Cf. os verbetes "Kulturkampf" em GEISS, 2002; HOTZ, 2003).

27 Uma história da recepção da *Judenbuche* como texto escolar encontra-se em Müller (2004).

28 Begemann (1999, p. 97) afirma que "*Die Judenbuche* pertence aos textos mais interpretados do século XIX". Uma relação bastante completa da extensa fortuna crítica acerca da *Judenbuche* desde a sua publicação até hoje encontra-se na bibliografia da edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff, que vai até o ano 1980 (HAVERBUSCH, 1983), bem como nas suas continuações, que vão até os dias de hoje (GRYWATSCH, 2005, 2010).

29 Um relato da história editorial da *Judenbuche* encontra-se em Gödden (1992). A *Judenbuche* faz parte da recém-publicada lista dos dez títulos mais vendidos da editora alemã Reclam, com 3,9 milhões de exemplares vendidos desde 1948 (cf. FALLBACHER, 2012, p. 66). O grande número de exemplares vendidos pela Reclam, cujas edições populares são vendidas principalmente para escolas, atesta, à *Judenbuche*, uma ampla distribuição e seu conhecimento na Alemanha.

30 A discussão segue aqui a argumentação em Schneider (2009).

narrativa complexa. Essa primeira recepção permaneceu por muito tempo a única abordagem do texto.

A visão do texto mudou com o decorrer do tempo. A partir dos anos 1960, com os questionamentos da crítica literária centrada em questões estéticas, e a chegada de novas abordagens críticas voltadas a questões sociais, que rejeitavam a literatura do *Biedermeier* como apolítica e escapista, a *Judenbuche* perdeu um pouco do seu brilho como obra prima da literatura alemã. A partir dos anos 1980, novas abordagens críticas – trabalhos da história de recepção, questões narratológicas, trabalhos feministas, entre outros – retomaram a narrativa e acrescentaram novos aspectos a sua compreensão. A leitura como novela foi ampliada, gradualmente, por outras leituras, como história criminal, conto "gótico" ou retrato social ficcionalizado. Recentemente, chamou-se a atenção ao fato de que prosa curta era, no início do século XIX, um gênero aberto, e que Droste-Hülshoff provavelmente não escrevera com um gênero específico em mente; Liebrand (2008, 2011) chamou a atenção para a heterogeneidade genérica do texto. A discussão acerca da periodização do texto – as classificações divergem entre Realismo, Romantismo e *Biedermeier* – foi recentemente ampliada por trabalhos³¹ que argumentam que o período entre as grandes escolas literárias do século XIX, Classicismo e Romantismo de um lado, e Realismo de outro, foi caracterizado por uma mistura de estilos e uma busca por meios de expressão adequados às mudanças sociais, políticas e filosóficas. Assim, o texto pode ser visto tanto como um representante do Romantismo tardio, quanto da vanguarda do Realismo. Ao mesmo tempo, o termo *Biedermeier* perdeu as conotações negativas que adquirira nos anos de 1960 e 1970, voltados mais ao *Vormärz*; o menosprezo para com o *Biedermeier* como expressão de atitudes conservadoras deu lugar a sua reconsideração como modo de expressão específico de certas preocupações do início do século XIX. Recentemente, o texto tem sido lido mais de um modo "sintomático" (CULLER, 2000), ou seja, como documento literário de uma época, do que a partir de aspectos exclusivamente estéticos.

31 Sobre esse tema cf. especialmente Frank (1998, 2007), mas também Titzmann (2002) e Bunzel (2003, 2010).

1.2 Os *motifs* judaicos na *Judenbuche*

1.2.1 Descrição e evidência textual

Die Judenbuche possui, no seu corpo textual, um conjunto de referências a judeus e à cultura judaica, o qual aqui foi denominado de "*motifs* judaicos". Em princípio, o texto inteiro pode ser relacionado a esses *motifs*, centrais para a narrativa. No entanto, para definir uma base para a análise das traduções, trechos com referências explícitas foram delimitados. Como manifestações textuais de *motifs* judaicos na *Judenbuche* foram compreendidas aqui referências lexicais explícitas relacionadas a judeus ou ao judaísmo, como o gentílico "judeu", seus compostos e sinônimos, bem como as partes da narração que envolvem personagens judaicos ou elementos da cultura judaica. No total da narrativa, os trechos com *motifs* judaicos constituem apenas uma parte relativamente pequena do texto: eles encontram-se em apenas 15 dos 117 parágrafos³² da narrativa e várias dessas manifestações são limitadas a uma palavra dentro do dado parágrafo.

O primeiro e mais central *motif* judaico na *Judenbuche* é o próprio título da narrativa: *Die Judenbuche* (*A faia dos judeus*). O título, sugerido pelo primeiro editor do texto, Hermann Hauff, e aceito pela autora (cf. tópico 1.1), define desde o primeiro contato do leitor com o texto as expectativas em relação à temática geral da obra: o título sugere que a temática central do texto que segue está ligada a questões do judaísmo.

Dentro do corpo do texto, os *motifs* judaicos são distribuídos irregularmente. O texto foi subdividido pela própria autora por meio de uma linha divisória, presente nele desde a primeira publicação no *Morgenblatt* (DROSTE-HÜLSHOFF, 1842a, p. 419, 1978a, p. 26; § 72-73), separando, de um lado, a trama centrada nos eventos ligados ao roubo de madeira e, de outro lado, a trama centrada em eventos relacionados mais estritamente com temas judaicos. É nessa segunda parte que a maioria dos *motifs* judaicos se concentra. A primeira parte do texto contém apenas uma breve referência a um personagem judaico (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18). Durante uma conversa entre Margreth e Friedrich Mergel, depois da morte de Hermann Mergel, surge o nome de Aaron e duas vezes o gentílico "Jude". A intenção da conversa de Margreth com Friedrich é ensinar ao filho valores éticos. No entanto, as perguntas do filho confundem o argumento da mãe e ela mostra-se

32 A narrativa é estruturada em parágrafos que constituem unidades semânticas.

incapaz de explicar a Friedrich as complexas relações éticas no mundo do vilarejo B. Contudo, embora ela não consiga estabelecer conceitos morais claros em relação à população cristã do vilarejo, Margreth mostra ideias bem definidas em relação à população judaica: "Die Juden sind alle Schelme³³" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18), revelando com isso um pensamento caracterizado por uma diferenciação entre "nós", os cristãos, e "eles", os judeus.

A passagem representa um antissemitismo presente em regiões rurais da Europa da época da *Judenbuche*, herança do antijudaísmo medieval e expressão de desconfiança da população rural diante dos judeus, com os quais, contudo, a população rural convivia e mantinha diferentes tipos de relações, também (mas não só) ligadas a questões de crédito financeiro e comércio. Essa dimensão das relações entre judeus e cristãos nas regiões rurais é tematizada no trecho citado acima: a causa da briga entre Hülsmeier e Aaron, relatada por Friedrich, é dinheiro, e a reação de Margreth a esse relato indica o ressentimento da população rural em decorrência das transações financeiras e comerciais entre cristãos e judeus. A culpa por dificuldades financeiras é atribuída àqueles que, aos olhos da população rural, representam o dinheiro, juntando problemas da época pré-industrial a preconceitos mais antigos e tradicionais, como por exemplo a desconfiança em relação a judeus identificados como pessoas de passagem, migrantes, em oposição à população local.

Do ponto de vista das estratégias narrativas, essa breve passagem tem a função de antecipar um motivo posterior da trama, o assassinato de Aaron e a trama criminal ligada a isso, bem como a de ligar a primeira parte da *Judenbuche* - na qual, ao contrário da expectativa causada pelo título, não há outros *motifs* judaicos - à segunda parte do texto, que narra a trama criminal, que, por sua vez, dá razão ao título. A postura preconceituosa de Margreth antecipa, ao mesmo tempo, a natureza dos acontecimentos violentos narrados na segunda parte, motivados, na narrativa, pelas mesmas causas, ou seja, dependências financeiras.

33 O uso do termo indica uma postura de menosprezo. O *Deutsches Wörterbuch* de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm define "Schelm" como, originalmente, "totes Tier, toter Körper", com os significados adquiridos "eine ansteckende Krankheit, Seuche", bem como o significado, ainda hoje em uso, de "verworfener mensch, betrüger, dieb, verführer, verräter". Grimm registra, contudo, também o uso (também contemporâneo) do termo como apelido carinhoso. A caracterização dos judeus como "Schelme" por Margreth só pode ser compreendida, contudo, no sentido negativo do termo.

Ao longo de boa parte da narrativa, os *motifs* judaicos não aparecem mais, e o "quadro de costumes" dedica-se, por um lado, à biografia de Friedrich Mergel, desde a sua infância até a idade adulta. Por outro lado, o confronto entre os camponeses e os senhores feudais em relação ao usufruto das florestas é tematizado. Os *motifs* judaicos são retomados apenas na segunda parte da narrativa, no episódio do casamento camponês, durante uma conversa entre Friedrich Mergel, já adulto, e Wilm Hülsmeier, o seu concorrente à posição de galã do vilarejo. Friedrich tenta impressionar os convidados do casamento pela posse de um relógio de prata e é exposto por Wilm Hülsmeier que levanta a suspeita de que o relógio seria apenas emprestado (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 28; § 78-79). A passagem retoma o personagem de Aaron, apontando para ele como vendedor do relógio e como credor de Friedrich. A menção ao empréstimo indica pelo menos uma das relações de Aaron com a população cristã rural do vilarejo B.: a de um agiota. Ao mesmo tempo, a passagem indica a dependência de Friedrich Mergel desses empréstimos, e em particular dos feitos por Aaron.

A breve menção a Aaron neste trecho dá início ao desenrolar da trama baseada no caso criminal histórico de Soistmann Berendt.³⁴ Os eventos ligados ao crime concentram-se nos parágrafos seguintes (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 28-34; § 79-93). No parágrafo que se segue à menção de Aaron no contexto do relógio de prata, ocorre a cena chave, do ponto de vista da narração, para o desenrolar do caso criminal: a briga, motivada por questões de dinheiro, entre Friedrich Mergel e Aaron no casamento rural. O parágrafo inicia-se com uma extensa descrição do cerimonial de casamento e termina com a narração do encontro entre Friedrich Mergel e Aaron. O trecho traz alguns detalhes sobre o personagem de Aaron, mencionado já duas vezes na narrativa. Aaron é apresentado como "um açougueiro e adeleiro ocasional da cidadezinha vizinha" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80); a atividade de adeleiro explica o fato de Aaron emprestar e vender objetos, como o relógio de prata. Ele aparece "de repente" no casamento, conversa inicialmente com Friedrich pessoalmente, para depois levar a público a briga entre os dois. Na frente dos outros convidados, ele demanda de Friedrich "a soma de dez táleres pelo relógio" e quando Friedrich se afasta dele, Aaron o segue ("gritando sem parar", como anota o narrador; o seu discurso mostra aqui, como em outros trechos, uma atitude desfavorável em relação aos judeus) denunciando Friedrich como um pobre. Os convidados se divertem com a cena e

34 Uma reconstrução detalhada do caso histórico encontra-se em Krus (1990).

seguem os dois para fora. Alguns parecem querer entrar na briga entre Friedrich e Aaron, tomando partido de Friedrich e ofendendo Aaron. Outros ficam "sérios" ao ver o impacto que a cena teve sobre o Friedrich – que fica "pálido como um lençol".

Desenhada com poucas frases, a cena indica a instabilidade e a ambiguidade das relações entre judeus e cristãos na "Westfália serrana" pré-industrial (cf. BEGEMANN, 1999, p. 88–91). O desejo de ostentação e ascensão social de camponeses como Friedrich Mergel é mostrado como algo a ser pago ao preço do endividamento com comerciantes, um papel exercido nas regiões rurais daquela época frequentemente por judeus. Vistos como úteis na hora do empréstimo, os comerciantes tornavam-se inimigos na hora do pagamento das dívidas. Menos protegidos³⁵ socialmente do que a população cristã, os comerciantes judeus, como sugere a narrativa, podiam facilmente tornar-se vítimas do rancor da população cristã endividada, como mostra o grito dos convidados contra Aaron: "Peguem o judeu! Coloquem-no na balança com um porco!" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80). A exclamação, feita num clima de diversão geral – as pessoas no salão riem ao testemunhar a cena entre Friedrich e Aaron – tem, além da ofensa implícita na comparação de Aaron com um porco, um traço forte de ameaça, cuja potencialidade poderia em princípio se realizar.³⁶ O fato de alguns dos convidados permanecerem "sérios" parece confirmar que o clima no salão do casamento tem, nesse momento, toda a potencialidade de desbandar a qualquer momento para agressão física. Assim, a ambiguidade da passagem aponta para um traço característico da existência de judeus na Europa desde a Idade Média, a incerteza acerca da dinâmica social a se desenrolar.

O episódio do casamento camponês é seguido pela narração do assassinato de Aaron (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 30s; § 83-84): os parágrafos seguintes enfocam acontecimentos ocorridos nos três dias seguintes, no castelo do senhor feudal, terminando com a descrição de uma tempestade cujo ponto dramático é a aparição da mulher de Aaron no castelo, anunciando a morte de Aaron e demandando justiça do senhor feudal. À entrada dramática da mulher de Aaron no castelo segue-se o relato da investigação criminal acerca

35 Os judeus na Europa pré-industrial eram protegidos por decretos dos senhores feudais, mas na prática esses decretos frequentemente eram desrespeitados. Cf. sobre isso Elon (2002). Como material de apoio para a leitura da *Judenbuche*, Lindken (1988) cita dois decretos reais da Prússia que definiam os direitos de judeus no território prusso no final do século XVIII e início do século XIX.

36 Apesar de serem mais um fenômeno da sociedade medieval europeia, pogroms, ou seja, distúrbios violentos contra judeus, aconteciam ocasionalmente também em épocas posteriores, como mostram por exemplo os já mencionados tumultos chamados *Hep-Hep-Krawalle*, cf. nota de rodapé 23.

da morte de Aaron, junto com o relato da procura por Aaron nas redondezas e do encontro do seu cadáver na floresta. A isso segue-se a descrição da investigação do caso; a narração é feita no registro de um relato criminal e inicia-se com uma descrição da causa da morte e do corpo da vítima. A isso seguem-se os depoimentos da mulher de Aaron e de seu criado Samuel. O episódio, até esse ponto escrito em um discurso formal, termina com a exortação da mulher de Aaron por justiça, que é relacionada, aqui, explicitamente com a tradição legal judaica: "'Aug um Auge, Zahn um Zahn!' dieß waren die einzigen Worte, die sie zuweilen hervorstieß" ("Olho por olho, dente por dente!" essas eram as únicas palavras que ela ocasionalmente balbuciava) (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 31; § 84).

A descoberta do corpo de Aaron é seguida por uma descrição da procura por Friedrich Mergel, suspeito de crime. A narrativa retorna aos *motifs* judaicos seis parágrafos mais tarde, com a narração da reação da comunidade judaica ao acontecimento (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33s; § 90): além da compaixão com a viúva e um interesse geral no caso, os "judeus da região" participam na busca pelo suspeito Friedrich Mergel, oferecendo um prêmio por sua captura. Depois do término da investigação, a comunidade compra do senhor feudal a árvore sob a qual o bastão de Aaron fora encontrado. Em seguida, é narrada uma procissão dos membros mais respeitados da comunidade judaica, a qual vai ao bosque e depois retorna, sem que se mostre o que aconteceu durante a permanência da procissão na floresta. No entanto, na manhã seguinte é encontrada uma inscrição na árvore, indicada no texto da *Judenbuche* em alfabeto hebraico (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 91). O verso em hebraico é inserido no texto alemão sem explicação acerca do seu significado, e a narrativa prossegue, informando sobre as consequências imediatas da investigação sem resultado, retomando brevemente o personagem da mulher de Aaron, sobre a qual se diz que ela se consolou rapidamente e casou de novo (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 92).

Como uma espécie de epílogo à investigação criminal do assassinato de Aaron é citada, em seguida, uma carta do "presidente do tribunal em P." ao senhor feudal (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34s; § 93), que conduzia a investigação criminal em sua função como detentor de poderes judiciários e executivos. Na carta, o presidente do tribunal faz referência ao assassinato de Aaron e relata a prisão de um membro de um bando de ladrões, um judeu com o apelido "Lumpenmoises", que teria confessado o assassinato de

um correligionário de nome Aaron e teria se suicidado em seguida. A carta levanta, assim, dúvidas acerca da culpa – suspeita, mas não comprovada na narrativa – de Friedrich Mergel pelo assassinato de Aaron, transferindo a suspeita para um personagem judaico caracterizado como criminoso. A sugestão do presidente do tribunal em P. acerca da inocência de Friedrich Mergel é aceita pelo senhor feudal e com isso, "tudo se acalmou" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 35; § 94): a investigação encerra-se definitivamente.

A carta conclui a parte da *Judenbuche* na qual os *motifs* judaicos constituem o primeiro plano. A partir desse ponto, referências explícitas a esse tema surgem apenas ocasionalmente. A narrativa prossegue com a narração de eventos ocorridos 28 anos mais tarde, iniciados com o retorno de um personagem inicialmente tido como Johannes Niemand ao vilarejo B. No episódio, há uma referência à suspeita de Friedrich Mergel pelo assassinato de Aaron: a isenção de Friedrich Mergel da culpa, sugerida pelo presidente do tribunal de P., aceita pelo senhor feudal e feita pública, é confirmada aqui mais uma vez. Mais adiante, o motivo da faia dos judeus é retomado e a presença da inscrição hebraica na faia é lembrada numa cena na qual o jovem Brandis, um guarda florestal, que atravessa o bosque de Brede, procura sombra num dia quente (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 41s; § 114). Numa clareira, a faia comprada pela comunidade judaica e agora denominada no texto de "faia dos judeus" é a única árvore no seu caminho. Brandis deita na sombra da faia e repara na inscrição hebraica. Intrigado por um cheiro estranho, inicialmente tido como se viesse de cogumelos, e pelo comportamento nervoso do cão que o acompanha, Brandis analisa a árvore e descobre um corpo nela enforcado. Depois da descoberta, Brandis corre para o castelo do senhor feudal e anuncia o achado. O último *motif* judaico na *Judenbuche* é a tradução da inscrição hebraica na faia dos judeus pelo narrador, nos últimos parágrafos da narrativa: "Die hebräische Schrift an dem Baume heißt: 'Wenn du dich diesem Orte nahest, so wird es dir ergehen, wie du mir gethan hast'" ("A inscrição em hebraico na árvore dizia: 'Se tu te aproximares deste lugar, acontecerá contigo o mesmo que fizeste comigo'") (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 116-117).

A evidência textual de *motifs* judaicos na *Judenbuche* mostra a presença de alguns temas ligados a esterótipos antijudaicos e a uma relação preconceituosa da maioria cristã frente a minoria judaica. A presença desse tipo de temas vem sendo discutida, na crítica literária, sob o conceito de "antissemitismo literário". O conceito de antissemitismo literário é, como

afirma Körte (2010, p. 195), relativamente novo e ainda não muito preciso; a questão de como identificar antissemitismo literário está sendo discutida em diversos trabalhos.³⁷ Para os fins deste trabalho, a definição de Gelber foi usada como ponto de partida. Segundo Gelber, antissemitismo literário pode ser definido como "[...] o potencial ou capacidade de um texto de encorajar ou avaliar positivamente atitudes ou comportamentos antissemitas, em geral de acordo com a descrição de tais atitudes e comportamentos por sociólogos e historiadores" (GELBER, 1985, p. 16, grifo do autor).

Para Gelber a análise de dois aspectos de um texto é necessária para definir se um texto tem um potencial de encorajar atitudes antissemitas em leitores. Por um lado, a análise da recepção de um texto mostra o seu potencial:

[...] como, no decorrer do tempo, leitores e públicos haviam compreendido e sido afetados de modos diferentes ou cambiantes pelos "elementos marcadamente antissemitas" em um texto, o que, de um certo modo, constitui o "potencial antissemita" ou "aspecto antissemita" de uma obra. (GELBER, 1985, p. 17)

Por outro lado, uma análise crítica do texto pode apontar para o seu potencial antissemitismo:

Contudo, técnicas básicas de crítica literária, tais como análise onomástica, crítica de fontes, consideração de estruturas narrativas e diferenciação dos personagens e análise linguística, são centrais para qualquer empenho de compreender antissemitismo literário. (GELBER, 1985, p. 17)

A seguir, os *motifs* judaicos na *Judenbuche* são examinados em relação a esses dois pontos, considerados aqui, com Gelber, como indicadores dos potenciais antissemitas de textos, ou seja, tanto reações de leitores (profissionais e não-profissionais), quanto certas

37 Uma das primeiras tentativas de definir antissemitismo literário é o trabalho de Gelber (1985). Para Gelber, antissemitismo literário pode ser analisado por meio de leituras críticas do texto e análise da recepção. Na Alemanha, trabalhos acerca do tema foram publicadas majoritariamente pelo *Zentrum für Antisemitismusforschung*, da *Technische Universität Berlin*; os trabalhos principais sobre isso são de Körte (cf. 1998, 2008, 2010), que rejeita abordagens mais antigas ligadas à *Motivforschung* ou abordagens como a de Gubser (1998) que tenta definir antissemitismo literário por meio de um "catálogo" de características, argumentando que antissemitismo na literatura precisa ser visto como um fenômeno mais complexo. Um ponto de vista semelhante encontra-se em uma publicação recente de Bogdal, Holz e Lorenz (cf. 2007). Uma abordagem baseada em análise de discurso vem sendo elaborada por Hartziz (cf. 1987, 1995, 1996, 2005). O conceito de antissemitismo literário neste trabalho levou todos esses trabalhos em consideração.

propriedades dos próprios textos são vistos aqui como indícios de conteúdos antissemitas, que, no entanto, precisam ser contextualizados: a recepção precisa ser considerada dentro do contexto sócio-histórico no qual ela acontece, enquanto as propriedades do texto consideradas antissemitas precisam ser vistas dentro do contexto do próprio texto, por exemplo o seu gênero. Tanto as sensibilidades de leitores, quanto as conotações de elementos e aspectos de um texto variam com o tempo e o lugar e conclusões acerca da "potencialidade antissemita" de textos precisam levar essa dependência em consideração.

1.2.2 Uma leitura crítica: ambiguidades da representação

Gelber recomenda, como foi citado acima, o uso de algumas "técnicas básicas da crítica literária" como um dos procedimentos para a avaliação do potencial de um texto literário de encorajar atitudes antissemitas, referindo-se especificamente aos elementos análise onomástica, análise das fontes, consideração de estratégias narrativas e personagens e análise linguística. Aspectos linguísticos da narrativa são discutidos com detalhes mais adiante neste trabalho, na discussão dos critérios da análise do corpus (cf. tópico 3.3.1). Antecipando o resultado dessas discussões, registro, neste ponto, que em relação a esses aspectos a *Judenbuche* é caracterizada por ambiguidades. Abaixo, segue-se uma discussão das fontes da *Judenbuche* e de alguns aspectos ligados à narração e à representação.

Uma das questões ligadas à classificação de textos como textos de antissemitismo literário é a questão da representação. Lida como uma representação literária de recortes de vida na Alemanha do século XVIII, filtrada pela visão de uma autora do século XIX, os *motifs* judaicos na *Judenbuche* podem ser vistos sob três aspectos: como representação de relações entre judeus e não-judeus na Alemanha rural, como representação da vida judaica na Westfália rural e como representação da cultura e religião judaica. No entanto, como adverte Bogdal, literatura não é uma simples fonte histórica:

Obras literárias não são fontes históricas que refletem ou expressam de um modo direto certas noções de um coletivo ou de um indivíduo. Elas criam mundos fictícios e jogam um jogo com tempos e lugares e nos enganam em relação a quem está falando por meio delas. (BOGDAL, 2007, p. 7)

Para poder considerar um texto literário como um documento histórico, questões da representação precisam ser levadas em consideração. Os aspectos representacionais da

Judenbuche precisam ser considerados dentro do gênero ficcional: a representação da vida judaica na *Judenbuche* constitui um recorte da realidade histórica em função da estética do texto ficcional, das suas estratégias narrativas. No entanto, são precisamente os aspectos representacionais que interessam aqui, ou seja, o recorte e a perspectiva a partir da qual ele é feito.

O convívio entre não-judeus e judeus na Westfália rural do século XVIII está representado, na *Judenbuche*, de um modo ambíguo. Por um lado, a narrativa mostra as facetas de um antagonismo. A perspectiva assumida é a da população cristã e a narrativa mostra em diferentes episódios a desconfiança da população rural cristã em relação aos judeus e um antijudaísmo que a acompanha. Isso fica particularmente visível nos episódios da conversa de Margreth com o pequeno Friedrich e no casamento camponês. Questões financeiras (empréstimos e comércio) são mostradas como as fontes de conflitos. Atitudes preconceituosas em relação a judeus aparecem também em relação aos representantes do poder no campo, como mostra o discurso na carta do presidente do tribunal de P. Por outro lado, a investigação do assassinato de Aaron e o episódio da compra da árvore mostram a população judaica como não desprotegida.

A representação da vida judaica na Westfália rural, a qual abrange alguns aspectos da estrutura social da comunidade judaica escolhidos em função da narrativa, também mostra ambiguidades. A narrativa aponta, por um lado, para algumas profissões e ocupações. Algumas das profissões são mencionadas explicitamente, outras são aludidas por meio de descrições de atividades ou por meio de apelidos. Salomon e Aaron são caracterizados como açougueiros; além disso, a narrativa informa que Aaron é também um "adeleiro ocasional" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80) e o episódio do relógio de prata alude para a atividade de penhora. Durante a investigação do assassinato de Aaron, um dos depoentes é o seu criado, Samuel. O apelido "Wucherjoel" de um dos personagens judaicos remete para a atividade de usura, atribuída frequentemente aos judeus. O apelido "Lumpenmoises" alude ao baixo estrato social do personagem, que é introduzido como um membro de um bando criminoso. Na comunidade judaica da *Judenbuche* há, por fim, também um rabino.

Algumas das atividades mencionadas no texto correspondem a uma imagem estereotípica de judeus. Penhora e usura são atividades relacionadas com transações

financeiras. Essa área foi, por razões históricas, de fato uma atividade frequente entre judeus na Europa; ao mesmo tempo essas atividades são evocadas sempre em contextos que visam a estereotipar judeus e pertencem ao inventário de imagens estereotípicas sobre eles (cf. ROHRBACHER; SCHMIDT, 1991; RAPHAEL, 1995). A menção de que "Lumpenmoises" pertence a um bando criminoso estabelece, além disso, uma relação entre judeus e atividades criminosas, um outro estereótipo antijudaico. Por outro lado, a menção de outras profissões – açougueiro, criado, rabino – cria uma imagem diferenciada da comunidade judaica, além do mero estereótipo.

Além de mencionar algumas profissões, a narrativa mostra também alguns aspectos da vida da comunidade judaica. Os membros da comunidade reúnem-se, depois do assassinato de Aaron, na casa da viúva e mostram-se solidários com ela. Eles participam da busca pelo suspeito Friedrich Mergel e, em nome da comunidade, compram a faia, que serve como monumento contra a impunidade. A representação da comunidade é, no entanto, também ambígua. Enquanto nela se expressa, por um lado, a solidariedade da comunidade judaica, chamou-se também a atenção³⁸ ao fato de que nela é afirmada a ligação entre judeus e dinheiro, na forma do prêmio pela cabeça de Friedrich Mergel e da grande soma paga pela faia. Criticou-se também, nessa representação, que o elemento do *unheimlich*, ou seja, do mistério e do obscuro, presente principalmente no episódio da procissão para a floresta, pode ter conotações negativas (cf. FRANZOS, 1897). Os aspectos de *unheimlich* e do fantástico nesse trecho, que estão relacionados com a concepção estética da *Judenbuche*,³⁹ transmitem, ao mesmo tempo, a impressão de uma ameaça, acentuando assim um outro estereótipo antijudaico, a saber, a imagem dos judeus como uma comunidade conjurada e potencialmente perigosa no meio do mundo cristão.⁴⁰

Alguns dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* remetem, por fim, para a cultura e a religião judaicas. Aqui, como no caso das outras representações, há uma certa ambiguidade. As noções legais judaicas são representadas por intermédio do princípio de talião. Depois do

38 Cf. por exemplo Donahue (1999).

39 Para análises do elemento do *unheimlich* na *Judenbuche* cf. por exemplo Krech (1992) e Gebauer (2009).

40 Esse estereótipo encontrou, na Europa, a sua expressão, desde a Idade Média, em lendas como as de assassinatos rituais de crianças cristãs por judeus, de envenenamento de fontes de água ou de profanação de hóstias. Uma lenda mais recente, mas baseada no mesmo estereótipo, são os assim chamados *Protocolos dos Sábios de Sião*, um documento apócrifo que atribui aos judeus a intenção de dominar o mundo (cf. ROHRBACHER; SCHMIDT, 1991; SCHOEPS; SCHLÖR, 1995).

assassinato do marido, a mulher de Aaron exige justiça, expressa por ela nos termos da lei de talião do Antigo Testamento, "Aug um Auge, Zahn um Zahn" ("Olho por olho, dente por dente") (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 31; § 84). O significado da inscrição hebraica – "Wenn du dich diesem Orte nahest, so wird es dir ergehen, wie du mir gethan hast" ("Se tu te aproximares deste lugar, acontecerá contigo o mesmo que fizeste comigo") (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 117) – também aproxima noções de justiça ao princípio da retaliação. Ao mesmo tempo, a inscrição hebraica remete, contudo, para o tradicional mandamento de lembrança judaico.⁴¹ Um outro elemento da cultura judaica fica visível na inscrição na faia, inserida no texto em alfabeto hebraico, que evoca a tradição da escrita judaica. A procissão para a floresta, liderada pelo rabino, faz alusões à religião judaica; no entanto, o aspecto de mistério contido no episódio, em decorrência do qual a inscrição "aparece" no texto, associa a religião judaica, de um modo ambíguo, com a magia.

A representação de judeus e da vida judaica na *Judenbuche* é caracterizada, assim, por ambiguidades e estereótipos. A narrativa proporciona um recorte relativamente limitado da vida judaica na Westfália rural do século XVIII. As perspectivizações têm a ver com a posição de Droste-Hülshoff como observadora de fora da comunidade, bem como com a função estética dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. O caso criminal tem a função de ilustrar os costumes de uma região e de discutir algumas questões de justiça, ligadas, para Droste-Hülshoff, a questões de caráter metafísico, como aponta o poema inicial. Por fim, a representação acontece sempre de um ponto de vista exterior, ou seja, a perspectiva judaica nunca é assumida. Os judeus são sempre representados na *Judenbuche* de um ponto de vista de um não-judeu. Isso fica visível principalmente no discurso da narrativa: os judeus são sempre caracterizados como tais, com o gentílico "judeu", enquanto os não-judeus não ficam marcados (para uma discussão mais detalhada desse aspecto, cf. tópico 3.3.1).

Um outro ponto relacionado a questões de representação, no caso da *Judenbuche*, é a questão da ficcionalidade da narrativa. A narrativa não foi vista por Droste-Hülshoff como um texto exclusivamente ficcional; antes, o "quadro de costumes", como ela o denominara, visava a ser um retrato etnográfico da região de Paderborn, na Westfália, seguindo o exemplo de *Bracebridge Hall* de Washington Irving, ou seja, os aspectos ficcionais que

41 Sobre o mandamento de lembrança no judaísmo cf. por exemplo Yerushalmi (1988).

entraram na narrativa não foram vistos, por Droste-Hülshoff, como contrários ao caráter documentário do texto. Droste-Hülshoff escreveu e publicou o texto como um texto documental. No caso da *Judenbuche*, porém, a relação entre fatos e ficção é complexa. Como já foi dito acima, os *motifs* judaicos da narrativa estão relacionados com um incidente real que havia acontecido na região na qual Droste-Hülshoff morava. O caso criminal, que envolveu diretamente a família de Droste-Hülshoff,⁴² era conhecido da autora por meio de histórias da família e de uma obra de um tio, August von Haxthausen, que publicou uma versão do caso, baseada nas atas do tribunal, na revista literária *Die Wünschelrute* em 1818, sob o título *Der Algerier-Sklave (O Escravo argelino)*.⁴³ Para a composição da *Judenbuche*, Droste-Hülshoff usou os pormenores do caso, com certas modificações. Assim, os *motifs* judaicos correspondem em linhas gerais ao "caso real"⁴⁴. Os elementos usados foram: o conflito entre um comerciante judeu e um camponês por causa de empréstimos, o assassinato do comerciante judeu por causa de dívidas, a compra da árvore, sob a qual o assassinato aconteceu, pela comunidade judaica e a colocação da inscrição hebraica,⁴⁵ a fuga e a escravidão oriental⁴⁶ do assassino, a sua volta ao vilarejo e o seu suicídio na árvore. Assim, alguns dos *motifs* na *Judenbuche* que sugerem uma visão estereotipada da população judaica por parte da autora e que deixam a narrativa ambígua são relacionados com um incidente real.

1.2.3 Recepção na crítica literária

Segundo Gelber, além do próprio texto, um dos indicadores da sensibilidade de um texto é a sua recepção. A seguir, é examinada a recepção dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* pela

42 Droste-Hülshoff era descendente de uma família da nobreza, grandes proprietários de terra, que, no sistema feudal tardio do século XVIII na Westfália, exerciam a jurisdição sobre a população dos seus latifúndios, os seus súditos. Um tio de Droste-Hülshoff presidiu, tal como o senhor feudal na *Judenbuche*, o julgamento do caso criminal histórico.

43 Edições do texto com anotações encontram-se, por exemplo, na edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (cf. HUGE, 1984, p. 214–225) ou na publicação da *Judenbuche* organizada por Begemann (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1999, p. 67–79). Em ambos os casos, o texto original com partes em dialeto está mantido. Uma adaptação do texto ao alemão contemporâneo foi publicada em Haxthausen (2000).

44 O "caso real" corresponde ao relato de Haxthausen no *Escravo argelino*, a única fonte do caso histórico e um texto que, como mostrou Werner (1979), contém diversos elementos de ficcionalização.

45 Droste-Hülshoff usou apenas o motivo da inscrição na árvore, não a inscrição original do caso histórico, que não foi preservada. O texto da inscrição na *Judenbuche* foi composto por Droste-Hülshoff e traduzido depois para o hebraico, provavelmente por Alexander Haindorf (1782-1862), um médico em Münster. Cf. Hauschild (1952) e Begemann (1999, p. 132).

46 No *Escravo argelino*, Winkelhannes é feito escravo na Argélia. Droste-Hülshoff alterou o local para a Turquia.

crítica literária, no período de tempo que corresponde em linhas gerais ao período do tempo do corpus das traduções analisadas aqui - as obras discutidas abrangem o período de tempo entre 1897 e 2008. Foram consideradas obras da crítica literária que explicitamente discutem aspectos dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, além de alguns trabalhos ligados a crítica literária, como apoios a interpretação. A escolha dos trabalhos discutidos baseou-se na bibliografia da edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff e suas continuações (cf. HAVERBUSCH, 1983; GRYWATSCH, 2005, 2010), bem como em referências encontradas em trabalhos da crítica literária, especialmente Doerr (1994), Grywatsch (2006) e Mecklenburg (2008). A lista não pretendeu a ser completa, mas pretendeu, sim, incluir os trabalhos centrais da crítica literária acerca dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*.

Em um trabalho seminal em relação à discussão do antissemitismo na *Judenbuche*, Doerr inicia a sua argumentação com o seguinte comentário: "Uma análise do antissemitismo literário tal como se manifesta nessa história famosa não foi até agora feita nem na crítica *mainstream*, nem na crítica feminista." (DOERR, 1994, p. 448). O comentário de Doerr está certo: antes do seu trabalho, não encontrei nenhuma obra da crítica literária que discutisse *Die Judenbuche* em termos específicos de antissemitismo literário, nem nos trabalhos chamados por Doerr de "mainstream", que começam no século XIX, nem nos trabalhos da crítica literária feminista, bem mais recente.

Doerr sugere três razões para isso:

One is that scholars do not want to associate the name of Annette von Droste-Hülshoff with anti-Semitism because the poet is a major nineteenth-century figure in German literature. Secondly, current womens' topics have not focused on her and the issue of anti-Semitism, perhaps not to disturb her place in the conventional canon of German literature. Thirdly, contemporary German intellectuals in general seem to have great difficulty in dealing with anti-Semitism, which in turn reflects their own problems of coming to terms with twentieth-century German history and with the Shoah. (DOERR, 1994, p. 447, grifo da autora)

Em primeiro lugar, acadêmicos não querem associar o nome de Annette von Droste-Hülshoff com antissemitismo porque essa poetisa está entre os autores mais importantes na literatura alemã do século XIX. Em segundo lugar, estudos feministas contemporâneos não focaram nela nem na questão de antissemitismo, talvez para não incomodar o seu lugar no cânone

convencional da literatura alemã. Em terceiro lugar, intelectuais alemães contemporâneos em geral parecem ter dificuldade em lidar com antissemitismo, o que, por sua vez, reflete os problemas que eles têm em lidar com a história alemã do século XX e com a Shoah.

Para Doerr, a razão para evitar discussões acerca do antissemitismo literário na *Judenbuche* funda-se, por um lado, no status canônico da autora e do texto, e, por outro lado, nas dificuldades dos "intelectuais" alemães em lidar com questões da própria história, marcada pelo Holocausto. Essa avaliação de Doerr coincide com uma observação de Gilman, que, em um trabalho sobre a "invisibilidade" dos judeus na Alemanha de hoje, chamou a atenção ao fato de que a faixa representada no verso da nota de 20 marcos alemães, em circulação nos anos 1990 na Alemanha e com Droste-Hülshoff na frente, não tem a inscrição hebraica – é uma "*Judenbuche* sem as mágicas letras hebraicas" (GILMAN, 1994, p. 168). De fato, a inscrição não estava na nota que saiu de circulação em 2001:

Ilustração 2: Frente e verso da nota de 20 marcos alemães

Gilman procura explicar esse fato a partir do contexto da difícil memória do Holocausto na Alemanha: "um texto escrito em hebraico em uma faixa que adorna uma cédula de dinheiro alemão geraria um excesso de associações adicionais" (GILMAN, 1994, p. 168) e menciona, como exemplo de conotações negativas, o campo de concentração Buchenwald. Para Gilman, a relação de alemães com judeus está carregada de sentimentos de culpa coletivos provenientes da época da Segunda Guerra Mundial e isso se reflete não apenas no cotidiano, mas também, por exemplo, no relacionamento com a literatura. A não-representação da inscrição hebraica é, assim, um ato de "recalque" (GILMAN, 1994, p. 168) relacionado com a problemática memória do Holocausto.

De fato, em relação aos *motifs* judaicos, *Die Judenbuche* encontrou, desde o início de sua recepção mais intensa no final do século XIX, pouco interesse por parte da crítica literária e isso embora o primeiro trabalho da crítica literária voltado explicitamente aos *motifs* judaicos investigue justamente a questão do antissemitismo na representação dos judeus na narrativa. Trata-se aqui de um artigo de Karl Emil Franzos, publicado em 1897 na *Allgemeine Zeitung des Judentums*, um periódico judaico alemão publicado entre os anos 1837 e 1922. Neste artigo, Franzos compara a representação dos judeus na *Judenbuche* com a sua representação no *Escravo argelino*, de Haxthausen, chegando à conclusão de que o relato é mais "verossímil" do que a *Judenbuche*:

[...] das Leben und die Art der Juden sind im Aktenauszug ungleich wahrheitsgetreuer geschildert als in der Dichtung. Denn der Auszug hält sich von jeder Tendenz fern, was der Dichterin nicht geglückt ist. (FRANZOS, 1897, p. 632)

[...] a vida e os modos dos judeus são representadas, no extrato das atas, de um modo muito mais verossímil do que na poesia. Pois o extrato das atas mantém-se longe de qualquer tendência, algo que a poetisa não logrou.

Em sua crítica, Franzos está interessado em questões éticas; embora a *Judenbuche* seja, para ele, um texto esteticamente melhor, é o *Escravo argelino*, visto por ele como um extrato de autos do processo criminal, que representa os judeus de um modo mais justo: "Pelo extrato das atas fala, assim, um senso de justiça raramente encontrado" (FRANZOS, 1897, p. 619). Franzos, filho de judeus assimilados, mas decepcionado com o fracasso do projeto de assimilação judaica (cf. BANDEL, 2005), publicou várias obras nas quais discute problemas da vida judaica na Europa do século XIX (cf. ROBERTSON, 1989) e escreveu o artigo aqui citado para rebater certas críticas da *Judenbuche*; explicitamente, ele cita a leitura abertamente antissemita da narrativa por Wilhelm Kreiten, um padre jesuíta que editou a primeira edição das obras completas de Droste-Hülshoff e que interpretou o suicídio de Friedrich Mergel no final da narrativa como um assassinato de Mergel por um judeu, lendo, assim, a *Judenbuche* como uma narrativa da vingança de judeus pela morte de Aaron. Para Franzos, as leituras da *Judenbuche* estão baseadas em preconceitos, que ele liga ao *Zeitgeist*:

Wer die Quellen mit dem Kunstwerk vergleicht und dann der Ausdeutung folgt, die dieses zuletzt gefunden hat, dem enthüllt sich auch hier das Schicksal des jüdischen Stammes: seine Beurtheilung wandelt sich, nicht nach Recht und Verdienst, sondern nach der Stimmung der Zeiten. (FRANZOS, 1897, p. 609)

Quem comparar as fontes com a obra de arte e acompanhar a interpretação que esta encontrou recentemente, descobrirá também aqui o destino da nação judaica: a sua avaliação varia não segundo o direito e o mérito, mas segundo o espírito da época.

Franzos liga, assim, as leituras antissemitas da *Judenbuche* com o antissemitismo político do seu tempo; contudo, ele vê as razões dessas leituras no próprio texto da obra, que, principalmente por meio de estratégias narrativas - que ele classifica como "ingredientes românticos" (FRANZOS, 1897, p. 632) - induz leituras negativas e estereotipantes dos *motifs* judaicos.

Com sua crítica, principalmente contra Kreiten, um crítico literário importante e um dos responsáveis pela elevação de Droste-Hülshoff ao cânone literário alemão durante a *Kulturkampf* (cf. tópico 1.1), Franzos foi contra as principais tendências da recepção da *Judenbuche*, e seu texto não parece ter repercutido adiante; depois de Franzos, as questões de antissemitismo na *Judenbuche* não são mais discutidas explicitamente até o trabalho de Doerr; Franzos tampouco é citado em apoios de leitura.

No período entre as guerras, encontrei dois trabalhos sobre a inscrição hebraica, ambos, contudo, de caráter filológico. Em 1920, em uma breve nota acerca de uma nova edição da *Judenbuche*, Jakob Loewenberg anota que a inscrição hebraica é reproduzida aqui, tal como em quase todas as edições, de um modo deformado e sem sentido: "Mas essa inscrição é reproduzida em quase todas as edições de um modo *deformado e sem sentido*. Mesmo a edição mais nova, muito bonita, da editora Insel, mostra o mesmo defeito." (LOEWENBERG, 1920, p. 1274, grifo do autor). Loewenberg atribui os erros nas edições aos respectivos tipógrafos e sugere uma versão corrigida.

Em 1928, Samuel Meisels faz dois comentários filológicos à *Judenbuche*, em relação à inscrição hebraica e ao uso de dois gentílicos na obra. Iniciando o artigo com elogios à narrativa⁴⁷ e afirmando a "veracidade" dos acontecimentos, Meisels critica a reprodução da

⁴⁷ Meisels escreve: "[...] este é, sem dúvida, o livro mais bonito que Annette von Droste-Hülshoff escreveu como autora de prosa, aparentemente, contudo, também a obra mais masculina que uma mulher

inscrição hebraica nas edições da *Judenbuche*: "Ela [a inscrição] não é apenas errada do ponto de vista gramatical, sua formulação tampouco soa hebraica, apesar das palavras e dos tipos hebraicos." (MEISELS, 1928, p. 185). Meisels, que parte do pressuposto de que a inscrição na *Judenbuche* corresponde à inscrição que fora incisa na árvore do caso criminal relatado no *Escravo argelino*, suspeita que o problema esteja relacionado com o fato de a inscrição ter sido reproduzida de uma forma mutilada. Ele não sugere, porém, correções, limitando-se a constatar os erros no texto. O segundo comentário filológico de Meisels refere-se ao uso dos gentílicos "Juden" e "Israeliten" na narrativa. Meisels inicia o comentário constatando que "na *Faia dos Judeus*, pouco se fala dos judeus" (MEISELS, 1928, p. 186). Ele elogia, contudo, a "distinção apurada" ("feine Unterscheidung") de Droste-Hülshoff entre os dois gentílicos:

Es fällt auf, daß schon Annette von Droste-Hülshoff die feine Unterscheidung zwischen Juden und Israeliten macht. Der Handelsaaron und der Hausiererlevi und der Wucherjoel, das sind Juden; die Vorsteher aber, die angesehenen Häupter der Gemeinde, sind Israeliten. Früher einmal waren diese unterscheidenden Bezeichnungen sehr gebräuchlich; man unterschied Juden, die Juden, und Juden, die Israeliten sind. (MEISELS, 1928, p. 186)

Chama a atenção que a própria Annette von Droste-Hülshoff faz a distinção apurada entre judeus e israelitas. Aaron, o Comerciante, e Levi, o Vendedor Ambulante, e o Joel, o Usurário, esses são judeus; os dirigentes, contudo, os homens respeitados da comunidade, esses são israelitas. Antigamente, essas denominações diferenciadoras eram comuns; diferenciava-se entre judeus que são judeus, e judeus que são israelitas.

Parece-me digno de nota o fato de Meisels elogiar uma diferenciação linguística na *Judenbuche* que reflete uma diferenciação social; o elogio, feito em um jornal da comunidade judaica da Baviera, indica que a diferenciação era corrente na comunidade judaica e que a *Judenbuche* encontrou a aprovação crítica justamente por reproduzir essa diferenciação.

De qualquer forma, ambas as críticas do período entre as guerras chamam a atenção por virem da comunidade judaica na Alemanha e serem positivas em relação à *Judenbuche*. O pessimismo de Franzos, que reagia, por sua vez, a leituras católicas informadas por

escreveu." (MEISELS, 1928, p. 185). A caracterização das obras de Droste-Hülshoff como escrita "masculina" faz parte da canonização dos textos e dos clichés acerca da autora. Cf. sobre isso Schneider (1995, p. 148).

preconceitos antissemitas, parece ter dado lugar a uma atitude distanciada e à aceitação do status canônico da *Judenbuche* e de sua autora: nenhuma crítica é levantada contra o texto, a imprecisão na forma linguística da inscrição hebraica é atribuída aos tipógrafos. Os dois trabalhos correspondem, a meu ver, às tendências gerais da germanística naquele período, no qual questões de filologia, estudos de fontes e interpretações hermenêuticas dominavam (cf. SCHNEIDER, J., 2009, p. 5).

Nos anos de 1933 até 1945, a germanística na Alemanha estava dividida entre críticos que davam continuidade a análises estéticas, em uma tentativa de se distanciar das políticas do tempo, e críticos que apoiavam o regime nazista e expressavam, nos seus trabalhos, noções da ideologia vigente (cf. HERMAND, 1994; VOßKAMP, 1985). Nessa segunda vertente, obras literárias foram interpretadas segundo essas noções; um exemplo deste tipo de interpretação da *Judenbuche* encontra-se em Müller (1939).⁴⁸ O trabalho de Müller, orientado por noções essencialistas da ideologia nazista, discute o conjunto da obra de Droste-Hülshoff em busca de um "cerne do mundo poético" da autora. Müller vê e interpreta os *motifs* judaicos na *Judenbuche* segundo a lógica da ideologia racista oficial do regime nazista, que se manifesta tanto na interpretação dos *motifs*, quanto na linguagem do artigo. A sua visão da procissão dos judeus à floresta é expressa, por exemplo, desse modo:

Denn der dämonische Charakter der Wirklichkeit, der nicht zuläßt, daß der Einzelne sich durch brutale Gewalt isoliert, wird in der furchtbaren Solidarität der Juden verkörpert. Ihre unterirdische Verbundenheit, ihre Geheimniskrämerei, die sie den eigentlichen Zweck ihres Tuns tarnen läßt, kann nicht eindringlicher dargestellt werden, als in den wenigen gedrängten Zeilen, die den Zug der sechzig Juden mit dem Rabbiner an der Spitze "alle schweigend und mit gesenkten Augen", in das Brederholz und die Eingrabung der hebräischen Inschrift in die Buche schildern. Hier ist das feindselige Drohen eines Fanatismus Gestalt geworden, dessen fremdartige Aug-um-Auge-, Zahn-um-Zahn-Moral uns erschauern macht. Hier scheint mir eine großartige, bisher überhaupt noch nicht beachtete unmittelbare dichterische Einsicht in rassegesetzliche Notwendigkeiten gegeben zu sein. (MÜLLER, J., 1939, p. 376f)

Pois o caráter demônico da realidade, que não permite que o indivíduo se isole por meio de violência brutal, é representado pela terrível solidariedade dos judeus. A sua comunidade subterrânea, a sua secretividade, que os permite a esconder o objetivo real de suas ações, não podem ser representadas de um

48 Uma argumentação semelhante encontra-se, segundo Pickar (1995), em Schmitz (1941). Contudo, não tive acesso a essa publicação.

modo mais profundo do que nas poucas e concisas linhas que descrevem a procissão dos sessenta judeus à Floresta de Brede, com o seu rabino na frente, "todos em silêncio e com olhos abaixados", e a gravação da inscrição hebraica na faixa. Aqui, ganha forma um fanatismo ameaçador, cuja estranha moral do olho-por-olho, dente-por-dente, nos faz tremer. Parece-me que temos aqui uma magnífica e direta explicação poética, até agora ainda não percebida, para a necessidade das leis raciais.

O trecho citado mostra, por um lado, que certas passagens da *Judenbuche*, como a citada por Müller, foram interpretadas, dentro dessa vertente da germanística, de modo extremamente diverso a partir do ponto de vista ideológico assumido: o silêncio e os olhos baixos dos membros da procissão – na *Judenbuche* expressão de tristeza da comunidade judaica após o assassinato de Aaron – aparecem neste contexto como expressão de um comportamento conspirativo. Ao mesmo tempo, a linguagem do trecho mostra o quanto a ideologia influenciava a visão das obras literárias: expressões como "comunidade subterrânea", "secretividade", "fanatismo" ou "leis raciais" são expressões específicas da linguagem ideológica nazista, aplicadas aqui a uma narrativa do século XIX.

Contudo, apesar de, aqui e em outros trechos do artigo citado, Müller tentar conformar a *Judenbuche* a uma visão "ideologicamente correta", fica visível, no texto, que a narrativa resistia a ser incorporada ao cânone de obras aprovadas. Müller sente a necessidade de rebater interpretações positivas dos *motifs* judaicos:

Keineswegs darf man das mißverstehen, als hätte Annette eine naturalistische Milieustudie geben wollen, als hätte sie die dörfliche und familiäre Umwelt des Friedrich Mergel für das Verbrechen, das er später begeht, verantwortlich machen wollen. Wer die Dichtung so liest, geht ebenso an ihrem Sinn vorbei, wie der, der in ihr nur die Geschichte einer erblichen Belastung oder gar die vom liberalen und sentimental Vorurteil des 19. Jahrhunderts angekränkelte Darstellung des bemitleidenswerten und "rechtlosen" Judentums sehen will. (MÜLLER, J., 1939, p. 374)

Seria um equívoco assumir que Annette quisesse fazer um estudo de ambiente naturalista, que ela quisesse atribuir a responsabilidade pelo crime que Friedrich Mergel comete mais tarde, ao ambiente do vilarejo e da família. Quem lê a obra desse jeito, passa ao largo de seu sentido, da mesma forma que aquele que quer ver nela apenas uma história sobre um fardo hereditário ou mesmo uma representação, contagiada por preconceitos liberais e sentimentais do século XIX, de judeus miseráveis e "sem direitos".

Para Müller parece importante acentuar que leituras positivas – chamadas por ele de "liberais e sentimentais" – dos *motifs* judaicos correspondem a uma "equivoco" ("mißverstehen") da *Judenbuche*. No entanto, essas leituras não podem ser excluídas, como Müller acaba por conceder:

Es mag auch auf den ersten Blick erscheinen, als falle den Juden eine bloß leidende Rolle zu, ja als seien sie die einzigen unschuldigen weißen Lämmer in dieser sonst so schwarzen Herde und würden allein den Sündern geopfert. (MÜLLER, J., 1939, p. 374)

À primeira vista, pode ser que pareça que aos judeus foi atribuído um papel apenas sofredor, como se eles fossem os únicos inocentes cordeiros brancos em um rebanho de resto todo preto e como se eles fossem apenas sacrificados pelos pecadores.

Müller esforça-se, neste trabalho, para rebater essas interpretações. A sua argumentação indica, a meu ver, que, apesar da grande disposição por parte de críticos literários do Terceiro Reich, a *Judenbuche* não se deixava encaixar nos termos da ideologia corrente, devido a uma ambiguidade da representação, que hoje vem sendo interpretada como antissemitismo literário, mas que também inibiu interpretações abertamente antisemitas da narrativa.⁴⁹

O único trabalho da crítica literária na época do pós-guerra dedicado expressamente a um dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* é um artigo de Hauschild (1952) acerca da inscrição hebraica. Com base em manuscritos, cartas e outras fontes históricas, Hauschild reconstrói a gênese da inscrição. Até então se supunha, na crítica literária, que a inscrição na *Judenbuche* ou provinha do *Escravo argelino*, ou se tratava de uma citação de algum texto hebraico; Hauschild mostra que a inscrição fora inventada por Droste-Hülshoff e traduzida para o hebraico, o que explica, para ele, alguns erros no texto em hebraico. Hauschild trata do tema de um ponto de vista filológico e histórico, sem entrar em questões de representação.

49 Essa "irritação" valia para a obra inteira de Droste-Hülshoff: como escreve Schneider, a crítica literária da época nazista tentou incorporar Droste-Hülshoff ao seu cânone literário, mas não o conseguiu. Cf. Schneider (1995, p. 159). Segundo Massey (2000, p. 81), a *Judenbuche* foi finalmente tirada de currículos escolares durante o regime nazista. A mesma irritação fica visível na história da publicação da tradução húngara da *Judenbuche* de 1941, cf. tópico 4.2.3.2.

Contudo, duas observações de Hauschild chamam a atenção. Por um lado, há uma frase no início do artigo, na qual Hauschild, resumindo o estado de pesquisa acerca da inscrição, informa que "até autores judaicos" haviam se interessado por ela:

Man hat sie [die Inschrift] vom literargeschichtlichen wie auch vom philologisch-grammatischen Standpunkte aus belichtet, und namentlich auch jüdische Schriftsteller haben sich für sie interessiert. (HAUSCHILD, 1952, p. 85)

Ela [a inscrição] foi iluminada a partir dos pontos de vista da história da literatura e também da filologia e da gramática, e até autores judaicos se interessaram por ela.

A menção da crítica judaica da inscrição parece indicar que é importante para Hauschild observar que a narrativa havia encontrado aprovação na comunidade judaica. Por outro lado, antes de expor os resultados de sua pesquisa, Hauschild discute obras da crítica literária que já haviam pesquisado a inscrição hebraica, entre elas o trabalho de Franzos discutido acima, sobre o qual ele anota em uma nota de rodapé:

Die Abhandlung von K.E. Franzos: "Eine Novelle und ihre Quellen" in der "Allgemeinen Zeitung des Judenthums", Nr. 51-53 (1897) ist größtenteils unbrauchbar, insofern, als der Verf[asser] die Ereignisse, Gestalten und Charaktere mit sonderbarer Brille betrachtet: er wittert überall Antisemitismus und trägt damit Ideen in die Sache hinein, die gar nichts mit ihr zu tun haben. (HAUSCHILD, 1952, p. 88, nota de rodapé 15)

O ensaio de K.E. Franzos: "Eine Novelle und ihre Quellen", na "Allgemeine Zeitung des Judenthums", No. 51-53 (1897) é em grande parte inútil, pois o autor observa os eventos, os personagens e os caracteres com lentes peculiares: ele fareja antissemitismo em tudo quanto é lugar e acrescenta, assim, ideias à coisa que nada tem a ver com ela.

Hauschild rejeita o trabalho de Franzos como "imprestável" por assumir uma posição crítica frente à representação dos judeus na *Judenbuche*: para Hauschild, a suspeita de antissemitismo, levantada por Franzos, é causada pelo fato de Franzos ver os acontecimentos, figuras e personagens por meio de "lentes peculiares", e não teria nenhuma relação com a narrativa. A rejeição tão explícita de qualquer suspeita de antissemitismo corresponde com a ênfase, com a qual Hauschild, mais para frente no

trabalho, descreve a sua colaboração com um rabino na reconstrução da inscrição hebraica (cf. HAUSCHILD, 1952, p. 96): a meu ver, Hauschild esforça-se retoricamente para afirmar que a *Judenbuche* não é um texto suspeito de ideias antissemitas. O discurso corresponde à observação de Doerr, citada acima, acerca da crítica literária, que, para ela, protege a *Judenbuche* de suspeitas de antissemitismo; aliás, Doerr cita Hauschild como uma demonstração de sua tese. Assim, o artigo de Hauschild pode ser, de um certo modo, visto como uma prova de um mal estar na crítica literária do pós-guerra, caracterizada pela herança da época do nazismo, visível, por exemplo, em continuidades pessoais nas universidades, ou seja, no fato de docentes do período de 1933 a 1945 continuarem nas universidades alemãs (cf. HERMAND, 1994, p. 121s).

No entanto, é preciso também considerar que, ao rejeitar a relevância de aspectos da representação na interpretação de literatura, Hauschild expressa também o estado da arte da crítica literária na germanística, que, de 1945 até os anos 1960, concentrava-se em questões de estética da obra de arte considerada autônoma ("Werkimmanenz"); questões de representação, como expressão de uma relação da obra de arte com o seu contexto sócio-histórico, não eram consideradas relevantes (cf. SCHNEIDER, J., 2009, p. 9). Essa postura, naturalmente, também é sintomática da época; a interpretação restrita à "Werkimmanenz" é expressão de uma fuga do elemento político na crítica literária. A não-discussão de questões de antissemitismo na *Judenbuche* precisa, portanto, ser vista em um contexto de psicologia social mais amplo.

Por fim, outros dois aspectos do discurso de Hauschild parecem-me dignos de uma breve nota aqui. Hauschild observa, na nota citada, que Franzos "fareja antissemitismo em tudo quanto é lugar" na *Judenbuche*. Por um lado, a palavra "farejar" ("wittern"), no discurso de Hauschild, parece fatalmente remeter para a época de regime nazista e mostra o quão profundamente as retóricas nazistas haviam penetrado na língua alemã, mesmo depois de 1945. Hauschild parece se esforçar em marcar uma posição objetiva diante de temas judaicos, mas a linguagem acaba carregada de sentidos opostos. Por outro lado, o termo "Antisemitismus" chama a atenção como um termo novo, a meu ver, na terminologia da crítica literária. O termo em si é antigo, surgido no século XIX (cf. BERGMANN, 2002; BELLER, 2007); no entanto, o seu uso em relação a fenômenos literários parece-me relativamente novo aqui; Franzos fala, em vez disso, de preconceitos e tendências

("Vorurtheile" e "Tendenz", cf. acima). Encontrei o termo antissemitismo literário na crítica literária apenas a partir dos anos 1970⁵⁰. O uso do termo antissemitismo por Hauschild parece-me, assim, afirmar uma forte sensibilidade ao tema, embora velada.

Depois de Hauschild, até os anos 1990 os *motifs* judaicos na *Judenbuche* de fato não parecem ter sido mais objeto de discussões explícitas na crítica literária; eles foram discutidos, quando muito, em termos de estratégias narrativas e procedimentos poéticos. Os *motifs* judaicos parecem ter sido abordada do ponto de vista histórico em publicações voltadas a escolas (cf. LINDKEN, 1988) ou outros materiais de apoio da interpretação: aqui, apenas questões históricas – o caso do assassinato de Soistmann Berend (cf. KRUS, 1990) ou a situação de judeus na Alemanha do século XVIII (cf. por exemplo MORITZ, 1980; LINDKEN, 1988; HUGE, 2006) - foram abordadas. No entanto, essas publicações, principalmente os materiais de apoio a interpretação representam formas de recepção da própria crítica literária, refletindo apenas a fortuna crítica.

Contudo, encontrei alusões isoladas a elementos antissemitas em trabalhos fora da Alemanha. Wells (1979, p. 475), por exemplo, inicia a sua análise do papel do leitor na constituição de sentidos na narrativa com uma caracterização da narrativa como "uma história de antissemitismo, roubo, assassinato e retribuição nas florestas interiores da Westfália do século XVIII", enquanto Wittkowski (1985) liga o motivo da *Judenbuche* a lendas antissemitas acerca de Maria Buchen, uma árvore sob a qual um milagre teria acontecido; no entanto, nenhum dos dois discute a narrativa como um todo.

Assim, o trabalho de Doerr (1994) de fato representa uma abordagem inédita da *Judenbuche*, abordagem essa que foi seminal para vários outros trabalhos. Doerr discute três aspectos dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*: as questões da representação de judeus na narrativa, da perspectiva narrativa e da recepção crítica da *Judenbuche*. Ela analisa essas questões tendo como pano de fundo, de um lado, a gênese da *Judenbuche*, e, de outro, cartas de Droste-Hülshoff que mostram atitudes pessoais da autora sobre questões judaicas.

Em relação à representação de judeus e discutindo principalmente a conversa entre Margreth e Friedrich Mergel e o episódio do casamento rural, Doerr constata que Droste-

50 Nos anos 1970, esse termo foi usado em uma série de artigos na revista literária *Sh'ma*, em um debate acerca do fenômeno do antissemitismo na literatura entre Walden (1976), Dachslager (1976, 1977) e Stark (1977).

Hülshoff mostra de um modo realista o "antissemitismo cotidiano"⁵¹ da população rural do século XVIII na Alemanha, embora ela forneça apenas um recorte limitado dessa realidade. Doerr concede que a representação dos judeus em si é bastante realista; no entanto, é na perspectiva narrativa que Doerr identifica atitudes antissemitas no texto, atribuindo-as a atitudes pessoais da autora e a sua socialização. Nessa argumentação, Doerr parte da dificuldade em diferenciar entre a voz narrativa e a voz autoral na *Judenbuche*: "É difícil estabelecer uma distinção clara entre o narrador e a autora, já que o primeiro não é um personagem ficcional dentro da história" (DOERR, 1994, p. 452).⁵²

Doerr percebe atitudes antissemitas no texto tanto na concepção dos personagens, quanto no uso da inscrição hebraica e na escolha da faia como árvore central da narrativa. Na concepção dos personagens Doerr observa representações estereotipantes dos personagens judaicos, bem como tipizações, falta de distanciamento explícito das representações negativas por parte do narrador, o uso frequente e estigmatizante do gentílico "Jude" e uma estilização da linguagem de Aaron como "mauscheln", uma forma de linguagem de judeus alemães que misturava alemão com hebraico.⁵³ Segundo Doerr, a inscrição proporciona à narrativa um aspecto ameaçador, pelo uso das letras hebraicas e pela falta da tradução imediata. Em relação à faia, Doerr remete ao já citado artigo de Wittkowski e à tradição antissemita de Maria Buchen.

Doerr interpreta esses aspectos textuais como evidências de atitudes antissemitas e vê essas atitudes confirmadas por algumas passagens em cartas de Droste-Hülshoff, interpretadas por ela como expressões explícitas de antissemitismo, concluindo:

There is obviously a link between Droste's reality, personal conviction, and the eighteenth-century circumstances referred to in the *Judenbuche*. It is the critics' task to penetrate beyond the seemingly impartial objectivity in order to uncover anti-Semitism. But in the case of Droste's novella, scholars in general have avoided discussing these uncomfortable questions raised by the text. (DOERR, 1994, p. 460)

Obviamente, há uma conexão entre a realidade de Droste, as suas convicções pessoais, e as circunstâncias do século XVIII às quais a Judenbuche se refere.

51 Para uma discussão detalhada do termo "antissemitismo cotidiano" cf. Bering (1992, p. 38).

52 Segundo Körte, a questão da identidade da voz é central para a análise do antissemitismo literário: "Sem dúvida, a definição do Antissemitismo Literário, bem como a de um conhecimento literário específico, está estreitamente ligada à questão de quem na verdade está falando." (KÖRTE, 2010, p. 196).

53 Para o termo "mauscheln" e sua função estereotipante cf. Daxelmüller (1995).

É tarefa do crítico penetrar para além da objetividade aparentemente imparcial, visando a revelar antissemitismo. Mas, no caso da novela de Droste, estudiosos em geral evitaram discutir essas questões desconfortáveis que o texto levanta.

Para Doerr, tanto o texto quanto as cartas de Droste-Hülshoff apontam claramente para a presença de um antissemitismo literário na *Judenbuche* e essas questões ainda não haviam sido abordadas pela crítica literária porque os críticos evitavam até então essas questões "desconfortáveis". No entanto, é tarefa do crítico ocupar-se dessas questões; caso contrário, segundo Doerr, o crítico comete omissões e pratica um "antissemitismo de silêncio", um termo que Doerr toma emprestado de Stern (1991).

A observação de Doerr acerca do silêncio da crítica literária a respeito dos aspectos que apontam para atitudes antissemitas na *Judenbuche* parece-me correta; a sua crítica e a caracterização do fenômeno como um "antissemitismo de silêncio" me parecem um tanto provocadoras. O trabalho de Doerr é fruto de uma nova abordagem da literatura na crítica literária, uma leitura sintomática, engajada e voltada para questões de representação, especificamente a representação dos judeus. Essa nova perspectiva é fruto do surgimento de novas abordagens nos estudos literários, ligadas aos estudos do discurso e àquilo que costuma ser geralmente denominado de *cultural turn*, ou seja, perspectivas da literatura como prática cultural e da interpretação dos textos a partir desse ponto de vista. A crítica de Doerr está direcionada contra abordagens antecedentes, voltadas para a análise de textos literários do ponto de vista estético. Nessas abordagens, representadas por exemplo por Hauschild, questões de representação não tinham "nenhuma relação" com a análise de uma obra literária. Como já foi dito acima, essas atitudes eram expressões do seu contexto, e o seu caráter desengajado e esteticizante refletia a situação sócio-histórica do período pós-guerra. Silêncios são frequentemente consequências de traumas, como afirma Winter:

Silêncios rompem-se quando o tempo passa e precisa de mudanças. [...] em muitas culturas, o estágio inicial do luto exige silêncio. Depois disso, pode ocorrer que homens e mulheres estejam tão ocupados com a sua própria restituição depois de uma guerra ou um conflito violento que eles não têm tempo, energia, ou vontade de falar sobre o que aconteceu. (WINTER, 2010, p. 23)

A fuga para o estético na crítica literária sobre a *Judenbuche* parece ser sintomática disso. O trabalho de Doerr representa, assim, a quebra desse silêncio, em um momento propício para tanto. As suas críticas são justificadas, mas, a meu ver, precisam ser vistas dentro de um contexto de traumas e tabus sociais, decorrentes da Segunda Guerra Mundial, refletidos na crítica literária.

O panorama da crítica literária sobre a *Judenbuche* que se seguiu ao trabalho de Doerr confirma a observação de que Doerr havia quebrado um silêncio: desde a publicação do seu artigo, diversos trabalhos acerca dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* foram publicados. A maior parte deles seguiu a argumentação de Doerr, apontando também para elementos de antissemitismo literário na *Judenbuche* e discutindo-os sob diversos aspectos: Palmieri (1995) vê uma imagem deformada dos judeus, que não são considerados seres humanos, mas são, antes, "abusados" como um mero "recurso literário"; Chase (1997) analisa a narrativa pelo prisma dos modelos de formação de estereótipos, com uma atenção especial para a ligação, feita na narrativa, entre judeus e criminalidade, magia e retaliação no sentido do Antigo Testamento; Helfer (1998) discute a função narrativa do antissemitismo na *Judenbuche*, argumentando em favor de evidências de uma genealogia judaica de Friedrich Mergel e sua família; Donahue (1999) vê a *Judenbuche* como exemplo de texto impregnado por antissemitismo religioso; Webber (2001), por sua vez, compara as estratégias narrativas da *Judenbuche* com as de um texto de Sigmund Freud, *Der Mann Moses*, argumentando que em ambos se revela o mesmo tipo de ansiedade e confusão acerca de diferença e semelhança, dois aspectos intrinsecamente ligados a questões do racismo; já Gray (2003) discute os aspectos antissemitas da *Judenbuche* em relação a questões de ecologia e ao início da era industrial na Alemanha; Mecklenburg (2008), por fim, constata uma tendência narrativa antissemita latente e demanda uma revisão da recepção da narrativa.

Os trabalhos citados provocaram, por sua vez, uma discussão acerca da questão do antissemitismo na *Judenbuche*. Nem todos os críticos concordaram com a atribuição de um caráter antissemita à narrativa e buscaram mostrar que a *Judenbuche* pode ser lida também de outros modos: Pickar (1995, p. 81) concorda que há, na *Judenbuche*, elementos antissemitas, na forma de atitudes e comportamentos antissemitas entre os camponeses do vilarejo B., mas chama também a atenção para "o retrato positivo, embora sutil da

comunidade judaica feito por Droste"; Massey (2000, p. 82) inclui a *Judenbuche* entre as obras literárias do século XIX de caráter "filosemita", pelo fato de a narrativa focar questões de culpa acerca do assassinato de um judeu: "o que sobressai é o fato de uma culpa tão forte ter sido associada à morte de um mero judeu. [...] aparentemente, um judeu foi de um certo modo considerado uma pessoa real, diante da qual se tem responsabilidades éticas normais"; Grywatsch (2006), por fim, vê a onda de trabalhos acerca do antissemitismo na *Judenbuche* ligada principalmente a questões institucionais da germanística nos Estados Unidos dos anos 1990, com a tendência da preocupação com questões de representação e discurso nos departamentos de germanística norte-americanos. Ele observa a lacuna de trabalhos acerca da temática nos anos anteriores e vê o tratamento em trabalhos dos anos 1990 como frequentemente unilateral demais, sem consideração de toda a ambiguidade e toda a sensibilidade do tema.

O debate acerca do caráter antissemita ou não da *Judenbuche* continua, assim, na crítica literária. Uma expressão interessante desse debate talvez seja a diferença de tratamento em duas enciclopédias recentes sobre antissemitismo. Enquanto o volume 2 do *Handbuch des Antisemitismus*, do *Zentrum für Antisemitismusforschung* da *Technische Universität Berlin*, que lista pessoas ligadas ao antissemitismo, não inclui Droste-Hülshoff (cf. 2009), a enciclopédia *Antisemitism: a historical encyclopedia of prejudice and persecution* (2005) lista a *Judenbuche* como uma obra antissemita (cf. DONAHUE, 2005).

Ao mesmo tempo, a atenção ao antissemitismo literário chamou a atenção para os *motifs* judaicos na *Judenbuche* em geral, que passou a ser lida sintomaticamente: dois trabalhos de Kilcher (cf. KILCHER; KREMER, 1998; KILCHER, 1999) analisam a *Judenbuche* sob o aspecto do discurso romântico acerca da magia judaica, enquanto Schmidt (1997) discute a questão da usura na *Judenbuche*, argumentando que o estereótipo do usurário judaico é mais um estereótipo do que um fato histórico e considerando, nesse sentido, a *Judenbuche* um texto que contribui para a consolidação deste estereótipo, por reproduzi-lo. Stiewe (2002), por sua vez, discute, a partir da *Judenbuche*, a cultura cotidiana da comunidade judaica na Westfália do século XVIII.

Por fim, a discussão acadêmica acerca do antissemitismo na *Judenbuche* irradiou também para outras publicações. O comentário de Begemann na edição comentada da *Judenbuche*, por exemplo, discute também questões do antissemitismo no texto (cf.

BEGEMANN, 1999). Um outro exemplo é a antologia *So wie du mir*, resultado de um concurso de contos inspirados na *Judenbuche*, que inclui várias histórias inspiradas nos *motifs* judaicos do texto de Droste-Hülshoff, também sob o aspecto de antissemitismo (cf. BUTKUS; GÖHRE, 2010). Assim, o silêncio atestado por Doerr em 1994 não mais existe. De um estado de invisibilidade, os *motifs* judaicos na *Judenbuche* passaram, a partir dos anos 1990, a um estado de grande visibilidade e a questão do antissemitismo deixou de ser um tabu e tornou-se objeto de debates.

1.3 Die Judenbuche, o antissemitismo literário e o corpus de pesquisa

Seguindo Gelber, a *Judenbuche* foi aqui discutida em relação à recepção dos *motifs* judaicos, analisada com base em trabalhos da crítica literária. Tanto essa abordagem quanto a análise do próprio texto mais adiante (cf. tópico 3.3) mostram, a meu ver, que há, sim, na *Judenbuche*, elementos que remetem para atitudes antissemitas, conscientes ou inconscientes. Contudo, se o texto tem um potencial ou a capacidade "de encorajar ou avaliar positivamente atitudes ou comportamentos antissemitas", segundo a definição de Gelber do antissemitismo literário, isso é algo que não pode ser comprovado – uma ligação entre texto e ações, que comprovariam a capacidade do texto de encorajar atitudes antissemitas, não pode ser mostrada deste modo.

A instabilidade de avaliações dos *motifs* judaicos na crítica literária, bem como a análise do texto da narrativa indicam que a *Judenbuche* não é um texto explicitamente "antissemita". "Literatura antissemita", segundo Gelber, "argumenta diretamente em favor de medidas antijudaicas específicas ou [...] 'difama, ofende, ou promove de algum outro modo a imagem negativa dos judeus'" (GELBER, 1985, p. 17; citando DACHSLAGER, 1976), enquanto textos do "antissemitismo literário" – categoria à qual a *Judenbuche* é associada aqui – promovem de um modo mais passivo preconceitos e imagens negativas.

A diferenciação de Gelber pode ser diferenciada, ainda, mediante a classificação de Bogdal, que argumenta a partir da perspectiva da intencionalidade, diferenciando entre (a) textos de um antissemitismo manifesto e subjetivamente intencionado, (b) textos caracterizados pelo uso "negligente" (consciente ou inconsciente) de estereótipos e (c) textos que jogam conscientemente com o repertório linguístico e imagético do antissemitismo com o objetivo de desconstruí-lo (cf. BOGDAL, 2007, p. 7). O ponto de

vista assumido aqui em relação à *Judenbuche* foi o de um texto que representa judeus e *motifs* judaicos de um modo "negligente", ou seja, sem indícios de intenção de ser uma argumentação antissemita, mas também sem indícios de uma reflexão acerca dos possíveis efeitos da representação ou uma intenção de desconstrução. Isto foi considerado a partir de uma perspectiva histórica: um uso "negligente" de estereótipos antijudaicos em um texto do início do século XIX deve ser considerado, como argumenta Krobb (2007), de um modo diferente do que a presença dos mesmos estereótipos em um texto de depois de 1945 – são dois tipos diversos de "negligência".

O corpus da pesquisa foi analisado a partir desses pressupostos. O que interessava na análise dos textos do corpus, as traduções da *Judenbuche*, apresentadas no capítulo 3 e discutidas no capítulo 4, foi observar quais foram as atitudes dos autores dos textos analisados – tradutores, editores, comentaristas - em relação à *Judenbuche* e especialmente em relação aos *motifs* judaicos nela contidos. Visei a observar como os *motifs* judaicos são recebidos nessas traduções. Para tanto, considerei as traduções do corpus, de um lado, como documentos de recepção e, de outro lado, como formas de reescritura, e considerei ambos os processos como interagindo com o contexto da recepção da *Judenbuche* na germanística. O capítulo a seguir apresenta essa perspectiva teórica para o corpus.

2 Tradução literária e atitudes

O objeto de análise desta pesquisa foram traduções literárias: traduções da *Judenbuche* para diversos idiomas. A análise visou a identificar e interpretar manifestações de atitudes dos autores dos textos contidos nessas traduções frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*.

A tradução literária não é um espaço isento de posicionamentos e atitudes dos seus autores. Como afirma por exemplo Jones (2011, p. 157), "decisões acerca de seleções e a manipulação de textos de saída e chegada podem revelar a ideologia e a identidade dos agentes da tradução literária: no que eles acreditam, quem eles sentem que são [...] ou eles podem deliberadamente debater ou contestar temas de ideologia e identidade." Partindo deste pressuposto, esta pesquisa buscou identificar atitudes dos agentes das traduções literárias do corpus em relação a um tema notavelmente sensível: *motifs* judaicos na literatura.

Por "atitudes" entende-se aqui, com Eagly & Chaiken, "uma tendência psicológica expressa por meio da avaliação de uma entidade específica com algum grau de aprovação ou desaprovação" (EAGLY; CHAIKEN, 1993, p. 1). Atitudes são, assim, opiniões, ou disposições interiores, em relação a pessoas, objetos, situações etc. e podem ser negativas ou positivas. De um lado, atitudes dizem respeito a disposições individuais diante de objetos e estão, assim, sempre ligadas a um indivíduo que as expressa. De outro lado, as atitudes costumam estar relacionadas com estruturas que vão além do indivíduo: elas são formadas e informadas pelo contexto social de uma pessoa, ou, como no caso de textos publicados, podem ser produtos de um grupo de pessoas que contribuem para a produção, mediação e distribuição desse texto.

Nesse sentido, traduções literárias foram aqui compreendidas tanto como textos de agentes individuais, e assim produtos de processos comunicativos, quanto como textos embutidos em contextos maiores, textos produzidos por coletivos de agentes e inseridos em comunidades, campos e sistemas. Assim, a análise não estava voltada, em primeiro lugar, para questões que poderiam ser subsumidas aqui sob o conceito de "equivalência", mas, antes, para questões de processos de tradução e de seus contextos sócio-históricos.⁵⁴

54 Esse raciocínio segue a argumentação de Jones (2011), para o qual a tradução literária costuma ser vista, nos estudos de tradução, das três perspectivas mencionadas: como texto, como processo comunicativo e como embutida em contextos sociais.

As abordagens teóricas que serviram como base da análise serão discutidas a seguir. O aspecto da produção, mediação e distribuição da tradução literária foi considerado em duas abordagens: o processo comunicativo da tradução foi abordado a partir da perspectiva das teorias da recepção (cf. tópico 2.1.1), enquanto que, para a compreensão da influência dos contextos sociais nesse processo, a teoria de reescritura de André Lefevere (cf. tópico 2.1.2) teve papel preponderante. Para a identificação de atitudes nos textos traduzidos analisados, uma abordagem acerca da voz do tradutor, o modelo de "tradução ecoante" de Theo Hermans (cf. tópico 2.2), foi considerado como ponto de partida.

2.1 Traduções como meios de mediação de literatura

O termo genérico "tradução" pode se referir a dois fenômenos textuais relacionados: *stricto sensu*, "tradução" diz respeito a textos traduzidos, ou seja, representações de um texto de uma língua em uma outra língua, sendo que essa representação sempre se orienta por um original (ou texto de saída). Contudo, em um sentido mais amplo, o termo "tradução" é também usado como sinônimo de publicação de um texto traduzido. Embora aqui o termo "tradução" também se refira ao texto traduzido, a "tradução" é nele mais do que isso: ela abrange todo o "pacote" paratextual⁵⁵ que emoldura e acompanha o texto traduzido e que influencia a sua leitura, queira-se ou não. Nunca lemos apenas o texto traduzido: "lemos" também a capa, as ilustrações, o tipo de papel, a tipografia, as notas de rodapé etc.⁵⁶ Algumas dessas "leituras" são escolhidos por nós: podemos, por exemplo, ignorar a introdução. Outras delas não podem ser separadas do texto traduzido.⁵⁷

"Traduções" no sentido mais amplo de publicações são, portanto, conjuntos de textos e outros elementos paratextuais e, assim, resultados de um trabalho coletivo de diferentes autores, todos contribuindo para a representação do texto traduzido. Contudo, essas representações não correspondem apenas a uma noção estritamente individual dos autores acerca do texto literário. Dito de outra maneira, essa noção está relacionada não apenas com os autores, mas também com o contexto da produção desses textos.

55 A definição de paratextos neste trabalho está baseada nos conceitos de Genette, especialmente em Genette (2009). A discussão mais detalhada desses conceitos e seus usos neste trabalho encontra-se no tópico 3.1.5.

56 Refiro-me aqui a livros impressos; com a recente ascensão de livros eletrônicos, novos paratextos surgiram no lugar de alguns dos antigos. Para a análise deste corpus, contudo, essas considerações ainda não valem: todas as traduções encontradas são em formato de livro impresso.

57 Isso vale, naturalmente, para todo e qualquer tipo de publicação, não apenas traduções.

Traduções, tanto os textos traduzidos *stricto sensu* quanto as publicações, são textos que, dentro do sistema literário, são um dos meios de produção, mediação e distribuição de literatura ("Literaturvermittlung"). Para Neuhaus:

Produção, mediação e distribuição de literatura dizem respeito a [...] um certo grupo de pessoas, que, em uma sociedade e dentro de estruturas preexistentes para tanto, comunicam-se acerca da literatura, com o objetivo de proporcionar conhecimentos de e sobre literatura a outras pessoas, interessadas em comprar ou ler textos literários. (NEUHAUS, 2009, p. 8)

Traduções são, assim, um dos meios pelos quais o "grupo de pessoas" dentro da sociedade, leitores profissionais e ligados ao sistema literário, comunicam-se acerca da literatura, entre si e com outras pessoas. Essa comunicação está ligada a certos objetivos e é condicionada por diversos fatores. Um dos objetivos, segundo Neuhaus, é "proporcionar conhecimento" sobre literatura a outros. Um outro objetivo é fazer outras pessoas comprem ou lerem textos literários, ou seja, um dos fatores da mediação literária tem caráter comercial ou pelo menos é uma questão de prestígio (de poder convencer alguém a ler uma obra literária). Sem dúvida nenhuma, esses objetivos influenciam a forma de representação da obra literária nos canais de mediação da literatura. Ao mesmo tempo, a mediação da literatura acontece, segundo Neuhaus, "dentro de estruturas preexistentes", indicando que a comunicação sobre a literatura acontece seguindo certas regularidades.

Para a compreensão desses padrões ou "estruturas preexistentes" foram considerados dois marcos teóricos: por um lado, a teoria da recepção, principalmente a vertente ligada aos trabalhos de Wolfgang Iser e o modelo do *Reader-Response-Criticism*, e, por outro lado, o modelo de reescritura de André Lefevere. Apesar de alguns pontos em comum, especialmente em relação ao papel do contexto social para a produção dos textos analisados, as duas abordagens foram consideradas aqui como complementares: a teoria de recepção foca aspectos do processamento do texto literário por leitores – por exemplo tradutores – enquanto o modelo de reescritura foca aspectos da produção dos textos, que se segue à recepção *stricto sensu*.

2.1.1 Traduções como documentos de recepção

Uma das abordagens adotadas para as traduções do corpus foi considerá-las como documentos da recepção da *Judenbuche*.⁵⁸ Enquanto documentos da recepção, elas representam registros de uma interação individual de leitores com o texto da narrativa. No entanto, se a tradução baseia-se, de um lado, em leituras de um texto literário, ao mesmo tempo ela cumpre, como publicação, certas funções comunicativas dentro de um sistema literário como mediação de um texto para um sistema literário e um público estrangeiro. Traduções são tanto documentos da recepção literária quanto textos funcionais dentro do sistema literário. Rusch (2001a) fala, neste contexto, de e traduções como meios de processamento da recepção ("Verarbeitung"): como meios de processamento da recepção, as traduções representam registros de atos da comunicação literária baseados na recepção literária como pressuposto lógico e temporal (cf. RUSCH, 2001b).

Mas mesmo enquanto textos funcionais, elas são ainda expressões de atos individuais⁵⁹ de recepção e da comunicação dessa recepção. Isso faz com que traduções não sejam apenas textos funcionais, mas também e ao mesmo tempo expressões de leituras subjetivas. Para levar em consideração essa ambiguidade das traduções entre subjetividade e funcionalidade, considerou-se sobretudo modelos teóricos do processo da recepção (literária),⁶⁰ discutidos a seguir. Além disso, foi contemplado também um modelo de pesquisa histórica acerca da recepção literária, por meio do qual foram abordados os problemas da diacronia e da multiplicação dos contextos deste corpus.

O processo de recepção foi visto aqui como uma sequência de atos de leitura, influenciados e modificados pelo contexto sócio-histórico no qual um leitor se encontra. O contexto sócio-histórico influencia o processo tanto diretamente, por meio da situação na qual o ato de leitura ocorre, quanto indiretamente, por meio das disposições psicológicas

58 Para traduções como documentos da recepção literária cf. Arend (1996) e (2004).

59 O termo "individuais" não se refere aqui necessariamente a indivíduos, mas antes à singularidade dos atos da recepção e da comunicação literária expressos nos documentos. Os sujeitos dos atos de recepção e da comunicação literária podem ser coletivos, por exemplo grupos de tradutores ou instituições como editoras.

60 As principais vertentes teóricas aplicadas aqui são teorias da Escola de Constância, representada por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser; teorias empíricas de recepção, representadas aqui por Gunter Grimm, cujo modelo serve como ponto de partida para a fundamentação teórica apresentada aqui; e conceitos da *Reader-Response-Theory*.

do leitor, que constituem um reflexo do seu contexto sócio-histórico. O ato da recepção pode ser, assim, representado da seguinte maneira simplificada:

O esquema mostra, em forma de sequência, aquilo que num ato de recepção acontece simultaneamente e dentro de um contexto sócio-histórico (cf. ISER, 1994, p. 257ss): o leitor lê um "texto"⁶¹ e produz, como resultado de leitura, uma "concretização" (GRIMM, 1977, p. 27), que pode ser virtual – a imagem interna do texto que um leitor elabora no ato de leitura – ou material – algum tipo de documento, textual, visual, musical etc., no qual o leitor transmite a outros a sua visão do texto lido.

Em um primeiro passo, o ato de recepção (cf. GRIMM, 1977) é, assim, um ato individual de interação entre um leitor e um texto. Para Grimm, isto é ainda precedido por uma fase pré-recepcional, na qual são criadas expectativas acerca do texto que são confirmadas, negadas ou modificadas no ato de leitura.⁶² O ato da recepção propriamente dito é, no entanto, um "ato de leitura" (ISER, 1994), uma apreensão cognitiva de um texto por um leitor.⁶³ O "texto" do ato de recepção é sempre um "texto processado". O leitor sempre tem nas mãos um texto que passou por várias etapas de processamento e de distribuição, tendo sido editorado para a publicação, criticado na mídia, eventualmente adaptado à ortografia atual (no caso de textos históricos) etc. (cf. GRIMM, 1977).

O ato de leitura é iniciado pelo leitor e estimulado pelo texto, que não determina a constituição de significados, mas "constitui um dos vários fatores que participam da construção do sentido" (BARSCH, 2001). A "estrutura semiótica" ("Signalgefüge") (GRIMM, 1977, p. 32) do texto estimula e organiza parcialmente o processo de leitura.

61 No sentido amplo da palavra.

62 Isso corresponde ao conceito do "horizonte de expectativas", introduzido na teoria literária por Jauss (1970), que, para tanto, apoiou-se em Gadamer. O horizonte de expectativas consiste na "totalidade de expectativas, normas e experiências, que guiam a compreensão e a interpretação de um texto literário por um leitor em um dado momento." (ANTOR, 2001a, p. 151)

63 Segundo a teoria da recepção elaborada pela Escola de Constância, que teorizou a recepção em primeiro lugar como um ato individual de interação entre leitor e texto.

Grimm denomina com essa expressão todos os sinais do autor para o leitor que ficam visíveis em vários níveis narrativos: sinais não-ficcionais, como denominações de gênero; o título do livro; a divisão em capítulos e seus títulos; estratégias narrativas; estruturas sintáticas; e complexos lexicais. Alguns desses sinais são percebidos antes do início da leitura propriamente dita e preparam, assim, as atitudes e expectativas do leitor para o ato de leitura (cf. GRIMM, 1977, p. 32).

O resultado desse processo, no entanto, depende da iniciativa do leitor e da sua atividade cognitiva a partir do material disponível, atividade essa que, por sua vez, depende de fatores internos e externos ao leitor. Assim, o ato de recepção é, num primeiro momento, um ato subjetivo, caracterizado pela individualidade do leitor. O resultado do ato da recepção é uma concretização (ISER, 1994), ou seja, uma representação virtual da obra na consciência do leitor. O termo "concretização" foi cunhado originalmente por Roman Ingarden e constitui um conceito central da estética da recepção, denominando a atividade cognitiva do leitor no ato de leitura (ANTOR, 2001b, p. 330). Grimm (1977), no entanto, usa o mesmo termo de um modo levemente modificado, como denominação da concretização material (em forma de texto) do ato da recepção.

A forma na qual o texto se concretiza na consciência do leitor está relacionada, de um lado, com suas disposições psicológicas (gerais e situacionais), que, por sua vez, são reflexos de diferentes fatores que pertencem ao contexto sócio-histórico do leitor e do ato de leitura, tais como *habitus*⁶⁴, socialização, sexo, finalidade da leitura, situação da leitura, dentre outros (cf. ISER, 1994; JAUSS, 2000; SIMEONI, 1998). Ao mesmo tempo, como sugerem os críticos da vertente norte-americana da teoria da recepção, comumente subsumidos sob a denominação *Reader-Response-Theory*,⁶⁵ o ato da recepção é influenciado por fatores supraindividuais do contexto sócio-histórico. O termo *Reader-Response-Theory* é aplicado para subsumir teóricos norte-americanos que, baseados em posições pós-estruturalistas e desconstrutivistas, desenvolveram os seus conceitos em parte como crítica aos conceitos da Escola de Constância, representada principalmente por Hans

64 O conceito de *habitus* é usado aqui seguindo o seu uso por Pierre Bourdieu, que o define como um sistema de "disposições" internas (cf. por exemplo BOURDIEU, 2007, p. 64), seguindo também a discussão do conceito em relação à tradução em Simeoni (1998).

65 Para exposições das duas vertentes e comparações cf. Holub (2002), Machor & Goldstein (2000), Kimmich & Stiegler (2003), Hohendahl (2003). Uma crítica das posições da Escola de Constância encontra-se também em de Man (1986).

Robert Jauss e Wolfgang Iser. Embora às vezes vistas como opostas, as duas vertentes são, a meu ver, complementares, a escola alemã sendo mais específica em termos de desenvolvimento de modelos, enquanto a *Reader-Response-Theory* está mais focada nos fatores sociais da recepção.

Os fatores sociais da recepção podem ser diversos. Stanley Fish chama a atenção, por exemplo, para a influência (consciente ou não), nos atos de leitura, de "comunidades interpretativas", ou seja, a influência de modos de leitura de textos definidos por certos grupos sociais, por exemplo a crítica literária (cf. FISH, 1980, 2000). Steven Mailloux atenta para "práticas retóricas" correntes num dado contexto sócio-histórico em atos de leitura, práticas essas compreendidas por ele como "extensões e manipulações de outras práticas – sociais, políticas e econômicas" (MAILLOUX, 2000, p. 46s), enquanto Tony Bennett (2000) inclui "formações retóricas", um conceito parecido, mas ligado mais diretamente a questões de ideologia e relações de poder, aos fatores que influenciam a atividade cognitiva do leitor.⁶⁶ Todas essas posições teóricas inserem os atos individuais de recepção dentro de práticas sociais, relativizando, assim, a subjetividade do ato de leitura. Outros trabalhos que tratam do aspecto social da recepção sem se inserir nos estudos da recepção *stricto sensu*, mas considerados relevantes para este estudo, são os trabalhos sobre o conceito de "comunidades discursivas" de John M. Swales (1990), um conceito parecido com as comunidade interpretativas de Fish, mas voltado mais fortemente para questões da linguagem, e os trabalhos sobre o conceito das práticas de censura de Matthias Lorenz (2009), que discute mecanismos de censura informais dentro de sociedades democráticas, por exemplo questões de tabus.

A concretização do ato de recepção pode permanecer virtual, na forma de uma experiência de leitura interna do leitor. Mas ela também pode adquirir materialidade na forma de um registro ou documento dessa experiência, por exemplo em forma textual, constituindo, assim, um documento da recepção. O processo de transformação da experiência interna em um documento de recepção implica uma série de atividades cognitivas. A principal delas diz respeito à reorganização do material interno, no ato de registro (verbal, visual ou auditivo⁶⁷). O ato de documentação, contudo, também é

66 Um resumo das posições teóricas citadas encontra-se em Machor & Goldstein (2000). Cf. também Mailloux (2000) sobre as práticas retóricas.

67 A recepção da leitura não precisa ser necessariamente documentada na forma de textos. Inicialmente, nos estudos literários, apenas os documentos textuais foram estudados; tanto é que Grimm elabora o seu

condicionado pela finalidade desse ato e pelo material no qual ele acontece, dois fatores que determinam o formato e, assim, o conteúdo do documento. Por fim, tanto quanto o ato de leitura, o ato de documentação do resultado da recepção também está inserido em um contexto sócio-histórico.

A consideração mais detalhada do ato de documentação é feita no tópico seguinte, dedicado ao modelo de reescritura. Antes, mais um aspecto do ato de recepção precisa ser abordado. O modelo de recepção discutido acima refere-se a atos de recepção sincrônicos, ou seja, a atos de recepção que acontecem em um único contexto sócio-histórico, com uma proximidade temporal (e geográfica) entre o ato de leitura e a redação do documento da recepção. A pesquisa deste trabalho, contudo, foi feita sobre um corpus diacrônico de textos. No livro *Rezeptionsgeschichte* (1977), Gunter Grimm desenvolve modelos para pesquisas diacrônicas de recepções.⁶⁸ Grimm diferencia entre dois tipos de estudos históricos de recepção: estudos focados em um leitor (ou um grupo de leitores), nos quais os textos lidos, de diferentes períodos temporais, representam o fator diacrônico, e estudos focados em um texto (ou um grupo de textos), nos quais os leitores e, conseqüentemente, suas concretizações, de diferentes períodos temporais, representam o fator diacrônico, o que foi o caso desta pesquisa.

Segundo Grimm, o que precisa ser levado em consideração na pesquisa deste tipo são as mudanças dos fatores do processo da recepção. Enquanto o texto-base permanece (materialmente) o mesmo, os outros fatores do modelo – o leitor e o contexto sócio-histórico – mudam neste cenário. No caso de um estudo baseado em um contexto específico, embora diacrônico, por exemplo um país ou um grupo social em diferentes períodos de tempo, esses fatores também mudam com cada leitor, mas mantêm, no todo, uma certa continuidade. Grimm constata ainda que, como premissa da análise de

modelo da história da recepção exclusivamente com base em documentos textuais. Com a reorientação cultural dos estudos literários a partir dos anos 1980, outras formas de recepção foram gradualmente incluídas nos estudos da recepção (p. ex. filmes, imagens, etc.). Esta análise abrange também os aspectos visuais da recepção da *Judenbuche* (os aspectos gráficos das traduções enquanto publicações e eventuais ilustrações encontradas dentro das publicações).

68 O estudo de Grimm representa, a meu saber, a única tentativa de desenvolver um modelo de pesquisa diacrônica (ou histórica) da recepção. Publicado em 1977, o estudo antecede desdobramentos significativos que aconteceram nos estudos da recepção (e nos estudos literários em geral) desde então e que, portanto, não estão incluídos na reflexão. Contudo, as linhas fundamentais do modelo sistemático desenvolvido no estudo são usadas nesta pesquisa como ponto de partida e complementadas por leituras de obras teóricas mais recentes. Tompkins (1988) aborda questões da história da recepção de um ponto de vista de estudos de caso.

recepções, é necessária uma contextualização histórica do texto-base das recepções estudadas, ou seja, no caso deste trabalho, a contextualização da gênese da *Judenbuche*. Segundo ele, a preparação da análise inclui também um estudo da história textual do texto-base, ou seja, das modificações e dos processamentos editoriais que possam ter ocorrido desde a publicação do texto; eventuais mudanças no texto-base precisam ser levadas em consideração na análise de recepções históricas do texto.

2.1.2 *Traduções como reescrituras*

A teoria de recepção serviu como um dos fundamentos da análise das traduções do corpus. Essa perspectiva foi ampliada, contudo, por uma abordagem mais recente e mais especificamente direcionada a traduções (ao contrário dos modelos citados acima, que são mais gerais): o modelo de reescritura⁶⁹ de André Lefevere. O modelo de Lefevere foi considerado produtivo por abordar com mais especificidade os fatores sociais que determinam a recepção de traduções.

O modelo de reescritura de Lefevere é uma concepção que se refere a diferentes práticas de mediação de literatura e que abrange não apenas traduções, mas também outros tipos dessa mediação, como crítica literária, editoração e antologização. Reescrituras são, assim, diferentes tipos de textos que se comunicam acerca de textos literários e que representam textos literários.

Reescrituras correspondem parcialmente ao conceito de "documentos de recepção": a "representação" de textos literários nas reescrituras está baseada nos atos de leitura de um leitor profissional. No entanto, enquanto a teoria da recepção foca o processo de recepção da obra literária num documento de leitura e está, assim, mais interessada em analisar os fatores que determinam esse ato de leitura, o modelo de reescrituras está mais focado nos fatores e nas "condições", dentro e fora do sistema literário, do ato de escrever esse registro. Assim, entre todos os documentos de recepção, aqueles que interessam a Lefevere são documentos explicitamente direcionados a um público com a intenção de mediar a literatura a esse público. Enquanto o ato de ler é, em ambos os casos, um ato individual, o ato de escrever é, no caso de reescrituras, um ato social, pelo fato de esses documentos

⁶⁹ O termo original é "rewriting". Originalmente, Lefevere usou o termo "refraction", cf. p. ex. Lefevere (1985) e (2004, publicado originalmente em 1982); mais tarde, ele passou a usar o termo "rewriting", usado também aqui, cf. p. ex. Lefevere (1992a). O termo é usado em português neste trabalho.

serem direcionados a um público e pelo fato de a documentação desses atos acontecer em função do público, em editoras ou outras instituições de mediação de literatura. Reescrituras são, assim, textos que contêm tanto um elemento de uma recepção individual quanto um elemento de uma interação social.

Naturalmente, os atos de leitura que estão na base de uma reescritura já estão influenciados pela finalidade dessa leitura: um tradutor que, por exemplo, já sabe que vai traduzir determinado texto literário o lê pensando na forma desse texto na tradução e, assim, já levando em consideração diferentes fatores da redação do texto. Os dois passos do processo de recepção, o "ato de leitura" e o "ato de reescrever", estão sujeitos a conjuntos de fatores que, em parte, coincidem. Ao mesmo tempo, contudo, cada um desses passos está sujeito a fatores próprios, sendo que questões cognitivas têm uma maior participação no ato de leitura, enquanto fatores externos influenciam mais o ato de escrever. A junção dos dois modelos, do ato de recepção e do ato de reescrever, aproxima a visão da tradução adotada neste trabalho aos modelos de "práticas sociais", definidas por Reckwitz como

um tipo de comportamento de rotina composto por vários elementos, conectados uns aos outros: formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, 'objetos' e o seu uso, um conhecimento contextual que abrange compreensão, *know-how*, estados emocionais e conhecimento motivacional. (RECKWITZ, 2002, p. 249)

Para o modelo de reescrituras, a tradução, tal como outras práticas de reescritura, é uma atividade discursiva, determinada por meio de um conjunto de fatores contextuais, como resume Asimakoulas:

A teoria da reescritura [...] considera a tradução como uma atividade discursiva dentro de um sistema de convenções literárias e uma rede de instituições e agentes sociais que condicionam a produção textual. (ASIMAKOULAS, 2011, p. 241)

No seu modelo, Lefevere propõe um conjunto de fatores contextuais da reescritura, diferenciando entre cinco⁷⁰ fatores chamados por ele de "condicionantes" ("constraints"),

⁷⁰ O número dos fatores e a sua natureza variam nos diferentes trabalhos de Lefevere, cf. nota 73 e Asimakoulas (2011, p. 243). O número citado aqui refere-se à discussão de Lefevere em Asimakoulas (2011).

no sentido de fatores que influenciam, direcionam e, assim, condicionam o ato de reescrever. Um primeiro esboço desse modelo encontra-se em Lefevere (1985), e uma elaboração mais detalhada, em Lefevere (1992a).⁷¹ O termo usado por Lefevere, "condicionantes" sugere a ideia da manipulação da produção literária, uma ideia expressa por Lefevere às vezes explicitamente. A visão de Lefevere acerca do sistema literário parece às vezes um tanto determinista, como fica exposto, por exemplo, na seguinte anotação sobre a crítica literária: "A crítica literária [...] deveria ser vista pelo que ela é: uma tentativa de influenciar o desenvolvimento de uma dada literatura em uma certa direção, a direção que coincide com as poéticas e a ideologia de uma escola crítica dominante do momento." (LEFEVERE, 1985, p. 218). É incontestável que a crítica literária influencia o desenvolvimento de um sistema literário na direção que coincide com a "poética e a ideologia da escola crítica dominante em um dado momento", como mostram p. ex. os estudos acerca da formação de cânones literários. No entanto, a citação, bem como os termos "manipulação", usado por Lefevere (por exemplo em Lefevere (1992a)), e "condicionante" sugerem uma imagem do sistema literário como um campo de forças antagônicas.

A mesma ideia, embora formulada diferentemente, encontra-se também em Hermans, para quem a tradução como forma de representação de textos é determinada, dentro de uma sociedade, por um complexo de "normas e expectativas": "prescrições, proscições, preferências e permissões, ou seja, todo o complexo de normas e expectativas que governam certos modos de representação" (HERMANS, 2007b, p. 67). Segundo Lefevere, são esses diferentes fatores contextuais da produção de reescrituras que levam à perspectivização da obra literária quando ela é reescrita. Em todos os tipos de reescrituras, as obras literárias aparecem como "projeções de imagens perspectivizadas", ou seja, reescrituras mostram obras literárias sempre de um certo ponto de vista e são "representações parciais" (ASIMAKOULAS, 2011, p. 241); isso fica mais evidente no caso de críticas literárias (apesar de elas frequentemente reivindicarem objetividade de procedimento), mas também é o caso em traduções, aparentes reproduções miméticas do discurso de um outro, bem como em edições e antologias, nas quais o texto aparentemente

⁷¹ Asimakoulas anota, contudo, que em nenhuma das publicações Lefevere elaborou o modelo com muitos detalhes (cf. ASIMAKOULAS, 2011). Uma discussão crítica do modelo de Lefevere encontra-se ainda em Hermans (1999).

é "só" reproduzido – mas aqui há também critérios de escolha e apresentação do texto antologizado.⁷²

A reescritura está sujeita, para Lefevere, a três "condicionantes" internas ao sistema literário e a duas externas a ele. Os três fatores internos são, na terminologia de Lefevere, a língua, o universo de discurso e as poéticas.⁷³ Os dois últimos funcionam como constrangimentos para todos os tipos de reescritura, enquanto a língua é um fator relevante principalmente nas traduções.

A língua na qual uma obra literária é reescrita modifica a imagem de obra especialmente no caso de traduções. Aqui, a perspectivização da obra literária advém, por um lado, das diferenças entre a língua de origem e a língua de chegada e é observável em forma de *shifts* linguísticos "obrigatórios", isto é, mudanças na estrutura do texto motivadas pelas diferenças entre as duas línguas da tradução. No entanto, *shifts* também podem ser motivados por questões estéticas ou ideológicas,⁷⁴ ou seja, o texto da língua de saída pode não se adequar aos padrões estéticos ou ideológicos da cultura da chegada, o que pode causar *shifts* "opcionais".⁷⁵ Esses últimos constituem um forte fator da perspectivização do texto literário na reescritura.

O "universo de discurso" corresponde, no modelo de Lefevere, a uma espécie de "*scripts* culturais" (LEFEVERE, 1992b, p. 87), que pode abranger os conhecimentos do autor de uma reescritura, a sua aprendizagem, os objetos e os costumes de sua época, todos eles constituindo o ponto de vista do autor de uma reescritura e influenciando a sua interpretação daquilo que ele reescreve. Os *scripts* podem entrar na reescrita deliberadamente, como escolhas conscientes, mas também inconscientemente, como resultado de disposições ou do habitus.

Poéticas, por sua vez, constituem o conjunto de ideias e prescrições estéticas em uma sociedade acerca da literatura enquanto prática cultural. Elas representam o inventário de formas literárias aceitas por uma sociedade, um repertório de gêneros, procedimentos

72 Para exemplos da "manipulação" do leitor por meio de antologias cf. por exemplo Kittel (1995).

73 No primeiro esboço do modelo, Lefevere conta "poéticas" como parte do "universo de discurso" e menciona o "original" como a terceira restrição "intra-sistêmica" (cf. LEFEVERE, 1985, p. 235).

74 Lefevere usa o termo "ideologia" num sentido geral de "um certo conceito acerca de como o mundo deveria ser" (LEFEVERE, 1985, p. 217).

75 Uma discussão mais detalhada do conceito de *shifts* linguísticos aplicado neste trabalho encontra-se no tópico 3.3.1.

literários, temas, símbolos etc., e podem ser vistas, ao mesmo tempo, como uma espécie de acordo de uma sociedade acerca do modo de funcionar da literatura, i.e., definindo como a literatura deve ou pode funcionar. Nesse sentido, as poéticas representam uma espécie de imaginário social acerca da literatura, um conjunto de regras não (mais⁷⁶) oficializado, mas transmitido e propagado por meio de educação e da própria mediação literária. Ou seja, a mediação literária ao mesmo tempo define e propaga poéticas. Apesar de não serem documentadas explicitamente, poéticas funcionam como uma espécie de filtro interno, que classifica e categoriza fenômenos literários, uma disposição "subjetivada" (BOURDIEU, 2007, p. 117) mediante o convívio com a literatura, um habitus adquirido e propagado. Assim, poéticas determinam em grande parte o modo como literatura é lida, interpretada e reescrita.

As poéticas como disposições internas definidas culturalmente condicionam a interpretação de um texto estrangeiro, por exemplo dentro de uma tradução literária ou de uma crítica literária. O texto é avaliado, num primeiro momento, por meio da poética própria, buscando-se categorizá-lo segundo conceitos familiares. Em consequência, podem acontecer adaptações do texto estrangeiro à poética própria, em diferentes níveis: na estruturação do texto, na linguagem, dentre outros.

Os dois fatores, no modelo de Lefevere, que condicionam reescrituras, mas não pertencem ao sistema literário em si, representam os agente e poderes regulatórios desse sistema: os profissionais e a "patronagem". Os textos classificados como reescrituras são produtos de profissionais dentro do sistema literário, ou seja, agentes (como críticos, tradutores, editores etc.) que, elaborando os critérios estéticos, controlam o sistema literário e filtram os textos, aceitando-os, adaptando-os ou rejeitando-os. Esse fator corresponde ao mais geral "grupo de pessoas" de Neuhaus, citado acima. No entanto, Lefevere considera as atividades desses agentes - ler, escrever e reescrever literatura - como embutidas dentro de um contexto social maior, que ele denomina de "patronagem" e que constitui o segundo fator do funcionamento de reescrituras dentro do sistema literário.

76 Lefevere deriva o termo "poéticas" no seu modelo, sem dúvida, de uma prática mais antiga de formalizar e documentar certas regras, válidas e/ou obrigatórias para a literatura de uma sociedade, em forma de livros. Essa prática foi particularmente comum nas épocas classicistas de diferentes literaturas, mas pode ser encontrada também em outros contextos.

Por patronagem, Lefevere (1985, p. 227s, 1992a, p. 11ss) entende pessoas, grupos de pessoas ou instituições (editores, a mídia, instituições religiosas, classes sociais etc.) que exercem um poder de controle sobre o sistema literário e cujos critérios de controle estão, segundo Lefevere, mais baseados em questões ideológicas do que em questões estéticas; assim, são três os componentes que determinam a forma e a influência dessa patronagem: questões ideológicas, fatores econômicos e questões de status. Por questões ideológicas Lefevere entende visões gerais de mundo dentro de uma sociedade, que guiam os comportamento das pessoas; os efeitos disso, argumenta Lefevere, podem ser identificados nos próprios textos - no caso de traduções, por exemplo, na forma de *shifts*, omissões e adições. Fatores econômicos e questões de status dizem mais respeito a condicionamentos ligados ao dia-a-dia dos tradutores – critérios como remuneração ou integração em um grupo social, com todos os seus hábitos – que, contudo, também podem ter efeitos nas reescrituras.

Determinada por esses componentes, a "patronagem" do modelo de Lefevere corresponde a um filtro que está relacionado com o contexto cultural, social e político de uma dada reescritura. A patronagem é histórica e geograficamente variável, relacionada ao lugar e ao contexto de cada época. Lefevere diferencia ainda entre patronagens diferenciadas e não-diferenciadas, as últimas como sinal de um sistema totalitário, no qual todos os componentes da patronagem provêm de uma única fonte, um patrono singular (Lefevere cita como exemplos reis absolutistas ou regimes totalitários). Uma característica de sociedades democráticas é, no entanto, um sistema de patronagem diferenciado, ou seja, um conjunto de patronos, e assim de interesses diferentes, que competem no sistema literário.⁷⁷

Para Lefevere, em todo tipo de reescritura de literatura ocorre pelo menos uma das cinco condicionantes, enquanto as outras são ao menos implícitas: "Todo o *reescrever* de

⁷⁷ A ideia de patronagem é expressa de um modo parecido por Hermans, que reflete sobre a tradução nos termos da teoria de sistemas e considera a tradução como um sistema próprio, enquanto aquilo que Lefevere chama de "patronagem" constitui um "sistema de clientes". Nesses termos, a tradução pode coexistir harmonicamente com os outros sistemas, maiores, como política, economia etc.; ela pode, contudo, também se chocar com eles quando os seus atos de comunicação não correspondem às "normas e expectativas": "O sistema de tradução pode produzir peculiaridades que um sistema-cliente percebe como ruído, como abusivo ou desagradável. Elas podem dizer respeito ao que constitui uma representação válida de um texto ou um texto bem formado, mas podem igualmente ser questões de ética e ideias normativas que dizem respeito ao que uma tradução pode ser e ao que tradutores devem fazer." (HERMANS, 2007b, p. 68).

literatura [...] ocorre sob pelo menos uma das condicionantes mencionadas, e implica as outras." (LEFEVERE, 1985, p. 233). Lefevere vê, assim, a crítica literária como definida predominantemente pelos próprios profissionais e pela patronagem, enquanto a tradução acontece sob a influência de todos os fatores discutidos acima. Essa constatação vale, a meu ver, quando por "tradução" se compreende o produto inteiro, ou seja, o livro publicado, com o texto traduzido e os diversos paratextos, como é o caso deste trabalho: esses diversos tipos de texto, contudo, são produzidos sob a predominância de fatores distintos. O texto traduzido em si está "condicionado" principalmente por questões de linguagem, os paratextos editoriais expressam mais fortemente as restrições da patronagem, enquanto os outros paratextos, dentro da publicação, são influenciados predominantemente por fatores dos próprios profissionais e poéticas.

No entanto, os outros fatores também influenciam a produção desses textos. Como afirma o próprio Lefevere, a distinção entre os fatores tem uma função mais analítica, já que todos eles compartilham, em um dado momento e em um dado lugar, os mesmos pressupostos culturais; no ato de ler e reescrever todos esses fatores colaboram conjuntamente. A diferenciação entre esses fatores permite, no entanto, uma comparação de diferentes tipos de reescrituras, como é o caso do presente trabalho: diferenças entre os modos de reescritura nos meios analisados aqui – crítica literária, tradução, paratexto – podem ser interpretadas como diferenças na influência dos fatores do modelo de Lefevere.

Diferenças diacrônicas dentro do mesmo tipo de reescritura também podem ser interpretadas desse modo – em diferentes períodos de tempo predominam, por um lado, diferentes fatores na produção literária, e, por outro lado, os fatores em si mudam; em períodos de governos totalitários, por exemplo, questões da ideologia predominam na produção literária e poderia se dizer que a patronagem exerce, nesses períodos, a maior influência, repercutindo nas poéticas⁷⁸ ou na língua.⁷⁹ No entanto, não é necessária uma determinada influência externa para que mudanças aconteçam. Poéticas mudam com o decorrer do tempo, a visão da literatura do início do século XX não é a mesma que a do início do século XXI, como mostram, por exemplo, os debates acerca dos cânones literários.

78 Um exemplo disso é o Realismo Socialista, a poética oficial da União Soviética, principalmente na época do stalinismo.

79 Mudanças na língua durante um regime totalitário, no caso o regime nacionalsocialista na Alemanha, foram documentadas por Victor Klemperer em *LTI*, cf. Klemperer (2007).

As abordagens discutidas acima – a teoria da recepção e o modelo de reescritura – apontam, assim para o encadeamento de fatores diversos e complexos na mediação de literatura: disposições individuais (também reflexos de processos de internalização de cultura) misturam-se com fatores sociais e institucionais, poéticas e questões de ideologia. O modelo que surge dessa discussão pode ser ainda ampliado por outros fatores,⁸⁰ sobretudo pela questão da influência do público na produção de reescrituras,⁸¹ ou seja, no caso das traduções, a consideração dos leitores na hora de compor um texto, um fator que não está explícito em ambas as abordagens discutidas acima, mas que é, a meu ver, importante em relação a traduções como produtos editoriais. O público visado por uma publicação não costuma ser evocado explicitamente; no entanto, tanto a natureza da publicação, quanto o perfil da editora⁸² fornecem frequentemente indícios acerca dos leitores a serem alcançados, um fator importante na interpretação dos textos da publicação.

80 Uma das críticas levantadas por Hermans contra o modelo de Lefevere é que os cinco fatores não captam a complexidade dos fenômenos que o modelo pretende descrever, cf. Hermans (1999, p. 124 ss).

81 A influência do público na composição de textos e outros artefatos culturais vem sendo estudada sob o conceito de "audience design". Para "audience design" em traduções cf. p. ex. Mason (2002).

82 Com base em informações sobre características de editoras, Joos (2008, p. 12) diferencia, por exemplo, entre editoras com um perfil "cultural" e editoras com um perfil "comercial". As diferenças entre esses dois tipos de editoras, que visam públicos diferentes, influenciam, para Joos, a escolha de textos a serem publicados e o modo da publicação desses textos.

2.2 Atitudes em traduções literárias

Os processos de recepção e de reescritura de traduções literárias foram definidos, acima, como atos de profissionais do sistema literário e caracterizados por diferentes fatores contextuais (psicológicos e sócio-históricos) tanto no ato de leitura, quanto no ato da produção do documento da recepção, nesse caso, a tradução publicada. Partindo dessa premissa, pressupôs-se que traços desses fatores contextuais são observáveis em documentos de recepção. São esses traços que a análise do corpus buscou: manifestações daqueles fatores contextuais nos diferentes textos nas traduções da *Judenbuche*, que documentam atitudes, pessoais e/ou institucionais, frente aos *motifs* judaicos. Assim, duas questões precisavam ser respondidas para que a análise pudesse ser feita: a questão se é possível detectar esse tipo de traços e, em caso afirmativo, como eles poderiam ser identificados. Uma possível resposta a essas duas questões foi encontrada nos trabalhos de Hermans, que sugere um modelo para a identificação da presença de tradutores e de suas atitudes em textos traduzidos, baseando-se no conceito de tradução como citação (cf. sobretudo HERMANS, 2007a).

2.2.1 Tradução como citação

Os conceitos da presença de atitudes e da voz do tradutor em traduções chocam-se com duas noções tradicionais sobre a tradução. Em primeiro lugar, esses dois conceitos chocam-se com a ideia de tradução como mediação direta e "fiel". A tradução costuma ser vista como uma reprodução de um discurso alheio sem intervenções semânticas por parte do tradutor. O tradutor é visto, segundo essa noção, como uma espécie de médium, um reproduzidor do texto original sem participação ativa na construção de sentidos no discurso reproduzido além da mediação dos sentidos do texto original. Essa noção é reforçada tanto pela forma como traduções costumam ser apresentadas ao público – com o nome do tradutor indicado de um modo discreto em relação ao nome do autor do original e às vezes em um lugar da publicação que não chama muito a atenção do leitor⁸³ –, quanto pelos críticos de traduções na imprensa, que costumam discutir traduções como o discurso e a voz do autor do original. Essa noção da tradução é, assim, contrária a noções da tradução discutidas acima.

83 Isso refere-se predominantemente a práticas editoriais mais antigas. Hoje o nome do tradutor de uma tradução literária costuma ser indicado na página de rosto da edição. Mas ainda hoje há publicações de traduções literárias nas quais o nome do tradutor é colocado apenas na página de verso da folha de rosto.

Em segundo lugar, o conceito de voz e de atitudes do tradutor na tradução choca-se, de um certo modo, com a ética de tradutores, principalmente no Ocidente. No pensamento ocidental sobre a tradução – que interessa aqui por causa da composição do corpus, constituído de traduções para idiomas ocidentais (cf. tópico 3.1.2) - o conceito de "fidelidade" ao original no processo da tradução sempre foi muito forte. Intervenções de tradutores no texto traduzido costumavam ser criticadas, o que encontrou a sua expressão talvez mais conhecida na concepção do tradutor como traidor, p. ex. em expressões como "traduttore – tradittore" ou "les belles infidèles". Deste pensamento decorre uma espécie de (auto)imposição, pelos próprios tradutores, da obrigação de ser "invisível" no texto traduzido e, junto com isso, a (auto)compreensão de tradutores como agentes invisíveis.

Em trabalhos recentes, principalmente no livro *The Conference of the Tongues*, Hermans argumenta contra ambas as noções. A sua argumentação parte da consideração da tradução como uma forma de citação:⁸⁴

Tradução enquanto recuperação e representação de um discurso anterior pode ser vista como uma forma de citação. Nessa perspectiva, o tradutor é um relator que simula, encena, reproduz o discurso relatado de um modo mimético. (HERMANS, 2007a, p. 74)

Segundo Hermans, o que as duas formas de discurso – tradução e citação – têm em comum é, em primeiro lugar, o ato de reprodução de um discurso alheio por um mediador: tanto a citação, quanto a tradução são reproduções de "discursos anteriores". Em segundo lugar, ambas as formas de discurso também têm em comum a noção geral, discutida acima, de que em ambos os casos se trata de uma reprodução imediata, literal e fiel do discurso do outro, uma reprodução mimética,⁸⁵ sem que o discurso reproduzido contenha traços da presença do seu reprodutor. Segundo essa noção corrente, para ambos os tipos de discurso valeria uma fórmula como: "Eu digo: x disse: 'zzz'" (cf. HERMANS, 2007a, p. 76), sendo que "'zzz'" representaria tanto o original de um texto traduzido quanto o original de uma citação, ambos aparentemente inalterados pelo processo da reprodução. Se assim fosse,

84 Como ele mesmo afirma, Hermans não é o único, nem o primeiro pesquisador na área dos Estudos da Tradução a considerar a tradução como citação; Hermans inclui uma ampla lista de referências a outros trabalhos sobre esse conceito (cf. HERMANS, 2007a, p. 65). A decisão de apoiar a análise deste corpus na abordagem de Hermans veio do fato de o modelo dele ter uma relação estreita com as questões centrais desta pesquisa, por abordar questões de atitudes de tradutores em face de textos sensíveis.

85 Hermans recorre à oposição da tradição aristotélica entre *mimesis* e *diegesis* na reprodução de discurso.

ambas as formas de reprodução de discurso seriam formas de discurso direto, que costuma ser caracterizado como reprodução literal ou mimética de um discurso alheio.

Contra isso, Hermans argumenta que toda a reprodução de discurso alheio, incluindo o discurso direto, contém aspectos tanto miméticos, quanto diegéticos, misturados em diferentes quantias, dependendo da situação. Assim, a tradução, apesar de sua aparência de um discurso direto ou mimético, contém sempre elementos da diegese, dentre os quais se incluem aspectos deícticos, a seletividade da representação e o fato de o discurso ser reproduzido em outra língua, ou seja, de ser reproduzido explicitamente nas palavras do agente da reprodução, o tradutor (cf. HERMANS, 2007a, p. 74s).

Assim, a reprodução aparentemente mimética de um texto original no texto traduzido sempre contém traços da atividade do agente reprodutor, o que Hermans chama de "diferentes formas de editoração do texto pelo tradutor". A presença de uma pessoa que reproduz um discurso alheio sempre significa uma multiplicação de vozes e perspectivas no texto, criando uma ambiguidade acerca da autoria desse texto. Essa ambiguidade põe em dúvida a noção da tradução como discurso direto. Hermans constata, portanto, que o discurso aparentemente direto no texto traduzido está, na verdade, misturado com elementos do discurso indireto:

Portanto, talvez seja melhor considerar a tradução como uma representação mimética, animada pela visão do tradutor e controlada, em um grau significativo, pelo tradutor. Assim, tradução torna-se uma forma de discurso direto afetado, ou infectado, pelo discurso indireto. [...] Sugiro uma imagem da tradução como discurso direto contaminado pelo discurso indireto, uma mistura impura de discursos direto e indireto, na qual participam várias vozes simultâneas. (HERMANS, 2007a, p. 75f)

Se o processo de tradução mistura aspectos de discurso direto (na sua forma exterior) com aspectos de discurso indireto (no seu procedimento), então o texto traduzido contém alguns traços da presença do tradutor. Essa presença – chamada por Hermans de "a voz do tradutor"⁸⁶ – e com ela as convicções e atitudes do tradutor, sempre encontram caminhos para entrar no discurso traduzido. O que a consideração da tradução como citação assim sugere é que as traduções podem ser lidas não apenas em relação ao conteúdo de um original, mas também em relação aos modos da representação desse original na tradução:

86 Um conceito usado por Hermans já em trabalhos anteriores ao livro citado, cf. Hermans (1996).

[...] traduções podem ser lidas não apenas em relação aos originais que elas representam, e não apenas pelo que elas dizem acerca daquilo que elas e seus originais dizem acerca das coisas exteriores a eles mesmos. Elas podem também ser lidas pelo que elas dizem sobre o seu modo individual de encenar um original [...]. (HERMANS, 2007b, p. 69)

A visão da tradução como citação permite, assim, relacionar a forma linguística das traduções às atitudes dos tradutores diante de um texto a ser traduzido. A questão que resulta disto é a de como identificar e interpretar a voz do tradutor dentro de um texto.

2.2.2 *Traduções ecoantes*

Hermans discute possibilidades de identificar atitudes de tradutores em relação ao texto por eles traduzido por meio do conceito de "tradução ecoante" ("echoic translation") (HERMANS, 2007a, p. 76), que ele elabora a partir de uma questão acerca do comportamento de tradutores em face de textos de cujo conteúdo eles discordam:

O que acontece quando tradutores traduzem textos dos quais eles fortemente discordam ou desaprovam, especialmente quando estão em jogo em valores ideológicos ou morais? (HERMANS, 2007a, p. 56)

Em busca de uma resposta a essa questão, Hermans analisou traduções de textos nas quais ficou evidente uma atitude dissociativa do tradutor em relação ao conteúdo traduzido. O interesse de Hermans estava focado em traduções

[...] que contêm algum tipo de evidências de um tradutor que intervém em um texto para marcar desaprovação ou reserva ou uma não-disposição a escrever o que poderia ter sido escrito se não houvesse um conflito de valores. (HERMANS, 2007a, p. 57f)

Os "conflitos de valores" que Hermans buscava observar eram conflitos entre a tradicional ética de tradutores de render um texto traduzido "fielmente" e sem deixar marcas da presença do tradutor, e o posicionamento do tradutor diante de um texto que lhe provocava reações emocionais e intelectuais.

Para a análise, Hermans escolheu traduções nas quais esse tipo de conflitos de valores ficou evidente mesmo sem a comparação entre o original e a tradução: a sua observação

concentrou-se em sinais explícitos do distanciamento, pelo tradutor, do conteúdo traduzido. Hermans buscava identificar sinais cujo intuito era marcar a separação entre aquilo que ele chama de "aspecto filológico" da tradução e o "aspecto ideológico", ou seja, sinais que indicavam que os tradutores buscavam, ao mesmo tempo, preservar a ética de render um texto fielmente (aspecto filológico), e marcar (suas próprias) atitudes em relação ao texto (aspecto ideológico) (cf. HERMANS, 2007a, p. 55).

Hermans observa dois tipos de marcos explícitos de distanciamento dos tradutores. Por um lado, ele discute sinais *em volta* do texto traduzido: os tradutores expressaram seu distanciamento por meio de diferentes tipos de emolduramento (*framing*) do texto traduzido, mediante diferentes tipos de paratextos como comentários, anotações, introduções, textos de capa etc. Por outro lado, Hermans discute sinais de distanciamento de tradutores *dentro* dos textos traduzidos: para expressar distanciamento diante de certos trechos, os tradutores optaram por sua não-tradução. No entanto, em vez de omitir os trechos, o que deixaria a sua presença apenas visível depois de uma comparação com o original da tradução, os tradutores deixaram-nos dentro do texto traduzido no idioma original (*code-switching*), mantendo-se, assim, "fiel" ao texto original.

A partir dessas observações, e baseando-se no conceito de "declaração ecoante" ("echoic utterance") de Sperber & Wilson (2004, p. 621s, apud HERMANS 2007, p. 77), Hermans define a "tradução ecoante" como uma tradução na qual a atitude crítica do tradutor diante do texto traduzido fica marcada e visível. Um tradutor que assume e deixa explícitas as suas atitudes críticas frente a um texto traduzido é um tradutor "ecoante":

Um tradutor ecoante, um tradutor com uma atitude, assume a responsabilidade pela opinião crítica que ele ou ela expressa [...] A responsabilidade traz consigo agência e *accountability*, e a consequência ética de que os tradutores são responsáveis pela atitude que eles expressam. (HERMANS, 2007a, p. 77s)

Ao contrário das noções tradicionais sobre a tradução discutidas acima, o fato de o tradutor deixar visível a sua presença no texto traduzido não é, assim, interpretado por Hermans como uma espécie de falha, mas, antes, como um ato de assumir posição em suas ações.

A argumentação sugere, assim, duas implicações: (1) na tradução existe um espaço para o tradutor expressar as suas próprias atitudes diante de um texto por ele traduzido; e (2) a noção da tradução como reprodução meramente mimética de um discurso está equivocada, ou seja, questões chamadas por Hermans de "ideológicas" sempre acompanham um processamento "filológico" do texto.⁸⁷ Contudo, Hermans também observa que atitudes ficam visíveis não apenas quando o tradutor *quer* ser explícito. As formas de editoração do texto no ato de reprodução podem ser mais ou menos explícitas, mais ou menos conscientes, mais ou menos visíveis (cf. HERMANS, 2007a, p. 83). Assim, o tradutor sempre deixa marcas da sua presença no seu texto. Essas marcas não precisam ser apenas negativas: a "tradução ecoante" dissociativa é apenas uma das formas possíveis de tradução enquanto citação. As atitudes do tradutor frente a um texto podem ser também positivas, ou o tradutor pode conscientemente optar por tentar deixar apenas poucos traços de sua subjetividade (cf. HERMANS, 2007a, p. 84). De qualquer maneira, porém, toda escolha de um tradutor aponta para algum tipo de atitude.

2.2.3 Atitudes nas traduções do corpus de pesquisa

A análise do corpus de pesquisa desta tese foi movida por uma indagação que mostra algumas semelhanças com a de Hermans: indagou-se o que acontece quando um texto "sensível"⁸⁸ é traduzido e publicado. Buscou-se, assim, observar se e em que maneira o caráter sensível do texto escolhido evocou reações por parte dos seus reescritores, quais foram essas reações, como essas reações, definidas aqui como "atitudes", ficaram visíveis nas traduções e como elas poderiam ser relacionadas com o contexto sócio-histórico das publicações.

No entanto, há algumas diferenças entre a abordagem de Hermans, discutida acima, e esta pesquisa. Em primeiro lugar, Hermans concentrou-se na análise das atitudes apenas dos tradutores, analisando as possíveis expressões de atitude de um tradutor diante de um dado texto. Assim, a investigação de Hermans está concentrada em textos traduzidos e naqueles paratextos que são de autoria do tradutor. A pesquisa feita aqui, por sua vez, olhou

87 Para outras abordagens das questões de tradução e ideologia cf., por exemplo, Krebs (2007), Billiani (2007) e Cunico (2007).

88 Por "sensível" entendi textos que possam causar os conflitos de valores dos quais trata Hermans. O texto escolhido para a análise, a *Judenbuche* causa, como foi discutido na análise da crítica literária (cf. tópico 1.2.3), tais conflitos de valores.

para traduções enquanto publicações: não apenas as atitudes dos tradutores foram analisadas, mas também as atitudes de outros agentes da produção do livro. O que se buscou foi a imagem do texto refletida na publicação como um todo.

Assim, embora as reflexões de Hermans sejam aplicáveis para este caso, e foram usadas como ponto de partida da análise feita aqui, já que as publicações analisadas foram edições de traduções, as suas propostas precisaram, contudo, ser ampliadas por reflexões que levaram em consideração a natureza da tradução enquanto publicação, considerada aqui como modo de mediação de literatura (cf. acima).

Traduções enquanto publicações são produtos de um coletivo de autores, que, nesta pesquisa, foi diferenciado com base no conceito de "identidades discursivas" (HERMANS, 2007b, p. 69), no sentido de papéis autorais que as pessoas assumem quando escrevem um texto e que podem ser considerados pontos de referência nesses textos. As três identidades discursivas identificadas nas publicações foram "tradutores", "comentaristas" e "editores". Por "tradutores", compreendi os autores dos textos traduzidos das publicações; por "comentaristas", autores de paratextos que emolduram, apresentam, comentam e interpretam, para o leitor, os textos traduzidos; por "editores", por fim, os representantes da editora que publicou uma dada tradução.

A diferenciação orientou-se pelos gêneros textuais⁸⁹ encontrados nas publicações. As publicações foram vistas como contendo três gêneros textuais: os textos traduzidos, os paratextos internos e os paratextos externos. Todos esses textos constituem diferentes formas de representação dos textos traduzidos⁹⁰ dentro das publicações, seguindo diferentes fins comunicativos. Em decorrência disso, os seus respectivos modos de representação do texto-base das publicações são distintos. Enquanto nos textos traduzidos é o discurso do autor do texto-base que é representado em uma dada língua, os paratextos internos comentam o texto – original ou traduzido – colocando-se, e colocando o leitor ao qual são direcionados, em uma posição de observador do texto-base. O modo de representação dos paratextos internos não é restringido do mesmo jeito pelo texto original quanto o são as traduções; antes, ele está baseado em outros procedimentos, como associações e conceitos

89 O conceito do "gênero textual" apoia-se aqui em Marcuschi (2010), que define os gêneros como formas textuais caracterizadas por certos padrões sociocomunicativos.

90 No corpus, há publicações que contêm apenas a tradução da *Judenbuche*, bem como antologias de traduções, cf. tópico 3.1.3.

estéticos. Os paratextos externos ou editoriais, por sua vez, têm como função central o apelo para o potencial comprador do livro; o seu modo de representação do texto-base, bastante livre, é definido principalmente pelos interesses da editora, comerciais ou outros.

Os autores das publicações do corpus assumiram, ocasionalmente, diferentes papéis nas publicações: em algumas edições, os "tradutores" assumem também a identidade discursiva de "comentaristas"; em outras, são os "editores" que assumem também o papel de "comentaristas". Partiu-se do pressuposto de que a identidade discursiva dos autores tem um impacto importante no modo de representação do texto original, ou seja, de que a relação de um tradutor com o texto traduzido é diferente quando ele age como tradutor e quando ele age como comentarista, o seu modo de ler o texto é diferente, e as restrições que influenciam o seu texto como uma reescritura são diferentes. Os fins comunicativos e o modo de representação do texto literário em uma reescritura foram fatores determinantes na análise das atitudes dos autores.

Em segundo lugar, Hermans baseou as suas reflexões em um grupo específico de textos e suas traduções. Como exemplos, Hermans usou traduções de textos que foram ou são notoriamente controversos em certas épocas e em certos contextos - os exemplos analisados por Hermans são as traduções das *1001 Noites* na época vitoriana e as traduções de *Mein Kampf*, de Hitler, desde a época da Segunda Guerra Mundial - podendo, assim, presumir a existência de atitudes dissociativas por parte dos tradutores. É a partir desses exemplos que ele elaborou o modelo da tradução ecoante:

Estou [...] apenas interessado em traduções que mostram algum tipo de evidência de um tradutor que intervém em um texto para marcar desaprovação ou reserva ou uma indisposição para escrever o que poderia ter sido escrito se não houvesse um conflito de valores. (HERMANS, 2007a, p. 57f)

Ambos os exemplos de Hermans, *1001 Noites* e *Mein Kampf*, são ou foram, além disso, considerados em certos momentos como textos-chave para a compreensão de certos fenômenos culturais: *1001 Noites* serviu no século XIX como uma das leituras-chave para a compreensão do mundo oriental, enquanto *Mein Kampf* foi escrito e lido como o texto-chave para a compreensão da ideologia nazista. Por princípio, as traduções desses textos, analisadas por Hermans, constituíam debates acerca dos conteúdos desses textos na cultura

alvo e a sua avaliação, por meio da tradução, nas culturas alvo fazia parte dessas reescrituras.

Assim, a indagação de Hermans estava direcionada mais às formas de atitudes do que para a questão *se* as atitudes podem ser encontradas na sua análise, já que os textos escolhidos permitiam esperar manifestações de atitudes dos tradutores. Nos paratextos, Hermans procurou expressões explícitas de posicionamento dos tradutores, enquanto na análise dos textos traduzidos, Hermans estava interessando em manifestações de atitudes visíveis sem a comparação com o original:

Eu deixarei de lado todos os casos nos quais apenas uma comparação com o original poderia identificar uma intervenção do tradutor. (HERMANS, 2007a, p. 58)

Nesses aspectos, este trabalho de pesquisa distanciou-se da análise feita por Hermans. O texto-base das publicações analisadas nesta pesquisa, *Die Judenbuche*, nunca foi um texto notória e permanentemente controverso, nem um texto-chave para compreensão de fenômenos culturais. É um breve texto ficcional que faz parte, desde o final do século XIX, do cânone literário alemão, com todas as atribuições de valor que essa participação traz consigo. Em certos momentos, os *motifs* judaicos nele contidos provocou manifestações de aprovação ou desaprovação por parte da crítica literária; no entanto, apenas recentemente, a partir dos anos 1990, a narrativa tornou-se objeto de uma controvérsia contínua por causa dos *motifs* judaicos. Contudo, não há até hoje unanimidade acerca do seu caráter "sensível".

Esta pesquisa partiu, assim, da constatação de que há um *potencial* de controvérsia em relação à *Judenbuche* (cf. tópico 1.3). A partir disso, buscou-se verificar, nas publicações analisadas, se o texto foi também considerado controverso nas traduções. Visto que se trata aqui de um texto literário, pressupôs-se, no entanto, que as suas traduções foram feitas com um intuito mais estético do que ideológico. Contou-se, portanto, com a possibilidade de que eventuais manifestações de atitudes frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* nos paratextos e textos traduzidos das publicações do corpus seriam mais implícitas. Assim, os textos traduzidos da *Judenbuche* foram comparados com o original da narrativa em busca de *shifts*, omissões, adaptações e outras possíveis manifestações de atitudes (para os detalhes do procedimento, cf. tópico 3.3.1). Nos paratextos, por sua vez, buscou-se

interpretar quaisquer menções aos *motifs* judaicos, avaliativas ou não, bem como a falta de menções, os "silêncios" acerca deles. Como afirma Hermans, atitudes implícitas são mais difíceis de identificar e interpretar; no entanto, até o silêncio pode ser uma forma de comunicação: "Mas silêncio pode também comunicar: ele pode comunicar uma inabilidade ou indisposição de traduzir." (HERMANS, 2007b, p. 70).

Por fim, as atitudes que Hermans buscou identificar foram exclusivamente atitudes distanciadoras, ou seja, reações de tradutores que, por razões pessoais ou outras, "discordam" do texto que estão traduzindo. Nesta pesquisa, todos os tipos de atitudes foram levadas em consideração. Como foi dito acima, atitudes não precisam ser necessariamente distanciadoras: dependendo do objeto ao qual se referem, do contexto no qual a sua formulação acontece,⁹¹ e da perspectiva do autor de um texto, baseada em diferentes critérios (estéticos, ideológicos, etc.), atitudes podem ser negativas, afirmativas ou tendendo a ser neutras. Considerando fatores como a diacronia e a multinacionalidade do corpus, ou seja, a multiplicidade de contextos culturais e sóciohistóricos das traduções, a ambiguidade dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, as variações de atitudes frente aos judeus no decorrer do século XX e o caráter geralmente controverso de temas judaicos, a análise do corpus estava aberta para diferentes tipos de posicionamentos.

91 Atitudes frente a certos fenômenos podem ser consistentes, ou seja, uma pessoa pode ter uma atitude coerente frente a um fenômeno, mas elas podem também ser ambivalentes, isto é, as atitudes de uma pessoa frente a um fenômeno podem mudar em decorrência de diferentes fatores: a pessoa pode mudar de atitude, ou ela mostra atitudes diferentes em relação a diferentes situações. Esse é frequentemente o caso, por exemplo, de preconceitos, uma questão que interessa aqui particularmente: enquanto conscientemente, uma pessoa pode se distanciar de qualquer atitude preconceitual (atitudes explícitas), inconscientemente o seu comportamento pode comprovar atitudes divergentes (atitudes implícitas). Sobre ambivalência de atitudes e preconceitos cf. por exemplo Devine (1989) e Dovidio et al. (2002).

3 As ferramentas da análise

A análise das traduções da *Judenbuche* visava a identificar atitudes dos diferentes agentes das reescrituras da narrativa no que diz respeito aos *motifs* judaicos. Para elaborar uma metodologia, o corpus de pesquisa foi compilado, definido e delimitado (cf. tópico 3.1). Como um problema metodológico à parte, mas que dizia respeito a todas as etapas de análise, foi considerada aqui a questão da heterogeneidade do corpus (cf. tópico 3.2). Com base nisso, os procedimentos de análise – ou seja, da identificação de atitudes nas traduções – foram definidos (cf. tópico 3.3). Por fim, no tópico 3.4, são estabelecidos os critérios da interpretação dos resultados.

3.1 O corpus de pesquisa

3.1.1 A composição do corpus

O corpus de análise é formado por 25 publicações que contêm textos traduzidos da narrativa *Die Judenbuche*, publicados entre 1913 e 2010 (cf. tabela 8 em Anexo). São traduções para dez idiomas; consideradas as variantes europeias e americanas dos idiomas inglês e espanhol como idiomas distintos, este número sobe para doze.⁹²

O corpus foi composto por meio de análises sistemáticas de catálogos de bibliotecas e da literatura crítica sobre a *Judenbuche*. Não há nenhuma lista bibliográfica completa ou pelo menos abrangente das traduções da narrativa. A mais abrangente bibliografia sobre Droste-Hülshoff, a bibliografia da edição crítica das obras da autora, lista, incluindo as suas continuações depois do fechamento da bibliografia da edição no ano 1980.⁹³ apenas algumas das traduções contidas neste corpus. Assim, a composição deste corpus baseia-se em uma análise de todos os meios bibliográficos acessíveis a esta pesquisa (catálogos de bibliotecas, diversas bibliografias, referências em obras críticas e outras publicações).⁹⁴

92 Neste trabalho, esta distinção será feita mais tarde, por exemplo no caso de diferenças lexicais decorrentes dessas diferenças geográficas e nacionais. Para os fins estatísticos, neste capítulo, os idiomas inglês e espanhol são considerados como uma unidade.

93 A bibliografia da edição crítica das obras de Droste-Hülshoff contém títulos até o ano 1980 (cf. HAVERBUSCH, 1983). Um complemento, cobrindo os anos 1980 até 2003, foi publicado por Jochen Grywatsch (cf. GRYWATSCH, 2005). A partir de 2003, a bibliografia está sendo continuada em forma de relatos anuais publicados online (cf. GRYWATSCH, 2010).

94 Quanto a bibliotecas, foram consultados catálogos de bibliotecas nacionais acessíveis pela internet. Muito útil para a pesquisa foi também o *Karlsruher Virtueller Katalog*, um meta-catálogo para bibliotecas nacionais, bibliotecas universitárias e outros catálogos bibliotecários e livreiros de vários

Como *Die Judenbuche* é um texto relativamente curto, suas traduções foram frequentemente publicadas em antologias de traduções de novelas ou contos alemães. A identificação da tradução da *Judenbuche* dentro dessas antologias foi possível especialmente por meio de referências explícitas nas obras de referência e nos catálogos bibliotecários consultados. Contudo, esse tipo de informação nem sempre é incluído em fichas bibliográficas, e assim é possível que haja mais antologias que contenham traduções da *Judenbuche*. O corpus não tem, assim, nenhuma pretensão à completude. Procurar por traduções antigas de um texto é, de certa forma, como seguir os traços da vida de um migrante, mesmo na era digital: muitos traços e caminhos se perdem ou ficam invisíveis.

No total, foram encontradas 31 traduções da *Judenbuche* (cf. o tópico As traduções da *Judenbuche* da Bibliografia). As seis traduções que foram excluídas da pesquisa são quatro traduções para o japonês,⁹⁵ uma tradução para o chinês⁹⁶ e uma tradução para o hebraico.⁹⁷ A exclusão foi motivada pela dificuldade em analisar essas publicações: a sua análise poderia ter sido feita apenas por meio da encomenda de traduções, para o português, dos textos traduzidos da *Judenbuche* e dos paratextos das publicações, algo que excederia o escopo desta pesquisa. A análise dessas traduções certamente teria sido interessante para o tema escolhido: as traduções japonesas e a chinesa, de contextos não-ocidentais, poderiam ter oferecido uma comparação ao corpus analisado, que consiste exclusivamente de textos de línguas e países que pertencem ao mundo ocidental. A análise da tradução hebraica, por sua vez, teria sido especialmente interessante no que diz respeito à recepção dos *motifs* judaicos, tema e foco desta pesquisa. No entanto, a ampliação do corpo de pesquisa terá que esperar por um momento posterior.⁹⁸

países [cf. <http://www.ubka.uni-karlsruhe.de/kvk.html>, último acesso 22/08/11]. Além das bibliografias específicas para Droste-Hülshoff (cf. nota de rodapé 93, acima), foi também consultado o *Gesamtverzeichnis der Übersetzungen deutschsprachiger Werke (GVÜ)*, um catálogo de traduções de textos literários alemães, que registrou traduções entre 1954 e 1990 (cf. GORZNY, 1992). Algumas das traduções foram identificadas por meio de referências ou em obras críticas (por exemplo, as duas traduções japonesas em Nagatani (2005); as duas traduções foram, porém, excluídas da pesquisa) ou nas próprias traduções, algumas das quais fazem esse tipo de referência.

95 As quatro traduções para o japonês são a tradução de Masaru Koguchi (DROSTE-HÜLSHOFF, 1941), a tradução de Fujio Nagano (DROSTE-HÜLSHOFF, 1949), a tradução de Eiichi Banshōya (DROSTE-HÜLSHOFF, 1953) e a tradução de Rakutyou Kyokku e Gorou Morimoto (DROSTE-HÜLSHOFF, 2007).

96 A tradução para chinês é de Jin Xiuli (DROSTE-HÜLSHOFF, 2008).

97 A tradução para o hebraico é de Leah Goldberg (DROSTE-HÜLSHOFF, 1970).

98 Contudo, apesar da exclusão das cinco traduções mencionadas da análise sistemática, na discussão dos resultados da análise do corpus foram comentados alguns aspectos dessas cinco traduções.

O acesso às publicações ocorreu de forma gradual, na dependência de diferentes fatores. Nenhuma delas foi encontrada em bibliotecas brasileiras. As traduções mais recentes do corpus – a partir dos anos 1990 – encontram-se em catálogos livheiros ativos no exterior e foram encomendadas. As traduções anteriores a 1990 foram ocasionalmente encontradas em catálogos de antiquários. Quando isso foi possível, a publicação foi comprada. As traduções restantes foram encontradas em diferentes bibliotecas, sobretudo na Alemanha. As traduções encontradas em bibliotecas alemãs foram acessadas durante uma estadia de pesquisa em Berlim,⁹⁹ por meio de empréstimos bibliotecários. Duas traduções do corpus foram encontradas apenas em bibliotecas dos próprios países onde haviam sido publicadas – a tradução tcheca, de 1938, na Biblioteca Nacional da República Tcheca,¹⁰⁰ e a tradução sueca, de 1966, na Biblioteca Real em Estocolmo¹⁰¹ – e foram obtidas por meio de serviços de cópias dessas bibliotecas. O corpus foi completado no início do ano de 2011.

3.1.2 Idiomas e lugares de publicação

Como já dito acima, as traduções da *Judenbuche* do corpus de pesquisa incluem textos em 10 idiomas, desconsideradas as diferenças regionais do espanhol e inglês; consideradas essas diferenças, são 12 idiomas (cf. tabela 8 em Anexo).¹⁰² Em relação à distribuição de traduções em cada idioma, as traduções do corpus apresentam o seguinte quadro:

99 De setembro de 2010 até fevereiro de 2011.

100 Národní knihovna České republiky [www.nkp.cz, último acesso: 13/09/11].

101 Kungliga biblioteket / Sveriges nationalbibliotek [www.kb.se, último acesso: 13/09/11]

102 No total de traduções identificadas, há mais três idiomas: o japonês, o chinês e o hebraico.

Ilustração 3: A distribuição dos idiomas no corpus de pesquisa

No quadro, diferenciou-se entre publicações e tradutores, visto que em alguns dos idiomas – no inglês e no húngaro – textos de um mesmo tradutor foram publicados em diferentes edições. O gráfico da distribuição dos idiomas mostra a predominância das traduções inglesas, no que diz respeito tanto ao número de publicações, quanto ao de tradutores. Foram consideradas em conjunto, no quadro, as traduções publicadas na Inglaterra e nos Estados Unidos.¹⁰³ Um número grande de publicações para o húngaro também foi encontrado - são cinco edições. Contudo, essas cinco publicações são reedições da mesma tradução, de Lőrinc Szabó, do ano 1941. Essa primeira tradução foi feita em uma época de aproximação da Hungria com o regime nazista na Alemanha (cf. sobre isso, com mais detalhes, o tópico 4.2.3.2). A tradução, revisada pelo próprio tradutor em 1957, encontrou aparentemente interesse e aprovação, por parte dos editores dos anos posteriores. Outros países com mais de uma tradução são Itália (três traduções) e Holanda (duas traduções); aqui, no entanto, o número de traduções corresponde ao número de tradutores. Há também duas traduções para a língua espanhola, aqui listadas em conjunto, como no caso das traduções para o inglês. Contudo, são traduções de países de língua espanhola diferentes, Argentina e Espanha. Nos idiomas restantes, foram encontradas uma tradução por respectivo idioma. Há uma certa frequência de traduções na região da Escandinávia,

¹⁰³ Não só porque se trata, aqui, do mesmo idioma com variantes regionais, mas também porque uma das traduções estadunidenses – de 1989 – reedita a tradução da *Judenbuche* feita em 1958 pelos tradutores ingleses Doris e Lionel Thomas.

onde a recepção da literatura alemã parece ser mais intensa. Chama a atenção a escassez de países do assim chamado Leste Europeu, com as exceções de uma tradução tcheca de 1938 e das traduções húngaras.

Assim, o quadro que se apresenta é o da difusão maior da narrativa em regiões e países historicamente ou (em certas épocas) politicamente próximos à Alemanha. Essa tendência poderia ser talvez interpretada como indicador dos fluxos de traduções predominantemente para regiões com mais proximidade, geográfica e cultural, com o país, cultura e língua de origem de um texto. A barreira a ser atravessada, nesses casos, é certamente menor do que em países que têm pouco contato com o país de origem de uma obra, ou que até se encontram em uma relação de oposição a este país (como exemplo, poderia ser mencionada a Polônia, um vizinho próximo, mas ao mesmo tempo muito distante por razões históricas).

Quase todas as traduções do corpus foram publicadas nos países em cujo idioma a tradução foi feita (cf. tabela 8 em Anexo). Há duas exceções: a tradução húngara de 1941 e a mais recente tradução inglesa, de 2010.¹⁰⁴ A tradução húngara de 1941 parece estar ligada a esforços por parte da Alemanha de disseminar a cultura alemã, representada por clássicos literários, em um país aliado na guerra: ela foi encomendada no âmbito de uma coleção de obras clássicas alemãs a serem traduzidas para o húngaro, como indica a carta de Lőrinc Szabó reproduzida na tradução húngara de 1995 (cf. 1995-hu, pp. 164-170)¹⁰⁵. As traduções dessa série foram publicadas em húngaro na Alemanha.¹⁰⁶ A publicação da tradução inglesa de 2010 parece estar ligada, com a intermediação de Jochen Grywatsch, às atividades da *Annette von Droste-Gesellschaft*, uma associação cujo objetivo é a pesquisa sobre a autora e a popularização de sua obra.¹⁰⁷ Assim, as duas traduções representam dois momentos de esforços para o fomento à disseminação da cultura alemã, porém com diferentes motivações: enquanto em 1941 a publicação da tradução da *Judenbuche* apontava para um gesto de expansão agressiva da Alemanha, a publicação da tradução inglesa na Alemanha

104 Uma terceira tradução, que se inclui nessas exceções, mas que foi excluída do corpus de pesquisa, é a tradução chinesa de 2008, publicada também na Alemanha.

105 As referências para as traduções do corpus são feitas por meio de siglas, listadas na tabela 13, no Anexo. As siglas são compostas do ano da publicação e da sigla do idioma de dada tradução. As informações bibliográficas de cada tradução encontram-se na Bibliografia deste trabalho (cf. o tópico "As traduções da *Judenbuche*") e na tabela 13.

106 A tradução da *Judenbuche* é o segundo volume da série, que alcançou ao todo três volumes. As outras duas traduções são Storm (1941), que constitui o primeiro volume da série, e Keller (1941), o terceiro volume.

107 Cf. Annette von Droste-Gesellschaft [<http://www.droste-gesellschaft.de/>, último acesso: 22/08/11].

na primeira década do atual século poderia ser talvez interpretada como uma tentativa de afirmação da cultura nacional em um ambiente globalizado.

3.1.3 Formatos editoriais

A seguir, são discutidos dois tipos de formatos de publicação que a meu ver são ilustrativos sobre alguns aspectos da reescritura da *Judenbuche* em traduções. Em primeiro lugar, é apresentada e discutida a distribuição de publicações monolíngues e bilíngues dentro do corpus de pesquisa. Em segundo lugar, é apresentada e discutida a distribuição dos formatos editoriais "publicação autônoma", "antologia" e "edição de obras" dentro do corpus.

A grande maioria das traduções do corpus foi publicada de forma monolíngue, ou seja, a *Judenbuche* é apresentada apenas na língua alvo. Ao mesmo tempo, todas as publicações indicam o nome do tradutor ou da tradutora (cf. tabela 8 em anexo), na grande maioria das vezes pelo menos na folha de rosto, em alguns casos também na capa do livro. Assim, e por meio de outros sinais paratextuais – por exemplo títulos de coleções ou indicações na capa de que se trata aqui de uma tradução - a narrativa é sempre apresentada ao público como um texto estrangeiro traduzido.

Apenas quatro das traduções do corpus foram publicadas de forma bilíngue: a tradução francesa de 1958, a tradução sueca de 1966, a tradução húngara de 1995 e a tradução italiana de 1998. A presença do texto original afirma com uma ênfase maior ainda o caráter estrangeiro do texto publicado.

Das traduções bilíngues, uma pertence ao gênero de publicações voltadas ao ensino da língua alemã, a saber, a tradução sueca de 1966, que faz parte da coleção *Den klassiska litteraturens mästerverk (Obras primas da literatura clássica)*, coleção essa voltada a um público jovem e a estudantes da língua alemã. A intenção didática da publicação fica visível na forma de apresentação do texto e nas indicações de vocábulos abaixo do texto. O texto é apresentado de um modo bastante peculiar: passagens do texto em sueco alternam-se com passagens em alemão, essas últimas destacadas em negrito. No pé da página são indicadas traduções de alguns vocábulos das passagens em alemão. A reprodução abaixo

mostra um par de páginas da edição sueca com a formatação descrita acima (o texto corresponde aos parágrafos 10 a14 da *Judenbuche*:

Ilustração 4: As páginas 82-83 da tradução sueca de 1966

A intenção didática é também indicada nos créditos da tradução nos anexos da página de rosto, que documentam uma redação pedagógica do texto. Além disso, o texto contém referências para material didático adicional (cf. 1966-sv, pp. 112 e 125).

A forma das outras três traduções bilíngues sugere que elas são voltadas mais a um público com conhecimentos de alemão, que lê o texto traduzido comparando-o com o original: não há apoios à leitura do original, como traduções do vocabulário, nem outros elementos didáticos. O texto original e o texto traduzido são contrapostos na publicação e ambos vêm acompanhados por um aparato paratextual de caráter mais acadêmico.

A tradução francesa faz parte de uma coletânea de traduções bilíngues de clássicos – *Collection bilingue des classiques étrangers* (Coleção bilíngue de clássicos estrangeiros)

- uma coleção da editora Aubier para textos clássicos ingleses e alemães.¹⁰⁸ A contracapa da tradução contém um catálogo de outras obras alemãs publicadas nessa coleção. A lista inclui obras literárias e filosóficas alemãs desde o barroco até o século XIX.

A edição húngara de 1995 também faz parte de uma coleção de livros bilíngues. O paratexto editorial na contracapa da publicação informa que essa é uma "coleção alemão-húngara" ("deutsch-ungarische Buchreihe") intitulada "Medaillon". A coleção é caracterizada como "ambiciosa" ("anspruchsvoll") e destinada a "amigos da literatura de expressão alemã" ("Literaturfreunde deutscher Zunge"). Além da *Judenbuche* em alemão e húngaro, a publicação traz um texto de um autor húngaro, com uma tradução para o alemão. O texto húngaro original é uma novela, *Szárnyas lovak*, cujo título é traduzido como *Geflügelte Pferde* (*Cavalos alados*). O autor, Miklós Mészöly (1921-2001) é considerado um representante da literatura pós-moderna na Hungria. Assim, a coleção foca tanto o intercâmbio linguístico – entre o alemão e o húngaro – quanto o intercâmbio temporal – entre o século XIX e o século XX – entre as duas culturas. Além dos dois textos literários, todos os paratextos da tradução também são traduzidos para o alemão.

A publicação italiana bilíngue de 1998, por fim, também contrapõe o texto alemão com o italiano. Aqui também a tradução está inserida dentro de uma coleção de clássicos alemães, intitulada *Gli Elfi – Collana di classici tedeschi* (*Os elfos – coleção de clássicos alemães*). O texto alemão segue o formato da edição da *Judenbuche* da edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a).¹⁰⁹ O texto italiano foi levemente modificado: a estrutura de parágrafos longos da *Judenbuche* é dissolvida, os diálogos são apresentados de uma forma separada. As mudanças apontam para uma intenção de modernizar o texto antigo para o público italiano contemporâneo.

No que diz respeito à publicação do texto em forma de edição autônoma ou em conjunto com outros textos, o corpus mostra bastante variação. As traduções do corpus da *Judenbuche* foram publicadas em três formatos: como publicações autônomas (ou seja, livros que contêm apenas a *Judenbuche*), como antologias e como edições de obras da

108 "Éditions Aubier-Montaigne é uma editora francesa fundada em Paris, em 1924, pelo romancista e jornalista Fernand Aubier. Desde então, ela especializou-se em editar obras filosóficas, teológicas e clássicos alemães e ingleses em edições bilíngues." [Éditions Aubier-Montaigne, in: *Wikipedia*, http://fr.wikipedia.org/wiki/Éditions_Aubier-Montaigne, último acesso 27/08/11]. Hoje em dia, essa casa editorial faz parte do grupo editorial francês Flammarion e a série bilíngue não é mais publicada.

109 A edição usada para a tradução é indicada nos peritextos da tradução.

autora. A distribuição entre publicações autônomas e conjuntos de textos (antologias e edições de obras) no corpus é equilibrada: são 13 publicações autônomas e 12 conjuntos de textos (cf. tabela 9 em anexo). A razão dessa variação pode ser o tamanho do texto, que excede a costumeira brevidade de um conto, sem chegar ao volume de um romance; no entanto, ele é longo o suficiente para permitir uma publicação monográfica. Além disso, a tradicional classificação genérica da *Judenbuche* como "novela" situa a narrativa numa zona limiar entre gêneros narrativos longos e curtos. O corpus de traduções mostra uma tendência à edição do texto em publicações autônomas na primeira metade do século XX (até 1958 são 7 publicações autônomas contra 4 antologias); a partir dos anos 1960 a distribuição é equilibrada (8 conjuntos de textos contra 7 publicações autônomas).

As edições de obras trazem, além da tradução da *Judenbuche*, traduções de outras obras da autora. No corpus de pesquisa, há apenas duas publicações deste tipo: a tradução espanhola de 1996 e a tradução para o inglês de 2010.¹¹⁰ A tradução espanhola contém o fragmento de romance *Ledwina (Ledwina)*, publicado postumamente, e a tradução inglesa, o fragmento *Westphälische Schilderungen aus Westphälischer Feder (Narrativas da Westfália por uma pena westfaliana)*, parte da inacabada obra etnográfica sobre a Westfália e único texto em prosa de Droste-Hülshoff, além da *Judenbuche*, que foi publicado durante a vida da autora. Ambas as edições apresentam Droste-Hülshoff como autora de obras em prosa; nenhuma delas contém traduções de sua obra lírica. Apesar de a poesia constituir a parte principal da obra literária de Droste-Hülshoff, as traduções do corpus transmitem, assim, uma imagem da autora como prosadora.¹¹¹

As antologias do corpus, ou seja, conjuntos de traduções de textos de diferentes autores, são compostas segundo diferentes critérios. Os critérios mais comuns são o critério temporal – *Judenbuche* e Droste-Hülshoff como representantes da literatura alemã do século XIX (o caso das traduções 1913-en, 1977-es e 1983-hu) – e o critério do gênero literário – *Judenbuche* como exemplo de conto alemão (1934-en, 1975-en e 1977-es), como exemplo de texto literário em prosa alemão (1957-hu e 1983-hu) ou como exemplo de

110 Dentre as traduções excluídas do corpus, há mais duas publicações de traduções de várias obras de Droste-Hülshoff: a tradução japonesa de 1949 e a tradução chinesa de 2008.

111 Diferentemente da tradução chinesa de 2008, também uma edição de obras, que traz traduções de prosa e lírica de Droste-Hülshoff. A obra lírica de Droste-Hülshoff foi frequentemente traduzida e publicada separadamente. Uma lista bastante abrangente encontra-se na bibliografia da edição histórico-crítica e suas continuações (para referências cf. nota de rodapé 93).

novela alemã (1989-en e 1997-en). Duas antologias são organizadas segundo o critério do "clássico literário": as traduções 1913-en e 1968-hu. Em alguns casos, as antologias aplicam, embora nem sempre explicitamente, o critério de um gênero temático de narrativa: a tradução 1923-nl agrupa exemplos de literatura regionalista, a tradução 1966-sv, contos de mistério, e a tradução 1975-en, contos góticos. Em um caso específico, *Die Judenbuche* é publicada em uma antologia organizada segundo o critério de uma época literária – como novela do Realismo, em 1989-en. Em quase todos os casos, a *Judenbuche* é publicada em conjunto com outros textos literários e em prosa. A única exceção é a tradução para o inglês de 1913, parte de uma edição enciclopédica de textos alemães,¹¹² que reúne diferentes gêneros literários e não-literários de vários autores entre a época do Classicismo até o início do século XX, considerados como clássicos da literatura alemã.

Com a exceção de uma antologia, a *Judenbuche* é sempre publicada em conjunto com outras traduções de textos alemães, ou seja, ela é apresentada no conjunto do cânone literário alemão. A exceção a essa regra é a já comentada tradução húngara de 1995, na qual se estabelece uma ligação entre a *Judenbuche* e uma narrativa húngara da segunda metade do século XX. Aqui, o critério da composição da antologia dos dois textos é o tema da narrativa, em ambos os casos um crime não resolvido.

A publicação da *Judenbuche* nessas antologias pode ser vista, assim, como indicativa da recepção da narrativa segundo os critérios gênero e localização temporal na história da literatura alemã. Como indicam os gêneros nos títulos das antologias – *short story*, conto, novela - a *Judenbuche* é recebida como uma narrativa ficcional curta. Ao mesmo tempo, a composição das antologias mostra que Droste-Hülshoff é vista como representante do cânone literário alemão do século XIX (cf. tabela 11 em anexo).

3.1.4 Textos traduzidos

Os textos traduzidos representam a forma mais imediata de reescritura da *Judenbuche*. A forma da apresentação desses textos e, em alguns aspectos, também o seu conteúdo dependem não apenas do tradutor, mas estão sujeitos a diferentes decisões editoriais. Intervenções tradutoriais e editoriais na forma e conteúdo dos textos, nem sempre

112 A coleção *The German Classics of Nineteenth and Twentieth Centuries. Masterpieces of German Literature* abrange 20 volumes de textos traduzidos, publicados entre 1913 e 1914 (cf. LEFEVERE, 1995, p. 41).

documentadas explicitamente, costumam ficar evidentes na comparação do texto traduzido com o original.¹¹³ A diferenciação entre intervenções editoriais e tradutoriais no conteúdo de uma tradução raramente é possível.¹¹⁴ As intervenções editoriais costumam ficar incorporadas no texto final publicado e não há como diferenciá-las das escolhas do tradutor.

A seguir, são discutidas intervenções formais encontradas nos textos traduzidos da *Judenbuche* nas traduções do corpus; a sua atribuição ao tradutor ou ao editor do texto fica em aberto.

Nas edições alemãs, *Die Judenbuche* costuma ser editada na forma trazida pela edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff, que, por sua vez, repete a forma das primeiras publicações do texto.¹¹⁵ Nelas, o texto da *Judenbuche* apresenta-se na forma de um texto único, sem divisão em capítulos propriamente ditos, mas com uma divisão do texto em duas partes (indicada por meio de uma linha entre os parágrafos 72 e 73). A aparência compacta do texto é reforçada pela sequência de parágrafos longos, que incorporam os diálogos entre os personagens. O texto em prosa é precedido por um poema introdutório. No interior do texto encontram-se, como elementos destacados, uma frase em hebraico e um outro poema.

Os textos traduzidos são reproduzidos desta mesma forma compacta em apenas 7 das 25 publicações analisadas: são as traduções 1934-it, 1938-cz, 1941-hu, 1979-no, 1984-nl, 1997-en e 2010-en. As outras traduções, incluindo as traduções bilíngues, reproduzem o texto traduzido dissolvendo a forma compacta: os parágrafos são divididos e os diálogos apresentados de forma separada, seguindo convenções mais contemporâneas da publicação de textos narrativos. Para ilustrar, reproduzo abaixo um par de páginas da edição bilíngue italiana de 1998:

113 O original de uma tradução pode ser indicado na publicação ou, no caso de edições bilíngues, reproduzido dentro da publicação. Em outros casos, ele precisa ser estabelecido de outra forma (para a definição do "original" nas traduções desta pesquisa que não o indicam veja tópico 3.3.1).

114 Informações como a "Lista de mudanças editoriais" contida na tradução húngara de 1995 (cf. 1995-hu, pp. 114-119) são raras em publicações.

115 Para detalhes da história editorial da *Judenbuche* cf. o tópico 2.1.

er. – »Was fehlt ihm?« – »Ach, Gott weiß es«, versetzte sie; »er ist schon um vier mit den Kühen heimgekommen, weil ihm so übel war.« – »Friedrich, Friedrich, antworte doch, soll ich zum Doktor?« – »Nein, nein«, ächzte er, »es ist nur Kolik, es wird schon besser.«

Er legte sich zurück; sein Gesicht zuckte krampfhaft vor Schmerz; dann kehrte die Farbe wieder. »Geht«, sagte er matt; »ich muß schlafen, dann geht's vorüber.« – »Frau Mergel«, sagte der Amtsschreiber ernst, »ist es gewiß, daß Friedrich um vier zu Hause kam und nicht wieder fortging?« – Sie sah ihn starr an. »Fragt jedes Kind auf der Straße. Und fortgehen? – wollte Gott, er könnte es!« – »Hat er Euch nichts von Brandes erzählt?« – »In Gottes Namen, ja, daß er ihn im Walde geschimpft und unsere Armut vorgeworfen hat, der Lump! – Doch Gott verzeih mir, er ist tot! Geht!« fuhr sie heftig fort; »seid Ihr gekommen, um ehrliche Leute zu beschimpfen? Geht!« – Sie wandte sich wieder zu ihrem Sohne; der Schreiber ging. »Friedrich, wie ist dir?« sagte die Mutter; »hast du wohl gehört? Schrecklich, schrecklich! ohne Beichte und Absolution!« – »Mutter, Mutter, um Gottes willen, laß mich schlafen, ich kann nicht mehr!«

In diesem Augenblick trat Johannes Niemand in die Kammer; dünn und lang wie eine Hopfenstange, aber zerlumpt und scheu, wie wir ihn vor fünf Jahren gesehen. Sein Gesicht war noch bleicher als gewöhnlich. »Friedrich«, stotterte er, »du sollst sogleich zum Ohm kommen; er hat Arbeit für dich; aber sogleich.« – Friedrich drehte sich gegen die Wand. »Ich komme nicht«, sagte er barsch, »ich bin krank.«

146

«Cosa ha?»

«Lo sa Dio», rispose Margret. «è tornato a casa con le mucche già stamattina alle quattro perché stava così male».

«Friedrich, Friedrich, su rispondi! Devo andare dal medico?»

«No, no», gemette, «è solo una colica, va già meglio».

Si coricò; il volto si contrasse in uno spasmo di dolore, poi gli ritornò il colorito.

«Andate», disse debolmente, «ho soltanto bisogno di dormire. Mi passerà».

«Signora Mergel», disse serio lo scrivano, «siete sicura che Friedrich sia tornato a casa alle quattro e dopo non sia andato via di nuovo?»

La donna lo fissò.

«Chiedete a tutti i ragazzi in strada. Andar via poi? – Magari avesse potuto!»

«Non vi ha raccontato niente di Brandis?»

«In nome di Dio, sì! Che lo ha insultato nel bosco e gli ha rinfacciato la nostra miseria, quel mascalzone!?! – Ma Dio mi perdoni, è morto! – Andate via di qua!» continuò con impeto, «siete venuto a offendere la gente per bene? Andatevene!»

Si voltò di nuovo verso il figlio; lo scrivevano se ne andò.

«Friedrich, come stai?» disse la madre, «hai sentito? Terribile, terribile! Senza confessione né assoluzione»⁴.

«Mamma, mamma, per l'amor di Dio lasciami dormire, non ne posso più!»

In quel mentre entrò nella camera Johannes Niemand; alto e sottile come un palo per il luppulo, ma sempre cencioso e impaurito come lo avevano visto cinque anni prima. Il suo viso era ancora più pallido del solito.

«Friedrich», balbettò, «devi venire subito dallo zio, ha del lavoro per te. Subito però!»

Friedrich si girò verso la parete.

«Non vengo», replicò bruscamente, «sono malato».

147

Ilustração 5: As páginas 146-147 da tradução italiana de 1998

Nas traduções, chama a atenção, portanto, a tendência para a dissolução do aspecto compacto do texto. Essa tendência pode ser vista como intenção de modernizar o texto, ou seja, de adequá-lo a convenções textuais mais contemporâneas. No entanto, a percepção, por parte do leitor, de que houve uma editoração do texto traduzido só é possível nas poucas publicações bilíngues que reproduzem o texto alemão compacto ao lado do texto traduzido "dissolvido" (as traduções 1958-fr, 1995-hu e 1998-it). Ao mesmo tempo, o destaque espacial também atribui ênfases distintas ao texto.

Três edições apresentam intervenções editoriais ainda mais significativas. Além da dissolução de parágrafos, essas três edições apresentam o texto traduzido com a estrutura textual subdividida.

Na tradução italiana de 1933, o texto traduzido da *Judenbuche* é dividido em quatro partes, que correspondem a unidades temáticas da narrativa. As partes são separadas por folhas brancas com números latinos, resultando na seguinte estrutura:

<i>Parte</i>	<i>Parágrafos correspondentes nas edições alemãs do texto</i>	<i>Unidade temática</i>
I	1-44	A infância de Friedrich Mergel
II	45-72	Os Jaquetas Azuis (assassinato de Brandis)
III	73-94	O casamento (assassinato de Aaron)
IV	95-117	Retorno de Johannes Niemand/Friedrich Mergel da escravidão turca

Tabela 1: Divisão do texto traduzido em capítulos na tradução italiana de 1933

A divisão entre os capítulos II e III corresponde à divisão indicada no texto original desde a publicação no *Morgenblatt für gebildete Leser*, que corresponde à divisão temática geral da narrativa, entre o quadro de costumes e a história criminal (cf. tópico 2.1). Para as outras subdivisões da edição italiana de 1933, também há indicações no texto alemão, embora não explícitas – o parágrafo 45 da *Judenbuche* introduz o bando criminoso denominado "os Jaquetas Azuis" e, com isso, a trama ligada à problemática do roubo de madeira, enquanto o parágrafo 95 inicia a narração do último segmento da trama, os eventos que ocorrem 28 anos depois do assassinato de Aaron. No entanto, a forma de subdivisão na tradução italiana é muito mais explícita do que no original.

Uma divisão em capítulos encontra-se também em uma outra tradução italiana, a tradução de 1987. Aqui, a narrativa é dividida em três partes, de novo indicadas com números latinos:

<i>Parte</i>	<i>Parágrafos correspondentes nas edições alemãs do texto</i>	<i>Unidade temática</i>
I	1-44	Infância de Friedrich Mergel
II	45-94	Jaquetas Azuis e casamento (idade adulta de Friedrich Mergel)
III	95-110	Retorno de Johannes Niemand / Friedrich Mergel da escravidão turca

Tabela 2: Divisão do texto traduzido em capítulos na tradução italiana de 1987

Enquanto a tradução italiana de 1933 preserva e explicita a divisão original da narrativa, adicionando duas subdivisões novas, a tradução italiana de 1987 subdivide o texto traduzido de forma nova. Ambas traduções separam, como unidades, a infância de

Friedrich Mergel e o retorno do escravo da Turquia para o vilarejo, mas a tradução italiana de 1987 junta toda a parte do texto que descreve a idade adulta de Friedrich Mergel, ignorando, assim, a divisão presente no texto alemão.

Além das duas edições italianas, mais uma publicação do corpus apresenta o texto traduzido com divisões editoriais, a saber, a tradução sueca de 1966. Aqui, o texto da *Judenbuche* é subdividido de forma ainda mais detalhada, em dez capítulos, intitulados numericamente como tais: *Första kapitelet* (*Capítulo primeiro*), *Andra kapitelet* (*Capítulo segundo*) etc. A tabela abaixo mostra a relação entre os capítulos da tradução sueca e as unidades temáticas na *Judenbuche*:

<i>Capítulo</i>	<i>Parágrafos no original alemão</i>	<i>Unidade temática</i>
Första kapitelet	1-9	Poema; introdução até o nascimento de Friedrich Mergel
Andra kapitelet	10-20	A morte de Hermann Mergel
Tredje kapitelet	21-42	Tio Simon e Johannes Niemand
Fjärde kapitelet	43-62	Adolescência de Friedrich Mergel, assassinato do guarda florestal Brandis
Femte kapitelet	63-72	Investigação do assassinato de Brandis, conversa com Simon
Sjätte kapitelet	73-84	Casamento, assassinato de Aaron
Sjunde kapitelet	85-91	Investigação do assassinato de Aaron, colocação da inscrição hebraica na faixa
Åttonde kapitelet	92-94	Fuga de Friedrich Mergel, carta do presidente do tribunal em P.
Nionde kapitelet	95-110	Retorno de Johannes Niemand / Friedrich Mergel da escravidão turca, narração da escravidão
Tionde kapitelet	111-117	Vida de Johannes Niemand / Friedrich Mergel no vilarejo B., morte na faixa

Tabela 3: Divisão do texto traduzido em capítulos na tradução sueca de 1966

A subdivisão do texto é muito mais detalhada do que nas edições italianas. A cesura original – entre os parágrafos 94 e 95 – é mantida; no entanto, o texto que a antecede é dividido em oito partes, e o texto que a sucede, em duas. O tamanho das partes varia consideravelmente – entre dez parágrafos no capítulo 3 e três parágrafos no capítulo 8 da tradução sueca. Tal como as outras subdivisões do texto, essa também abrange unidades

temáticas do texto da *Judenbuche*, mas a percepção de unidades temáticas é aqui muito mais detalhista do que nas edições italianas. A questão que se impõe é por que um texto relativamente curto como a *Judenbuche* é subdividido em tantas partes. A meu ver, essa divisão pode fazer parte da intenção didática da edição sueca (cf. tópico 3.1.3): possivelmente, a divisão do texto em partes pequenas serve a fins da criação de unidades delimitadas de estudo.

Nenhuma das três edições indica ao leitor que a intervenção editorial foi feita no processo da tradução e/ou editoração e que as divisões não fazem parte do texto original. Este fato tampouco é indicado nas edições que (apenas) dissolvem os parágrafos. Essa explicação não acontece nem nas edições bilíngues, nas quais a intervenção fica evidente graças à possibilidade do cotejo com o texto alemão. O tratamento relativamente livre do texto original aponta talvez para uma certa liberdade que tradutores e/ou editores sentem em relação a textos mais antigos. Contudo, essa liberdade no tratamento do texto da *Judenbuche* pode também ser indicativa da percepção da necessidade de modernizar um texto relativamente antigo e de facilitar a leitura para o público contemporâneo. Por fim, as intervenções correspondem possivelmente também a convenções editoriais dos respectivos países (ou das respectivas editoras).

As modificações descritas acima representam intervenções na forma do texto. Os textos traduzidos foram também analisados no que diz respeito a modificações substanciais em relação ao conteúdo, ou seja, cortes textuais ou omissões. O texto em prosa da *Judenbuche* não sofreu cortes nos textos traduzidos, com a exceção da tradução inglesa de 1934, que não reproduz a inscrição hebraica do parágrafo 91 (esse corte é discutido no tópico 4.1.3). Duas traduções – as traduções para o inglês de 1913 e 1934 – não reproduzem o poema inicial da *Judenbuche*. Salvo essas três exceções, o texto da *Judenbuche* é integral em todas as traduções.

Um outro elemento do texto parece ter sido tratado com mais liberdade em várias traduções, é o subtítulo da narrativa, *Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen* (*Um quadro de costumes da Westfália serrana*). Nove das 25 traduções do corpus não mencionam o subtítulo em nenhum lugar da publicação, ou seja, o texto traduzido traz apenas o título principal, *Judenbuche* (*A faia dos judeus*). São as traduções: 1913-en, 1934-en, 1938-cz, 1957-hu, 1966-sv, 1968-hu, 1977-es, 1983-hu e 1995-hu. Chama a atenção que

todas as reedições da tradução húngara de 1941 omitem o subtítulo, apesar de a tradução de 1941 o incluir. Outro fato digno de nota é que as traduções para o inglês de 1913 e 1934 também pertencem ao grupo – as duas que não reproduzem o poema inicial; a tradução de 1934 também contém o único corte no texto de prosa, como indicado acima. Parece, assim, que essas duas traduções deliberadamente deixaram de fora os elementos nas margens ou destacados do texto em prosa da *Judenbuche*, elementos esses também caracterizados pela necessidade de diagramação especial. Os cortes podem talvez indicar que elementos como o subtítulo, o poema inicial e até a inscrição hebraica no meio do texto foram considerados, em várias traduções, uma espécie de paratexto, que, nas palavras de Genette, constitui "um discurso fundamentalmente heterônimo, auxiliar, a serviço de outra coisa que constitui a sua razão de ser: o texto" (GENETTE, 2009, p. 17) e que, por isso, não seria necessariamente obrigatório.

O elemento paratextual principal da *Judenbuche*, o título principal, está, no entanto, presente em todas as edições e sempre traduzido literalmente (para a discussão disso cf. tópico 4.2.1).

3.1.5 *Peritextos das traduções*

A análise deste corpus não se limitou aos textos traduzidos da *Judenbuche*, abarcando também os peritextos das traduções. Peritextos são, na definição de Genette, um dos dois tipos de paratextos, cuja função nas publicações ele define da seguinte maneira: "o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público." (2009, p. 9) Em relação a suas formas, Genette define os paratextos, por um lado, como "um conjunto heteróclito de práticas e discursos", ou seja, textos no sentido amplo da palavra, e, por outro lado, como toda a "materialização" do livro, gráfica e fônica (cf. GENETTE, 2009, p. 10s). Assim, todos os aspectos materiais do livro e todos os elementos impressos dentro dele, que não sejam o próprio "texto", são para Genette paratextos, que ele divide em dois tipos: *peritextos* que seriam os elementos paratextuais dentro do livro e assim parte dele, textos no sentido amplo da palavra que se encontram em torno do texto, e *epitextos* que seriam os elementos paratextuais fora do livro, tais como conversas, cartas ou diários, que, de alguma forma, estão ligados ao texto de uma dada publicação (cf. GENETTE, 2009, p. 12). A

"obrigatoriedade" de paratextos em publicações tem, como observa Genette (2009, p. 11), "caráter irregular" e depende das convenções do mercado editorial de cada época. A análise deste trabalho focou apenas os peritextos das traduções, já que o acesso aos epitextos teria exigido estadias de pesquisa nos diferentes países das traduções.

O corpus de análise mostrou uma grande variedade e pouca regularidade no que diz respeito a peritextos. Dos diferentes tipos de peritextos da tipologia de Genette,¹¹⁶ aplicada aqui para organizar a variedade de textos encontrada e a sua análise, vários foram encontrados nas traduções do corpus, embora com diferentes frequências. Todas as traduções contêm peritextos convencionalmente "obrigatórios" para publicações dos séculos XX e XXI – informações sobre autor, título, editora, impressão etc. contidas nas capas e/ou na página de rosto e anexos. Em todas as traduções foram encontradas, além disso, peritextos opcionais do ponto de vista de convenções editoriais, embora com distribuição desequilibrada (entre um e vários peritextos).

Para a análise diferenciei entre três categorias de peritextos, apoiando-se na classificação de Genette (2009). Os critérios dessa categorização foram a autoria dos peritextos encontrados e/ou a sua função. Diferenciei, assim, na análise entre o título do texto traduzido, "peritextos editoriais" e "instâncias prefaciais". O título do texto traduzido é um peritexto que constitui um caso-limite entre texto e peritexto¹¹⁷ e é de autoria mista: os seus autores são, no caso da *Judenbuche*, Droste-Hülshoff, o tradutor de dada tradução e o editor que, em última instância, aprova ou não da escolha do tradutor. Peritextos editoriais, definidas por Genette como "toda a zona do peritexto que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez, de maneira mais abstrata porém com maior exatidão, da *edição*" (GENETTE, 2009, p. 21, grifo do autor), são aqueles peritextos que se encontram em lugares das publicações reservados para

116 Como o próprio Genette afirma, o seu estudo é um estudo basicamente sincrônico, um quadro geral do paratexto baseado em práticas editoriais predominantemente dos séculos XIX e XX. Os seus exemplos são quase exclusivamente obras literárias ou filosóficas na língua original. Isso define a sua "tipologia" de paratextos, que incluem basicamente tipos textuais encontrados nos gêneros textuais analisados por ele. Alguns dos tipos textuais não costumam ser aplicados em traduções – como dedicatórias ou epígrafes, tipos de texto estritamente ligados com uma instância autoral central que está ausente ou diluída nas traduções – e não foram encontrados no corpus. Por outro lado, Genette não considera tipos de textos como nota do tradutor, nem peritextos não-textuais, como ilustrações (chamados por ele de icônicos) ou aspectos materiais do livro (como tipografia). No entanto, a sua tipologia provou-se muito útil na organização dos peritextos das traduções deste corpus.

117 De um lado, o conceito "texto traduzido" compreende também os paratextos mais imediatos do texto original, de outro lado, contudo, o título do texto traduzido é com frequência definido pelos editores.

a comunicação entre editora e leitores e representam, assim, a imagem que a editora quer criar acerca do conteúdo publicado. Instâncias prefaciais, por fim, definido por Genette (2009, p. 145) como "[...] toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede", são textos, encontrados dentro das publicações, que não fazem parte do texto traduzido, constituem comentários acerca do texto traduzido e, embora estejam também sujeitos à aprovação editorial, expressam as opiniões dos comentaristas, que podem ser tanto os editores quanto tradutores ou outros colaboradores convidados.

A distribuição dos tipos de peritextos em relação ao corpus como um todo é desequilibrada. O título do texto traduzido é o único peritexto presente em todas as traduções. Dos "peritextos editoriais" foram encontrados – além da página de rosto e de seus anexos, padrão nas edições modernas - orelhas, textos de quarta capa, títulos de coleções, títulos das antologias ou edições de obras. Um outro tipo de peritexto que, embora registrado, não é discutido em detalhe por Genette, são os peritextos "icônicos" (2009, p. 7), neste caso, ilustrações da primeira capa, também consideradas por ele como peritextos editoriais.

As diferentes "instâncias prefaciais" abrangem tipos textuais como prefácio, posfácio, informações sobre a autora (em forma de texto ou tabela cronológica), gênese do texto traduzido, informações sobre as edições do texto original, nota do tradutor, bibliografia e uma lista de mudanças editoriais no texto traduzido. Em várias traduções, por fim, foram encontrados diferentes tipos de anotações, um gênero textual frequente em traduções e definido por Genette (2009, p. 281) como "um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento"; os tipos encontrados foram comentários¹¹⁸ e notas de rodapé. Seguindo Genette, as anotações foram consideradas um tipo textual da categoria "instância prefacial", apesar da sua proximidade ao texto traduzido.

Uma relação de todos os tipos de peritextos listados acima, organizada em relação às respectivas publicações encontra-se nas tabelas 9 e 10, no Anexo. A tabela a seguir resume

118 A diferença entre notas de rodapé e comentários é definida pela localização desses textos em relação ao texto traduzido: por notas de rodapé compreendo textos abaixo do texto traduzido, enquanto anotações / comentários são textos reproduzidos em um lugar separado do texto principal.

os tipos de peritextos presentes nas traduções, organizados segundo a tipologia de Genette, e mostra a sua frequência no corpus:

<i>Tipo de peritexto segundo Genette</i>	<i>Peritextos encontrados nas traduções</i>	<i>Número de traduções</i>
Título	título do texto traduzido	25
Peritexto editorial	textos de orelhas	1 (2) ¹¹⁹
	textos editoriais na quarta capa	10 (2)
	títulos de coleções	17
	títulos das publicações	25
	ilustrações da primeira capa	13 (2)
Instância prefacial	prefácios e/ou posfácios	20
	informações sobre a autora (texto ou tabela)	8
	gênese do texto traduzido	1
	informações sobre edições do texto usadas na tradução	1
	notas dos tradutores	5
	bibliografias	5
	listas de mudanças editoriais	1
	anotações	15

Tabela 4: Tipos textuais dos peritextos nas traduções do corpus

Os peritextos mais frequentes no corpus são, além do título do texto traduzido, os peritextos prefácio / posfácio, títulos de coleções, títulos de antologias, ilustrações da capa e anotações (juntando os tipos comentários e notas de rodapé). Dos outros tipos textuais, há números variáveis, alguns foram até encontrados apenas uma vez. Alguns dos tipos de peritextos, como textos de orelha ou títulos de antologia, dependem muito do formato da publicação. Surpreendeu, no entanto, o número pequeno de notas dos tradutores – apenas cinco traduções contêm esse tipo de texto, tão característico para o gênero de publicação da tradução.

¹¹⁹ Os números entre parênteses indicam o número de traduções, nas quais não foi possível estabelecer a existência ou não do dado tipo de peritexto. Em todos os três casos trata-se de peritextos da capa e a impossibilidade de acesso ao paratexto deu-se ou porque o exemplar da tradução era um exemplar de biblioteca, encadernado pela biblioteca e sem a capa original (p. ex. a tradução húngara de 1941), ou porque tive acesso à tradução apenas por meio de uma cópia do livro, enviada por uma biblioteca, sem cópias das capas (o caso da tradução tcheca de 1938).

A autoria¹²⁰ dos peritextos nas traduções do corpus nem sempre está indicada explicitamente. A maioria de peritextos é assinada: os autores dos textos da categoria "instância prefacial" são frequentemente indicados, os ilustradores costumam ser indicados na página de rosto ou nos seus anexos. A autoria de alguns dos tipos de peritextos pode ser atribuída mesmo sem a indicação explícita do autor na publicação: os peritextos editoriais podem ser atribuídos à editora, assim como os títulos de coleções e antologias. No entanto, há alguns casos de textos anônimos, cuja autoria não é claramente atribuível a algum dos agentes da publicação: é o caso, por exemplo, do prefácio e da tabela biográfica na tradução para o inglês de 1958, cujos autores não são indicados. Neste caso, os dois textos foram por mim atribuídos aos tradutores, Doris e Lionel Thomas, já que a publicação não indica outros colaboradores (cf. tabela 8, no Anexo) e esses tipos de textos são frequentemente redigidos pelos próprios tradutores. Em todos os casos de textos anônimos a autoria foi estabelecida, quando necessário, do mesmo modo: orientando-se pelas informações dentro da publicação sobre possíveis agentes e considerando-se convenções textuais.

3.2 As heterogeneidades do corpus

Na discussão acima, o corpus de pesquisa foi descrito como um conjunto de textos heterogêneo nos detalhes, mas homogêneo em princípio. A homogeneidade postulada baseou-se na convergência de todos os componentes do corpus em dois aspectos: todos os componentes são traduções publicadas e todos contêm uma versão traduzida da *Judenbuche*, de Annette von Droste-Hülshoff.

No entanto, o corpus é heterogêneo no que diz respeito a alguns aspectos que sugerem a pergunta acerca da comparabilidade das publicações: ele é composto por traduções de diferentes países, idiomas e períodos. É um corpus transnacional, multilíngue e diacrônico. Essas heterogeneidades sugeriram, na análise, questões metodológicas, duas das quais estavam ligadas com a própria análise e são abordadas abaixo: a questão da comparação de traduções provenientes de contextos culturais diferentes (transnacionalidade) e a questão sobre como lidar com a diversidade de idiomas (multilinguismo). A questão da diacronia,

120 Por "autoria" entendo aqui a responsabilidade assumida pelo texto na versão publicada – a assinatura, por assim dizer. Praticamente todos os textos de uma publicação passam por diferentes mãos antes de serem impressos – editores, revisores etc. A autoria no sentido estrito da palavra fica, assim, diluída.

central para a interpretação dos resultados da análise, é abordada mais abaixo, no tópico 3.4.

3.2.1 A comparabilidade das publicações

A natureza transnacional do corpus suscita questões acerca de pontos comuns e pontos divergentes dos textos em questão. Um ponto a ser considerado é o fato de as traduções do corpus provirem de contextos culturais diferentes. Uma questão ligada a esse problema e que se impôs neste trabalho é a questão acerca da especificidade cultural dos textos analisados, tanto dos textos traduzidos, quanto dos paratextos: a pergunta se os contextos culturais se sobrepõem a tipos textuais, ou seja, se o fato de textos pertencentes ao mesmo tipo textual, mas provenientes de diferentes contextos culturais, são comparáveis entre si, como o faz este trabalho (cf. FIX *et al.*, 2001).

A atitude assumida neste trabalho diante desse problema concorda, entre outros, com a argumentação de Warnke (2001), que relaciona a especificidade cultural de tipos textuais com a gênese desses tipos. Para Warnke, certos tipos textuais são encontrados em diferentes culturas¹²¹ como resultado de um intercâmbio cultural. Enquanto, dentro de cada cultura, esses tipos textuais desenvolvem propriedades chamadas por Warnke de intraculturais, esses tipos textuais mantêm pontos em comum pelo fato de diferentes culturas usarem um certo tipo textual para seguir os mesmos objetivos linguísticos. A comparabilidade de tipos textuais de diferentes contextos culturais é, para Warnke, dada pela mesma função pragmática desses textos nessas diferentes culturas (cf. WARNKE, 2001, p. 246).

Os textos no corpus de pesquisa são aqui vistos a partir desta perspectiva: são tipos textuais que encontraram uma difusão cultural na medida em que o mercado editorial se difundiu internacionalmente, seguindo os mesmos objetivos comunicativos em diferentes países. Esses tipos textuais adquiriram especificidades locais sem que isso tenha afetado as suas funções pragmáticas dentro das publicações. A comparabilidade dos textos é aqui baseada, assim, na comparabilidades das funções desses textos. Para os textos das traduções do corpus, pressupôs-se, nesta pesquisa, um contexto cultural baseado na

121 Embora Warnke defina cultura não por aspectos nacionais, ele aplica o conceito mais no sentido de uma nação, sem, contudo, deixar de problematizar isso (cf. WARNKE, 2001, p. 244).

natureza internacional do mercado editorial enquanto prática cultural.¹²² A análise incluiu, contudo, uma consideração de sub-contextos nacionais dentro dessa prática cultural, representados no corpus de pesquisa.

3.2.2 *O multilinguismo do corpus*

Um outro aspecto da heterogeneidade do corpus de pesquisa é a variedade de seus idiomas. Além do alemão do texto original, os textos do corpus (tanto os textos traduzidos, quanto os paratextos analisados) são escritos e publicados em dez idiomas.¹²³ Os idiomas do corpus, organizados aqui em grupos linguísticos, são: cinco idiomas germânicos: inglês, holandês, dinamarquês, sueco e norueguês; três idiomas românicos: espanhol, francês e italiano; um idioma eslavo: tcheco; e um idioma urálico: húngaro. A análise do corpus foi organizada e conduzida levando-se em consideração a dificuldade que resultava do fato de a autora deste trabalho estar familiarizada, em diferentes graus, com os respectivos idiomas do corpus.

Em todos os casos, a análise baseou-se no uso de dicionários, gramáticas e outras ferramentas de compreensão de línguas estrangeiras (em forma impressa e eletrônica); no entanto, a intensidade no uso das ferramentas e o seu número variaram conforme o grau de conhecimento de cada língua pela autora. As ferramentas foram acessadas em bibliotecas e pela internet e seu uso foi indicado na parte da apresentação dos resultados da análise desta tese, quando necessário. Ao usar dicionários e gramáticas, considerou-se, também, a diacronia deste corpus de pesquisa. Para a compreensão de passagens foi sempre considerado o ano de publicação do texto em questão, e buscou-se usar dicionários e gramáticas contemporâneos à publicação, indicando quando o seu uso não foi possível.

Uma outra ferramenta usada na análise foram softwares de tradução automática, acessados por meio da internet.¹²⁴ Eles foram aplicados principalmente na análise das publicações do corpus com cujo idioma eu não estava muito familiarizada, como por exemplo o húngaro ou o norueguês, e o seu uso visava a facilitar o processo de

122 Cf. sobre isso p. ex. Finkelstein (2009).

123 Ou, como já foi dito acima (cf. tópico 3.1.1), de doze idiomas, se se contar as variantes europeias e americanas do inglês e espanhol como idiomas distintos.

124 O principal software usado foi o *Google translate* [<http://translate.google.pt/>], que abrange todas as línguas do corpus. Porém, foram também consultadas outras ferramentas semelhantes, como, por exemplo, o tradutor online da *lingenio* [<http://www.translate.de/>]; a maioria deles abrange, contudo, apenas um número limitado de idiomas.

compreensão dos textos analisados. Essas ferramentas foram usadas com a consciência de todas as suas possibilidades e limitações. Todas essas ferramentas compartilham a limitação comum da tradução automática, caracterizada, acima de tudo, pela incapacidade de interpretar¹²⁵ o texto submetido à tradução.¹²⁶ Os tradutores automáticos decodificam de um modo relativamente mecânico as denotações das palavras das unidades textuais submetidas e aplicam, na produção do texto assim "traduzido", um número delimitado de regras gramaticais e textuais. Os textos produzidos pelos tradutores automáticos correspondem, assim, ao estado de "informação" de um dado software. Eles costumam ser caracterizados por erros semânticos, cujo número costuma aumentar na medida em que aumenta a complexidade do texto submetido a tradução.

Contudo, os tradutores automáticos são uma ferramenta bastante útil quando aquilo que se busca é um apoio na compreensão de textos, e não uma tradução. A capacidade desses softwares de reconstruir a estrutura e a semântica básicas de unidades textuais é, hoje em dia, bastante desenvolvida. A estrutura textual produzida pelo software de tradução automático - um texto em geral compreensível, mas confuso nos detalhes - pode ser aprimorada por meio de dicionários e gramáticas. Foi essa a estratégia de uso desses softwares neste trabalho: os textos produzidos por eles não foram considerados traduções, mas uma espécie de *working translations*: pontos de partida e estruturas de apoio para a tradução para os fins desta pesquisa.¹²⁷ Nos casos de problemas na compreensão dos textos analisados que não podiam ser resolvidos nem por meio de dicionários e gramáticas, nem mediante a ajuda de softwares de tradução automática, recorreu-se a ajuda de falantes nativos e/ou tradutores especializados no idioma em questão.

125 A palavra "interpretar" é usada aqui no sentido amplo – a interpretação de um texto no processo de tradução corresponde ao reconhecimento de conotações de palavras, consideração de vários fatores contextuais, e outras ações.

126 Essa limitação tem origens sistêmicas (os softwares são de diferente complexidade), mas é também causada pelo fato de o tradutor automático – pelo menos os tradutores automáticos acessíveis pela internet – "desconhecerem", por assim dizer, o contexto do texto a ser traduzido, e esse conhecimento não pode ser "compartilhado" com eles.

127 O uso de software de tradução automática assemelha-se à práticas de tradução "á quatro mãos", frequentemente usadas por autores que desejam traduzir textos para a sua língua, mas desconhecem ou conhecem apenas superficialmente a língua de partida. Nesses casos, recorre-se ao apoio de falantes nativos de língua da saída, que produzem uma estrutura textual, uma *working translation*, que é aprimorada, depois, pelo falante nativo da língua alvo. Um exemplo dessa prática encontra-se em Hughes (2007).

3.3 A análise do corpus: manifestações de atitudes

A análise das traduções visou a observar se os textos que as compõem – tanto os textos traduzidos, como os seus peritextos – evidenciavam manifestações de atitudes frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* e, se essas reações fossem evidentes, quais eram as atitudes expressas nessas evidências.

A análise partiu do pressuposto de que as evidências textuais – tanto nos paratextos, quanto nos textos traduzidos – poderiam ser interpretadas de dois modos básicos como atitudes dos autores dos textos aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*: elas poderiam ser interpretadas como atitudes de "abstenção de posição" ou como atitudes de "assunção de posição". O primeiro caso abrange todos os casos que não evidenciam um engajamento do dado autor com os *motifs* judaicos.¹²⁸ O segundo caso abrange, em contraposição, todas as incidências que evidenciam algum tipo de atitude diante dos *motifs* judaicos.

Enquanto os dois tipos de comportamento poderiam ser pressupostos em todos os gêneros textuais analisados, as formas de evidências desses dois comportamentos precisavam ser diferenciadas em relação aos diferentes tipos textuais, que correspondem a diferentes modos de recepção. Nesse sentido, a análise diferenciou entre dois grupos de textos: entre textos traduzidos, por um lado, e textos explicativo-argumentativos, encontrados nos paratextos – tanto os peritextos editoriais, quanto as instâncias prefaciais – das publicações do corpus, por outro lado. A seguir, descrevo os procedimentos de análises nesses dois grupos de tipos textuais.

3.3.1 A análise dos textos traduzidos

Partindo do pressuposto da presença do tradutor no texto traduzido segundo o modelo de Hermans (cf. tópico 1.2), a análise dos textos traduzidos visou a identificar indicadores de atitudes do tradutor em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Como indicado acima, dois tipos básicos de atitudes de tradutores foram esperados: abstenção ou assunção de posição.

128 Preferiu-se aqui a expressão "abstenção de posição" ao termo "neutralidade". Apesar de certas semelhanças conceituais, há pelo menos uma diferença significativa entre os dois termos: enquanto "neutralidade" implica uma atitude passiva, o termo "abstenção" implica uma certa intencionalidade e atitude ativa do autor do texto analisado. Isto corresponde mais aos conceitos de tradução e de recepção como ações intencionais, pressupostos aqui.

A análise baseou-se em uma comparação entre o original e o texto traduzido. Em um primeiro passo, foi definido o "original" da *Judenbuche*, que serviria como base para a comparação dos textos, pois, com poucas exceções, as traduções do corpus não informam a edição do texto alemão da *Judenbuche* usada no processo da tradução. Um original tinha que ser, assim, presumido como base da comparação. A falta das informações acerca do original da maioria das traduções analisadas constituiu, assim, um viés da análise: afirmações acerca de *shifts* podiam apenas ser feitas com base em um original pressuposto. A análise dos textos foi, assim, sempre feita com essa restrição em mente.

Como "original" foi presumido o texto que se costuma¹²⁹ encontrar nas edições da narrativa destinados a um público adulto.¹³⁰ Esse texto corresponde à primeira edição da *Judenbuche* que pode ser considerada autoral,¹³¹ embora, ao mesmo tempo, também tenha diferenças em relação a essa edição. A única forma de publicação em vida da autora da *Judenbuche* foi a publicação em folhetim, dentro da revista *Morgenblatt für gebildete Leser* da editora Cotta (DROSTE-HÜLSHOFF, 1842a). Durante a vida da autora, ocorreu ainda uma reprodução não licenciada em um outro folhetim, *Westfälischer Anzeiger* (DROSTE-HÜLSHOFF, 1842b). A publicação do texto no formato encontrado hoje, ou seja, na forma de um texto contínuo, aconteceu junto com a primeira publicação em forma de livro, que ocorreu apenas postumamente. A única edição autoral da narrativa é, assim, a edição em folhetim no *Morgenblatt*, tanto no que diz respeito ao texto da narrativa, quanto aos seus paratextos. A partir da primeira edição da narrativa em livro, o texto foi editado em forma contínua, juntando as subdivisões da publicação em folhetim e deixando de fora alguns dos paratextos daquela edição.¹³² Um elemento da edição no *Morgenblatt* que foi mantido, no

129 Segundo as experiências da autora desta tese, que teve acesso à várias edições do conto; por razões práticas, não foi possível fazer uma análise abrangente de todas as edições da *Judenbuche* publicadas.

130 Nas edições escolares, ou seja, destinadas à alunos de escolas alemãs, mudanças significativas do texto, principalmente abreviações, mas também adaptações lexicais e sintáticas, podem ser encontradas. Cf. para isso Fliedl (2004).

131 O termo autoral se refere aqui a uma edição que foi aprovada pela autora.

132 Os paratextos da primeira edição da narrativa são relacionados com a forma da publicação. A revista *Morgenblatt für gebildete Leser* era publicada diariamente, de segunda a sábado. Cada exemplar da revista trazia, na página inicial, o número da edição, o título da revista, a data da publicação (em formato dia da semana, dia, mês e ano) e uma epígrafe separada por barras tanto do título da revista, quanto do texto que se seguia. O conteúdo de cada edição era constituído de pelo menos duas publicações literárias em partes e uma coluna intitulada *Korrespondenz-Nachrichten*, ou textos de correspondentes, que traziam notícias culturais de diferentes lugares. Algumas edições foram ainda acompanhadas por um encarte chamado *Literaturblatt*. No final de cada edição havia um colofão com o nome da editora ("Verlag der J.G. Cotta'schen Buchhandlung") e o nome do editor responsável ("Verantwortlicher Redakteur"), nos números que continham a *Judenbuche* sempre assinado por Hermann Hauff. A determinação de que seria o paratexto da *Judenbuche* depende da sua definição (cf. HUGE, 1984, p.

entanto, é a formatação do texto em parágrafos longos.¹³³ A primeira edição em formato de livro aconteceu na inclusão da narrativa na antologia *Deutscher Novellenschatz*, editada por Paul Heyse e Hermann Kurz (DROSTE-HÜLSHOFF, 1876). A isso, seguiu-se a publicação na primeira edição das obras completas da autora, feita por Levin Schücking (DROSTE-HÜLSHOFF, 1878). As primeiras edições monográficas da narrativa iniciaram-se com a edição de Franz Hülskamp (DROSTE-HÜLSHOFF, 1882).¹³⁴ Em 1925, Karl Schulte-Kemminghausen publicou a primeira edição crítica da *Judenbuche* (DROSTE-HÜLSHOFF, 1925), seguida pela edição crítica das obras de Droste-Hülshoff (*Historisch-Kritische Ausgabe*, publicada entre 1978 e 2002). Ambas as edições críticas reproduzem o texto na forma publicada no *Deutscher Novellenschatz*. Essa publicação foi, portanto, determinante para a forma na qual a *Judenbuche* foi publicada mais tarde. No que diz respeito a questões do conteúdo, a *Judenbuche* costuma ser publicada sem intervenções editoriais, embora nem sempre.¹³⁵ Nas edições alemãs mais populares e recentes do texto, a ortografia costuma ser modernizada.¹³⁶

Uma comparação dos textos traduzidos nas publicações do corpus levou à constatação de que a forma integral da publicação da *Judenbuche* serviu como base para todas as traduções da narrativa.¹³⁷ Portanto, como base de comparação na análise do corpus foi usada aqui a edição da *Judenbuche* na edição histórico-crítica das obras da autora (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a). No entanto, a possibilidade do uso de uma edição divergente da edição crítica nas traduções que não indicam o original usado não pode ser descartada. Isso tem relevância para a análise dos textos traduzidos que se baseia

195). O paratexto constitui uma zona de transição entre o texto e o seu ambiente na publicação (cf. GENETTE, 2009, p. 9) e pode ser delimitado segundo a sua função em relação ao texto. Assim, nem todos os elementos da revista *Morgenblatt* precisam ser considerados como paratextos propriamente ditos da *Judenbuche*. O que diz respeito ao texto da narrativa são, sem dúvida, as indicações editoriais acerca dele mesmo (título, nome da autora), bem como as indicações da data e do lugar da publicação (título da revista, número, data da publicação). Os outros textos literários dentro de cada edição da revista, bem como a coluna das notícias de correspondentes, não têm relação funcional com a *Judenbuche*. Um caso à parte é constituído pelas epígrafes na página inicial de cada revista, algumas das quais parecem ser relacionadas particularmente com o episódio da *Judenbuche* publicado em dado número (cf. HUGE, 1984, p. 195). Nenhuma das publicações póstumas da *Judenbuche*, contudo, reproduz essas epígrafes.

133 Esse formato corresponde também ao último manuscrito da *Judenbuche* (cf. HUGE, 1984, p. 396–433).

134 A sequência desta história editorial é documentada em detalhes na bibliografia da mais recente edição crítica das obras de Droste-Hülshoff (cf. 1983). Sobre reimpressões da obra desde a sua primeira publicação cf. também GÖDDEN (1992).

135 Cf. Fliedl (2004).

136 Por exemplo na edição de Reinhold Schneider (DROSTE-HÜLSHOFF, 1948).

137 Mesmo aquelas que introduzem subdivisões no texto, cf. tópico 3.1.4 acima.

predominantemente em observações de *shifts* semânticos no texto traduzido, discutidos abaixo, cuja constatação requer uma comparação com o original. Para viabilizar a pesquisa, contudo, a análise foi feita com a consciência do caráter pragmático da decisão.

A análise dos textos traduzidos foi feita em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, cuja manifestação textual é discutida no tópico 2.2.

Para a análise, os seguintes aspectos do texto foram considerados:

1. o texto na íntegra;
2. a inscrição hebraica (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 91);
3. frases consideradas sensíveis em dois trechos do texto: (1) na conversa entre Margreth e Friedrich (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18), e (2) na briga entre Friedrich e Aaron no casamento camponês (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80);
4. dois fenômenos no nível lexical: (1) os termos "Jude" (e suas variantes), "Israeliten" e "hebräisch" no texto inteiro e (2) os apelidos "Wucherjoel" e "Lumpenmoises" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 90 e 93).

Os dois primeiros aspectos na lista foram analisados no que diz respeito a atos de editoração no processo de tradução. Na análise do texto na íntegra, observou-se se houve, nos textos traduzidos, cortes, omissões ou outros tipos de intervenções editoriais nas passagens com *motifs* judaicos. Cortes e omissões são um método de censura radical em um texto¹³⁸ e costumam ser uma forma de supressão de conteúdos indesejados e/ou sensíveis, expressando, assim, uma atitude dissociativa de um editor¹³⁹ frente ao texto editado. O texto é, assim, silenciado por meio dos cortes. Outros tipos de intervenções editoriais são, por exemplo, resumos de passagens do texto e mudanças na sequência do

138 Essa forma de censura foi frequentemente aplicada para textos considerados inadequados, por exemplo no caso de *Lady Chatterley's Lover* de D.H. Lawrence. Traduções também foram frequentemente sujeitas a essa forma de censura. Hermans (2007a) cita, por exemplo, as traduções de *1001 Noites* na época vitoriana na Inglaterra. Para outros exemplos cf, também Bachleitner e Wolf (2010) ou Billiani (2007).

139 Por "editor" entendo aqui todas as pessoas no processo da publicação de um texto que podem exercer uma influência na forma do texto: o tradutor, o revisor, o editor propriamente dito, etc.

texto. Esse tipo de intervenções também demonstra posicionamento, por parte dos editores do texto, em relação ao conteúdo.

A análise da inscrição hebraica na *Judenbuche* (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 91) também visou a investigar aspectos de editoração. O intuito foi observar o tratamento deste elemento quase-gráfico – na percepção de um leitor que não lê o alfabeto hebraico – nos textos traduzidos: observou-se se a inscrição foi mantida no texto e, em caso positivo, se ela foi mantida de forma original e se ela foi comentada. A inscrição hebraica remete, de um modo muito plástico, ao judaísmo na *Judenbuche*; intervenções neste elemento, como as descritas acima, apontariam, a meu ver, para atitudes dos tradutores.

A análise dos dois outros aspectos da lista acima, de frases sensíveis em trechos da *Judenbuche* e de aspectos lexicais, foi uma análise linguística. Os elementos escolhidos pertencem todos ao grupo de aspectos da *Judenbuche* caracterizados por ambiguidade semântica e relacionados a estereótipos e preconceitos antijudaicos. Foram escolhidos unidades breves do texto original: frases e palavras. As razões da escolha de segmentos breves são pragmáticas. Por um lado, a escolha se deu em vista da transacionalidade do corpus – o número grande de idiomas do corpus permitiu uma análise aprofundada apenas de trechos curtos (sobre a transnacionalidade cf. tópico 3.2.2). Por outro lado, justamente esses segmentos pequenos fazem parte dos aspectos apontados com frequência, em trabalhos críticos sobre a *Judenbuche*, como argumentos na discussão acerca da natureza antissemita da narrativa.

O grupo lexical "Jude" / "Israeliten" / "hebräisch" foi analisado por diferentes razões. Todas as três palavras são semelhantes na sua referência ao judaísmo, embora elas sejam etimológica e semanticamente diferentes. O gentílico "Jude" e os seus variantes morfológicos ("jüdisch", "Jüdin", etc.), derivada da denominação hebraica para o povo judaico,¹⁴⁰ refere-se a membros do povo judaico e a fenômenos ligados à cultura judaica. Ela vem sendo usada nesse sentido tanto na época da gênese da *Judenbuche* quanto hoje. A palavra "Israeliten", usada apenas uma vez na narrativa (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33; § 90), refere-se, na *Judenbuche*, a membros mais distintos da comunidade judaica (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1999, p. 51); a palavra caiu em desuso neste sentido e vem sendo usada hoje apenas em contextos bíblicos para membros do povo Israel, no sentido do

140 Cf. o verbete "Jude" no *Duden Universalwörterbuch* (7ª edição, de 2011).

Antigo Testamento.¹⁴¹ O adjetivo "hebräisch", que também aparece apenas uma vez (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 116) e representa o único adjetivo do campo semântico judaico na *Judenbuche* (o adjetivo "jüdisch" não aparece nenhuma vez), mantém até hoje o significado de fenômenos relacionados com o povo bíblico dos hebreus.¹⁴² Na *Judenbuche*, o adjetivo é usado para caracterizar o alfabeto usado para a inscrição hebraica no texto. Uma das razões para a análise deste grupo de palavras foi justamente essa variação lexical no que diz respeito a fenômenos relacionados. Buscou-se analisar se a variação foi mantida nos textos traduzidos do corpus ou se houve modificações ou *shifts*.¹⁴³

Uma atenção especial foi dada ao gentílico "Jude" e seus variantes. Ele ocorre na *Judenbuche* 23 vezes, incluindo o título. A maioria das ocorrências é isolada, mas há também ocorrências associadas a um atributo (por exemplo "der verfluchte Jude", DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18) ou em forma de um atributo (nesse sentido, sempre como especificação da filiação etnográfica de um personagem, por exemplo "der Jude Aaron"). Há uma ocorrência na forma feminina, e algumas ocorrências como palavra-atributo dentro de uma palavra composta. A tabela abaixo lista e organiza todas as ocorrências, mostrando a forma na qual a palavra aparece no texto, especificando o seu enunciador e indicando a sua referência no texto:

<i>Tipo de ocorrência</i>	<i>Forma do gentílico no texto</i>	<i>Enunciador</i>	<i>Referência</i>
isolada	die Juden (p. 8; § 18) ¹⁴⁴	Margreth	o povo judaico
	der Jude (p. 28; § 80)	narrador	Aaron
	den Juden (p. 28; § 80)	convidados do casamento	Aaron
	des Juden (p. 30; § 84)	narrador (focalização: mulher de Aaron)	Aaron
	die Juden (p. 33; § 90)	narrador	a comunidade judaica em L.
	Juden (p. 33; § 90)	narrador	a comunidade judaica em L.

141 Cf. o verbete "Israelit" no *Duden Universalwörterbuch* (7ª edição, de 2011).

142 Cf. o verbete "hebräisch" no *Duden Universalwörterbuch* (7ª edição, de 2011).

143 A análise levou em consideração a questão da existência da mesma variação lexical nas respectivas línguas do corpus.

144 Os localizadores referem-se às páginas da edição crítica da *Judenbuche* e de minha tradução em anexo. Cf. para mais detalhes a nota de rodapé 16.

<i>Tipo de ocorrência</i>	<i>Forma do gentílico no texto</i>	<i>Enunciador</i>	<i>Referência</i>
	unter den Juden (p. 33; § 90)	narrador	a comunidade judaica em L.
	Juden (p. 34; §90)	narrador	a comunidade judaica em L.
	den Juden (p. 34; § 93)	presidente do tribunal em P.	Aaron
	den Juden (p. 37; § 102)	narrador (focalização: habitantes do vilarejo B.)	Aaron
variante feminina	der Jüdin (p. 31; § 84)	narrador	a mulher de Aaron
com atributo	der verfluchte Jude (p. 8; § 18)	Margreth	Aaron
	der Hund von einem Juden (p. 34; § 93)	presidente do tribunal em P.	Lumpenmoises
na forma de atributo	der Jude Aaron (p. 28; § 79)	Hülsmeier	Aaron
	der Jude Aaron (p. 29; § 80)	narrador	Aaron
	des Juden Aaron (p. 30; § 83)	narrador	Aaron
	der Jude Aaron (p. 30; § 84)	narrador	Aaron
	beim Juden Salomon (p. 31; § 84)	narrador (focalização: mulher de Aaron)	Salomon
em palavras compostas	<i>Judenbuche</i> (pp. 1, 33 e 42; § 1, 90 e 114)	duas vezes narrador e uma vez narrador (focalização: jovem Brandis)	a faia
	die Judenfrau (p. 34; § 92)	narrador	a mulher de Aaron
	die Judenschrift (p. 41; § 114)	narrador (focalização: jovem Brandis)	inscrição hebraica

Tabela 5: Ocorrência do gentílico "Jude" e seus variantes no texto original

Alguns aspectos chamam a atenção. Como enunciador, predomina o narrador, na maioria das vezes falando como ele mesmo e em alguns casos focalizando um personagem.

Quando o narrador se refere a qualquer personagem ou grupo judaico, ele quase sempre¹⁴⁵ usa o gentílico "Jude", isolado ou como atributo. Aaron, por exemplo, nunca é mencionado, pelo narrador, apenas pelo seu nome, mas ele é sempre referido na narrativa como "der Jude" ou "der Jude Aaron". No discurso da *Judenbuche* os personagens judaicos são, assim, marcados por meio do uso da palavra "Jude" em suas variantes, enquanto em relação aos outros personagens o narrador não usa nenhum tipo de atributo. Os personagens judeus são, assim, marcados como membros de uma comunidade, na *Judenbuche* definida em termos religiosos e culturais, como diferente da comunidade supostamente homogênea na qual eles estão inseridos. O uso do gentílico "Jude" dá, assim, expressão à uma visão na qual os judeus são um elemento especial na sociedade rural Westfaliana: eles são um "Outro".

A frequência do gentílico "Jude" na *Judenbuche* já foi criticada como um elemento discursivo que marca e afirma a diferença entre "nós", os cristãos, e "eles", os judeus, que são assim marcados como um "Outro" na narrativa (cf. DOERR, 1994). Hartzitz (1996) mostrou, além disso, que palavras compostas, com a palavra-atributo "Jude-" (na *Judenbuche* presentes em palavras como "Judenfrau" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 92) ou "Judenschrift" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 41; § 114), por razões históricas frequentemente têm, para além da denotação descritiva, uma conotação pejorativa. A palavra "Jude" adquiriu, por fim, desde 1945 na Alemanha uma espécie de eco conotativo¹⁴⁶ que remete à história alemã recente e que faz, por exemplo, com que pessoas costumem baixar a voz quando usam a palavra, como se quisessem diminuir esse eco. Buscou-se verificar se os tradutores das publicações do corpus compartilham essas sensibilidades.

A análise das traduções dos apelidos "Wucherjoel" e "Lumpenmoises" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33 e 34; § 90 e 93) buscou verificar se os tradutores deixavam marcada uma percepção do caráter estereotipante dos apelidos e, nos casos positivos, de

145 A única exceção é a referência a Salomon no parágrafo 84, no qual ele é chamado, pelo narrador, que aqui focaliza a mulher de Aaron, como "Schlächter Salomon".

146 Trata-se aqui de uma espécie de incômodo, que até entrou aos dicionários, cf. a anotação ao verbo *Jude* no *Duden Universalwörterbuch* (7ª edição, de 2011): "Gelegentlich wird die Bezeichnung *Jude*, *Jüdin* wegen der Erinnerung an den nationalsozialistischen Sprachgebrauch als diskriminierend empfunden. In diesen Fällen werden dann meist Formulierungen wie *jüdische Menschen*, *jüdische Mitbürgerinnen und Mitbürger* oder *Menschen jüdischen Glaubens* gewählt." A anotação remete para questões do uso "politicamente correto" de linguagem; ao mesmo tempo, contudo, ela reflete um mal-estar real acerca do uso dessas palavras.

que modo essa percepção foi marcada nas traduções. Ambos os apelidos são formados por palavras compostas, cuja base é, respectivamente, um primeiro nome judaico – Joel e Moises – enquanto o atributo das duas palavras caracteriza os personagens de um jeito depreciativo – Joel como usurário, um estereótipo antigo contra judeus, e Moises como membro dos mais baixos estratos sociais.¹⁴⁷ Ambos os apelidos serviram como argumentos em críticas literárias da *Judenbuche* que atribuíram um caráter antissemita ao conto. Os apelidos foram, portanto, considerados elementos que contribuem para a sensibilidade da narrativa nos olhos de seus leitores.

Nos dois trechos escolhidos, a atenção foi dada, respectivamente, a um conjunto de frases considerado sensível por indicar atitudes antijudaicas do personagem que a emite. As frases foram interpretadas como elementos ora claramente antijudaicos, ora ambíguos por aqueles críticos literários que atribuem à *Judenbuche* um caráter antissemita. As frases expressam em ambos os trechos sentimentos antijudaicos de personagens da narrativa. No primeiro trecho, Margreth expressa suspeitas contra judeus, as quais fazem parte do cânone de estereótipos antijudaicos:

"Hat er dem Aaron Geld genommen, so hat ihn der verfluchte Jude gewiß zuvor darum betrogen. Hülsmeier ist ein ordentlicher, angesessener Mann, und die Juden sind alle Schelme." (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18)

*"Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego dele antes. Hülsmeier é um homem decente e estabelecido, e os judeus são todos embusteiros."*¹⁴⁸

A suspeita contida nestas duas frases é a de que os judeus são gananciosos e enganadores, o que, por sua vez, é fundamentado com a afirmação de que judeus não pertencem ao lugar em que moram, afirmação essa expressa na contraposição com

147 Em palavras compostas, o atributo "Lumpen-" tem sempre uma dimensão depreciativa e aponta para estratos baixos da sociedade, cf. *Lumpenproletariat*, *Lumpengesindel*, etc. O *Deutsches Wörterbuch* de Jakob e Wilhelm Grimm registra várias palavras compostas com esse atributo, sempre com uma conotação depreciativa.

148 As traduções dos trechos da *Judenbuche* foram retiradas da minha tradução da narrativa, preparada durante a pesquisa para o mestrado (cf. Introdução). As indicações de parágrafos junto ao trecho em alemão remetem para a minha tradução, anexada a esse trabalho. Ocasionalmente, os trechos foram levemente modificados: a tradução para o mestrado, apesar da estratégia geral "retrospectiva" (cf. VERMEER, 1990) ou "documental" (cf. NORD, 1997, p. 53) de traduzir, havia levado em consideração o caráter estético do original, aplicando considerações estilísticas ao texto traduzido. Nesta pesquisa, o interesse estava voltado para o teor exato dos trechos. Assim, procurei fazer traduções o mais literal possível, no sentido definido por Nord (1997, p. 56).

Hülsmeier, que seria uma pessoa "estabelecida", enquanto os judeus seriam considerados não-locais. A atitude de Margreth é intensificada ainda pela escolha lexical nas duas frases. Aaron é caracterizado como "der verfluchte Jude", enquanto a suspeita geral levantada contra os judeus é a de que eles são todos "Schelme". A palavra "Jude" havia adquirido, desde o século XVII, uma conotação negativa;¹⁴⁹ a expressão citada acima, acrescentada pelo adjetivo depreciativo "verfluchte", expressa, portanto, um forte sentimento antijudaico. O uso da palavra "Schelme" na segunda frase indica uma postura desdenhosa (cf. nota de rodapé 33). Em contraste, Hülsmeier é descrito com adjetivos que expressam o oposto das qualidades atribuídas aos judeus: ele é decente ("ordentlich") e "estabelecido" ("angesessen") e merece, por isso, confiança, a despeito das evidências contra ele no caso da sua briga com Aaron.

Assim, o enunciado de Margreth contém tanto uma suspeita generalizada contra os judeus, quanto uma afirmação que os exclui da comunidade da qual Margreth se considera parte. Ambos os elementos fazem parte da tradição do antijudaísmo ocidental e caracterizam o enunciado de Margreth como antijudaico. As frases fazem parte dos argumentos de alguns dos críticos, sobretudo os mais recentes dentre os apresentados no tópico 1.2.3, que consideram a *Judenbuche* antissemita. Outros, contudo, veem nessa frase um exemplo de "antissemitismo no texto" (GELBER, 1985, p. 16): a frase pertence a um personagem e está inserida em um contexto que indica que os julgamentos morais e éticos de Margreth são confusos e incoerentes.¹⁵⁰

No segundo trecho, a análise concentrou-se nas duas frases que os convidados do casamento exclamam depois de testemunhar a cena da confrontação entre Friedrich e Aaron:

"Packt den Juden! wiegt ihn gegen ein Schwein!" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80)

"Peguem o judeu! coloquem-no na balança com um porco!"

149 Cf. Hartzitz (1996). Essas conotações encontram-se registradas por exemplo no *Deutsches Wörterbuch* de Jakob e Wilhelm Grimm, cf. o verbete "Jude", significados 3 e 6.

150 Essa diferença na recepção da frase de Margreth, com vozes mais críticas nos últimos anos, reflete uma mudança das sensibilidades diante de fenômenos de antissemitismo, também em textos literários, que se iniciou depois da Segunda Guerra Mundial e se intensificou a partir dos anos 1960. Isso será comentado mais para a frente neste trabalho. Cf. sobre isso também Alexander (2002).

As duas frases expressam uma ofensa e uma ameaça, que, contudo, fica latente na narrativa. A ofensa consiste na sugestão de colocar, na mesma balança, Aaron e um porco, um animal considerado impuro na religião judaica. Além disso, comparações de judeus com porcos fazem parte da tradição do antijudaísmo europeu e encontram-se desde a Idade Média em diversos documentos (cf. HORTZITZ, 1995).

A ameaça está contida no modo exortativo da expressão: o uso do imperativo plural – "packt!" e "wiegt!" - indica a intenção de realizar coletivamente o ato sugerido nas duas frases. Na *Judenbuche*, a ameaça permanece latente; no entanto, nas frases ecoa uma tradição europeia secular de pogrons e outras ações coletivas da maioria cristã contra a minoria judaica. As frases são, assim, mais um exemplo, na *Judenbuche*, de atitudes antijudaicas na sociedade rural westfaliana do século XVIII.¹⁵¹

Assim, no caso do léxico e das frases escolhidas, a análise visou a observar se as traduções poderiam ser interpretadas como indicativas de atitudes dos tradutores. A questão metodológica que se impôs aqui foi: que fenômenos textuais em um texto traduzido podem ser interpretados como indicativos de atitudes do tradutor? Como exemplos para o seu modelo de tradução ecoante, Hermans (2007a) usa traduções nas quais certos elementos foram omitidos pelo tradutor ou deixados na língua original na esperança na incompreensão (cf. tópico 2.2). Cortes e *code switching* são fenômenos textuais bastante visíveis e podem ser identificados mesmo sem a comparação com o original, o que era o propósito de Hermans. No entanto, eles são indicativos de apenas uma atitude, a atitude negativa frente ao texto, chamada de Hermans de "dissociativa". No entanto, como o próprio Hermans menciona, outras atitudes de tradutores frente a um texto são possíveis: além da negativa, Hermans menciona atitudes positivas e neutras (cf. HERMANS, 2007a, p. 83). Esses tipos de atitudes, junto com atitudes negativas, mas não tão fortes como as atitudes "dissociativas" citadas por Hermans, também podem, a meu ver, ser identificadas. A sua identificação, contudo, necessita uma comparação com o original. A natureza da codificação de atitudes está contida na existência ou não-existência de mudanças semânticas entre o original e o texto traduzido.

151 No entanto, a *Judenbuche* mostra aqui um antijudaísmo antigo, baseado em preconceitos religiosos. Não se trata aqui de um antijudaísmo contemporâneo, baseado em conceitos de raça, que se desenvolveu nas sociedades europeias a partir do século XIX. Sobre a diferença entre esses dois tipos de antijudaísmo cf. por exemplo Bergmann (2002) e Beller (2007).

Esse tipo de mudanças é observável, em textos traduzidos, na forma de *shifts*. A análise visava a observar *shifts* ou "mudanças" dentro do texto traduzido, os quais poderiam ser interpretados como motivados por uma atitude do tradutor diante do texto traduzido. O conceito de *shift* abrange, em princípio, todo tipo de mudanças que ocorrem durante o processo de tradução: são "[...] mudanças que ocorrem ou podem ocorrer durante o processo de tradução" (BAKKER *et al.*, 2011, p. 269). Neste sentido, todo texto traduzido pode ser considerado uma sequência de *shifts*, devido a uma série de fatores, como, por exemplo, diferenças sistêmicas entre as línguas (que fazem com que o texto traduzido apareça como essencialmente "mudado" em relação ao original), a influência do ato de recepção, etc. No entanto, diferencia-se entre *shifts* obrigatórios e *shifts* opcionais de uma tradução. Bakker *et al.* (2011, p. 271) dão a seguinte definição:

Shifts obrigatórios são ditados pelas diferenças entre sistemas linguísticos, por exemplo a ausência de correspondência entre itens lexicais relacionados nas línguas de saída e de chegada. [...] *Shifts* opcionais são aqueles pelos quais o tradutor optou por razões estilísticas, ideológicas, ou culturais.

Os *shifts* buscados nesta análise são aqueles da segunda categoria – *shifts* que classifiquei como opcionais por considerar que a escolha do tradutor foi aparentemente influenciada por razões ideológicas. Ou seja, busquei identificar mudanças entre o texto original e o texto traduzido que indicariam uma reação valorativa, uma atitude, em face dos trechos e elementos lexicais escolhidos.

O conceito de *shift* implica também a existência do seu oposto – de invariantes, definidos por Bakker *et al.* (2011, p. 269) como "aqueles elementos que permanecem inalterados durante o processo de tradução." O conceito de invariantes é problemático, se se assume, por exemplo, que diferenças sistêmicas entre línguas sempre produzem mudanças que precisam ser consideradas como *shifts* obrigatórios – se tudo no texto é mudado devido, pelo menos, à diferença entre línguas, como se pode falar de invariantes? Como Bakker *et al.* deixam claro, contudo, a definição de *shifts* e de invariantes em uma tradução é subjetiva e depende do ponto de vista do observador, ou seja, a perspectiva do observador que descreve uma tradução define se um dado elemento da tradução pode ser interpretado como um *shift* ou uma invariante.

Os resultados desta tese são descritos a partir de uma perspectiva que pode ser considerada ideológica, no sentido dessa palavra como ela é usada por Lefevere (cf. tópico 2.1.2). O que se quis observar aqui foram mudanças no texto traduzido nos trechos e elementos da *Judenbuche* discutidos acima, os quais indicariam o que o tradutor "sentiu" diante dos *motifs* judaicos no texto: se ele os desaprovou, se ele os aprovou, se ele "sentiu" que o texto alemão não é adequado aos olhos dos seus leitores alvo, e se ele, portanto, interveio no texto traduzido no sentido de uma atenuação ou intensificação semântica do conteúdo original – seja por meio de *shifts*, que, embora não obrigatórios, indicam uma escolha consciente do tradutor por uma mudança semântica no texto, seja por meio de omissões, como uma forma mais radical de intervenção. A análise contou também com a possibilidade da não-intervenção do tradutor – como tais foram considerados trechos que poderiam ser interpretados, do ponto de vista "ideológico" assumido, como invariantes em relação ao original.

A descrição do procedimento da análise mencionou até agora as atitudes do *tradutor*. No entanto, a forma definitiva de um texto traduzido não depende apenas do tradutor. O texto traduzido costuma passar por um ou mais estágios de revisão antes de ser publicado, e a revisão é feita por outros agentes. Assim, a forma definitiva do texto traduzido é, na verdade, produto de um trabalho *coletivo* e o texto guarda traços – ainda que não distinguíveis – de diferentes agentes. No entanto, a tradução leva o nome apenas do tradutor como autor, enquanto os outros colaboradores não costumam ser creditados.¹⁵² Assim, parece justificado falar no tradutor em relação a questões formais da tradução. Neste sentido, fala-se aqui sempre do tradutor, assumindo implicitamente a colaboração não registrada de outros agentes.

3.3.2 A análise dos peritextos das traduções

Tal como a análise dos textos traduzidos, a análise dos peritextos buscou identificar atitudes de seus autores frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, os quais poderiam ser interpretadas como abstenção ou tomada de posição.

¹⁵² Como observa Stanitzek, os "créditos" de livros são bem menos detalhados e incluem menos agentes que participaram na produção do produto do que os créditos de filmes que listam todos os participantes da produção. Cf. Stanitzek (2010, p. 167).

Os peritextos tem um vínculo (temático e funcional) com o texto traduzido da dada publicação. No entanto, no que diz respeito ao tipo de vínculo e, assim, o modo de se relacionar com o texto traduzido, os peritextos das publicações do corpus, listados na tabela 4, apresentam diferenças entre si. Além disso, os tipos textuais¹⁵³ dos peritextos e as suas diferentes funções comunicativas, implícitas em cada tipo de texto e ligadas aos diferentes autores desses textos, também são fatores a serem levados em consideração.

Os vínculos entre os peritextos e o texto traduzido podem variar entre interdependência direta (por exemplo entre notas de rodapé e o texto traduzido), interdependência indireta (por exemplo entre peritextos sobre a gênese do texto traduzido e o próprio texto), proximidade temática (o caso de prefácios ou posfácios) e vínculos mais tênues (por exemplo no caso de títulos de coleções). Os tipos textuais variam entre textos mais ensaísticos, que elaboram ou apresentam argumentos e informações (por exemplo os prefácios, os textos da capa ou as notas de tradutor), textos mais voltados à informação (por exemplo notas de rodapé) ou textos exclusivamente informativos (por exemplo bibliografias).

No que diz respeito à autoria dos peritextos, é possível diferenciar entre duas identidades discursivas – os comentaristas e os editores; no entanto, três identidades autorais foram identificadas nos peritextos das traduções do corpus: os tradutores, os editores e os comentaristas (cf. tópico 2.2.3). Cada uma dessas instâncias relaciona-se de um modo diferente com o texto traduzido: tradutores costumam preocupar-se principalmente com a transmissão de um sentido do texto identificado na língua original, editores equilibram objetivos de mediação cultural com questões comerciais, enquanto os outros colaboradores – organizadores das edições, ilustradores, críticos literários convidados para comentar o texto traduzido, etc. - costumam ser convidados para oferecer a sua visão do texto traduzido.¹⁵⁴

153 O "tipo textual", segundo Marcuschi, é uma construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) (cf. MARCUSCHI, 2010, p. 23).

154 Assim, os peritextos das traduções apresentam uma variedade de conteúdos e representam uma variedade de vozes e objetivos em relação ao texto. No entanto, a unidade de uma tradução é dada não apenas fisicamente, mas também por meio da orientação de todos os textos e autores para o texto traduzido e pelas diretivas da instância editorial em relação à dada publicação.

Como foi discutido no capítulo 2, a possibilidade de os autores de paratextos expressarem suas atitudes costuma estar sujeita a diferentes constrangimentos, por exemplo diretivas editoriais ou tabus sociais.¹⁵⁵ Autores de paratextos tem, além disso, a possibilidade de expressar suas atitudes mais ou menos explicitamente. A análise dos peritextos das traduções visou a identificar enunciados explícitos e implícitos dos seus autores em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Como enunciados foram consideradas todas as referências aos *motifs* judaicos nos peritextos analisados. A forma esperada das referências variava conforme o gênero textual: nos prefácios ou posfácios, esperava-se encontrar comentários argumentativos ou explicativos acerca dos *motifs* judaicos; no caso de notas, buscou-se identificar anotações diretamente ligadas à passagens sensíveis do texto; nas bibliografias procurou-se por referências bibliográficas relacionadas com os *motifs* judaicos; nas ilustrações, representações gráficas dos *motifs* judaicos, etc.

Nas referências encontradas, diferenciou-se entre referências valorativas explícitas, ou posicionamentos explícitos, e referências que procuravam não fazer um juízo valorativo explícito, ou seja, entre, de um lado, referências que julgavam, de uma forma negativa ou positiva, os *motifs* judaicos na *Judenbuche* e, de outro lado, referências que faziam alusão a esses *motifs*, mas sem um aparente julgamento valorativo.

A interpretação dos resultados levou em consideração a autoria do peritexto em questão, quando identificada. Como no caso da análise dos *shifts* e invariantes nos textos traduzidos, levou-se em conta aqui também a possibilidade de não haver nenhuma referência ou um "silêncio" do autor em relação aos *motifs* judaicos. Em termos de organização do trabalho, a análise seguiu a classificação dos peritextos de Genette, exposta na tabela 4.

3.4 Critérios para a interpretação dos resultados

A interpretação dos resultados da análise ocorreu com base nas reflexões acerca da natureza das publicações analisadas e das possibilidades de manifestações de atitudes discutidas acima. Como os modelos discutidos sugerem, a recepção e a reescritura de obras literárias em traduções estão sujeitas a uma série de fatores contextuais. A perspectiva que surge na representação da obra literária na reescritura, manifestada também em forma de

155 Sobre constrangimentos no processo de tradução cf. p. ex. Janikowski (2004) ou Paloposki (2009). Embora ambos os textos tratem de constrangimentos para o tradutor, muitas das observações valem também para outros agentes participantes do processo da tradução.

atitudes, está relacionada com todos esses fatores. O conhecimento desses fatores proporciona, portanto, uma chave para a compreensão da perspectiva da representação.

No entanto, nem todos os possíveis fatores contextuais de uma reescritura são do mesmo modo relevantes, e nem todos podem ser acessados em um estudo como este. Do ponto de vista de uma análise e de uma interpretação de atitudes, ou seja, de disposições psicológicas ligadas a agentes que catalisam os diversos fatores contextuais de uma reescritura, uma consulta dos próprios agentes seria muito informativa.¹⁵⁶ No entanto, por diferentes razões – principalmente pela questão da transnacionalidade do corpus e pela sua diacronia, dois fatores que dificultam o acesso aos autores do texto, seja por razões de distância geográfica, seja por razões de distância temporal – uma consulta direta dos autores dos textos analisados não foi possível. Esse trabalho baseou-se nos textos e a interpretação dos resultados aconteceu a partir de informações que podiam ser encontradas nos textos e acerca deles.

Duas áreas contextuais foram levadas em consideração na interpretação dos resultados: de um lado, foram considerados os contextos mais imediatos das respectivas publicações e, de outro, as publicações foram interpretadas tendo como pano de fundo os seus contextos mais amplos. Por fim, seguindo a inserção das publicações nos seus respectivos contextos sincrônicos, uma perspectiva diacrônica foi construída.

3.4.1 A consideração das publicações nos seus contextos mais imediatos

Os contextos mais imediatos das traduções analisadas são os "fatores contextuais" que os modelos de recepção e de reescritura, bem como modelos de *audience design* sugerem e foram apresentados e discutidos no tópico 2.1. Desses fatores, os seguintes foram levados em consideração na interpretação dos resultados da análise dos textos:

- (1) o idioma da publicação e as estratégias de tradução;
- (2) o tipo de publicação e o leitor visado;
- (3) informações acerca dos autores dos textos analisados;

¹⁵⁶ Embora, como já foi argumentado, essas informações nem sempre sejam muito informativas: atitudes assumidas conscientemente nem sempre correspondem a disposições inconscientes.

(4) a casa editorial da publicação;

(5) os contextos sócio-histórico e nacional da publicação.

Abaixo, segue-se uma breve discussão de cada um dos fatores considerados:

(1) O idioma é, segundo Lefevere, um dos fatores relevantes especialmente para traduções como reescrituras. A consideração desse fator foi feita principalmente em relação aos textos traduzidos. O idioma é importante na interpretação de escolhas tradutoriais e especialmente de *shifts* na tradução: é a comparação das possibilidades de escolhas paradigmáticas (cf. JAKOBSON, 2005) de um idioma que pode indicar disposições psicológicas de um tradutor.

Uma informação relevante para a interpretação de *shifts* e invariantes em um texto traduzido é também a estratégia de tradução aplicada pelo tradutor. Estratégias de tradução são decisões globais acerca da tradução, tomadas pelo tradutor antes do processo de traduzir.¹⁵⁷ A escolha de uma estratégia pode advir de decisões individuais do tradutor, de uma exigência do cliente – por exemplo em forma de um *translation brief* (cf. NORD, 1997) - ou de convenções vigentes para traduções, por exemplo de um gênero textual. Um binômio clássico de estratégias é a oposição entre a tradução "literal" e a tradução "livre".¹⁵⁸ A decisão por uma estratégia tem efeitos na forma do texto traduzido. Assim, os *shifts* encontrados em um texto traduzido precisam ser analisados, na descrição, em relação à estratégia do tradutor.

A interpretação dos resultados da análise dos textos traduzidos foi, portanto, precedida por uma análise das estratégias de tradução dos respectivos textos traduzidos. Quando isso foi possível, a análise recorreu às informações dos próprios tradutores a esse respeito, geralmente contidas nas "notas do tradutor" no aparato paratextual das traduções. Quando não havia essas informações (na maioria das traduções), foi feita uma comparação dos

157 O conceito de "estratégia" usado aqui corresponde ao conceito de "normas iniciais" ("initial norms") de Gideon Toury (cf. TOURY, 1995, p. 56s).

158 A intenção aqui não foi fazer uma descrição detalhada das estratégias das traduções do corpus; o que se buscou identificar foram tendências. Portanto, a preferência terminológica foi conscientemente dada aos termos mais antigos e mais vagos da descrição, a saber a oposição "literal" vs. "livre". As terminologias mais contemporâneas como os pares tradução "aberta"/"fechada" ("overt"/"covert translation", cf. HOUSE, 1997), "estrangeirizadora" / "domesticadora" (cf. VENUTI, 1995), ou terminologias mais detalhadas como a classificação de traduções prospectivas e retrospectivas da teoria funcional (cf. NORD, 1997, 1989) aplicam-se a um tipo de descrição mais detalhada, não pretendida aqui.

textos traduzidos com o original em relação a alguns aspectos que, geralmente, costumam ser indicativos da estratégia geral de tradução em um texto literário. Sistemáticamente comparados foram: o texto na íntegra, a tradução do poema inicial, a estrutura dos parágrafos, topônimos e antropônimos. Conforme o resultado, a tradução foi considerada mais "livre", ou mais "literal". A seguinte tabela mostra os critérios da escolha:

<i>Aspecto comparado</i>	<i>Interpretação como tradução "literal"</i>	<i>Interpretação como tradução "livre"</i>
Texto na íntegra	<ul style="list-style-type: none"> • sem omissões ou cortes • sem intervenções na sequência do texto • sem subdivisão em capítulos 	<ul style="list-style-type: none"> • omissões ou cortes • intervenções na sequência do texto • subdivisão em capítulos
Tradução do poema inicial	<ul style="list-style-type: none"> • tradução em versos, linguagem arcaizante 	<ul style="list-style-type: none"> • tradução livre, em prosa
Estrutura dos parágrafos	<ul style="list-style-type: none"> • mantida como no original 	<ul style="list-style-type: none"> • dissolvida, diálogos separados de trechos narrativos
Topônimos	<ul style="list-style-type: none"> • mantidos como no original 	<ul style="list-style-type: none"> • adaptados¹⁵⁹
Antropônimos	<ul style="list-style-type: none"> • mantidos como no original 	<ul style="list-style-type: none"> • adaptados

Tabela 6: Metodologia da análise das estratégias de tradução nas traduções do corpus

As avaliações sobre as estratégias de tradução dos textos traduzidos, baseadas nesses critérios, foram feitas com cautela, dado o reduzido número de critérios.¹⁶⁰ Além disso, nem todos os critérios de uma tradução "livre" ou "literal", tal como listados acima, são necessariamente encontrados em um texto e nem todos os aspectos de um dos critérios são necessariamente traduzidos de um modo uniforme. No entanto, a presença de vários dos critérios em um dado texto traduzido foi tomada como base para pelo menos uma avaliação geral em relação à estratégia de tradução daquele texto. A avaliação foi considerada importante para poder definir a natureza de um *shift* encontrado: um *shift* significativo em

¹⁵⁹ O termo designa a adaptação de topônimos e antropônimos para o contexto cultural de uma dada tradução; para uma tradução para o português, isso significaria traduzir "Breder Holz" por "Bosque de Brede", "Westfalen" por "Westfália", "Friedrich" por "Frederico", dentre outros.

¹⁶⁰ Uma análise mais aprofundada das estratégias ou "normas iniciais" nos textos traduzidos do corpus teria requerido, por exemplo, uma análise comparativa nos níveis microtextual e macrotextual dos textos, conforme o modelo desenvolvido por Kitty M. van Leuven-Zwart (cf. LEUVEN-ZWART, K. M. VAN, 1989, 1990). Para os fins desta pesquisa, contudo, a análise feita foi considerada suficiente.

comparação com o texto original tem, em uma tradução "livre", um peso diferente quando comparado com o mesmo *shift* em uma tradução "literal".

(2) O leitor visado e construído em uma publicação tem influência na forma e na representação do texto literário. A função comunicativa de um gênero ou tipo textual influencia, portanto, os respectivos conteúdos. Assim, as referências aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* nos textos analisados, ou a sua ausência, foram interpretadas em relação a essa função, partindo do pressuposto de que visões mais críticas dos textos traduzidos seriam esperadas mais em publicações de caráter acadêmico do que em publicações de caráter popular.

Publicações nem sempre indicam explicitamente o seu público alvo; no entanto, vários de seus aspectos permitem suposições acerca dos leitores visados, entre eles, por exemplo, o perfil da editora (se a editora publica para um público mais especializado, ou mais geral, por exemplo), os tipos de textos incluídos nas publicações (publicações acadêmicas costumam ser caracterizadas por um número maior de paratextos do que publicações mais populares), o discurso nos textos (discurso mais acadêmico ou mais leigo), a linha editorial, a coleção ou série, etc.

(3) Formas e conteúdos de textos dependem também dos seus autores: afiliação profissional, interesses e outros fatores influenciam a percepção e as atitudes diante de diferentes temas e os textos constituem, normalmente, um reflexo disso. Embora, como já foi dito acima, informações dos próprios autores acerca dos conteúdos não puderam ser levantadas neste trabalho, informações acerca desses autores, na medida em que estavam acessíveis, foram consideradas na interpretação dos resultados da análise. As informações acessíveis consistiam, normalmente, de dados sobre uma eventual afiliação institucional (por exemplo uma universidade) e sobre outras publicações do autor e, em casos mais raros, de detalhes biográficos.

(4) A representação de uma obra literária em uma tradução publicada depende fortemente da editora na qual o livro é publicado. Como instituições de "patronagem" no processo de reescritura, as editoras tem um papel importante como *gatekeepers* em relação aos conteúdos publicados. Os objetivos das editoras, pelo menos em sociedades democráticas ou, nos termos de Lefevere, em sistemas de patronagem diferenciada, podem

ser, em uma categorização bastante geral, distinguidos em interesses comerciais e interesses culturais. Identificar qual desses interesses prevalece depende da agenda da editora: segundo Joos (2008, p. 12), "Kulturverleger" focam, nas suas publicações, mais questões ligadas a problemas atuais, enquanto "Buchunternehmer" estão mais interessados no sucesso comercial. A mistura individual desses interesses em cada editora define os conteúdos publicados. Em sistemas de patronagem "não-diferenciada" os interesses de editoras costumam estar subordinados à ideologia vigente. Especialmente, para a interpretação de peritextos editoriais, o perfil das editoras, na medida em que ele pôde ser identificado, foi considerado.

(5) Por fim, os contextos sócio-histórico e nacional da publicação são também de relevância para a interpretação da forma e do conteúdo de cada publicação. O *Zeitgeist* do pano de fundo de cada publicação influencia tanto o autor diretamente, quanto as diferentes instituições de patronagem, tanto o idioma quanto aquilo que Lefevere chama de "universo de discurso". Informações acerca desse contexto mais geral foram também consideradas nas interpretações dos resultados da análise.

3.4.2 As publicações nos seus contextos mais amplos

Para criar uma base de comparação entre as diferentes traduções do corpus, além do fato de elas se basearem no mesmo texto literário, dois contextos mais amplos dessas traduções foram considerados na interpretação dos resultados: o tratamento dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* nas publicações foi visto levando em consideração certos aspectos da história judaica do século XX e a literária no mesmo período, especialmente a crítica literária acerca da *Judenbuche*.

As traduções deste corpus de pesquisa têm em comum o fato de todas provirem de idiomas e países que pertencem ao âmbito cultural do Ocidente, que, apesar de várias diferenças internas, compartilha uma série de pressupostos históricos e culturais que lhe proporcionam alguma unidade. No que diz respeito ao aspecto focado na análise das traduções do corpus, os *motifs* judaicos, os países que pertencem ao âmbito cultural ocidental estão ligados por experiências comuns. A história e a cultura do Ocidente estão ligadas à história e à cultura judaicas pela presença de judeus na Europa e nas Américas, pela relação entre a religião cristã e a religião judaica, e pelos conflitos resultantes destas

proximidades, conflitos esses que poderiam ser resumidos, muito genericamente, como uma tradição de antijudaísmo, e mais tarde de antissemitismo.¹⁶¹ nos países ocidentais. Essas semelhanças culturais entre os países representados na composição do corpus permitem supor a existência de sensibilidades comuns em relação a representações da convivência de judeus e cristãos na *Judenbuche*, mesmo entre traduções aparentemente tão distantes, no que diz respeito aos seus contextos políticos, geográficos, históricos e culturais, como, por exemplo, a tradução argentina e as traduções húngaras da época socialista.

Assim, certos aspectos da história judaica do século XX foram vistos diante de um pano de fundo comum para todas as publicações. O principal deles é a época entre 1933 e 1945, e mais ainda os anos 1939 a 1945, que foram considerados como uma cesura válida para todo o corpus, apesar de essas datas estarem relacionadas mais estritamente com a história alemã. No entanto, tanto a Segunda Guerra em si, quanto o impacto que ela teve para os anos que a seguiram são, de um certo modo, comparáveis para todo o Ocidente. Certamente diferentes em detalhes para cada um dos países do corpus, mas presentes na história de cada um deles. São datas importantes para a percepção dos judeus no Ocidente, bem como para a percepção da cultura e literatura alemã. Até o período do regime nazista na Alemanha, o antissemitismo ou atitudes antijudaicas, embora frequentemente condenadas, faziam parte, ainda assim, de ideias políticas aceitáveis no Ocidente (cf. ZUMBINI, 2003; SCHUBERT, 2007); a partir de 1945, um antissemitismo aberto não era mais politicamente possível. Pressupõe-se aqui que essa mudança tenha afetado a percepção de tais fenômenos como *motifs* judaicos na literatura, e especialmente de *motifs* que expressam, de algum modo, atitudes antijudaicas.

Relacionados com essa cesura, foram ainda considerados dois outros aspectos da história judaica do século XX. Um deles é a fundação do estado de Israel em 1948, o outro é a Shoá e o seu significado nos anos pós-1945. A fundação do estado de Israel, em 1948, resultado de décadas de esforços do movimento sionista por um Estado para os judeus, mas

161 A diferença entre os dois termos vem sendo feita nos estudos sobre racismo para diferenciar atitudes direcionadas contra judeus com base em argumentos religiosos (antijudaísmo) e atitudes baseadas no conceito biológico de raça (antissemitismo). O antissemitismo, nessa definição, é um fenômeno cuja origem costuma ser identificada a partir do século XIX, enquanto atitudes antijudaicas são documentadas desde a Antiguidade. O antissemitismo costuma ser visto, no entanto, como uma continuação do antijudaísmo. Essa argumentação pode ser encontrada em Beller (2007), Bergmann (2002), Geulen (2007) e Miles & Brown (2006).

possibilitada, afinal das contas, pelo impacto do genocídio de judeus na Segunda Guerra Mundial, significou, por um lado, a mudança decisiva do status dos judeus no Ocidente, que, depois de séculos de diáspora e dependência, ganharam, com isso, uma entidade de representação e defesa de seus interesses (cf. BRENNER, 2002). Ao mesmo tempo, o Estado, fundado ao preço de apropriação de terras habitadas, virou fonte de novos e violentos conflitos na região e um divisor de opiniões no Ocidente, que vacilam entre sentimentos de obrigação moral em relação ao passado e críticas, frequentemente hostis, em relação ao presente.

Paralelamente a esses eventos políticos, cujas repercussões foram pressupostas aqui como um pano de fundo das publicações do corpus, considerou-se, também, o papel da memória coletiva relacionada com a Shoá na recepção dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Aqui, como nos outros aspectos comentados acima, pressupôs-se diferenças nacionais no desenrolar, na intensidade e nas formas de memória coletiva nos países das publicações do corpus. No entanto, a presença dessa memória e do seu impacto para leituras e publicações de textos relacionados com o judaísmo, especialmente de textos vindos da Alemanha, foram vistos como presentes em todos esses países. Além disso, presumiu-se, com Alexander (2002), uma intensificação da memória da Shoá no Ocidente a partir dos anos 1960, causada, entre outras, pelas mudanças políticas ligadas aos movimentos de 1968, que provocaram uma intensificação no processamento dessa memória nas artes e na academia. A repercussão dessa intensificação no ambiente acadêmico ficou visível no surgimento de publicações e pesquisas ligadas a esse tempo a partir dos anos 1970; nos estudos literários, que interessam aqui, pesquisas acerca do antissemitismo literário e de outros aspectos da vida judaica, cuja quantidade continua aumentando, permitem, a meu ver, a pressuposição de uma mudança de percepções em relação à literatura e, assim, em relação à *Judenbuche*.

Naturalmente, uma relação direta entre esses aspectos da história judaica no século XX e a recepção da *Judenbuche* nas traduções pode ser feita apenas raramente, a não ser quando um documento de recepção fez uma referência direta a um desses fatores. No entanto, considero todos os três aspectos como presentes nos "universos de discurso" nos quais os agentes das publicações do corpus estavam imersos e presentes nas suas leituras da *Judenbuche*.

Como um segundo pano de fundo mais amplo, os resultados da análise do corpus foram comparados com a recepção geral da *Judenbuche* e de sua autora. Esse procedimento teve como objetivos estabelecer uma base de comparação entre as diferentes traduções do corpus e criar um contexto para a interpretação dos resultados da análise da recepção dos *motifs* judaicos. Interessava saber se a recepção do texto nos diferentes lugares e nos diferentes momentos históricos das traduções, se relacionava – e como se relacionava – com a recepção da narrativa na crítica literária sobre o texto. Buscava-se observar, mais precisamente, se, e como, a avaliação da narrativa e de sua autora se relacionava com a crítica literária, se correspondia às tendências dessa crítica, e quais eram os aspectos da crítica absorvidos nas traduções.

Tanto a crítica literária, quanto as traduções literárias representam formas de recepção internacionais de textos literários. No entanto, várias diferenças existem entre essas duas formas de recepção. Traduções representam, em geral, recepções individualizadas e "dispersas" – espalhadas pelos idiomas e países e frequentemente sem conhecimento mútuo de suas respectivas existências – enquanto textos da crítica literária estão inseridos em um campo contínuo, por meio de sua intertextualidade com outros textos críticos e por meio da comunidade acadêmica internacional que, apesar de fisicamente dispersa em diferentes lugares e idiomas, comunica-se entre si e se compreende como uma comunidade. Traduções enquanto publicações e trabalhos da crítica literária, dois tipos de reescrituras, diferem, além disso, no que diz respeito à representação de obras literárias: traduções reproduzem e apresentam obras literárias, ao passo que trabalhos críticos procedem de um modo argumentativo, discutindo e interpretando um dado texto literário a partir das discussões já existentes, desenvolvendo um conhecimento específico acerca da obra.

Tradutores literários costumam basear o processo de tradução em uma pesquisa da fortuna crítica acerca do texto a ser traduzido. As referências à fortuna crítica em traduções podem, portanto, gerar conexões¹⁶² entre trabalhos da crítica literária e traduções de

162 Isto pressupõe, contudo, a possibilidade de intercâmbio acadêmico internacional, que, contudo, pode ser restrito por fatores geopolíticos. No caso deste corpus, por exemplo, tem que ser levada em consideração a barreira também para conhecimentos acadêmicos criada pela Cortina de Ferro na época da Guerra Fria. Concretamente, isso tem efeitos para as três traduções húngaras de 1957, 1968 e 1983, que, embora pertencentes ao círculo da cultura ocidental como as outras traduções do corpus, deveriam ser talvez consideradas como separadas ou distantes do resto do corpus por terem sido publicadas em um país socialista. Editores de literatura estrangeira e tradutores no antigo Leste Europeu costumavam ter canais para obter informações acerca de novos conhecimentos de literatura, mas esses canais eram em geral restritos.

contextos muito diferentes, criando, assim, uma base de comparação adicional entre traduções de um corpus transnacional, como o corpus desta pesquisa. Referências à crítica literária nas traduções constituem, além disso, um dos contextos para a interpretação dos resultados da análise das atitudes frente aos *motifs* judaicos nas traduções. A crítica literária é uma das possíveis comunidades interpretativas que confluem na recepção de um texto literário. A recepção dos *motifs* judaicos na crítica literária acerca da *Judenbuche* é caracterizada por diferentes tendências no decorrer do tempo (cf. tópico 1.2.3). A análise deste contexto na interpretação dos resultados da análise das atitudes em face dos *motifs* judaicos foi considerada importante.

Assim, a análise buscou identificar se havia uma relação entre as traduções do corpus e a crítica literária acerca da *Judenbuche*, e, quando tal relação fosse identificada, quais foram as influências desta comunidade interpretativa nas traduções. O indicador mais explícito de uma ligação entre uma tradução e a crítica literária acerca da obra traduzida são referências bibliográficas na tradução, sejam elas em forma de referências a obras da crítica literária no âmbito de um paratexto, sejam elas apresentadas diretamente como uma bibliografia, encontrada em traduções frequentemente sob o título de "Recomendações de leitura". Nesse segundo caso, as referências indicam as leituras do próprio tradutor. Em um primeiro passo, a análise buscou, portanto, identificar esse tipo de referências diretas à crítica literária nas traduções.

Contudo, as leituras de textos da crítica literária são em geral apenas indiretamente registradas nos comentários acerca do texto traduzido, que constituem os paratextos das traduções. Em traduções literárias, referências não costumam ser documentadas com o rigor de trabalhos acadêmicos. Notas de rodapé são, além disso, consideradas pouco estéticas em textos literários. A identificação dessas leituras baseou-se, portanto, na comparação dos textos analisados com as vertentes centrais da recepção da *Judenbuche* na crítica literária. Para identificar essas leituras ou suas influências nas traduções da *Judenbuche*, foram analisados os peritextos das traduções. Nessa análise procurou-se observar, de um lado, como Droste-Hülshoff foi recebida como autora nas traduções do corpus; de outro lado, buscou-se observar como *Die Judenbuche* foi classificada no que diz respeito ao seu gênero literário e se comentários acerca da narrativa poderiam ser associados com influências da crítica literária no processo da tradução da obra.

A análise da recepção de Droste-Hülshoff como autora nas traduções visou principalmente a observar a sua localização em um período ou estilo literário, mas considerou também outros fatores como, por exemplo, posicionamentos da autora no sistema literário alemão. Além da classificação genérica da *Judenbuche* e de outras classificações da narrativa, essas informações foram consideradas como indício de que a discussão acadêmica acerca da *Judenbuche* foi considerada no processo da tradução.

A intenção dessa análise não foi a de identificar exatamente as influências da crítica literária nas traduções, já que esse objetivo teria exigido uma análise sistemática prévia da fortuna crítica sobre a *Judenbuche*, que não foi feita aqui. O que se visou aqui foi, antes, uma comparação da discussão acerca da narrativa, dentro das traduções, com as tendências da crítica literária a respeito da *Judenbuche*, já que a crítica literária acerca dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* não aconteceu de forma contínua (cf. tópico 1.2.3). Assim, buscou-se observar se a discussão acerca da narrativa nas traduções correspondia, em sentido temporal, à discussão no âmbito da crítica literária. Naturalmente, o ano da publicação de cada tradução foi considerado como um primeiro identificador nesse sentido.

4 A análise do corpus de pesquisa

4.1 Os *motifs judaicos* nos textos traduzidos

Para identificar atitudes dos tradutores frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* foram analisados alguns aspectos escolhidos, como discutido acima (cf. tópico 3.3.1). Os aspectos selecionados foram: a integridade do texto na tradução, a presença da inscrição hebraica no texto traduzido, a tradução de frases sensíveis em dois trechos na narrativa e a tradução de itens lexicais na narrativa. A seguir, são apresentados os resultados dessas análises, precedidas por uma análise das estratégias de tradução nas publicações do corpus.

4.1.1 Estratégias de tradução

Como foi indicado na discussão da metodologia da análise dos textos traduzidos, estabelecer as estratégias de tradução dos tradutores foi considerado importante para a avaliação da natureza e do papel dos *shifts* encontrados nos textos traduzidos. Se mudanças semânticas, ou *shifts*, são consideradas indicativas de atitudes, elas precisam ser contextualizadas dentro do texto traduzido. Em uma tradução "fiel", um *shift* costuma ser interpretado de um modo diverso se comparado àquele que pode ocorrer em uma tradução "livre".

Em relação a todas as traduções do corpus foi feita a análise das estratégias dos tradutores conforme descrito acima (cf. tópico 3.3). Informações explícitas acerca de estratégias de tradução, documentadas em "notas de tradutores", foram encontradas, no corpus de pesquisa, apenas cinco vezes: nas traduções 1987-it, 1996-es, 1997-en, 1998-it, 2010-en. Conclusões sobre as estratégias de traduções nas traduções foram tiradas, assim, com base nos resultados da análise feita aqui. Foram analisados aspectos dos textos traduzidos considerados relevantes, a saber, o tratamento do texto na íntegra, a tradução inicial do poema, a estrutura dos parágrafos nos textos traduzidos e as traduções dos topônimos e dos antônimos. Os resultados da análise das traduções do corpus são organizados na tabela 12, no Anexo. Embaixo, são resumidas as tendências encontradas.

Na tabela 12, foram documentadas ocorrências de mudança no texto traduzido em relação ao texto original no que diz respeito aos cinco aspectos escolhidos. As células em

branco na tabela significam, portanto, que em dada tradução não foi encontrada nenhuma mudança em relação ao aspecto em questão. Assim, a tabela mostra que, em relação a cada um dos aspectos escolhidos, diferentes observações foram feitas. O número maior de mudanças foi observado em relação à estrutura dos parágrafos – que, majoritariamente, foram "dissolvidos" – e em relação à tradução de antropônimos, que foram ou adaptados (ou seja, os nomes alemães foram adaptados para as formas correspondentes em dado idioma ou para uma forma supostamente mais fácil de assimilar pelos leitores alvo), ou uma explicação foi inserida, sempre em relação ao único antropônimo "falante" da *Judenbuche*, Johannes Niemand. Enquanto a diluição dos parágrafos está distribuída regularmente, tanto no que diz respeito aos idiomas, quanto aos anos da publicação, a adaptação dos antropônimos está mais presente em traduções mais antigas, enquanto as mais novas se restringem à explicação do antropônimo Johannes Niemand. No que diz respeito aos outros três aspectos analisados, as mudanças são mais raras. Mudanças na estrutura do texto e em relação ao poema inicial foram encontradas em apenas seis traduções, mudanças em relação a topônimos, em duas. Ocorrências de intervenções em relação a esses aspectos concentram-se nas traduções mais antigas do corpus, com a exceção de dois casos de divisão do texto.

Com base nesses resultados concluiu-se, em primeiro lugar, que alguns dos aspectos analisados parecem ser tratados em geral com mais liberdade em traduções (mesmo de diferentes contextos) do que outros e que, assim, mudanças observadas nesses aspectos indicam menos estratégias individuais dos tradutores de intervir nas traduções do que normas (tradutoriais ou editoriais) de adaptação de textos traduzidos para um dado público alvo. A presença de mudanças nesses dois aspectos dentro dos textos traduzidos do corpus não foi, portanto, interpretada como um indício forte de uma estratégia de tradução "livre". Ocorrências de mudanças nos outros três aspectos foram consideradas mais indicativas neste respeito. No entanto, o critério de diacronia foi também levado em consideração na interpretação dos resultados desta análise. Os resultados parecem indicar que as normas tradutoriais no início de século XX tendiam a mais liberdade em relação ao texto a ser traduzido do que no final daquele século e no início do século XXI. Com isso, a presença de mudanças nas traduções mais antigas do corpus também foi considerada mais indicativa de normas tradutoriais ou editoriais do que de estratégias de tradução individuais.

Contudo, a presença simultânea de mudanças em vários dos aspectos analisados foi considerada indicativa de uma estratégia mais livre em relação do texto, seja ela convencional ou individual. Traduções com mudanças em mais de dois aspectos analisados foram, assim, consideradas como traduzidas com uma intenção de render o texto mais "livremente", enquanto as traduções restantes foram consideradas como traduzidas mais "literalmente". Com esses critérios, o corpus mostra uma tendência a estratégias tradutoriais "literais": 18 traduções foram consideradas como traduzidas (mais) literalmente. Apenas sete (as traduções 1913-en, 1923-nl, 1933-it, 1934-en, 1958-fr, 1966-sv, 1987-it) foram consideradas como traduzidas (mais) livremente.

Essa avaliação é confirmada pelas notas de tradutores encontradas nas traduções. Das cinco notas, em apenas uma – a tradução italiana de 1987 - o tradutor expressa a intenção de traduzir livremente. Não surpreende, então, que essa tradução esteja entre as traduções consideradas aqui como livre segundo a análise feita. Na tradução italiana de 1987 o tradutor Francesco Politi escreve na sua *Nota del traduttore* (1987-it, p. 113s) que a sua tradução procurou proporcionar ao leitor apenas um "reflexo" do original:

Nella presente traduzione si è cercato non solo di ottenere una resa genericamente agile ed efficace del racconto, ma di comunicare al lettore, nella dimensione espressiva ed emotiva, uno specifico sensibile riflesso del testo originale. (1987-it, p. 114)

Na presente tradução, procurou-se não apenas obter um resultado geralmente ágil e eficaz na narrativa, mas também de comunicar ao leitor, na dimensão expressiva e emotiva, um reflexo sensível e específico do texto original.

Outros fatores de análise da tradução italiana de 1987 – a divisão do texto em três capítulos, a formatação do poema inicial, a diluição de parágrafos e a adaptação de alguns nomes (cf. tabela 12) - corroboram a conclusão de que, por "reflexo", Politi compreende uma tradução bastante livre e que transmite o original em termos da cultura alvo. Politi informa ainda que, em alguns trechos, ele usou dialeto na fala dos personagens, o que costuma ser um indício de domesticação do texto traduzido. O dialeto escolhido é "un'approssimativa parlata regionale norditaliana" ("algo aproximado à linguagem regional do norte da Itália", 1987-it, p. 114), ou seja, uma invenção linguística do tradutor

semelhante a dialetos do norte da Itália. O uso do dialeto aqui constitui uma intervenção em relação ao texto original: *Die Judenbuche*, apesar de ser intencionada pela autora a ser um quadro de costumes regionalista, está escrita na linguagem literária da época de sua gênese, ou seja, um alemão literário, sem o uso de dialeto.¹⁶³ Assim, a intenção de Politi de "render o westfálico" ("rendere il vestfalico" 1987-it, 114) por meio do uso de dialeto italiano impõe a essa *Judenbuche* italiana um regionalismo ausente no texto original. As liberdades afirmadas pelo tradutor corroboram, assim, a análise dos textos traduzidos, cujo resultado colocou a tradução de Politi no grupo de traduções mais livres.

As outras notas, todas de traduções classificadas como "literais" na análise dos textos traduzidos, afirmam intenções e/ou estratégias de tradução mais literais. Na nota sobre a edição (*Esta edición*, p. 74) da tradução espanhola de 1996, a tradutora Ana Isabel Almendral afirma explicitamente que pretendeu ser "fiel" ao texto: "Hemos procurado manernos *fieles* al texto para poder transmitir al lector el contraste ambiental [...]." ("Procuramos manter-nos *fieis* ao texto para poder transmitir ao leitor o contraste ambiental [...].) (1996-es, p. 74, grifo meu).

Michael Fleming, o tradutor da antologia inglesa de 1997, inicia a sua nota de tradutor (*Translator's Note*, p. xxxiii) – que, contudo, comenta as traduções de todos os textos desta antologia - com uma advertência acerca da impossibilidade da tradução fiel:

Traduttore, tradittore – translator, traitor. The old proverb is as true as ever, for the work of the translator can only be, at best, a compromise, an attempt to produce upon the reader, as far as possible, the effect of the original version upon the original reader. And yet, I hope that the present collection of nineteenth-century German novellas will give the reader an idea, at least, of the original flavour. (1997-en, p. xxxiii)

Traduttore, tradittore – tradutor, traidor. O antigo provérbio continua válido, pois o trabalho de um tradutor pode ser, no máximo, um compromisso, uma tentativa de produzir, no leitor alvo, ma medida do possível, o efeito do texto

163 Elementos dialetais encontram-se na narrativa apenas por meio de algumas referências à objetos (p. ex. o termo *Holzschenvioline* (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 13; § 34), descrevendo uma espécie de violino feito de tamancos). O alemão da *Judenbuche* é, em comparação com o alemão contemporâneo de hoje, uma forma linguística perceptivelmente antiga e corresponde ao idioma literário da época. O baixo alemão, idioma coloquial da região da trama e falado por Droste-Hülshoff, não a interessava como idioma literário (cf. NUTT-KOFOTH, 2005, p. 1495). Sobre a linguagem usada por Droste-Hülshoff na sua obra cf., além de Nutt-Kofoth (2005), Linnartz (1903), Langen (1957), Deinert-Trotta (1973). Especificamente sobre a linguagem da *Judenbuche* foi publicado um trabalho por Kopsakangas (1953), porém não acessível a autora.

original no leitor original. Ainda assim, espero que esta coletânea de novelas alemãs do século XIX ao menos dê ao leitor uma ideia do sabor original.

Sem aprofundar a questão da impossibilidade de uma tradução fiel, o tradutor assume uma posição modesta: sua intenção é a de proporcionar aos leitores pelo menos "uma ideia" do "sabor original" dos textos traduzidos. Apesar de salientar as limitações da tradução, Fleming informa, mais adiante, a sua intenção de traduzir "fielmente" os textos originais: "I have sought to remain *faithful* to any idiosyncrasies of style in the original texts." ("Procurei permancer *fiel* a qualquer idiosincrasia estilística nos originais.", 1997-en, p. xxxiii, grifo meu).

Na *Nota al testo (Nota ao texto)* (1998-it, p. 83s) da tradução italiana de 1998, as tradutoras não explicitam nenhuma estratégia específica. Elas justificam, contudo, uma mudança no texto em comparação ao original: a editora do livro ("curatrice", 1998-it, p. 84) havia mudado a data do suicídio do protagonista de 1788 para 1789. A presença da justificativa é, a meu ver, indicativa de uma intenção implícita de fidelidade ao texto traduzido.

A tradução para o inglês de 2010, por fim, traz, nas *Translator's Notes (Notas do tradutor)*, 2010-en, p. 91), uma discussão mais detalhada da estratégia de tradução, expressando, contudo, mais uma vez a intenção de traduzir literalmente. O tradutor, Sidney G. Swan, vê o texto da *Judenbuche* como caracterizado por duas tendências, da distância e da proximidade. A proximidade está no conteúdo discursivo da narrativa:

[...] it may occasionally be seen how close to some present-day writing are remarks that she [Droste-Hülshoff] passes and the terms in which they are couched. (2010-en, p. 91)

[...] ocasionalmente, é possível observar o quão próximas de alguns textos contemporâneos nossos são as observações que ela [Droste-Hülshoff] faz, bem como os termos em que elas são formuladas.

Já a distância está na linguagem da narrativa; apesar de escrita em um alemão compreensível até hoje, diferenças ficam visíveis:

For most readers whose mother tongue or language of daily use is German, Droste-Hülshoff's works will seem neither antiquated nor ponderous, but will certainly bring early, maybe unfamiliar 19th century German parlance into view. (2010-en, p. 91)

Para a maioria dos leitores cuja língua materna ou língua cotidiana é o alemão, as obras de Droste-Hülshoff não parecerão nem antiquadas, nem pesadas, mas certamente deixarão transparecer uma forma de falar alemã do início do século XIX, talvez pouco familiar.

A estratégia de Swan consiste em deixar transparecer justamente essas duas tendências opostas. Ao mesmo tempo, Swan pretende render o texto de um modo "lúcido e correto" ("lucidly and correctly", 2010-en, p. 91). Essa afirmação foi aqui vista como uma intenção de traduzir "literalmente", embora não no sentido estrito da palavra; a literalidade ou a fidelidade da tradução de Swan diz principalmente respeito ao caráter histórico do texto. Swan ainda apresenta a sua estratégia como uma tentativa consciente de fazer uma tradução diferenciada, que, ao contrário dos seus precedentes,¹⁶⁴ está focada no aspecto da linguagem do texto.

4.1.2 A integridade do texto

Na análise da integridade do texto da *Judenbuche* em relação aos *motifs* judaicos buscou-se identificar, de um lado, omissões no texto traduzido, em comparação com o original. De outro lado, buscou-se observar se houve outros tipos de intervenções nessas passagens. "Omissões" foram definidas, para a análise, como cortes de trechos textuais. Por "trechos" foram compreendidos frases e parágrafos inteiros, e partes de frases e de parágrafos. Omissões apenas lexicais não foram levadas em consideração. Essas ocorrências foram consideradas em outro momento da análise e são discutidas mais abaixo, nos respectivos tópicos voltados a esses itens.

No corpus de pesquisa, apenas duas ocorrências de intervenções na integridade do texto em relação aos *motifs* judaicos foram observadas, nas traduções 1934-en e 1995-hu. Nenhum outro texto do corpus contém alterações neste sentido.

164 Swan é o único tradutor nas traduções para o inglês do corpus que expressa a consciência de ser um re-tradutor da *Judenbuche*.

Na tradução para o inglês de 1934, a alteração constatada foi a omissão da inscrição hebraica no texto traduzido. No texto alemão, a inscrição hebraica constitui o § 91 (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34) da narrativa e é antecedida e sucedida pelas seguintes frases:

Am nächsten Morgen stand an der Buche mit dem Beil eingehauen:

אם העמוד במקום חוה יפנע כך כאשר אתה צשית לי

Und wo war Friedrich? (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 90-92)

Na manhã seguinte havia na faia a seguinte inscrição, talhada com um machado:

אם העמוד במקום חוה יפנע כך כאשר אתה צשית לי

E onde estava Friedrich?

O mesmo trecho na tradução inglesa de 1934 apresenta-se da seguinte forma:

The next morning a Jewish inscription was found cut into the trunk with an axe.

And where was Frederick? (1934-en, p. 276)

Na manhã seguinte, uma inscrição judaica foi encontrada entalhada no tronco com um machado.

E onde estava Friedrich?

Além da omissão da inscrição hebraica, a frase que precede a inscrição no original alemão também é modificada. A expressão "a Jewish inscription" é inserida como substituta para a inscrição ausente. Ela faz referência, assim, a uma "inscrição judaica", sem especificar que a inscrição está grafada em hebraico no original alemão. A visualização da "inscrição judaica" é, assim, deixada para a imaginação do leitor. A expressão "a Jewish inscription" é usada mais uma vez no final do texto traduzido, no qual em vez da expressão "escrita hebraica" ("hebräische Schrift", DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 116), presente no original alemão na frase que anuncia a "tradução", pelo narrador, do significado da inscrição hebraica para os leitores, o tradutor escolheu a expressão "Jewish inscription" (1934-en, p. 289).¹⁶⁵

165 Para a discussão dessa escolha do tradutor cf. tópico 4.1.4.

Na frase que antecederia a inscrição hebraica (no original alemão, a última frase do parágrafo 90), o verbo alemão "stand" ("havia") é traduzido em 1934 em por "was found" ("foi encontrada"), implicando também aqui uma alteração semântica: o verbo na voz passiva em inglês sugere a presença de agentes de percepção, enquanto o verbo alemão expressa a existência da inscrição, independente de um ato de percepção. Está implícito, no texto alemão, que a inscrição foi encontrada e percebida por alguém. O verbo alemão tem assim conotações mais ontológicas do que o verbo inglês: a presença da inscrição hebraica aparece separada da presença de agentes, tanto na sua produção (incisão na árvore), quanto na sua recepção (a descoberta pelos habitantes da região). O verbo "was found" no texto inglês conota muito mais a presença humana na recepção, mas também na produção da inscrição, remetendo para a curiosidade dos camponeses em verificar o que havia acontecido no bosque no dia anterior. Por fim, a referência à faia da última frase do parágrafo 90 da *Judenbuche* falta no texto inglês. A tradução inglesa informa ao leitor que a inscrição foi encontrada no "tronco" ("trunk"), sem especificar a árvore. Assim, falta, no texto inglês, a primeira referência ao título da narrativa.

O efeito da ausência da inscrição na tradução inglesa de 1934 é, por um lado, semelhante ao efeito da ininteligibilidade (para muitos leitores) da escrita hebraica no original alemão: em ambos os casos, o leitor desconhece o significado da inscrição. No entanto, a função narrativa de criar um suspense acerca dessa inscrição é perdida na tradução inglesa de 1934. A omissão da inscrição causa, ainda, mudanças no texto no que diz respeito à função estética da inscrição e à sua função como referência visual para o judaísmo na *Judenbuche*. No que diz respeito à dimensão estética, a inscrição tem, além da função de criar suspense, a função de acentuar o caráter não-familiar daquilo que acontece na floresta, iniciando-se com a procissão do grupo de judeus e terminando com a sua dispersão silenciosa. A incompreensibilidade desse ato é acentuada pela "aparição" da inscrição em um alfabeto presumidamente incompreensível aos olhos da maioria dos leitores no meio de um texto em escrita latina. Essa ênfase¹⁶⁶ não acontece no texto inglês.

Ao mesmo tempo, a inscrição hebraica no meio do texto alemão tem, no original, uma dimensão quase gráfica e constitui, assim, um fator visual e plástico no original. Essa visualização da presença de algo não-familiar no meio de um ambiente familiar,

166 A ênfase, no entanto, é criticada como um elemento textual antisemita por Franzos (1897).

simbolizada pelos dois alfabetos usados na narrativa, perde-se na tradução para o inglês de 1934 com a omissão da inscrição.

Os peritextos da tradução inglesa de 1934 não indicam as razões da omissão da inscrição no texto traduzido. Assim, é possível apenas especular sobre essas razões. Possíveis explicações seriam, a meu ver, que a omissão ocorreu por causa de limitações materiais no processo da produção da tradução, e/ou que ela foi motivada ideologicamente, e/ou que ela está ligada com a versão do texto alemão usada na tradução. Limitações materiais dizem respeito a (im)possibilidades tipográficas na produção do livro. Motivos ideológicos podem provir do tradutor ou da editora e estar relacionados com políticas em relação a judeus; a plausibilidade dessa razão parece justificada considerando o ano da publicação, embora ela não seja necessariamente certa.¹⁶⁷ O original alemão usado na tradução, por fim, pode também já ter contido o corte observado na tradução; no entanto, a publicação não fornece nenhuma informação acerca do original da tradução (sobre esse problema, cf. tópico 3.3.1).

Na tradução húngara de 1995, foi observada a segunda intervenção de caráter editorial no texto da *Judenbuche* no corpus: a transposição de um trecho que contém *motifs* judaicos. A ocorrência abarca as duas frases finais do texto original, que foram cortadas no texto traduzido, mas preservadas e inseridas em um lugar anterior do texto, na forma de uma nota de rodapé. As duas frases são:

Die hebräische Schrift an dem Baume heißt: "Wenn du dich diesem Orte nahest, so wird es dir ergehen, wie du mir gethan hast." (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 116-117)

A inscrição em hebraico na árvore diz: "Se tu te aproximares deste lugar, acontecerá contigo o mesmo que fizeste comigo."

A primeira frase do trecho constitui a introdução à "tradução" da inscrição hebraica pelo narrador do texto da *Judenbuche*, e é seguida pela "tradução" da inscrição. Na tradução

167 Até onde pude verificar, na Inglaterra dos anos 1930 não houve medidas oficiais antijudaicas como políticas públicas ou legislação. No entanto, a diplomacia dos anos 1930 na Europa tinha intenção de manter ou criar relações amigáveis com o regime alemão e esses esforços podem ter repercutido em outros setores da vida pública, como a publicação de livros. A omissão da inscrição hebraica poderia ser motivada pela intenção de evitar controvérsias. No entanto, para poder afirmar isso com mais certeza, uma análise mais ampla do contexto dessa tradução, algo que extrapolaria o escopo desta pesquisa, teria sido necessária.

húngara de 1995, as duas frases, omitidas no final do texto traduzido, são inseridas, em uma nota de rodapé, junto à inscrição hebraica, no meio do texto. No texto em alemão dessa edição bilíngue, a mesma mudança foi feita. O texto da nota de rodapé na versão alemã corresponde ao texto citado acima. A tradução do trecho na nota de rodapé no texto húngaro é:

* A héber írás a fán ezt jelenti: "Ha e helyhez közelítség, beteljesedik rajtad, amit velem tettél." (1995-hu, p. 89)

* *A escrita hebraica na árvore significa: "Se você se aproximar desse lugar, acontecerá a você aquilo que você fez a mim."*

Embora omitidas nos finais dos dois textos (alemão e húngaro) da *Judenbuche* na tradução húngara, as duas frases são assim preservadas no texto. O fato de a transposição ocorrer tanto na versão alemã quanto na versão húngara da narrativa deixa em aberto a questão acerca da motivação dessa transposição: possivelmente, uma edição modificada do texto alemão poderia ter causado a mudança no texto húngaro. Essa possibilidade é, contudo, pouco plausível, já que em nenhuma das quatro traduções húngaras anteriores, todas creditadas ao mesmo tradutor, Lőrinc Szabó, essa mudança ocorre: em todas, as duas frases constituem o final do texto traduzido. Parece-me mais provável que a transposição tenha acontecido no processo de edição do texto de Szabó para a tradução húngara de 1995, e que a modificação no texto alemão tenha seguido a intervenção do texto traduzido.

A transposição do trecho tem consequências do ponto de vista da estrutura narrativa da *Judenbuche*. No original alemão, o suspense no texto é iniciado com a inscrição hebraica e sua ininteligibilidade para a maioria dos leitores. O suspense culmina na morte de Johannes Niemand / Friedrich Mergel, e se desfaz nas últimas frases da narrativa, na "tradução" da inscrição hebraica pelo narrador. A tradução húngara de 1995, no entanto, muda a natureza do suspense, inserindo uma explicação acerca do significado da inscrição hebraica justamente no momento de sua aparição no texto. Assim, no texto traduzido em 1995-hu, todos os acontecimentos da trama que seguem a incisão da inscrição hebraica na faia já estão carregados do caráter ameaçador que a inscrição anuncia, e estão inseridos na lógica retaliativa da inscrição. O suspense narrativo ligado à ininteligibilidade da inscrição não é construído.

Além do suspense, uma ambiguidade presente no texto alemão é omitida na tradução húngara de 1995. A tradução final da inscrição hebraica no texto alemão reconstrói retrospectivamente uma causalidade dentro da trama da *Judenbuche*. O seu significado, revelado apenas no final, insinua uma conexão entre vários acontecimentos narrados na trama, que parecem, inicialmente, desconectados – a fuga de Friedrich Mergel e Johannes Niemand do vilarejo B. após o assassinato de Aaron, a volta do escravo turco para o vilarejo, a sua inquietude, e, por fim, a sua morte na faia. O adiantamento da "tradução" da inscrição hebraica no texto húngaro afirma, no entanto, essa causalidade desde o momento da inserção da inscrição no texto. A ambiguidade acerca da inscrição é eliminada e o seu caráter retaliativo, acentuado: todos os acontecimentos que se seguem na narrativa são lidos como decorrentes da "maldição" contida na inscrição.

A mudança do tipo textual do trecho na tradução húngara de 1995 – do texto narrativo para uma nota de rodapé – atribui ainda outras conotações à "tradução" da inscrição. No original alemão, a "tradução", dentro da narrativa, pertence claramente à voz do narrador da *Judenbuche*. Na tradução húngara de 1995 essa autoria não fica mais tão clara: notas de rodapé, um elemento paratextual, costumam introduzir mudanças de voz narrativa em textos ficcionais. Quando narradores ficcionais inserem notas de rodapé na própria narrativa, esse ato tem um efeito particular para o texto narrado, constituindo um elemento autorreferencial. Narrativas como a *Judenbuche* são caracterizadas pela ilusão de um texto contado, ou seja, por meio de estratégias narrativas, o leitor tem a impressão de ser um ouvinte de uma história narrada a ele. Notas de rodapé quebram essa ilusão e chamam a atenção do leitor para o caráter escrito do texto nas suas mãos. A escrita, por sua vez, implica uma noção de distanciamento temporal, pelo narrador, dos eventos narrados. Assim, a escrita implica a presença da editoração. A inserção da nota de rodapé na tradução húngara cria esse tipo de autorreferência na *Judenbuche*, quebrando a ilusão do contar do texto original e chamando atenção ao seu caráter escrito. Como textos escritos têm, na cultura ocidental, uma autoridade diferente daquela dos textos contados, a nota de rodapé na tradução húngara confere essa autoridade à *Judenbuche*. A voz do narrador na nota de rodapé é uma outra – distanciada, refletida, mais intencional.

A transposição textual tem também implicações éticas. Além da questão da validade desse tipo de editoração póstuma, a transposição tem consequências para a interpretação da

narrativa, construindo causalidades e proporcionando ao texto um caráter que não está presente no original. A intervenção observada acontece em um ponto nevrálgico do texto no que diz respeito aos *motifs* judaicos: a retaliação implícita na, e decorrente da, inscrição hebraica, apenas sugerida pelo narrador no texto alemão, está explícita e manifesta na tradução húngara.

A razão dessa transposição não está explicada na tradução húngara de 1995. A lista de mudanças editoriais da edição não faz referência a esse ponto do texto. Uma possível razão pode ser a recepção da *Judenbuche* enquanto tipo textual, documentada nos peritextos das traduções húngaras. Os peritextos dessas traduções indicam que a *Judenbuche* é lida como uma narrativa etnográfica com caráter literário: ela é comentada nos peritextos como uma história baseada em fatos reais e uma narrativa etnográfica que apresenta os costumes de uma região em uma determinada época histórica. A antecipação e inserção da tradução em forma de nota de rodapé contribuem e reforçam essa leitura. A transposição pode fazer um certo sentido a partir de um determinado ponto de vista: uma ambiguidade textual é dissolvida. Ambiguidade como característica de textos poéticos é menos desejada em textos de natureza mais documental, como narrativas etnográficas. A transposição observada pode talvez ser vista, então, como uma tentativa de reforçar o caráter etnográfico da *Judenbuche*, indicado também pelo subtítulo da novela.

4.1.3 A inscrição hebraica

A inscrição hebraica é o mais explícito e mais visível *motif* judaico na *Judenbuche*, além do próprio título da narrativa. A análise da presença da inscrição nas traduções do corpus buscou observar se e de que modo a inscrição, presente no original alemão, foi reproduzida nos textos traduzidos.

A comparação foi feita em relação ao formato da inscrição na edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff, o formato padrão da inscrição desde a primeira publicação da *Judenbuche*.¹⁶⁸ Na edição histórico-crítica, a inscrição é inserida, em grafia hebraica, no meio do texto em grafia latina, em uma linha (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 91):

168 Na primeira edição da *Judenbuche*, na revista *Morgenblatt für gebildete Leser*, a inscrição está reproduzida na forma de uma única linha, mas com uma quebra de linha parcial, no final da coluna textual, em decorrência do formato estreito do texto na publicação.

אם תעמוד במקום חות יפגע כך כאשר אתה עשית לו

Ilustração 6: A inscrição hebraica

Essa convenção costuma ser mantida nas publicações da *Judenbuche* em alemão. Em relação ao modo de reprodução da inscrição hebraica nas traduções do corpus, as seguintes observações foram feitas: em apenas uma tradução, 1934-en, a inscrição não é reproduzida (cf. a discussão acima, no tópico 4.1.1). Em todas as outras traduções, a inscrição é reproduzida na sua forma original.¹⁶⁹ Na maioria dos textos traduzidos, a inscrição é reproduzida de um modo correspondente à edição histórico-crítica, ou seja, em escrita hebraica e em formato de uma linha. Em todos os textos traduzidos, a inscrição se destaca do resto do texto do mesmo modo como no texto alemão, já que todos os idiomas do corpus são codificados em escritas latinas.

Duas traduções divergem do padrão descrito acima. Na tradução tcheca de 1938, o formato de reprodução em uma linha é mudado e a inscrição é reproduzida com quebra de linha (cf. ilustração 7). Na tradução italiana de 1933, a inscrição está reproduzida em escrita latina (cf. ilustração 8). Além dessas observações, a análise mostrou ainda que a inscrição vem às vezes acompanhada de nota de rodapé explicativa nas traduções do corpus. Esse aspecto, por ser um fenômeno paratextual, será discutido mais adiante (cf. tópico 4.2).

Como dito acima, a tradução tcheca de 1938 reproduz a inscrição na faia na escrita hebraica, mas em um formato diferente. A inscrição é dividida em três versos, como mostra a ilustração da página da tradução tcheca (1938-cz, p. 74):

¹⁶⁹ Ela é reproduzida também nas traduções de alfabetos não-latinos, excluídas da análise. A questão que se impõe é o quanto de estranhamento a inscrição em hebraico causa em culturas não-ocidentais e quais são as conotações que leitores desses contextos culturais fazem com o alfabeto hebraico. Em contextos como o japonês, a cultura judaica é algo importado mediante a literatura estrangeira, junto com fenômenos como antissemitismo e filossemitismo (cf. sobre isso Bistrovic (2011)). A presença da inscrição na tradução hebraica, na forma original, também impõe várias questões acerca do seu efeito nos leitores. É digno de nota que a "tradução" da inscrição no final da *Judenbuche* em hebraico é uma repetição literal da inscrição, o que sugere que a invenção de Droste-Hülshoff foi aceita, pela tradutora Leah Goldberg, como um texto autêntico.

Ilustração 7: A inscrição hebraica na tradução tcheca de 1938

Não foi encontrada nenhuma informação acerca do motivo da mudança do formato na tradução tcheca de 1938. O conteúdo do texto hebraico permanece inalterado.

A tradução italiana de 1933 contém a inscrição, mas muda a sua tipografia: a inscrição é reproduzida em transliteração em grafia latina. A transcrição em grafia latina da inscrição hebraica é:

Im ta'amod bamakom haseh

jiphgaa bach ka'ascher attah assita li (1933-it, p. 112)

A ilustração abaixo mostra a página 112 da tradução italiana:

Ilustração 8: A inscrição hebraica na tradução italiana de 1933

A adaptação dá a impressão de uma tentativa de assimilar o estranho, de suprimir o particular que não faz parte do geral, de diluir, mediante uma metáfora textual, uma minoria em uma maioria.

Apesar de reproduzir a inscrição em alfabeto latino, o texto traduzido faz, contudo, referência à grafia hebraica da inscrição. A frase que precede a inscrição é ampliada, em comparação com o original alemão (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 90), por uma passagem que informa ao leitor a escrita hebraica da inscrição:

All'indomani sul faggio, inciso colla scure, stava scritto *in caratteri ebraici*: (1933-it, p. 112, grifo meu)

No dia seguinte, na faia, talhado com um machado, estava escrito em caracteres hebraicos:

Além de ser transcrita em grafia latina, a inscrição está reproduzida com quebra de linha, sugerindo um formato de poema. A mesma quebra de linha encontra-se mais adiante

no texto traduzido, na "tradução" da inscrição pelo narrador no final da *Judenbuche*. No texto em italiano, a "tradução" da inscrição hebraica é apresentada, ao contrário do original alemão (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 117), separada do texto da narrativa, na forma de dois versos marcados em negrito:

Se a questo luogo t'avvicinerai

tu subirai quello che a me facesti. (1933-it, 134, grifo do autor)

A tradução italiana de 1933 não indica as razões das mudanças. A transcrição da inscrição em alfabeto latino pode ter sido motivada por questões editoriais, por exemplo a dificuldade de reproduzir tipograficamente o texto hebraico. O ano da publicação também pode ter influenciado a decisão editorial de transcrever a inscrição: em 1933, a Itália estava sob o regime fascista. Apesar de, naquela época, oficialmente não ser caracterizado por ideologia antissemita igual à do fascismo alemão, o regime italiano introduziu não muito mais tarde, em 1938 e sob influência da Alemanha, leis racistas (cf. WOLLER, 2010). Assim, a publicação da inscrição hebraica em forma de transcrição pela editora poderia ser também decorrente de pressões ideológicas.

A inscrição em grafia latina mantém o caráter misterioso da inscrição, já que o texto continua incompreensível para os leitores que não falam hebraico. O estranhamento que a inscrição em hebraico causa ao leitor é, no entanto, menor, pelo fato de estar diante de uma grafia familiar. O que se perde com a mudança para a grafia latina é também a indicação visual do tema judaico no texto e a indicação gráfica do "outro" no meio do texto. A escrita hebraica constitui em cada uma das traduções da *Judenbuche* um elemento distinto do resto do texto e a alienação causada por essa distinção faz parte do ato de leitura. Uma certa alienação permanece na transliteração da edição italiana de 1933, já que o texto, mesmo em alfabeto latino, não se comunica com o leitor que não tem conhecimentos do hebraico, como foi dito acima. No entanto, a ruptura causada pela inscrição ao texto narrativo como um todo desaparece com a adaptação da inscrição em alfabeto latino.

4.1.4 Frases em trechos da narrativa

A análise de frases em dois trechos da *Judenbuche* ligados a *motifs* judaicos buscou observar *shifts* semânticos no texto traduzido, definidos como opcionais, em frases

consideradas sensíveis. Os dois trechos da narrativa analisados foram o trecho que contém a "lição moral" de Margreth a Friedrich Mergel quando criança (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18) e o trecho da briga entre Friedrich Mergel, já adulto, e Aaron durante o casamento camponês (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80).

No trecho que contém a "lição moral" de Margreth ao seu filho - o primeiro trecho da *Judenbuche* no qual um *motif* judaico é verbalizado - as frases analisadas são a resposta irritada de Margreth às perguntas de Friedrich que acusa Hülsmeier de ser um ladrão, por tê-lo visto roubar dinheiro de Aaron, depois de uma briga. A mãe reage às palavras do filho com o seguinte comentário:

"Hat er dem Aaron Geld genommen, so hat ihn der verfluchte Jude gewiß zuvor darum betrogen. Hülsmeier ist ein ordentlicher, angesessener Mann, und die Juden sind alle Schelme." (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18)

"Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego dele antes. Hülsmeier é um homem decente e estabelecido, e os judeus são todos embusteiros."

Ao desabafar uma irritação que resulta da percepção de que a conversa com o filho tomou um rumo indesejado, Margreth dá, ao mesmo tempo, vazão a atitudes antijudaicas. A sua declaração costuma ser interpretada como representativa para atitudes antijudaicas comuns na Europa do século XVII. Os preconceitos e atitudes expressos por ela fazem parte do inventário de preconceitos e atitudes antijudaicos europeus. Fazem parte desse inventário:

- um desprezo geral contra os judeus, visíveis, na frase, na expressão "der verfluchte Jude"; o adjetivo "verflucht", do vocabulário sacral, indica talvez ainda uma dimensão religiosa do antijudaísmo europeu;
- a associação de judeus a dinheiro e ganância, expressa na suposição de que Aaron tinha enganado Hülsmeier;
- a criminalização de judeus, em conjunto com uma generalização, expressas no final da segunda frase por "die Juden sind alle Schelme";

- uma contraposição de judeus em relação à população cristã, alegando que os judeus não são confiáveis e são forasteiros, mesmo quando são pessoas locais bem conhecidas, como ilustra o próprio texto;¹⁷⁰ no texto, essa contraposição fica visível na definição de Hülsmeier como um homem "ordentlich" e "angesessen", definindo-o assim como o oposto de Aaron.

A análise buscou identificar, na tradução dessas duas frases, *shifts* principalmente nas soluções de tradução para as expressões mencionadas acima. A análise foi feita mediante uma comparação das duas frases com o original alemão. A relação das frases nos textos traduzidos, acompanhadas por traduções o mais literais possível para o português, encontra-se no Anexo deste trabalho (cf. tabela 13). A seguir, exponho os resultados da análise, baseada nessa tabela.

Nas traduções destas duas frases, foram encontrados poucos *shifts* interpretados como opcionais. Nas traduções do corpus, prevalece uma estratégia de tradução literal. Em nenhum dos textos traduzidos foram observadas omissões lexicais. A presença de alguns *shifts* demonstra, contudo, que os tradutores encontraram margens interpretativas nessa passagem. A natureza dos *shifts* observados levou à conclusão de que a passagem não provocou nos tradutores reações que poderiam ser chamadas de "tomadas de atitudes". Portanto, as margens interpretativas não foram usadas pelos tradutores para se posicionar de um modo explicitamente valorativo frente a essa passagem dentro do texto traduzido. No entanto, as interpretações encontradas permitem tirar conclusões sobre algumas conotações que a passagem evocou nos tradutores.

A expressão "der verfluchte Jude" é traduzida de um modo que pode ser classificado como literal em quase todos os idiomas. Para a tradução do adjetivo, os tradutores costumam recorrer a adjetivos que correspondem ao alemão "verflucht", com as mesmas¹⁷¹ conotações sacrais, p. ex. em inglês "accursed", em francês "maudit", em italiano "maldetto". A tradução inglesa de 1958 (e as suas reedições de 1989 e 2008) usa, no entanto, um adjetivo que não tem a conotação sacral, a saber o adjetivo "wretched".¹⁷²

170 No texto, isto fica perceptível pelo fato de Friedrich se referir a Aaron apenas pelo primeiro nome, sem outros atributos, e a mãe imediatamente identificar a pessoa referida.

171 Não foi possível, no entanto, avaliar se as conotações dos adjetivos nas traduções têm o mesmo peso em todas as línguas.

172 Definido por Michaelis (2000-2007) como "1 baixo, ordinário, desprezível, ignóbil, vil, infame; 2 triste, infeliz, desgraçado, desditoso; 3 pobre, escasso, indigente; 4 ruim, imprestável". Nenhuma dessas

Como atributo depreciativo, "wretched" é de uso comum. A tradução da expressão alemã em 1958-en é, assim, mais idiomática do que literal.

Atenção foi também dada aos itens lexicais "betrogen" e "Schelme"; aqui também há pouca variação semântica, pelo menos no nível denotativo das palavras. O verbo alemão (no pretérito perfeito) "hat... betrogen" é traduzido por verbos em outros tempos de passado. A denotação dos verbos é, na maioria das vezes, a mesma de "betrügen", ou seja, "enganar". Há duas variações: na tradução holandesa de 1923, a tradutora muda o verbo para "zoveel afgezet", que significa "tirou muito"; de modo semelhante, na tradução francesa de 1958 encontra-se aqui o verbo "soutirer" ou "subtrair". Os dois verbos sugerem conotações do estereótipo antijudaico de subtração de dinheiro dos cristãos, frequentemente ligado à imagem de sanguessugas (cf. ROBINSON, 2011; WALDBAUER, 2007, p. 69s). As duas traduções sugerem, assim, que essa conotação tenha entrado no processo de recepção desse trecho da *Judenbuche* por meio dos tradutores das duas traduções citadas.

No caso de "Schelme", os tradutores aplicaram em todos os casos traduções aproximadas à denotação de "Schelm", no sentido de "patife", tendendo ora para o significado de "canalha" (p. ex. "rogue" em inglês), ora para o significado de "trapaceiro" (p. ex. "bedrieger" em holandês). Em um único caso, o alemão "Schelme" é ampliado, na tradução, por um atributo, a saber na tradução italiana de 1987, na qual "Schelme" é traduzido por "furfanti giramondo" ou "patifes errantes pelo mundo". A tradução parece informada por conotações acerca da imagem do Judeu Errante, uma imagem ligada à diáspora dos judeus depois da expulsão de Israel e presente no imaginário europeu desde a Idade Média na figura de Ahasver.¹⁷³ A conotação foi evocada, a meu ver, pela contraposição entre Aaron e Hülsmeier na fala de Margreth, sendo o último caracterizado por Margreth como "anständig" ("decente") e "angesessen" ("estabelecido"). Se Aaron é, na visão de Margreth, o oposto de Hülsmeier, então ele não é "angesessen", mas viajante, errante, sem lugar. A tradução italiana de 1987 explicita essa oposição, implícita no texto alemão.

definições tem a conotação sacral de "verflucht".

173 Sobre Ahasver cf. Daube (1955). Sobre aspectos do Judeu Errante na literatura cf. Körte (2000) e Körte e Stockhammer (1995).

As traduções dos dois adjetivos atributos de Hülsmeier na fala de Margreth mostram a maior variação interpretativa do trecho, resumida na tabela 14. A tradução de ambos os adjetivos encontrou diferentes interpretações nas traduções do corpus. O adjetivo "ordentlich" pode ser interpretado de diferentes modos. Duas das quatro denotações listadas pelo *Duden Universalwörterbuch* (2011) parecem ter sido a principal base das traduções no corpus: "ordentlich" no sentido fundamental de "ordeiro", e no sentido derivado de "decente". O segundo significado deve ter sido também a razão de traduções como "sérieux" ("sério, confiável", 1958-fr), "galantuomo" ("homem honrado", 1987-it) ou "un uomo per bene" ("um homem de bem", 1998-it), bem como expressão "waarop niets te zeggen valt" ("sobre o qual não há nada a dizer", 1923-nl).

As traduções do adjetivo "angesessen" mostram uma variação maior. Por um lado, chama a atenção a falta de tradução desse adjetivo em algumas das traduções do corpus. Uma possibilidade poderia ser a dificuldade de traduzir o termo para dada língua. No entanto, o fato de haver, nas traduções nas quais o termo não parece ser traduzido, sempre vários termos atribuíveis ao adjetivo "ordentlich", a suspeita de que o adjetivo "angesessen" ("estabelecido") houvesse sido confundido com o adjetivo fonética e tipograficamente semelhante "angesehen" ("respeitável"), um adjetivo de significado aproximado a "ordentlich" e representado por traduções como "respectable" (p. ex. 1913-en), pode ser justificada em alguns dos casos. Nos casos nos quais o adjetivo foi traduzido, encontram-se, por um lado, diferentes expressões para render o significado "estabelecido", indicando talvez a dificuldade de encontrar uma tradução, nos respectivos idiomas, para esse termo alemão. Os termos do corpus são "householder" ("proprietário de casa", 1913-en), domiciliato ("residente", 1933-it), "idevalósi" ("daqui", em todas as traduções húngaras), "bien établi" ("bem estabelecido", 1958-fr), "bofast" ("habitante", 1966-sv), "well-established" ("bem estabelecido", 1975-en), "sedentário" ("sedentário", 1977-es).

Por outro lado, há algumas traduções que não apenas traduzem o termo, mas também explicitam uma conotação implícita na fala de Margreth e discutida acima em relação à tradução do termo "Schelme" em 1987-it: a imagem de judeus como forasteiros, errantes e sem lugar próprio. Jenny Hortenbach, a tradutora da edição norueguesa, traduz "angesessen" por "her fra landsbyen" ("do vilarejo", 1979-no), interpretando a caracterização de Aaron por Margreth como não-local no sentido de não ser morador do

mesmo vilarejo. As traduções 1958-en (e suas reedições), 1987-it e 1998-it apontam, no entanto, para uma dimensão mais ampla: nessas traduções, Hülsmeier é, na fala de Margreth, "um da nossa terra" ("uno della nostra terra, 1987-it) ou, ainda mais abstrato, "um de nós" ("one of us", 1958-en e "uno de noi", 1998-it). O que as duas últimas traduções citadas explicitam é sobretudo a construção, implícita no texto da fala de Margreth, da oposição entre "nós", os cristãos, representados por camponeses westfalianos do vilarejo B. e "eles", os judeus, vistos como forasteiros, errantes e sem lugar próprio. As traduções refletem, assim, a visão do povo judeu como *outsiders* da sociedade europeia.¹⁷⁴

As traduções citadas aqui poderiam ser interpretadas como representando uma visão ou atitude negativa dos tradutores frente aos judeus. No entanto, parece-me possível que essa imagem pode ter entrado nas traduções por via do "universo de discurso" dos tradutores – que as traduções, portanto, representem associações ligadas ao imaginário coletivo acerca dos judeus no Ocidente. As traduções não significam *shifts* fortes em comparação com o original, nem correspondem a uma mudança significativa dos significados no trecho. Antes, elas me parecem explicitações ou intensificações dos significados já presentes no texto original.

No trecho que narra a confrontação entre Friedrich Mergel e Aaron durante o casamento camponês - o episódio central, na *Judenbuche*, da trama ligada aos *motifs* judaicos - as frases analisadas são a exortação dos convidados a submeter Aaron a um ritual humilhante:

"Packt den Juden! wiegt ihn gegen ein Schwein!" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80)

"Peguem o judeu! Coloquem-no na balança junto com um porco!"

A exortação ocorre logo após a cena do embate entre Aaron e Friedrich Mergel, quando Aaron, depois de ter o seu pedido público de quitação de dívidas rechaçado por Friedrich, chama Friedrich de pobre na frente dos convidados. A exortação dos convidados, logo após essa cena, tem um caráter de retaliação por conta da humilhação que Friedrich, na sua própria percepção¹⁷⁵ e na percepção dos convidados, havia sofrido. A exortação e o ritual

174 A tradição de caracterizar judeus como *outsiders* foi discutida, entre outros, por Hans Meyer. Cf. Mayer (2007).

175 A percepção de Friedrich está verbalizada no início do trecho, no qual o narrador, focalizando Friedrich, comenta: "Eine große, unerträgliche Schmach hatte ihn getroffen..." ("Uma grande e insuportável afronta

sugerido são de caráter antissemita. A primeira frase, "Packt den Juden!", evoca associações de ações coletivas contra judeus, como expulsões e pogrons, nas sociedades europeias desde a Idade Média. A segunda frase, "wiegt ihn gegen ein Schwein!" contém, por um lado, uma ofensa na sugestão da comparação de Aaron com um proco, o animal considerado impuro na religião judaica. Por outro lado, o uso da imagem do porco remete ao imaginário antijudaico, no qual, desde a Idade Média, o porco tem um papel importante (cf. SCHUBERT, 2007, p. 53 ; SHACHAR, 1974).

A análise dessas duas frases visou a observar as soluções encontradas pelos tradutores, buscando identificar *shifts* que poderiam ser interpretados como opcionais. As traduções encontradas no corpus são organizadas na tabela 15, em Anexo, segundo os idiomas da tradução, com indicações do ano de publicação, e são acompanhadas por traduções as mais literais possíveis para o português. A seguir, apresento a discussão dos resultados da análise, baseada na tabela mencionada.

A maioria das traduções das frases escolhidas não contém *shifts* interpretados como opcionais. Em quase todos os casos a estrutura do original, em duas frases, é mantida, com a exceção das traduções dinamarquesa e francesa, que aglutinam as duas frases.

A primeira frase, a exortação "Packt den Juden!", é traduzida em todos os casos de um modo compreendido aqui como literal. Algumas variações, nessas traduções, foram encontradas em diferentes idiomas no que diz respeito à tradução do verbo. As traduções para o inglês divergem entre "catch" (1913-en), "seize" (1934-en e 1997-en), "get hold of" (1958-en e reedições) e "grab" (1975-en e 2010-en). As traduções holandesas divergem entre "pakt" (1923-nl) e "grijp" (1984-nl), e as italianas, entre "afferate" (1933-it e 1998-it) e "dàlli" (1987-it). Em todos os casos, contudo, trata-se de verbos que foram considerados sinônimos do verbo alemão "packen" nas respectivas línguas. Contudo, não foi possível aferir em que medida as traduções encontradas correspondem idiomáticamente à frase alemã, na qual o uso do verbo "packen" é dado pela convencionalidade da expressão.

Uma outra variação, restrita contudo a um único idioma, o italiano, é a tradução do gentílico "Jude" na frase. Enquanto a tradução italiana de 1933 o traduz como "giudeo", as traduções de 1987 e 1998 usam o termo "ebreo". Os termos são, no que diz a sua

o havia atingido...") (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80).

denotação, sinônimos no italiano e são ambos de uso corrente até hoje; no entanto, as suas conotações mudaram no decorrer do século XX. O termo "giudeo" adquiriu conotações claramente pejorativas, enquanto o termo "ebreo", embora também possa ter conotações negativas, é um termo considerado hoje em dia mais neutro.¹⁷⁶ A variação observada parece assim apontar para uma sensibilidade dos tradutores italianos, nas traduções mais recentes, acerca da problematicidade da palavra "giudeo" hoje. Essa sensibilidade fica também visível, a meu ver, pelo fato de que justamente neste trecho da *Judenbuche* um sinônimo mais explicitamente pejorativo poderia ter sido usado, já que a frase em questão é explicitamente ofensiva. A escolha da palavra "ebreo" aponta, assim, para uma intenção, por parte dos tradutores, de amenizar a natureza controversa do trecho.

A segunda frase do trecho, a frase "Wiegt ihn gegen ein Schwein!", também é traduzida de um modo predominantemente literal. A maioria das traduções analisadas referem-se de algum modo ao ato de pesar ("wiegen") com o porco como contrapeso. As construções e as expressões foram consideradas majoritariamente sinônimas, também nos casos de diferenças intralinguais, por exemplo no caso das traduções para o espanhol, nas quais os dois termos diferentes usados para traduzir "Schwein" correspondem à diferenças regionais do uso desse termo nos lugares da publicação, ou seja, na Espanha e na Argentina. No caso das traduções holandesas, a variação em relação ao mesmo termo, "Schwein", foi compreendida em termos de diacronia linguística: o termo "zwijn" parece pertencer a usos mais antigos, enquanto "varken" parece ser o termo usado mais contemporaneamente.¹⁷⁷ Essa variação não foi, portanto, interpretada como baseada em conotações e indicativa de atitudes, mas, antes, como sintoma da diacronia do corpus.

Em alguns casos, contudo, foram observados *shifts* na tradução da segunda frase, que foram interpretados como motivados por considerações que iam além das diferenças estruturais entre o alemão e os respectivos idiomas. Em três casos – na tradução francesa

176 O dicionário online *Dizionario italiano* define, por exemplo, "giudè" como gentílico e como um termo depreciativo, sinônimo de "ávaro" e "traidor" ("[spregiativo] avaro, traditore"), enquanto "ebreo" é definido apenas como gentílico. Cf. *Dizionario italiano* [<http://www.dizionario-italiano.it/>, último acesso: 12/09/11]

177 Essa suposição foi confirmada em uma pesquisa dentro do corpus paralelo *LitText - literarische Texte*, disponível na página do instituto da língua holandesa da *Freie Universität* em Berlim (<http://neon.niederlandistik.fu-berlin.de/de/corpus/zoek?bereich=LitText>, último acesso: 06/09/11). O corpus compara romances contemporâneos holandeses e suas traduções para o alemão. O objetivo da pesquisa era observar a frequência dos dois termos nos textos literários holandeses. O termo "varken" foi encontrado 25 vezes em 4 textos, enquanto o termo "zwijn" foi encontrado uma vez em um texto.

de 1958, na tradução holandesa de 1984 e na tradução italiana de 1998 – as escolhas lexicais na tradução do verbo "wiegen" indicam, a meu ver, que os tradutores interpretaram a contraposição entre uma pessoa e um porco como uma questão de valor, não apenas de peso físico. Essa diferença está já implícita na frase alemã; nessas três traduções, contudo, ela é explicitada. A tradução francesa sugere, em vez do ato de pesar, um ato de troca, que remete a atividades comerciais, baseadas em questões de valores:

[...] échangez-le contre un cochon! (1958-fr, p. 131/133)

[...] troquem-no por um porco!

A tradução italiana de 1998 também se refere ao ato de troca:

Che se lo vengano a riprendere in cambio di un maiale! (1998-it, p. 169/171)

Que o troquem por um porco!

A tradução holandesa de 1984 é ainda mais explícita, referindo-se diretamente à questão do valor:

Hij is niet meer waard dan een varken! (1984-nl, p. 47s)

Ele não vale mais do que um porco!

Nessas três traduções, a atividade física de pesar, usada metaforicamente como ato de medir os valores, é traduzida mais explicitamente com expressões que indicam contraposição de valores.

Em duas traduções – na tradução tcheca de 1938 e na tradução húngara de 1957, com a frase reproduzida sem mudanças nas reedições de 1968 e 1983 - o ato de pesar é traduzido com expressões que se referem a atos de jogar Aaron em um lugar de porcos. Na tradução tcheca, o texto refere-se diretamente aos porcos:

Hodte ho sviním! (1938-cz, p. 63s)

Joguem-no aos porcos!

A tradução húngara refere-se à pocilga:

Lökjétek a disznóólba! (1957-hu, p. 500)

Joguem-no na pocilga!

Os *shifts* visíveis nessas traduções não reinterpretam o verbo "wiegen", mas se referem mais especificamente ao substantivo "Schwein" e às suas associações. É possível imaginar que os tradutores tenham avaliado o grau da ofensa contra Aaron, expressa na metáfora do ato de pesar, como incompreensível para os seus leitores e explicitaram com mais ênfase o ato de ofender contido na frase. O ato de jogar alguém aos porcos é mais explicitamente ofensivo e, como metáfora, mais plástico.

Na tradução húngara de 1941, por fim, o sentido da segunda frase é mudado por completo. Lőrinc Szabó traduz:

Leszúrni, mint egy disznót! (1941-hu, p. 48s)

Matem-no como um porco!

Aqui o ato de contrabalancear torna-se, na tradução, um ato explícito de matar. Trata-se de um *shift* grande, também em comparação com os outros casos de *shifts* discutidos acima. Não se pode mais falar aqui de uma explicitação de um dos aspectos implícitos na frase alemã, mas sim de uma mudança do sentido da frase. A motivação dessa mudança está certamente relacionada com a data e o contexto da publicação da tradução. A tradução húngara da *Judenbuche* de 1941, como informa o posfácio da reedição da tradução em 1995 discutido com mais detalhes na análise dos peritextos das traduções (cf. tópico 4.2.2), fazia parte de um conjunto de traduções encomendadas por uma sociedade para a disseminação da cultura alemã na Hungria durante a aliança da Hungria com a Alemanha Nazista. Na carta, reproduzida dentro desse posfácio, o tradutor expressa receios de que a *Judenbuche* poderia ser considerada ideologicamente inadequada, por ser favorável demais em relação aos judeus (cf. 1995-hu, p. 166).¹⁷⁸ O *shift* na tradução de Szabó parece, assim, motivado

¹⁷⁸ Os receios parecem justificados diante da existência de trabalhos de crítica literária alinhados com a ideologia Nazista, nos quais justamente esse ponto é criticado, cf. Müller (1939) e a sua discussão acima, no tópico 1.2.3.

pelo desejo de adequar o texto da *Judenbuche* às exigências ideológicas do lugar e da época.

É difícil avaliar, contudo, se a mudança observada foi motivada por um desejo de se adequar ao *Zeitgeist*, ou se ela é o resultado de atitudes antissemitas do próprio Szabó. É também difícil diferenciar entre essas duas possibilidades, que podem ter coincidido. A carta de Szabó, discutida abaixo (cf. tópico 4.2.2), não contribui para uma desambiguação. Szabó, antes da Segunda Guerra Mundial um reconhecido poeta modernista, foi acusado, depois da Segunda Guerra, de colaboração com os Nazistas e seus representantes na Hungria, e punido com uma proibição de publicar obras próprias; essas informações corroboram a suposição de uma intenção de Szabó de adequar o texto da *Judenbuche* às expectativas do momento histórico no qual a tradução foi feita.¹⁷⁹ De qualquer forma, a tradução húngara de 1941 documenta tanto uma expressa sensibilidade do tradutor diante da frase analisada aqui, quanto a sua disponibilidade em deixar a sua voz audível e suas atitudes expressas no texto traduzido.

As reedições da tradução de Szabó mostram, no entanto, uma mudança gradual em relação à frase analisada. Todas as cinco traduções húngaras do corpus são creditadas exclusivamente a Lőrinc Szabó. Em cada uma delas, contudo, o texto traduzido é mudado, também em relação à frase analisada aqui. As mudanças na tradução de 1957 foram, talvez, ainda feitas pelo próprio Szabó, que morreu nesse mesmo ano; as mudanças nas traduções restantes são póstumas e portanto editoriais.

Em relação à segunda frase do trecho analisado, o teor agressivo é alterado já na tradução de 1957 para uma versão menos drástica: a exortação de matar Aaron é "amenizada" pela substituição por uma exortação de jogá-lo na pocilga (cf. a discussão da tradução acima). Essa versão, já menos agressiva e mais próxima ao original, permanece nas edições de 1968 e 1983. Em 1995 a frase é de novo alterada. A última versão contém a exortação de colocar Aaron na balança com um porco, embora com alguns detalhes que não se encontram no original:

Mázsára vele, nyom annyit, mint egy disznó! (1995-hu, p. 75/77)

¹⁷⁹ Essas informações foram acessadas por meio da Wikipedia [http://de.wikipedia.org/wiki/Lőrinc_Szabó, último acesso: 14/02/12].

*Pesem-no, ele deve ter o peso de um porco!*¹⁸⁰

A tradução da frase de 1995 é, assim, a mais próxima ao original.¹⁸¹ Assim, as mudanças da tradução da frase "Wiegt ihn gegen ein Schwein!", nas traduções húngaras, mostram, no decorrer do tempo, uma preocupação com o conteúdo da segunda frase do trecho aqui analisado. A amenização, cada vez mais, do teor agressivo, deduzida dos *shifts* observados, mostra uma sensibilização em relação ao tema.

4.1.5 Elementos lexicais

A análise dos elementos lexicais nas traduções do corpus concentrou-se em dois aspectos da *Judenbuche*: no grupo de termos "Jude / Israeliten / hebräisch", ligados ao campo semântico "judeus", e nos apelidos de dois personagens judaicos, "Wucherjoel" e "Lumpenmoises". A análise das traduções do grupo de termos visou a verificar se a mesma variação lexical podia ser observada nas traduções do corpus e se houve modificações ou *shifts* nas traduções dos termos. A análise das traduções dos apelidos buscou verificar se os tradutores deixaram marcada uma percepção do caráter estereotipante dos apelidos. A seguir, discuto a análise das traduções ligadas ao grupo lexical selecionado. Segue-se a isso a discussão da análise das traduções dos apelidos.

Em relação à distribuição lexical, a análise, cujos resultados são resumidos na tabela 16, no Anexo, permitiu a conclusão de que tanto no que diz respeito à variação lexical, quanto no que diz respeito à reprodução da distribuição dos termos no texto, as traduções correspondem em geral ao texto alemão. Nos idiomas do corpus há a mesma variação terminológica que existe no alemão, ou seja, todos os idiomas do corpus operam com termos que são correspondentes aos três termos do campo semântico alemão analisado aqui.¹⁸² A análise das traduções do corpus mostrou que, em quase todas, a variação do texto alemão é reproduzida.

180 O imperativo "mázszára!" está relacionado com o termo "mázszálás", que significa a pesagem de um animal e está relacionado, por sua vez, com o termo "mázsa", que corresponde à medida "quintal" em português. De um modo literal, o termo pode ser lido, portanto, como "coloquem-no na balança para ver quantos quintais ele pesa". Como a expressão é uma ordem, o seu significado pode ser traduzido por "pesem-no!". Agradeço à Elizabeth Ágata Fenyvesi Bester as explicações a esse respeito.

181 A mudança é, além disso, explicitamente documentada na publicação, em uma lista de mudanças editoriais (cf. tópico 4.2.3.3).

182 Isto foi verificado por meio de uma pesquisa de dicionários das línguas do corpus.

Em quase todas as línguas o gentílico alemão "Jude" é traduzido com termos correspondentes do ponto de vista etimológico, ou seja, com termos derivados do hebraico "yehudi".¹⁸³ Uma exceção entre os idiomas das traduções é o italiano, no qual a palavra (e seus derivados) "giudeo" tem como sinônimo a palavra "ebreo", termo derivado do hebraico "ivri".¹⁸⁴ Como já foi mencionado, antes, essa variação pode ser explicada pelo fato de o termo "giudeo" ter adquirido, no decorrer do século XX, conotações negativas, tornando-se um sinônimo de uma pessoa avara.¹⁸⁵ As traduções italianas mais recentes mostram uma tendência a evitar esse termo. Na tradução italiana de 1987, o termo é usado pelo tradutor apenas num único momento, no trecho da "lição moral" de Margreth: o termo ocorre no desabafo de Margreth discutido acima. Na edição de 1998, o termo "giudeo" não aparece mais em nenhuma instância; o gentílico "Jude" é sempre traduzido por "ebreu". Na edição de 1933 ambos os termos estão presentes, distribuídos, no texto, de maneira irregular, ou seja, sem um padrão reconhecível. O uso de termo "giudeo" prevalece na tradução; no entanto, no episódio da descrição da solidariedade da comunidade judaica com a viúva de Aaron (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33s; § 90), os tradutores usam o termo "ebreo", para voltar a usar "giudeo" nos trechos posteriores. A variação de uso dos dois termos italianos que correspondem ao gentílico alemão "Jude" nas três traduções italianas foi aqui interpretada, portanto, como indício de mudança na percepção dos *motifs* judaicos pelos tradutores no decorrer do século XX, percebidos cada vez mais como um elemento sensível da *Judenbuche*.

A análise dos termos usados nas traduções do corpus em relação ao gentílico "Jude" buscou observar a tradução de todos os exemplos do uso desse termo no texto alemão. Como foi mostrado acima, na tabela 5, esse termo aparece não apenas na forma masculina e isoladamente, mas também na forma feminina e como parte de palavras compostas. O quadro das traduções desses termos, na tabela 16, no Anexo, mostra que a forma feminina do gentílico não aparece em algumas das traduções (em algumas das traduções inglesas e na tradução italiana de 1933). As palavras compostas alemãs, que contém o termo "Jude-", são traduzidas, nos idiomas que não operam com essa forma morfológica, com construções preposicionais ou por meio de adjetivos, que foram encontrados nos idiomas holandes,

183 Cf. nota 140.

184 Cf. nota 141.

185 Cf. nota 176.

inglês, norueguês e tcheco. Essa última observação chama a atenção pelo fato de o texto alemão não usar o adjetivo "jüdisch" nenhuma vez.

Os dois outros termos do grupo analisado, as palavras "Israeliten" e "hebräisch", também têm correspondências em todos os idiomas do corpus, embora elas não estejam presentes em todas as traduções. Duas traduções¹⁸⁶ substituem o gentílico "Israeliten" pela respectiva forma do gentílico "Jude", e uma delas ainda substitui o adjetivo "hebräisch". A tradução que substitui ambos os termos é a tradução para o inglês de 1934. O tradutor E.N. Bennett trabalha com apenas um termo, diminuindo a variação lexical do texto alemão. Ele traduz "Israeliten" por "Jews" e "hebräisch" por "Jewish", apesar de haver, no inglês, termos correspondentes ao alemão – o gentílico "Israelites" e o adjetivo "Hebrew". A segunda tradução que não reproduz o gentílico "Israeliten" é a tradução francesa de 1958, que traduz "Israeliten" por "Juifs". Nessas duas traduções, assim, a variação terminológica do texto alemão é diminuída; preferência é dada para uma maior homogeneidade terminológica.

As observações feitas até aqui se referiram ao quadro geral da variação lexical. Em um segundo passo da análise, foi feita uma comparação das traduções de todas as ocorrências lexicais na *Judenbuche*, listadas na tabela 5. Buscou-se verificar se todas as instâncias dos termos do campo semântico analisado foram traduzidas, e de que modo elas foram traduzidas.

A grande maioria das traduções analisadas reproduzem os termos do texto alemão correspondentemente, ou seja, tanto a frequência quanto a variação de termos do original alemão repetem-se nas traduções. Em alguns casos, contudo, a análise mostrou divergências entre os textos traduzidos e o texto alemão. Por divergências foram compreendidos tanto *shifts* semânticos, quanto omissões ou inserções de termos. Essas divergências foram classificadas ou como ocorrências singulares, ou seja, mudanças que ocorrem em apenas uma tradução, ou como ocorrências repetidas, ou seja, mudanças em relação ao mesmo item do texto observadas em várias traduções. Essas últimas foram interpretadas como tendências.

¹⁸⁶ Uma terceira tradução, a tradução sueca de 1966, também traz apenas dois dos três termos alemães em sueco, a saber os termos "Jude" e "Israeliten". No entanto, a ausência da tradução do termo "hebräisch" é justificada pela estrutura do texto traduzido, que mistura trechos alemães e suecos. O trecho com o termo "hebräisch" está em alemão. Como os trechos suecos e alemães se alternam regularmente na tradução, o fato desse trecho ter sido deixado em alemão não foi interpretado como especial.

Ocorrências singulares foram observadas em quatro traduções. Em duas traduções as ocorrências consistem em *shifts*. Na tradução dinamarquesa de 1923, a expressão ofensiva "der Hund von einem Juden" ("o judeu cachorro"), contida na carta do presidente do tribunal de P. e referindo-se a Lumpenmoises, suspeito de ter matado Aaron (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 93), é traduzida por "den Hund til Jødetamp", sendo que "Jødetamp" não é uma tradução do gentílico "Jude", mas em si uma expressão ofensiva e pejorativa.¹⁸⁷ O uso da invectiva pode ser interpretado como intenção do tradutor de dar ênfase ao tom depreciativo da carta do presidente do tribunal em P. A mudança indica, de qualquer forma, uma interpretação do trecho pelo tradutor.

Uma outra ocorrência singular foi observada em uma das traduções para o holandês, a tradução de 1923. Nela, a expressão alemã "der Leichnam des Juden" ("o cadáver do judeu"), do episódio da narração da procura por Aaron depois do seu desaparecimento (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 30s; § 34), é traduzida por "het lijk von Aäron" ("o cadáver de Aaron"), substituindo o gentílico "Jude" pelo primeiro nome do personagem. A escolha da tradutora, D. Fischerin, indica, a meu ver, a intenção de individualizar e assim humanizar a cena da descoberta do cadáver. Segundo a tradução holandesa de 1923, o corpo encontrado é definido pelos traços individuais, não pelo coletivo ao qual ele é atribuído. A voz do narrador na tradução holandesa de 1923 parece, por um breve momento, preocupada não com a categorização do personagem, evidente no decorrer da narrativa, mas com o indivíduo. Ambas as ocorrências singulares de *shifts* mostram, assim, uma sensibilidade dos tradutores em relação a atitudes frente aos judeus, expressas no texto alemão.

Em duas traduções, na tradução inglesa de 1934 e na tradução tcheca de 1938, foram observadas inserções de itens lexicais. Na tradução inglesa de 1934, o tradutor, E.N. Bennett, adiciona o adjetivo "Jewish" ("judaico") na carta do presidente do tribunal de P.:

"Aaron is certainly a common *Jewish* name [...]" ("*Aaron certamente é um nome judaico comum*") (1934-en, p. 277, grifo meu)

187 O dicionário histórico da língua dinamarquesa *Ordbog over det danske Sprog* (ODS) [<http://ordnet.dk/ods/>, último acesso: 08/09/11] define "Jødetamp" como "expressão depreciativa para um judeu" e indica o termo como sinônimo do substantivo "jødesvin", advertendo que esse termo é "uma invectiva grosseira contra um judeu". Não foi encontrada, no entanto, nenhuma tradução do termo. O sufixo "-tamp" da palavra é usado, segundo o ODS, metaforicamente para "homem", "cara".

"Aaron ist zwar ein verbreiteter Name [...]" (*"Aaron certamente é um nome comum"*) (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 93)

A inserção do termo tem o efeito de uma explicitação: o tradutor deixa claro para os seus leitores que o nome Aaron é um nome judaico.

Na tradução tcheca de 1938, a inserção é acompanhada, ao mesmo tempo, por uma substituição. No discurso do narrador no episódio da procura por Aaron (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 30s; § 84), o tradutor, O. Reindl, substituiu duas vezes termos alemães que significam "mulher" e que se referem no texto à esposa de Aaron, pelo termo "židovka" ("judia"):

(1) Nesmírná úzkost hnala *židovka* domu, kde, jak doufala, nalezne svého muže, než tato naděje byla pramalá. (1938-cz, p. 67, grifo meu)

Um grande medo compelia a judia a voltar para casa, onde esperava encontrar o seu marido, mas essa esperança foi em vão.

(2) Vtom, když se zablesklo, spatřila *židovka* opodál v travě cosi bílého. (1938-cz, p. 68, grifo meu)

De repente, com o brilhar de um raio, a judia percebeu algo branco na relva a seu lado.

No original alemão, contudo, em ambos os trechos citados, o narrador designa a mulher de Aaron com dois termos alemães de denotação "mulher", "Weib" (exemplo 1) e "Frau" (exemplo 2):

(1) Die große Angst trieb das *Weib* nach Haus, wo sie ihren Mann wiederzufinden eine schwache Hoffnung nährte. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 30; § 84; grifo meu)

O grande medo compelia a mulher de volta para casa, na vaga esperança de lá encontrar o seu marido.

(2) Mit einem Male sieht die *Frau* beim Leuchten des Blitzes etwas Weißes neben sich im Moose. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 31; § 84; grifo meu)

De repente, com o brilhar de um raio, a mulher percebe algo branco no musgo a seu lado.

Em ambas as vezes, o tradutor tcheco substituiu os termos pelo gentílico "judia" em tcheco. Tal como no exemplo acima, essa substituição tem a função de explicitação: com o termo escolhido, o tradutor deixa mais clara a identidade da pessoa no discurso do narrador. Ao mesmo tempo, contudo, com a substituição dos termos que indicam meramente o gênero da protagonista da narração, o tradutor tcheco aumentou o número de ocorrências do gentílico "Jude" no texto, aumentando, assim, o número de ocorrências da categorização étnica de personagens dentro da narrativa.

Enquanto as ocorrências observadas nessas quatro traduções são singulares, em relação a dois elementos do campo semântico analisado foi observada uma repetição de ocorrências em várias traduções. A primeira repetição concerne a referência ao personagem Salomon no episódio da procura por Aaron, a segunda, uma referência à inscrição hebraica no final da narrativa.

A referência a Salomon está contida na seguinte frase:

Beim Juden Salomon wußte man nichts von Aaron; er war gar nicht da gewesen. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 31; § 84; grifo meu)

Na casa do judeu Salomon *ninguém sabia nada de Aaron; ele não passara por lá.*¹⁸⁸

Cinco tradutores - 1923-nl, 1934-en, 1938-cz, 1958-en (e as suas reedições 1989-en e 2008-en), e 1987-it – omitem o gentílico "judeu" na expressão "beim Juden Salomon" no início da frase:

Bij Salomon wist men niets van haar man; hij was daar heelemaal niet geweest. (1923-nl, p. 67, grifo meu)

Nobody knew anything of him *at Salomon's*, he had not been there at all. (1934-en, p. 271, grifo meu)

188 A inserção do substantivo "casa" na tradução para o português é necessária por causa da estrutura linguística do alemão.

U Šalomounů nevěděli o Aronovi pranic; vůbec u nich nebyl. (1938-cz, p. 67, grifo meu)

At Salomon's nobody knew where Aaron was, he had not been there at all. (1958-en, p. 60, grifo meu)

In casa di Salomon non sapevano nulla; non c'era stato. (1987-it, p. 88s, grifo meu)

O motivo para essa omissão pode ser a redundância contida na frase citada. Essa não é a primeira menção a este personagem: a sua primeira menção acontece no mesmo parágrafo algumas linhas acima:

In diesem Falle werde er [Aaron] in B. beim Schlächter Salomon übernachten. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 31; § 84)

Por isso, ele [Aaron] iria pernoitar na casa do açougueiro Salomon.

Do contexto da narrativa e pelo nome do personagem fica claro que Salomon é judeu, como Aaron. A menção explícita do gentílico "judeu" na expressão "beim Juden Salomon" poucas linhas abaixo não acrescenta informação nova ao leitor, trazendo apenas informação redundante. A omissão do termo "judeu" nas traduções parece, portanto, ter a função de reduzir a redundância, possivelmente por razões estilísticas. Ao mesmo tempo, contudo, a omissão reduz a categorização étnica em relação a Salomon.

Com isso, a omissão diminui a repetição da palavra "judeu" no parágrafo 84 da *Judenbuche*, no qual ela é repetida quatro vezes. O atributo é, como foi dito acima, desnecessário do ponto de vista narrativo, já que tanto o nome, de origem judaica, quanto o contexto dentro da narrativa indicam que Salomon faz parte da comunidade judaica da região. O termo "judeu", contudo, pertence neste trecho ao discurso do narrador, no qual a repetição do termo chama a atenção. O narrador faz questão de diferenciar judeus e cristãos na narrativa, e a repetição da palavra indica uma tentativa de delimitação clara entre esses dois grupos. A intervenção dos tradutores no texto diminui essa repetição. A percepção da redundância do termo por tradutores de cinco traduções do corpus pode, assim, indicar sensibilidade frente a esse fenômeno do texto.

A segunda repetição observada ocorre em relação à referência à inscrição hebraica no final da narrativa, que está contida na seguinte frase:

Er öffnete die Wimper halb, und die *Judenschrift* fiel ihm in's Auge, sehr ausgewachsen, aber doch noch ganz kenntlich. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42; § 114; grifo meu)

Ele abriu um pouco as pálpebras e a escrita judaica saltou-lhe aos olhos, já bem deformada pelo crescimento do córtice, mas ainda bastante identificável.

O narrador refere-se à inscrição hebraica neste trecho pela palavra composta "Judenschrift". A inscrição hebraica na faixa é observada pelo jovem Brandis, deitado na sombra da árvore. O narrador focaliza Brandis neste trecho, e assim fica ambíguo se a expressão "Judenschrift" pertence ao discurso do narrador, ou ao discurso de Brandis. A palavra é composta por dois elementos: a palavra-base "-schrift" ("escrita") e a palavra-atributo "Juden-" ("dos judeus" ou "judaica"). A denominação da inscrição em hebraico como "escrita judaica" desloca o foco imaginativo da grafia, que também tem conotações bíblicas, para um aspecto mais social, o fato de a inscrição ter sido feita por um grupo na sociedade caracterizado, dentro do texto, como distinto da maioria cristã. A caracterização da inscrição como "hebraica" – por exemplo no § 116 (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 42), no qual é feita uma referência à escrita hebraica ("hebräische Schrift") - é voltada para aspectos mais formais, enquanto a caracterização como "judaica" é étnica.

Em seis traduções do corpus, *shifts* em relação ao termo "Judenschrift" foram observados. Em quatro casos – nas traduções 1913-en, 1923-nl, 1938-cz e 1997-en - o atributo "Juden-" da palavra composta é substituído pelo adjetivo "hebraico" nas respectivas línguas:

He half opened his lids and *the Hebrew inscription* met his eye, much distorted but still quite legible. (1913-en, p. 496, grifo meu)

Hij opende z'n oogleden half en z'n blik viel op 't *Hebreeuwsche schrift* in den stam; 't was heel uitgegroeid, maar toch nog duidelijk leesbaar. (1923-nl, p. 90, grifo meu)

Pooteveřel oči a zavadil pohledem *o hebrejský nápis*; rozrostl sice, vyl však ještě dosti znatelný. (1938-cz, p. 91, grifo meu)

Half-opening his eyes, he saw *the Hebrew inscription*; it had very much grown out but was still perfectly recognizable. (1997-en, p. 126, grifo meu)

O adjetivo "hebraico" refere-se, além da identificação da origem da inscrição, também aos aspectos formais da inscrição, a saber à grafia hebraica. As traduções citadas acima podem ser interpretadas, portanto, como explicitações por parte dos tradutores.¹⁸⁹ O adjetivo "hebraico" remete ao aspecto visual da inscrição, e assim à inscrição hebraica inserida no texto da *Judenbuche* alguns parágrafos antes. As traduções contribuem, assim, à coesão do texto. Além disso, a mudança tem também, e mais uma vez, o efeito de reduzir o uso frequente do gentílico "Jude" no texto, tal como no caso da expressão "beim Juden Salomon". Por fim, é possível que uma tradução literal do termo "Judenschrift" tenha, nas línguas em questão, uma conotação indesejada; essa suposição, contudo, não pôde ser verificada.

A sexta tradução que contém mudanças em relação à palavra "Judenschrift", a tradução espanhola de 1996, omite o atributo "Jude-" na tradução do termo. No texto traduzido, é mencionada apenas "a inscrição":

Medio abrió los ojos y le saltó a la vista *la inscripción* muy deformada ya, pero aún muy reconocible. (1996-es, p. 137, grifo meu)

A tradução, que omite tanto o aspecto formal quanto o aspecto étnico da inscrição, pressupõe que o leitor se lembre de que na faia, evocada explicitamente algumas linhas acima no mesmo parágrafo, havia uma inscrição em hebraico. Tal como as cinco traduções descritas acima, essa omissão tem o efeito de reduzir o número das menções do gentílico "Jude" no texto da *Judenbuche*.

Ambos os casos de ocorrências reiteradas mostram uma tendência a reduzir redundâncias no texto da *Judenbuche*, na qual especialmente o gentílico *Jude* é mencionado, nos trechos definidos como *motifs* judaicos, com uma frequência que chama a atenção. Não é possível dizer se os motivos das substituições e/ou omissões repetidas,

189 Na verdade, a tradução italiana de 1998 também substitui o atributo "Juden-" por um termo que, literalmente, poderia significar "hebraico": "Apri leggermente le palpebre e intravide *la scritta ebraica*, tutta deformata per la crescita dell'albero, ma ancora perfettamente riconoscibile" (1998-it, p. 209, grifo meu). No entanto, como foi explicado anteriormente, isso não se deve a uma particularidade desse trecho, mas à conotação pejorativa que o termo "giudeo" em geral adquiriu. Por essa razão, não se incluiu a tradução italiana no mesmo grupo de casos.

discutidas acima, foram de natureza mais estilística ou mais "ideológica". Todas elas constituem, contudo, *shifts* opcionais em relação ao texto original e o fato de esses *shifts* se concentrarem nesses dois elementos textuais da *Judenbuche* sugere, a meu ver, que esses dois termos despertaram a sensibilidade dos tradutores.

Além do campo semântico discutido acima, um segundo aspecto do léxico da *Judenbuche* foi analisado no corpus: as traduções de dois apelidos de personagens judeus. O primeiro deles, "Wucherjoel" é mencionado no episódio da congregação dos judeus na casa da viúva de Aaron. O personagem é um dos visitantes na casa da viúva:

Man weiß sogar, daß einer derselben, gemeinhin der *Wucherjoel* genannt, einem seiner Kunden, der ihm mehrere Hunderte schuldete und den er für einen besonders listigen Kerl hielt, Erlaß der ganzen Summe angeboten hatte, falls er ihm zur Verhaftung des Mergel verhelfen wolle; [...] (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33; § 90; grifo meu)

Sabe-se até que um deles, conhecido como Joel Usurário, oferecera a um de seus clientes, que lhe devia algumas centenas e quem ele considerava um homem particularmente astuto, o perdão de toda a sua dívida se ele lhe ajudasse a prender Mergel; [...]

O segundo apelido está na carta do presidente do tribunal em P. ao senhor feudal. O personagem ao qual o apelido se refere é membro de um bando criminoso:

Ein Mitglied der Schlemmingschen Bande (die wir jezt, nebenbei gesagt, größtentheils unter Schloß und Riegel haben), *Lumpenmoises* genannt, hat im lezten Verhöre ausgesagt, daß ihn nichts so sehr gereue als der Mord eines Glaubensgenossen, Aaron, den er im Walde erschlagen und doch nur sechs Groschen bei ihm gefunden habe. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 93; grifo meu)

Um membro do Bando de Schlemming (cuja maior parte, aliás, nós já prendemos), chamado Moises Maltrapilho / Canalha, declarou no último interrogatório que nada o faz se arrepender tanto quanto o assassinato de um correligionário, Aaron, que ele matou na floresta e com quem ele encontrara apenas seis vinténs.

Ambos os apelidos são formados, em alemão, por palavras compostas, cuja base é, respectivamente, um primeiro nome de origem judaica – "Joel" e "Moises" – enquanto as palavras-atributo das duas palavras compostas atribuem certas características aos dois

personagens. No caso de "Wucherjoel", personagem é caracterizado, por meio do atributo "Wucher-" ("usúra"), como usurário. No apelido "Lumpenmoises", o atributo "Lumpen-" ("trapos") refere-se provavelmente às roupas do personagens e caracteriza-o assim como pobre e descuidado. Ao mesmo tempo, o termo "Lumpen" faz ressoar o termo "Lump", derivado de "Lumpen", que em alemão denota uma pessoa enganadora e sem escrúpulos e pode ser que traduzido por "canalha" ou "patife".

Ambos os apelidos referem-se a dois aspectos ligados ao imaginário antijudaico. O primeiro faz referência à imagem do usurário, desde a Idade Média atribuída a judeus, baseando-se no fato de judeus terem exercido na sociedade medieval, por força de proibições de outras profissões, atividades ligadas a transações financeiras. O segundo aponta para a visível pobreza de grandes partes da diáspora judaica na Europa, especialmente de judeus que viviam em regiões rurais. Ambas as imagens fazem parte do repertório de estereótipos antijudaicos do Ocidente.

Os dois apelidos aparecem na *Judenbuche* em episódios que fazem uma ligação com o estereótipo contido no apelido. "Wucherjoel" aparece em um episódio no qual a comunidade judaica da narrativa recorre a meios financeiros para obter justiça no caso do assassinato de Aaron, não resolvido pelo sistema oficial de justiça representado pelo senhor feudal. "Joel Usurário" oferece dinheiro para capturar o suspeito Friedrich Mergel, enquanto a comunidade compra a faia do senhor feudal. "Moises Maltrapilho / Canalha", por sua vez, está envolvido com atividades criminosas. Assim, além de evocar estereótipos, os dois apelidos ilustram dois *motifs* da narrativa. Os personagens representam, além disso, dois tipos de atividades tradicionalmente atribuídas a judeus.

A análise buscou observar se e como os componentes dos apelidos foram traduzidos para as respectivas línguas. As traduções dos apelidos encontradas nas publicações do corpus são organizadas segundo os idiomas do corpus na tabela 17. Na maioria das traduções, os apelidos são traduzidos literalmente, ou seja, "Wucherjoel" é, na maioria das vezes, traduzido pelos correspondentes do atributo "Wucher-" ("usura") e do primeiro nome "Joel". Do mesmo jeito, "Lumpenmoises" é traduzido segundo o atributo "Lumpen-" ("trapos") e o primeiro nome "Moises".

Nas línguas do corpus com mais de uma tradução da *Judenbuche* há variações entre os diferentes tradutores. Na maioria das vezes, trata-se de variações lexicais entre sinônimos ou quase sinônimos. Assim, o apelido "Lumpenmoises" varia, nas diferentes traduções para o inglês, entre "Ragged Moses" (1913-en e 1975-en), "Rag-and-bone Moses" (1958-en e reedições) e "Ragman Moses" (1997-en e 2010-en). A base das traduções do atributo "Lumpen-" é o inglês "rag" ("trapo"), enquanto o nome é adaptado na forma inglesa. No caso de "Wucherjoel" nas traduções para o inglês, há uma variação lexical entre "Joel the Usurer" (1913-en e 1975-en) e "Usurer Joel" (2010-en), de um lado, e "Joel the Shark" (1958 e reedições), de outro lado. As diferentes traduções são sinônimas: a palavra "shark" (literalmente: "tubarão") é usada, em inglês, metaforicamente para "usurário".¹⁹⁰

As traduções para o espanhol traduzem "Wucherjoel" por "Joel el logrero" (1977-ar) e "Joel el usurero" (1996-es); ambos termos são sinônimos de "usurário".¹⁹¹ Sinônimos nas traduções de ambos os apelidos são encontrados também nas traduções italianas, que mostram ainda variações na tradução dos primeiros nomes. Assim, "Joel" é traduzido como "Gioele" (1933-it) e "Joel" (1987-it e 1998-it), enquanto "Moses" tem três variantes: "Mosé" (1933-it), "Moisè" (1987-it) e "Moises" (1998-it). As traduções dos atributos são, como no caso das traduções inglesas, sinônimas com variação lexical. Chama a atenção que as traduções italianas de 1987 e 1998 encontraram traduções foneticamente aproximadas para ambos os apelidos: "el Struzzin" / "el Strazzè" em 1987 e "lo stroccino" / "lo straccione" em 1998. Um outro par de traduções sinônimas são as traduções holandesas do apelido "Lumpenmoises": "Lompenmoses" (1923-nl) e "Voddenmozes" (1984-nl).¹⁹²

As sinonímias discutidas acima referem-se às denotações dos termos mencionados nas respectivas línguas. É possível que as variações observadas sejam motivadas por conotações dos termos usados, por questões idiomáticas ou por questões de diacronia (por exemplo no caso das traduções italianas). As traduções em si são, contudo, traduções "literais" e sinônimas dentro dos critérios da análise deste trabalho. Para a análise, casos de

190 O dicionário *Merriam-Webster* [<http://www.merriam-webster.com/dictionary/shark>, último acesso: 15/02/12] define "shark", no sentido de uma pessoa, como "a rapacious crafty person who takes advantage of others often through usury, extortion, or devious means <loan sharks>", anotando ainda que o termo inglês é provavelmente derivado do termo alemão "Schurke" ("patife").

191 Segundo o *Diccionario de la lengua española* (22a edição) [<http://buscon.rae.es/draeI/>, último acesso: 15/02/12].

192 Tanto o termo "vod", quanto o termo "lomp" correspondem, segundo o dicionário *Uitmundend*, ao alemão "Lump" [<http://www.uitmundend.de/>, último acesso: 15/02/12].

traduções dos apelidos com *shifts* mais decisivos foram de maior interesse. Esse tipo de *shift* foi observado em quatro traduções.

Em três casos, observou-se uma intensificação semântica que acentuou o caráter estereotipante dos apelidos. Na tradução holandesa de 1923, "Wucherjoel" é traduzido por "Woekerjood". O atributo é traduzido literalmente;¹⁹³ no entanto, o primeiro nome é mudado, do antropônimo "Joel" para o gentílico "jood" ("judeu"). A mudança aproxima o termo, a meu ver, a uma invectiva. Além disso, o personagem fica desindividualizado na tradução holandesa, e a sua função como tipo é acentuada.

A tradução tcheca de 1938 intensifica um dos apelidos. A intensificação acontece no caso do atributo "Wucher-", que é traduzido por "vydřiduch", uma palavra que significa "sanguessuga",¹⁹⁴ uma imagem antijudaica frequente.¹⁹⁵ Chama ainda a atenção, no caso dessa tradução, que o antropônimo "Joel" é mudado para "Jonas", um antropônimo do Antigo Testamento, enquanto "Moises" é apenas adaptado para a sua forma tcheca.

Na tradução espanhola de 1996, por fim, o primeiro nome no apelido "Lumpenmoises" é transformado em um substantivo animal: "ratón" ("rato").¹⁹⁶ A atribuição de um termo animal desumaniza o personagem, já caracterizado como um *outsider*, um homem à margem da. A metáfora animal evoca, na leitura da carta do presidente do tribunal em P., imagens de um animal preso em uma gaiola em vez de um ser humano em uma prisão. O modo como o presidente do tribunal se expressa acerca de "Lumpenmoises" – chamando-o, entre outros, de "judeu cachorro" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 93) – dá a impressão de que "Lumpenmoises" não é um ser humano.

Um movimento oposto foi observado na tradução para o inglês de 1934, na qual acontece uma atenuação semântica dos apelidos. O apelido "Wucherjoel" é omitido por completo pelo tradutor E.N. Bennett:

193 Cf. o dicionário *Uitmundend* [<http://www.uitmundend.de/>, último acesso: 15/02/12].

194 O dicionário *Slovník.cz* define o termo "vydřiduch" como, entre outros, "chatagista", "corta-garganta", e "sanguessuga", cf. *Slovník.cz* [<http://www.slovník.cz/>, último acesso: 12/09/11].

195 Cf. tópico 4.1.4.

196 Cf. o *Diccionario de la lengua española* (22a edição) [<http://buscon.rae.es/draeI/>, último acesso: 15/02/12].

It was known that one of them offered to one of his customers, whose debt ran into hundreds, and whom he thought a particularly astute person, to cancel his entire debt if he would help to get Mergel arrested; [...] (1934-en, p. 275)

Sabe-se que um deles oferecera a um de seus clientes, que lhe devia algumas centenas e quem ele considerava um homem particularmente astuto, o perdão de toda a sua dívida se ele lhe ajudasse a prender Mergel; [...]

Toda a frase subordinada "conhecido como Joel o Usurário" (cf. acima) é omitida na tradução citada. Assim, um aspecto estereotipante é omitido por completo; o fato de um dos personagens oferecer o perdão de dívidas não é, aqui, explicitamente ligado à atividade de usura. O apelido "Lumpenmoises" não é omitido, mas é atenuado semanticamente, sendo traduzido por apenas "Moses" (1934-en, p. 277). Assim, o traço individual do personagem é mantido e sua origem judaica fica indicada no nome. A imagem negativa do personagem, evocada no leitor pelo apelido ora depreciativo, ora ridicularizante, é, no entanto, apagada. Assim, a tradução inglesa de 1934 apaga, por meio de omissões, os estereótipos expressos nos apelidos.

As traduções discutidas acima representam, a meu ver, intensificações de semânticas já presentes, embora de um modo mais indireto e implícito, nos termos traduzidos. As traduções aconteceram em contextos históricos informados por um relacionamento diferente com questões "judaicas" do que o contexto da gênese da *Judenbuche*. A tradução holandesa de 1923 foi feita em um clima político no qual o antissemitismo havia um lugar legitimado. A tradução tcheca, de 1938, foi feita contra o pano de fundo das complicações políticas com a Alemanha nazista com suas políticas antissemitas abertas. A tradução espanhola, de 1996, foi feita em um ambiente no qual a memória coletiva da Shoá está presente. Parece-me que as mudanças podem ser interpretadas de dois modos, tanto como expressões mais imediatas atos da recepção individuais dos tradutores, quanto como reflexos mais mediatos dos contextos históricos. Tipização, uso de termos explicitamente ofensivos e grossos, desumanização são mais reflexos de um antissemitismo aberto e declarado do que traduções do antijudaísmo tradicional contido nos apelidos.

As mudanças semânticas nas traduções dos dois apelidos analisados aqui encontram-se, assim, em três traduções mais antigas – 1923-nl, 1934-en e 1938-cz – e na tradução espanhola de 1986 como única das traduções da época pós-1945. Nas traduções restantes,

os apelidos são traduzidos, como foi discutido acima, literalmente. Em nenhum caso os apelidos são dotados de um comentário ou uma nota de rodapé.

4.2 Os *motifs* judaicos nos peritextos das traduções

Para obter uma visão da recepção dos *motifs* judaicos nas publicações do corpus, foram analisados não só os textos traduzidos, mas também os peritextos. Tal como a análise dos textos traduzidos, a análise dos peritextos visava a identificar atitudes dos seus diferentes autores frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, e tal como os textos traduzidos, os peritextos foram analisados enquanto documentos específicos de recepção da *Judenbuche*, que não só documentam as leituras dos seus autores, mas são também veículos de comunicação com um público leitor.

O corpus de textos traduzidos é composto de um único tipo textual, atribuído a um único autor (ou um único conjunto de autores), o(s) tradutor(es). O corpus de peritextos, no entanto, é composto, como foi discutido acima (cf. tópico 3.1), de diferentes tipos textuais de autorias diferentes. Essa diferença teve consequências no procedimento de análise: o modo de análise foi adequado ao respectivo tipo de texto e à questão da diversidade de autorias.

Como tipos textuais, os peritextos costumam ser formalmente convencionalizados e encontram-se em lugares relativamente fixos das publicações. Tanto os formatos, quanto a diversidade de peritextos mudaram, naturalmente, no decorrer do tempo. Porém, no período de tempo que o corpus de pesquisa abrange, ou seja, de 1913 até 2010, bem como dentro do contexto cultural maior das publicações, aqui definido como o Ocidente, as convenções editoriais em relação à peritextos são, em grande parte, homogêneas. Na medida do possível, mudanças e diferenças no mercado editorial no decorrer do século XX foram, contudo, levadas em consideração na comparação – mudanças no papel social do livro, mudanças no seu marketing, surgimento de novos formatos de livros (principalmente o surgimento dos *paperbacks* nos anos 1930), diferenças entre mercados editoriais de países dos dois lados da Cortina de Ferro, dentre outros.

A análise consistiu em identificar referências, nos peritextos, aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, e em interpretar essas referências como expressões ou não de atitudes dos

autores frente ao tema. Por referências foram compreendidos diferentes tipos de indicadores textuais. Esses indicadores variaram dependendo do tipo textual do peritexto analisado: em textos discursivos, por exemplo, busquei identificar menções aos *motifs* judaicos; em listas bibliográficas, indicações de leitura ligadas aos *motifs* judaicos; em comentários, anotações aos *motifs* judaicos no texto traduzido; nas ilustrações, referências não verbais aos *motifs* judaicos etc.

A discussão dos resultados foi organizada segundo a tipologia de peritextos estabelecida para este corpus segundo Genette e resumida na tabela 4. Os três grupos de peritextos analisados e discutidos abaixo são, assim, o título da *Judenbuche* nas traduções, os peritextos editoriais e os peritextos da instância prefacial. A análise demonstrada abaixo olhou para os peritextos sob a perspectiva da sua relação com os *motifs* judaicos na *Judenbuche*. A recepção mais geral da *Judenbuche* e de Droste-Hülshoff é discutida junto com esses tópicos.

4.2.1 O título da *Judenbuche* nas traduções

O título da *Judenbuche* é o seu primeiro e mais visível *motif* judaico no texto. A sua referência é direta e imediata. Além disso, enquanto título ele é conciso, e é caracterizado por uma melodia fonética, repetindo os vogais "u" e "e" nas suas duas partes. O seu significado é intrigante, difícil de decifrar para quem não conhece a narrativa, e assim, do ponto de vista do leitor, atraente. Ao mesmo tempo, o fato de ele conter o gentílico "Juden-" lhe proporciona, hoje em dia, uma certa ambiguidade: justamente por ser direto na menção aos judeus, o título parece se aproximar de áreas de linguagem que pertencem a tabus. Interessou saber, na análise, se o título com as suas referências e alusões (que podem ser diferentes nos diferentes idiomas do corpus) foi mantido nas traduções.

A análise do título do texto traduzido referiu-se por parte aos títulos das publicações e por parte ao título da *Judenbuche* nos idiomas do corpus. Os dois coincidem, no corpus, no caso de publicações monográficas da *Judenbuche*, mas divergem no caso da maioria das antologias. Apenas duas publicações consideradas como antologias – 1923-nl e 1995-hu – contêm o título da *Judenbuche* na capa; nas outras dez antologias, os títulos são mais genéricos e referem-se a algum aspecto comum do conjunto de textos publicados dentro

dessas edições (cf. tabela 9, no Anexo). A análise dos títulos foi feita em relação às traduções do título da própria *Judenbuche* em todas as publicações.

Como foi dito, o título da narrativa anuncia, antes ainda do início da leitura do texto, o tema judaico contido na *Judenbuche* e, por destacá-lo, atribui-lhe um papel central para a interpretação da narrativa. A análise visou a observar se e de que modo o título foi traduzido para as respectivas línguas e se houve transposições semânticas que indicariam uma atitude do autor¹⁹⁷ da tradução do título, bem como uma eventual intenção de influenciar, já aqui na "antessala" do texto, a leitura da narrativa pelo leitor da língua de chegada.

A análise mostrou que em todas as publicações do corpus o título da *Judenbuche* foi mantido e traduzido literalmente, ou seja, os dois componentes léxicos do título alemão, o gentílico "Juden-" ("dos judeus") e o nome da árvore "-buche" ("faia"), foram mantidos e traduzidos para todos os idiomas. Os títulos nos idiomas do corpus são resumidos na tabela abaixo:

<i>Idioma</i>	<i>A tradução do título "Die Judenbuche"</i>
dinamarquês	Jøde-Bøgen (1923)
espanhol	El haya de los judíos (1977) El haya de los judíos (1996)
francês	Le hêtre aux juifs (1958)
holandês	De Jodenbeuk (1923) De jodenbeuk (1984)
húngaro	A Zsidóbükk (1941, 1957, 1968, 1995) A zsidóbükk (1983)

¹⁹⁷ O título de uma publicação não depende apenas das decisões e escolhas do tradutor do texto. A decisão sobre este item é tomada, em última instância, pela editora, para a qual justamente este item é um aspecto textual importante em relação a questões comerciais: o título tem um papel decisivo na venda de um livro. Isso já ficou visível no caso da publicação da própria *Judenbuche*, com a decisão editorial de Hermann Hauff de mudar o título dado à narrativa por Droste-Hülshoff (cf. tópico 2.1.2). No entanto, não é possível distinguir essas influências com base no texto. Em geral, mudanças no título em relação ao original provêm de decisões editoriais; mas isso não vale como regra.

<i>Idioma</i>	<i>A tradução do título "Die Judenbuche"</i>
inglês	The Jew's Beech-Tree (1913) The Jews' Beech-Tree (1934) The Jew's Beech (1958) The Jews' Beech Tree (1975) The Jew's Beech (1989) The Jew's Beech (1997) The Jew's Beech (2008) Jews Beech (2010)
italiano	Il faggio dei giudei (1933) Il faggio degli ebrei (1987) Il faggio degli ebrei (1998)
norueguês	Jødebøken (1979)
sueco	Judeboken (1966)
tcheco	Židův Buk (1938)

Tabela 7: As traduções do título da *Judenbuche* nas traduções do corpus

No caso de múltiplas traduções para o mesmo idioma há, em alguns casos, certas variações, que, contudo, não constituem, na maioria das vezes, uma mudança semântica significativa. No caso das traduções para o húngaro e o holandês, a diferença entre os títulos das diferentes publicações consiste apenas na ortografia, que varia entre letras maiúsculas e minúsculas, e que pode ser motivada por questões de convenções editoriais. As traduções italianas do título apresentam a variação em relação ao termo "Jude-" que corresponde a mudanças em relação a esse gentílico na língua italiana no decorrer do século XX e foram comentadas acima (cf. tópico 4.1.3), ou seja, a variação dos termos "giudeo" e "ebreo". A preferência pelo termo "ebreo" nas traduções mais recentes do título pode apontar, contudo, para uma sensibilização dos editores frente as diferentes conotações dos dois termos.

As oito publicações de traduções da *Judenbuche* para o inglês, por fim, mostram também algumas variações, dos quais algumas são de natureza mais estilística, enquanto outras apontam para diferenças na interpretação morfológica do termo "Juden-" em *Judenbuche*. Questões estilísticas ficam mais visíveis na tradução do termo "-buche": a sua tradução como "beech", "beech-tree" ou "beech tree" aponta, a meu ver, para diferentes preferências estilísticas dos tradutores, já que todos os termos são sinônimos e usados

alternadamente durante todos os períodos examinados no corpus.¹⁹⁸ A opção pelos termos "beech-tree" ou "beech tree", contudo, parece indicar uma intenção de arcaizar levemente o título e assim remeter à antiguidade do texto original: esses termos encontram-se com mais frequência em dicionários de inglês históricos,¹⁹⁹ enquanto dicionários de inglês contemporâneos costumam listar apenas o termo "beech". Uma explicação estilística parece-me, contudo, também possível: a opção por apenas "beech" pode ser motivada pelo desejo de manter a concisão do título original.

A variação entre "Jew's" e "Jews" nos títulos de língua inglesa corresponde, a meu ver, à ambiguidade semântica do morfema "Juden-" na palavra composta "*Judenbuche*". O morfema pode ser interpretado como genitivo do singular "Jude", ou como plural dessa palavra, definindo, assim, no caso da primeira interpretação, a árvore como memorial à vítima do assassinato, Aaron, ou, no segundo caso, como memorial do assassinato designado como tal pela comunidade judaica. Essa ambiguidade não é resolvida em nenhum lugar do texto alemão, e assim ambas as interpretações são válidas. As escolhas lexicais dependem, assim, da interpretação dada ao termo pelo tradutor e/ou editor da publicação. Nenhuma das preferências parece indicar uma atitude do tradutor no sentido procurado aqui.

Assim, todas as traduções do corpus mantêm o título, traduzindo-o literalmente e reproduzindo, na medida possível, a sua concisão. Em si, esse achado não é muito surpreendente; tendencialmente, títulos de livros são traduzidos literalmente, e isso vale especialmente em relação a clássicos. Contudo, como foi dito acima, o título da *Judenbuche* é, de um certo modo, provocativo. O fato de todas as traduções do corpus o terem mantido parece indicar, a meu ver, que em nenhum caso essa provocação foi considerada forte demais, no sentido de uma quebra de tabus. No entanto, a variação lexical em relação ao gentílico "Juden-" nas traduções italianas insinua, a meu ver, que o título foi considerado pelo menos parcialmente sensível: a opção por um termo mais neutro nas duas traduções mais recentes, embora etimologicamente distinto do "Juden-", aponta

198 *Oxford World Dictionary*, por exemplo, traz a seguinte definição: "beech ... (also beech tree) a large tree with smooth grey bark, glossy leaves, and hard, pale fine-grained timber". Cf. *Oxford World Dictionary* [<http://oxforddictionaries.com/definition/beech?view=uk>, último acesso: 12/09/11, grifo meu]

199 Cf. *Noah Webster's 1828 American Dictionary* [<http://www.1828-dictionary.com/d/word/beech-tree>, último acesso: 12/09/11] ou *Webster's 1913 Dictionary* [<http://www.wordnik.com/words/beech-tree>, último acesso: 12/09/11].

para isso, Em todos os outros casos, o gentílico "Juden-" foi traduzido com termos correspondentes etimologicamente, ou seja, palavras derivadas do termo hebraico "Jehuda".

4.2.2 Os peritextos editoriais e os motifs judaicos

Peritextos editoriais são, para Genette, aqueles textos de uma publicação que se encontram "sob a responsabilidade direta e principal [...] do editor." (GENETTE, 2009, p. 21) Eles constituem o meio de comunicação direto dos editores com os seus leitores. As suas funções dentro das publicações são informar o leitor potencial sobre o conteúdo da publicação e convidá-lo para a leitura (e compra) do livro. Os peritextos editoriais são, assim, um dos principais instrumentos do marketing de um livro.²⁰⁰ As duas funções, bem como o espaço pequeno que esses textos têm dentro do livro, fazem com que eles sejam caracterizados por uma relativa brevidade e/ou caráter apelativo, destacando sobretudo aspectos positivos do dado livro.

Dos diferentes tipos de peritextos identificados por Genette,²⁰¹ aquele que foi considerado nesta análise, em busca de referências aos *motifs* judaicos, é o peritexto "capa e anexos". Este peritexto abrange, na definição de Genette, as quatro capas de uma publicação, a lombada, as orelhas, as sobrecapas e cintas, os estojos e os marcadores de página.²⁰² Para esses elementos, Genette lista os diferentes tipos textuais possíveis, como títulos, notas biográficas ou preço da venda, e ilustrações. Para análise da recepção dos *motifs* judaicos nos peritextos editoriais, foram considerados os seguintes itens: os títulos e as ilustrações nas primeiras capas das publicações, e os textos editoriais nas orelhas dos livros e nas quartas capas. Esses elementos de um livro são de maior apelo para seus potenciais leitores e representam o *statement* oficial da editora acerca da publicação.

200 O marketing de um livro abrange, naturalmente e cada vez mais, muito mais atividades e canais de comunicação do que a embalagem do livro, principalmente hoje em dia, com a crescente importância da internet e meios digitais, também de publicação. No entanto, essa análise está restrita aos livros, nos quais uma tradução da *Judenbuche* foi publicada. Para esta pesquisa, portanto, o elemento de marketing de um livro são exclusivamente os peritextos editoriais. Uma boa introdução às diversas possibilidades do marketing de livros é a monografia de Forsyth (1997).

201 Genette (2009, p. 5) lista como tipos de peritextos editoriais "formatos", "coleções", "capas e anexos", "página de rosto e anexos" e "composição, tiragem".

202 Genette inclui este último item quando ele é inserido pela editora, anotando, contudo, que se trata aqui de "uma prática em vias de extinção". Cf. Genette (2009, p. 32).

4.2.2.1 Os títulos nas capas dos livros

Nas capas²⁰³ dos livros do corpus, há dois tipos de títulos, relacionados respectivamente com o tipo da publicação: títulos de livro, quando uma tradução da *Judenbuche* é publicada isoladamente, e títulos de antologia, quando uma tradução da *Judenbuche* é publicada em conjunto com outros textos.

Como foi discutido no tópico sobre o título do texto traduzido (cf. tópico 4.2.1), o título da *Judenbuche* é sempre traduzido literalmente. Assim, os títulos das edições autônomas da *Judenbuche* do corpus - em todas onze edições (cf. tabela 9), das quais nove foram analisadas (cf. nota 119) - são sempre uma tradução de *Die Judenbuche*, indicando, assim, imediatamente, que o texto reproduzido dentro do dado livro muito provavelmente trata de assuntos judaicos. Nesse sentido, parece que não houve nenhum tipo de reserva, por parte dos editores, para reproduzir o título.

Um detalhe digno de nota, a meu ver, é o fato de todas as edições monográficas do corpus reproduzirem apenas o primeiro título da narrativa, *Die Judenbuche*, sem o segundo título ou subtítulo, *Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen*, reproduzido apenas dentro dos volumes.²⁰⁴ Essa prática, aliás também predominante nas edições alemãs monográficas do texto, indica que o subtítulo não costuma ser considerado parte do título integral da narrativa e que o enfoque é dado ao mais chamativo *Judenbuche*. Isso contrasta, porém, com o fato de o título e/ou o tema judaico aludido por ele serem comentados raramente.

Dentre as antologias e edições de obras do corpus, é possível diferenciar entre antologias de dois textos e antologias de mais de dois textos. As antologias que contêm apenas dois textos – as publicações 1923-nl, 1966-sv, 1995-hu, 1996-es e 2010-en – costumam listar ambos os textos nelas contidos nas primeiras capas, assim citando também o título da *Judenbuche*. A única exceção é a tradução sueca de 1966, que cita apenas um

203 Como capas dos livros do corpus foram consideradas, como regra, as primeiras capas. No entanto, algumas das publicações têm, além das capas, também sobrecapas. Nesses casos, a preferência foi dada à sobrecapa, já que é essa com a qual a editora originalmente se comunica com os leitores.

204 Embora não em todos: das publicações autônomas da *Judenbuche*, 1938-cz não traz o subtítulo em nenhum lugar. No caso das antologias, essa prática é ainda mais frequente: oito publicações do corpus (1913-en, 1934-en, as quatro publicações húngaras, 1966-sv e 1977-es) também não reproduzem o subtítulo em nenhum lugar da edição. A única publicação do corpus que cita o subtítulo na capa é a antologia holandesa de 1923. Além dela, apenas cinco publicações citam o subtítulo, mas dentro do livro (1975-en, 1989-en, 1996-es, 1997-en e 2010-en).

dos textos da edição, a *Galera negra* (cf. tabela 9), o primeiro reproduzido na publicação. As antologias de mais de dois textos colocam, nas primeiras capas, títulos que se referem ao critério da compilação dos textos, normalmente uma questão de gênero, de período ou de origem nacional dos textos. As obras contidas nelas não são citadas nas primeiras capas; assim, nenhuma delas traz o título da *Judenbuche* na primeira capa (cf. tabela 9). Em nenhum caso destas antologias, por fim, o critério da compilação dos textos está ligado a temas judaicos.

Em relação aos títulos nas primeiras capas concluiu-se, portanto, que o tema judaico na *Judenbuche* não é nem destacado, nem sujeito a considerações que têm a ver com tabus. Os títulos das capas das traduções do corpus seguem meramente convenções editoriais.

4.2.2.2 As ilustrações da primeira capa

As ilustrações da primeira capa de livros, não discutidas por Genette, são um item central na comunicação da editora com seus potenciais leitores e, de um lado, expressam e comunicam a visão da editora sobre as obras publicadas, ou seja, a sua recepção do conteúdo publicado. Ao mesmo tempo, a primeira capa de um livro tem a função de apelar para o potencial leitor e atrair a sua atenção; assim, ela é feita de um modo considerado atraente e o seu design costuma adequar-se ao leitor visado pela editora.

Na análise das ilustrações das capas, interessava saber se os editores das traduções do corpus enfocavam os *motifs* judaicos da *Judenbuche* e se eles comunicavam, aos leitores, essa percepção da narrativa. Em relação a esse peritexto, contudo, o corpus é bastante heterogêneo: treze publicações têm ilustrações figurativas na primeira capa, ou seja, imagens não-abstratas que podem ser relacionadas com fenômenos e objetos reais, enquanto onze não têm esse tipo de imagem. No caso de duas publicações, 1938-cz e 1941-hu, não tive acesso à capa; tive acesso às publicações apenas por meio de serviço de cópias de duas bibliotecas, que não incluíam a primeira capa.

Na análise das imagens, assim como no caso dos títulos discutidos acima, diferenciou-se entre edições autônomas da *Judenbuche* e antologias, já que as ilustrações de capas, quando presentes, costumam ter por objetivo transmitir aos leitores uma imagem do conteúdo do dado livro, e, no caso das antologias, normalmente uma imagem do conjunto

dos textos mais do que dos textos individuais. O resultado mostrou que em poucas traduções os *motifs* judaicos são transmitidos visualmente ao leitor, esses casos foram encontrados predominantemente no grupo das publicações autônomas. Dentro do grupo de onze traduções, do qual, como explicado acima apenas nove puderam ser consideradas (porque não tive acesso às capas de 1938-cz e 1941-hu), há duas traduções cuja ilustração da primeira capa faz referência explícita aos *motifs* judaicos, as traduções 1923-dk e 1987-it.

A capa da tradução para o dinamarquês, de 1923, mostra uma gravura em preto em branco, provavelmente xilogravura, da faia dos judeus:

Ilustração 9: Primeira capa da tradução dinamarquesa de 1923

A imagem, cuja autoria não está indicada no livro, mostra o tronco, as raízes e parte a copa de uma árvore grande - "in vollem Laube" ("em plena folhagem", DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 12; § 30) – diante de um pano de fundo sombrio, talvez aludindo à

sombra de uma floresta a sua volta. No tronco da árvore, há símbolos, não identificáveis na gravura, que representam a inscrição hebraica. Ao redor da árvore não há nada nem ninguém. O desenho predomina na capa, ocupando, no sentido vertical, todo o espaço entre o título e o nome da editora, aproximando-se ao texto. Dos lados, o desenho parece se dissolver irregularmente na página. A ilustração representa o título da *Judenbuche* e parece, ao mesmo tempo, indicar que a faia tem um lugar central e predominante na narrativa. Isto está em concordância com as interpretações correntes da época, que consideravam a narrativa uma novela e a faia, o seu "falcão"²⁰⁵ ou símbolo central, no sentido da teoria da novela, com base na qual *Die Judenbuche* foi lida no início do século XX.

A reprodução do desenho indica, a meu ver, que os editores queriam deixar claro o conteúdo do livro aos leitores, ao mesmo tempo que os convidavam a explorar o mistério indicado pelo desenho alusivo e, ao mesmo tempo elusivo, da faia sombria. É possível, também, que o desenho tenha a função de lembrar os potenciais leitores do conteúdo; o livro foi publicado para uma minoria dinamarquesa dentro do território alemão, que, possivelmente, já tinha contato com o texto, canônico e parte do currículo escolar já naquela época (SCHNEIDER, R., 1995, p. 157). O caráter explícito da ilustração indica, a meu ver, que a representação da faia, inclusive com os símbolos hebraicos, mesmo que apenas aludidos, não foi considerada, em 1923, um assunto sensível.²⁰⁶

A segunda publicação com uma ilustração explícita aos *motifs* judaicos na primeira capa é a tradução italiana de 1987:

205 Segundo a teoria de novela de Paul Heyse, exposta por ele na introdução ao *Deutscher Novellenschatz* e baseada na *Novela do falcão* de Boccaccio, publicação na qual a *Judenbuche* ganhou notoriedade, toda a novela precisa ter um "falcão" ou *leitmotif*. (cf. WILPERT, 1989, p. 287; AUST, 2006, p. 34). A faia na *Judenbuche* costuma ser vista, na crítica literária que lê a narrativa como uma novela, como um "falcão", cf. Diem (1971).

206 Uma reação oposta encontra-se na reação de Gilman (1994) em relação à representação da faia na nota de 20 marcos alemães dos anos 1990: aqui é a falta da inscrição hebraica que se prova sensível. Cf. a discussão disso no tópico 1.2.3.

Ilustração 10: Primeira capa da tradução italiana de 1987

A ilustração de 1987-it parece complementar em relação à 1923-dk. A xilogravura de H. Pape, de uma edição alemã ilustrada da *Judenbuche*, mostra o mesmo lugar, a faia na floresta, mas não isolada.²⁰⁷ A imagem representa a procissão dos "cerca de sessenta judeus, com seu rabino à frente" ("gegen sechzig Juden, ihren Rabbiner an der Spitze", DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 90), mostrando já o final da cena, com a inscrição na faia e o grupo de judeus voltando, "sérios e solenes" ("ernst und feierlich", DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 34; § 90), da floresta. A imagem é dominada pela representação do grupo de judeus, que emerge do pano de fundo da imagem para o primeiro plano, todos de roupas escuras, liderados pelo rabino, destacado com um colar branco. A procissão parece flutuar como um rio entre uma parede de árvores e arbustos de um lado, e a faia, marcada com letras hebraicas, de outro. Os troncos das árvores são brancos contra um pano de

207 A quarta capa informa que a imagem foi retirada de uma edição de 1978 da *Judenbuche* (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978b). *Die Judenbuche* foi ilustrada por vários ilustradores, em diferentes edições do século XX. Uma lista e discussão dos ilustradores e das ilustrações encontra-se em Willer (1996). Requadt (1979) analisa ilustradores expressionistas da *Judenbuche*, entre eles Alfred Kubin. Nenhuma das traduções do corpus analisadas aqui contém ilustrações da narrativa. Uma única tradução de todas encontradas é ilustrada: a tradução hebraica, excluída da análise (cf. tópico 3.1.1), contém ilustrações da tradutora, Leah Goldberg, também poeta e desenhista israelense.

fundo preto, a cor que predomina na imagem. Os homens da procissão judaica são representados do jeito tradicional, hoje associado com ortodoxia, de chapéus, barbas, o que, junto com as letras hebraicas na faixa, os identifica imediatamente como "judeus", um elemento levemente estereotípico da imagem. As roupas idênticas proporcionam ao grupo uma homogeneidade. Os rostos, embora parecidos na sua expressão de dor e tristeza, são individualizados. A atmosfera da imagem é melancólica e menos misteriosa do que a da imagem de 1923-dk, que, contudo, foi feita em uma época, na qual os *motifs* judaicos podiam ser vistos de uma perspectiva mais leve, não onerada pela Shoah.

A imagem predomina na capa, sendo, na direção convencional da leitura de uma página, o primeiro elemento a captar a atenção de um leitor, seguida pelo nome da autora e o título da *Judenbuche* em letras vermelhas, que remete à imagem e a explica. Além de estar aparentemente intencionada como ilustração do título, relativamente incompreensível para um leitor que desconhece a narrativa, a escolha da imagem parece, por um lado, refletir a mudança na recepção da *Judenbuche*, que na época da publicação desta tradução já havia recebido algumas leituras de natureza mais sociológica, e menos voltadas à questões da novela e simbolismo. Ao mesmo tempo, a representação da procissão melancólica, com alusões à tragédia, de um grupo de judeus, evoca, na segunda metade do século XX, inevitavelmente imagens da Shoah. A meu ver, a escolha da imagem para a tradução faz uma ligação entre a tragédia da *Judenbuche* e a tragédia dos judeus europeus no século XX, ligando a procissão com os judeus deportados durante a Segunda Guerra Mundial, e a inscrição hebraica com a necessidade de lembrar um crime. A tristeza contida do grupo na xilogravura, contudo, parece conter uma acusação, sem, ao mesmo tempo expressar uma intenção de vingança.

As duas imagens explícitas com *motifs* judaicos em primeiras capas assemelham-se pelo fato de representar o título da publicação. Ao mesmo tempo, as duas representações do tema mostram, a meu ver, uma transformação da leitura dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* antes e depois da Segunda Guerra Mundial, de uma leitura textual, informada por questões de mistério e simbolismo, a uma leitura sensível, informada pelas imagens do Holocausto.

Contudo, além dessas duas publicações, nenhuma outra tradução faz referências visuais explícitas aos *motifs* judaicos. Entre as edições autônomas da *Judenbuche*, duas publicações aludem parcialmente ao título da narrativa, as traduções 1998-it e 2008-en,

ambas reproduzindo como ilustração da primeira capa a imagem de uma árvore e aludindo, assim, à faia do título. A tradução italiana reproduz, como indica a orelha da edição, a pintura *Eiche im Schnee* (*Carvalho na neve*), datada de 1827-28, de Caspar David Friedrich, pintor alemão do Romantismo:

Ilustração 11: Primeira capa da tradução italiana de 1998

A imagem de uma árvore isolada e sem folhas, numa paisagem gelada e coberta de neve, evoca, além da faia, a sensação de eventos trágicos a serem contados no livro. A tradução inglesa reproduz a foto de uma árvore com uma floresta em volta, em um dia ensolarado, sozinha, aludindo também à faia do título:

Ilustração 12: Primeira capa da tradução para o inglês de 2008

Além dessas alusões, ambas as imagens reforçam, a meu ver, o caráter da *Judenbuche* como um texto "clássico": o quadro de Caspar David Friedrich, por remeter ao século XIX, e a fotografia, por dar a impressão de ser antiga. Apesar de evocar a faia do título, nenhuma dessas imagens remete, contudo, explicitamente aos *motifs* judaicos.

Das outras publicações autônomas da *Judenbuche*, nenhuma reproduz visualmente o título ou os *motifs* judaicos. Uma delas, a capa da tradução norueguesa de 1979, faz referência a um outro aspecto da narrativa, mostrando o desenho de uma cena rural, aludindo assim ao ambiente rural da trama da *Judenbuche* e ao quadro de costumes (sem, contudo, citar o subtítulo) (cf. ilustrações 13 e 14):

Ilustração 13: Primeira capa da tradução norueguesa de 1979

Ilustração 14: Quarta capa da tradução norueguesa de 1979

As outras quatro capas, todas de desenhos abstratos ou sem desenho nenhum, parecem ter sido feitas segundo razões editoriais como série editorial ou convenções do mercado, e não dizem respeito a uma recepção particular da *Judenbuche* pelos editores. A capa da tradução italiana de 1933 traz um padrão floral decorativo. A tradução inglesa de 1958 mostra um desenho abstrato, ligado, possivelmente, ao *design* da série editorial, da qual a edição faz parte. A capa da tradução francesa é sóbria, branca e apenas trazendo as informações editoriais sobre a publicação; a razão desta capa também pode estar ligada com o design da série editorial. Esse tipo de capa é também bastante comum no mercado editorial na França. A capa da tradução holandesa de 1984, por fim, reproduz um desenho que lembra mármore, inserindo, assim, a tradução na série editorial *Marmor boeken*. As capas são reproduzidas abaixo:

Ilustração 15: Primeira capa da tradução italiana de 1933

Ilustração 16: Primeira capa da tradução inglesa de 1958

Ilustração 17: Primeira capa da tradução francesa de 1958

Ilustração 18: Primeira capa da tradução holandesa de 1984

A maioria das publicações autônomas não faz, assim, referência ao título da *Judenbuche* ou aos *motifs* judaicos contidos na narrativa; uma grande parte dessas publicações contudo, tem um design de capa ligado às convenções de dada editora. O mesmo foi observado em relação às antologias e edições de obras. Aqui, apenas uma das primeiras capas das quatorze antologias do corpus contém uma ilustração que faz uma alusão explícita aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, a saber, a tradução para o inglês de 2010, publicada na Alemanha:

Ilustração 19: Primeira capa da tradução para o inglês de 2010

A imagem, de Pei-yu Chang, é um desenho ou uma gravura de pano de fundo amarelado em uma capa branca, emoldurado por textos editoriais, que, por sua vez, estão delimitados por um retângulo preto. A ilustração mostra, em primeiro plano, o tronco e uma parte da copa de uma árvore alta isolada. No tronco, letras hebraicas estão inscritas. Em volta da

árvore, há folhas caídas no chão, evocando, assim, associações de outono, época do ano frequentemente associada à melancolia e à passagem do tempo. Um dos galhos da árvore está sem folhas, reforçando as associações melancólicas. Em um galho do lado esquerdo da árvore, uma figura humana, magra e frágil, está enforcada, aludindo ao suicídio de Friedrich Mergel / Johannes Niemand. Contudo, a roupa listrada da figura parece querer evocar outras associações, fazendo pensar nas roupas de presos de campos de concentração.

O pano de fundo da imagem é constituído por duas paredes que se aproximam em um ângulo reto, deixando, contudo, uma espécie de passagem livre entre si, que fica apenas parcialmente visível atrás da árvore. A passagem leva a mais uma parede, em terceiro plano. As paredes do segundo plano, da altura da imagem, são feitas de blocos de pedras grandes; as suas partes inferiores mostram imagens de troncos finos de árvores em várias filas, evocando florestas. Na imagem da floresta do lado direito da árvore, há um contorno de uma porta. A parede do terceiro plano é feita parcialmente de pedras menores. A impressão da imagem é a de solidão: não há nenhum ser vivo nela além da árvore, outonal; a única figura humana é o morto na faia. Há também algo inquietante no intercalar das paredes, cuja natureza e posição faz pensar em labirintos.

A imagem parece evocar as estratégias narrativas da *Judenbuche*: diferentes planos de narração intercalam-se sem revelar a verdade contada, enquanto a faia dos judeus parece impor-se à narrativa. O desenho parece representar também a recepção da *Judenbuche*, na qual a faia sempre estava em primeiro plano. Os desenhos de floresta parecem apontar para a ficcionalidade dos eventos contados, mas também para o fato da *Judenbuche* ter se tornado uma imagem, um texto cujo conteúdo foi construído por uma recepção longa e para o qual é difícil ganhar uma perspectiva isenta dessa recepção. Os muros, por sua vez, parecem evocar tanto a opacidade na *Judenbuche*, quanto associações com o Muro das Lamentações, ligando, assim, a *Judenbuche* à história dos judeus, também por meio da roupa listrada do morto na faia.

Em comparação com as duas ilustrações discutidas acima, de 1923-dk e 1987-it, a ilustração da primeira capa de 2010-en é mais complexa na sua execução. A imagem de 1923-dk é caracterizada por uma certa frontalidade e simplicidade na imediata representação da árvore. A imagem de 1987-it está carregada de associações com a Shoá, mas, ao mesmo

tempo, também bastante direta e inequívoca. Em contraste, a ilustração de 2010-en poderia ser vista como representação da atual complexidade da recepção da *Judenbuche*, resultado tanto de décadas e muitos estratos de recepção, quanto da complicação da sua recepção em decorrer de trabalhos que apontaram para elementos do antissemitismo na narrativa.

Além da tradução para o inglês de 2010, nenhuma outra antologia do corpus faz alusões aos *motifs* judaicos nas ilustrações da primeira capa. Duas publicações aludem parcialmente ao título, representando uma árvore, as traduções 1923-nl e 1996-es:

Ilustração 20: Primeira capa da tradução holandesa de 1932

Ilustração 21: Primeira capa da tradução espanhola de 1996

A sobrecapa da tradução holandesa de 1923 mostra, dentro de uma espécie de moldura, uma representação bidimensional de uma árvore, de cor verde, remetendo ao título principal da antologia. A ilustração de 1996-es mostra a fotografia de uma árvore grande, sem folhas e em uma paisagem plana e vazia. Em ambos os casos, a faia do título da *Judenbuche* é aludida. Tanto essas duas traduções, quanto 2010-en são antologias de dois textos, ambos fazendo parte do título da antologia com a *Judenbuche* em primeiro lugar; as ilustrações referem-se, assim, ao título principal das antologias.

A tradução sueca de 1966, também uma antologia de dois textos, alude também ao primeiro deles, neste caso a *Galera negra*:

Ilustração 22: Primeira capa da tradução sueca de 1966

A imagem mostra uma cena em um barco, insinuado no pano de fundo; em primeiro plano, há três pessoas, um homem segurando uma mulher inconsciente e um jovem amarrado a um mastro.²⁰⁸ O barco alude ao título da narrativa; a dramaticidade acentuada e trivial do desenho, que remete à posteres de filmes B, aponta, a meu ver, para uma intenção dos editoriais de caracterizar os textos da publicação como de natureza aventureira.

As antologias restantes não fazem alusões à *Judenbuche*. Na maioria delas, as primeiras capas não contêm nenhum tipo de ilustração – são as traduções 1913-en, 1934-en, 1957-hu, 1968-hu, 1983-hu, 1989-en e 1995-hu. A primeira capa de 1957-hu pode ser considerada representativa para esse tipo de publicação:

208 A imagem, enviada pelo serviço de cópias, estava disponível apenas em preto e branco.

Ilustração 23: Primeira capa da tradução húngara de 1957

Com a exceção de 1995-hu, são todas publicações em capa dura, partes de extensas séries editoriais, e o seu visual parece ser definido pelo desejo editorial de dar uniformidade às séries. 1995-hu, por sua vez, constitui a primeira publicação de uma série planejada e seu visual, sóbrio, de capa branca com os peritextos editoriais como elemento decorativo, parece também intencionado para construir uma imagem serial. Em um caso, na tradução 1934-en, tive acesso também à sobrecapa,²⁰⁹ que, contudo, também representava a série editorial, não o conteúdo particular da edição. No caso desta tradução, tratava-se da série *The World's Classics* da Oxford University Press:

209 É possível que as outras edições também tenham sobrecapas. Contudo, tive acesso a essas publicações apenas por meio de bibliotecas, que costumam retirar sobrecapas.

Ilustração 24: Sobrecapa da tradução inglesa de 1934

O desenho da sobrecapa, um mapa-múndi, representa a intenção da série de trazer a literatura mundial ao leitor. Apenas o título alude ao conteúdo particular desse volume.

Três antologias, por fim, têm ilustrações nas capas que aludem de algum modo ao critério da compilação da antologia como todo. A morte em armadura, cavalgando na companhia de lobos de olhos em brasa, da capa da tradução para o inglês de 1975, alude ao critério "eerie" ("sinistro") da antologia, que apresenta as três narrativas do século XIX como representantes da literatura fantástica:

Ilustração 25: Primeira capa da tradução para o inglês de 1975

A ilustração da primeira capa corresponde à leitura das três narrativas da antologia sugerida pelos editores na quarta capa da publicação:

Prosaic lives take on an enigmatic and wider meaning in these three superb tales. They go beyond the everyday world to illuminate man's place in a strange and mysterious universe. (1975-en, quarta capa)

Vidas prosaicas adquirem um significado enigmático e mais amplo nessas três excelentes histórias. Elas vão além do mundo cotidiano, para iluminar o lugar do homem em um universo estranho e misterioso.

Essa leitura é justificada pela presença, em todas as três narrativas da antologia, de elementos do fantástico. A ilustração da primeira capa, no entanto, isola e reforça esse elemento.

A pintura de caráter medieval da tradução argentina de 1977 parece em dissonância com o título da antologia, de "contos alemães do século XIX". A ilustração, que mostra um

jardim com um músico, duas mulheres e um demônio, evoca associações com as pinturas grotescas de Hieronymus Bosch, pintor holandês da passagem dos séculos XV e XVI. A ilustração parece, contudo, indicar vagamente a origem europeia dos contos, bem como a sua "antiguidade", um tanto exagerada pelo tema medieval:

Ilustração 26: Primeira capa da tradução argentina de 1977

Pro fim, a imagem decididamente romântica da publicação inglesa de 1997, que representa um detalhe da pintura *Villa am Meer* (*Casa na beira-mar*) (1878) de Arnold Böcklin, como informa a edição (cf. 1997-en, quarta capa), remete mais claramente ao século XIX:

Ilustração 27: Primeira capa da tradução para o inglês de 1997

O recorte²¹⁰ da pintura de Böcklin (1827-1901), um pintor suíço do Simbolismo, escolhido para a primeira capa de 1997-en, evoca conotações do Romantismo: a figura melancólica de uma mulher ruínas ao fundo associa os textos reunidos na antologia a motivos românticos, uma classificação literária frequentemente considerada característica para a literatura alemã do século XIX. A ilustração remete, assim, as "oito novelas alemãs" da antologia para o século anterior à publicação e sugere conotações românticas para a leitura.

Assim, as primeiras capas das traduções do corpus raramente remetem aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Nos casos das antologias, a falta de referências explica-se pelo fato de os critérios da composição das antologias não serem ligados a temas judaicos, mas a outros aspectos literários. Nas publicações autônomas, no entanto, todas levando explicitamente o título da narrativa, a ausência de ilustrações mais explícitas é mais notável

²¹⁰ É interessante notar, também, que o recorte escolhido não sugere nenhuma localização geográfica do motivo. No original da pintura, o detalhe recortado faz parte de uma paisagem decididamente mediterrânea (cf. http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Böcklin_Villa_am_Meer_1878.jpg, último acesso: 07/02/12).

e constitui um contraste à observada presença do título em todas as edições (cf. tópico 4.2.2.1). A seguir, passo ainda a discutir o terceiro paratexto editorial objeto da análise, os textos editoriais da quarta capa e das orelhas.

4.2.2.3 Os textos editoriais da quarta capa e das orelhas

Esta categoria abrange textos da quarta capa bem como textos de orelhas, elementos da capa caracterizados por Genette (2009, p. 30) como "restos atrofiados de uma antiga encadernação." A função do texto editorial na quarta capa, denominada por Genette (2009, p. 28) como "lugar estratégico" do ponto de vista do marketing do livro, é, como no caso da orelha, informar e convidar o leitor. Este é normalmente o primeiro lugar no qual um leitor potencial se informa acerca do livro que tem nas mãos. Os peritextos editoriais costumam ser, portanto, apelativos, além de informativos. Neles, os editores apresentam o livro de forma que o leitor se sinta convidado e interessado; atitudes negativas em relação ao conteúdo do livro dificilmente podem ser esperadas aqui. Tampouco são frequentes nesses textos tabus sociais, a não ser que a sua função seja justamente a de provocar o leitor. Portanto, não esperei, na análise, encontrar atitudes negativas nesses textos e estava interessada em observar se os *motifs* judaicos, um tema ligado a tabus, aparecia neles de alguma forma.

As quartas capas e orelhas são peritextos relativamente recentes; tanto é que apenas publicações do corpus a partir de 1958 os contêm. Assim, a distribuição de informações no corpus nesses peritextos foi considerada à luz deste fato da história do livro. Dez publicações do corpus têm peritextos editoriais, começando com a tradução inglesa de 1958 (cf. tabela 10). Sete dos dez textos editoriais de quartas capas não fazem referência nenhuma aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, ou seja, nesses textos não foi encontrada nenhuma referência, direta ou indireta, a algum dos *motifs* judaicos.²¹¹ Os textos dessas publicações apresentam *Die Judenbuche* de uma forma que comenta aspectos formais e do conteúdo da narrativa, mas não relacionam a narrativa com o seu próprio título. Como exemplo disso é citado, abaixo, o texto editorial da tradução espanhola de 1996:

Esta edición presenta las dos obras en prosa que escribió Annette von Droste-Hülshoff: *El haya de los judíos* (1837²¹²) y *Ledwina* (1819). La primera está

211 São as traduções 1958-en, 1975-en, 1977-es, 1995-hu, 1996-es, 1997-en e 2010-en.

212 A data indicada não está correta: *Die Judenbuche* foi publicada em 1842.

considerada como una pieza de singular maestría, única en su género y en su originalidad. En ella se mezclan el realismo y lo trágico de manera muy intensa. Baseada en un hecho real, se la puede considerar una "historia policiaca" a través de la cual la autora pone de relieve la crueldad e el misterio de uno de los rincones más bellos de Westfalia: los bosques de Paderborn. (1996-es, quarta capa, grifos no original)

Esta edição apresenta as duas obras em prosa escritas por Annette von Droste-Hülshoff: A faia dos judeus (1837) e Ledwina (1819). A primeira é considerada uma peça de singular maestria, única em seu gênero e em sua originalidade. Nela, misturam-se o realismo e o trágico de uma maneira muito intensa. Baseada em um acontecimento real, ela pode ser considerada uma "historia policial" através da qual a autora destaca a crueldade e o mistério de um dos rincões mais belos da Westfália: os bosques de Paderborn.

Apesar de andar em volta do tema do assassinato de Aaron – na referência a uma "acontecimento real" como base da narrativa ou nas referências à "crueldade" e ao "mistério" nos bosques westfalianos – o texto não *verbaliza* em nenhum momento algum o tema judaico, apesar de ele ser anunciado pelo título. Os peritextos editoriais das outras seis traduções sem referências aos *motifs* judaicos seguem, com mais ou menos detalhes, esse mesmo padrão.

Referências a *motifs* judaicos foram encontradas em apenas três textos editoriais de quarta capa, nas traduções 1987-it, 1998-it e 2008-en, bem como nas orelhas de 1998-it, a única publicação do corpus a conter esse tipo textual do peritexto editorial.

O texto editorial relativamente extenso da quarta capa da tradução italiana de 1987 apresenta *Die Judenbuche* como "um conto longo (ou romance curto)" ("il racconto lungo (o romanzo breve)") do nascente Realismo alemão, cujo tema são "culpa e destino" ("colpa e destino"). Resumindo o conteúdo da narrativa, o texto editorial refere-se explicitamente ao assassinato de Aaron, aludindo ao título da narrativa:

Segnata dai tre misteriosi omicidi – di Ermano Merghel, del guarda-boschi Brandis e dell'ebreo Aaron – consumati al piedi del grande faggio nel bosco [...] (1987-it, quarta capa)

Marcada por três assassinatos misteriosos - de Hermann Mergel, do guarda florestal Brandis, e do judeu Aaron – realizados ao pé da grande faia na floresta [...]

O motivo da faia é também explicado no texto:

La catastrofe - con il suicídio del protagonista, che s'impicca a un ramo del grande faggio sul cui tronco gli Ebrei avevano inciso una sentenza biblica: "Quello che hai fatto sarà fatto a te" - matura sotto la spinta del rimorso, ma appare anche quasi prestabilita da un fosco verdetto di giustizia veterotestamentaria, ossessivamente sollecitata dalla presenza della Natura, già testimone del misfatto e offesa nella sua sacralità, che non dimentica e non lascia dimenticare. (1987-it, quarta capa)

A catástrofe – com o suicídio do protagonista, que se enforca em um galho da grande faia na qual os judeus tinham gravado uma frase bíblica: "O que você fez será feito a ti" - amadurece sob o impulso do remorso, mas parece também quase predeterminada por um veredito sombrio de justiça do Antigo Testamento, obsessivamente induzida pela presença da Natureza, testemunha do crime e ofendida em sua sacralidade, que não esquece e não deixa esquecer.

O texto faz referência à colocação da inscrição hebraica na faia pela comunidade judaica. A frase é atribuída à Bíblia e caracterizada como um "veredito sombrio da justiça do Antigo Testamento", que, junto com uma natureza implacável, leva à retaliação do crime.

As referências aos *motifs* judaicos fazem parte do discurso editorial. Os *motifs* judaicos são apresentados na quarta capa de 1987-it como um elemento atávico que, junto com a natureza, é capaz de proferir "juízo" ("giudizio") em um mundo incompreensível. O páthos do discurso editorial, bem como o uso de termos ligados ao gênero dramático, fazem com que *Die Judenbuche* seja caracterizada, no texto, como uma obra trágica sobre a condição humana. Ênfase é dada para o aspecto retaliativo de alguns dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*: os elementos apresentados apontam para a problemática da impunidade. Nesse sentido, o peritexto editorial aproxima-se aos motivos da primeira capa dessa edição, discutida acima no tópico 4.2.2.2.

A segunda tradução do corpus que contém referências aos *motifs* judaicos em peritextos editoriais é a tradução italiana de 1998. As duas orelhas desta publicação contém diversos textos: a orelha da primeira capa contém um perfil biográfico de Droste-Hülshoff e informações acerca da ilustração da capa, enquanto a orelha da quarta capa dá informações acerca da organizadora da publicação, Ute Treder, e contém também um breve texto

editorial acerca da *Judenbuche*. Os textos são convencionalmente anônimos, a autoria não é indicada.

O texto editorial da segunda orelha elogia *Die Judenbuche* como um "verdadeiro *cult book*" ("vero *cult book*", grifo no original) na Alemanha, e apresenta a narrativa como um "policial" ("giallo") e, ao mesmo tempo, uma narrativa que "entrelaça dados sociais e ambientais com temas mágicos e míticos" ("intreccia dati sociali e ambientali a temi magici e mitici"). O assassinato de Aaron é apresentado como o elemento central da trama que ofusca o "quadro de costumes":

Ma esso va ben oltre la vicenda di miseria, di omertà e di furti dettati dal bisogno e dalle disparità sociali, per incentrarsi tutto sull'omicidio dell'ebreo Aaron, sulle motivazioni complesse del gesto assassino, e soprattutto sulla condanna che, dopo ventotto anni, attende implacabile il colpevole nello stesso luogo del delitto. (1998-it)

Mas isso [a trama] vai além da história de miséria, de silêncios e de furtos ditados pelas necessidades e pela desigualdade social, e concentra-se toda no assassinato do judeu Aaron, nas motivações complexas do ato homicida, e, especialmente, na condenação que, após 28 anos, espera implacavelmente o culpado no lugar do delito.

O assassinato de Aaron é apresentado como um elemento de mistério policial na trama. O discurso editorial explora, a meu ver, o interesse do público para livros policiais e de mistério, numa tentativa de aproximar o texto antigo ao público de hoje. O texto faz ainda uma referência à faia e ao título da narrativa:

Ed è proprio l'albero, il grande faggio che dà il titolo al racconto, il simbolo forte del male e, insieme, della giustizia che sa aspettare a lungo il momento della verità. (1998-it, orelha)

E é justamente a árvore, a grande faia que dá título à história, o símbolo forte do mal e, ao mesmo tempo, da justiça que sabe esperar longo tempo pelo momento da verdade.

A referência explica o papel da faia na narrativa e, ao mesmo tempo, o título do texto. A árvore é caracterizada como um símbolo ambíguo, do mal e, ao mesmo tempo, da justiça (tardia).

O discurso editorial na orelha de 1998-it caracteriza os *motifs* judaicos na *Judenbuche* em termos de uma história sobre crime e punição. O páthos do discurso caracteriza a narrativa para o público como uma tragédia. A única referência explícita aos *motifs* judaicos, na expressão "dell'ebreo Aaron" ("do judeu Aaron") é descritiva, informando sobre a identidade de Aaron. As outras referências são indiretas e explicativas, a faia é descrita como uma árvore, e como a razão do título.

Na quarta capa da edição 1998-it, os editores se restringiram à reprodução do texto da inscrição hebraica: "Se a questo luogo t'avvicinerai, quel che m'hai dato tu stesso avrai" ("Se te aproximares deste lugar, terás o mesmo o que me deste", p. 211). A ilustração abaixo mostra a quarta capa de 1998-it:

Ilustração 28: Quarta capa da tradução italiana de 1998

A reprodução da inscrição, ameaçadora e expressiva, tem, a meu ver, a função de intrigar os leitores potenciais do livro e de fazê-los abrir o livro e procurar dentro por mais informações acerca do conteúdo (informações que ele encontra por exemplo na orelha do

livro, discutida acima). Não fica indicado ao leitor, contudo, no texto editorial, que se trata de uma inscrição hebraica. Contudo, o seu significado pode ser talvez associado com a lei de talião do Antigo Testamento, especialmente em conjunto com o título do livro. Neste caso, a citação da inscrição na quarta capa ganha, porém, um caráter estereotipizante em relação ao judaísmo. Em princípio, contudo, a referência aos *motifs* judaicos no texto editorial de 1998-it permanece no nível associativo.

A terceira tradução do corpus cujo texto editorial na quarta capa contém uma referência aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* é, por fim, a tradução para o inglês de 2008. Aqui, uma referência explícita é feita em relação a Aaron e à faia:

Based on a true story, *The Jew's Beech* centres on two brutal murders in rural Westphalia – the first of a local forester and the second of a Jewish moneylender near a beech tree – and the impact these two events have on the life of Friedrich Mergel, a local herdsman with a turbulent family history. (2008-en, quarta capa, grifo do autor)

Baseada em uma história real, A faia dos judeus está centrada em dois assassinatos brutais na Westfália rural – o primeiro, de um guarda florestal local, e o segundo, de um agiota judeu perto de uma faia – bem como no impacto que esses dois eventos tem na vida de Friedrich Mergel, um pastor local com uma história familiar conturbada.

Referindo-se ao assassinato de um "agiota judeu perto de uma faia", o texto editorial explica, implicitamente, o título da narrativa. É digna de nota a escolha lexical dos editores: Aaron é descrito como um "Jewish moneylender". O termo "moneylender", "agiota" ou, literalmente, "creditor de dinheiro", é um sinônimo de usurário, menos forte nas conotações negativas, mas usado geralmente no sentido crítico.²¹³ Parece-me que a escolha lexical dos autores do texto foi motivada pelo desejo de evitar as conotações negativas fortes e o caráter estereotipante do termo "usurário". No entanto, o fato de chamar Aaron de um "agiota judeu" nesse texto indica, a meu ver, que uma história em torno de um assassinato de um creditor judeu não é considerada pelos editores como inadequada.

213 Cf. *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*, que define o modo de uso de "moneylender" como "mainly disapproving" e o significado do termo como "a person or organization whose job is to lend money to people in return for payment" [<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/moneylender>, último acesso: 16/09/11]

A explicitação está em contraste com o silêncio dos outros textos editoriais, como por exemplo o texto da tradução espanhola de 1996, citado acima. No caso desta edição, uma comparação mais direta é possível, já que a tradução inglesa de 2008 é uma reedição da tradução inglesa de 1958. Enquanto o texto traduzido e os peritextos dentro do livro foram reproduzidos sem mudanças, o texto editorial na quarta capa mudou. Esse fato não surpreende, considerando a distância temporal entre as duas traduções e o fato do texto ter sido publicado por duas editoras diferentes, embora uma sucessora da outra.²¹⁴ No entanto, a mudança do tratamento dos *motifs* judaicos no texto editorial parece-me digna de nota. A tradução inglesa de 1958 descreve a *Judenbuche* na quarta capa nos seguintes termos:

This work, first published in 1842, is the only completed story by one of Germany's most distinguished poetesses. The truth and understanding with which both the setting and the characters are drawn spring from her unrivalled knowledge of her homeland, and the development of the story up to the time of the murder is brilliantly depicted in a series of memorable scenes. (1958-en, quarta capa)

Essa obra, publicada pela primeira vez em 1842, é a única narrativa completa de uma das poetizas mas insígnie da Alemanha. A verdade e a compreensão que estão por trás da descrição tanto dos lugares da trama, quanto dos personagens, têm origem no seu incomparável conhecimento da sua terra natal, enquanto o desenvolvimento da trama até o momento do assassinato é narrado brilhantemente em uma série de cenas memoráveis.

Os dois textos editoriais para a tradução de Doris e Lionel Thomas mostram diferenças em vários aspectos, que apontam para mudanças no mercado editorial e no marketing de livros em geral e que não podem ser discutidos aqui em profundidade. Para citar um só aspecto, o discurso editorial da tradução inglesa de 2008 é caracterizado por um dinamismo maior, o enfoque é dado à trama, enquanto o texto da tradução inglesa de 1958 tenta despertar o interesse de potenciais leitores por atribuição de valores literários ao texto. No que diz respeito aos *motifs* judaicos, a diferença é notável: enquanto 2008-en explicita o título da narrativa, referindo-se aos *motifs* judaicos, 1958-en não dá nenhuma explicação para a razão do título e permanece no mesmo discurso vago que caracteriza por exemplo o texto editorial da tradução espanhola de 1996, citada acima.

214 Oneworld Classics, a editora da tradução 2008-en, foi fundada em 2007. No mesmo ano, a editora adquiriu a lista de publicações da Calder, a editora da tradução 1958-en e publica, desde então, esses títulos sob o *imprint* "The Calder Collection". Cf. sobre isso a página de internet da Oneworld Classics (<http://www.oneworldclassics.com/>, último acesso: 07/02/12).

Assim, referências aos *motifs* judaicos nos textos editoriais da quarta capa são exceções à regra do corpus. A grande maioria dos textos editoriais não faz menção nenhuma à temática. As menções encontradas, junto com o texto da orelha discutido acima, tendem a ser indiretas; a explícita menção do "agiota judeu" na tradução inglesa de 2008 é incomum. O fato de as três traduções com referências aos *motifs* judaicos serem mais recentes talvez aponte para um aspecto temporal nessa tendência: talvez tenha ficado mais fácil, hoje em dia, falar sobre temas judaicos. O fato de duas traduções italianas conterem referências a ela pode também ser considerado informativo; contudo, parece-me que nesses dois casos o fato de ambas as traduções estarem ligadas a ambientes acadêmicos é de maior importância do que o contexto nacional. Como mostra a discussão de outros aspectos peritextuais no corpus, abaixo, essas duas traduções destacam-se por ainda outras referências aos *motifs* judaicos.

4.2.3 Os *motifs* judaicos na instância prefacial

Os peritextos da instância prefacial abrangem, segundo Genette, "toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo,"²¹⁵ que consiste num discurso produzido à propósito do texto que segue ou que antecede" (GENETTE, 2009, p. 145). São peritextos dentro das publicações, de tradutores e de outros autores que participam de edição e comentam os textos nela incluídos. Os peritextos listados na tabela 4 são os vários tipos textuais da instância prefacial encontrados nas traduções do corpus, e reproduzidos, dentro do livro, antes, depois ou abaixo do texto traduzido.

A forma e o conteúdo das instâncias prefaciais encontradas variam, no corpus, conforme o formato da publicação. Em publicações com um caráter mais acadêmico (por exemplo 1958-fr ou 1998-it), as introduções tendem a ser mais longas e detalhadas, com referências a trabalhos da literatura crítica, do que em publicações voltadas a um público geral (por exemplo 1958-en). Prefácios às antologias no corpus introduzem não apenas a *Judenbuche*, mas também os outros textos da publicação e as discussões de cada texto tendem a ser menos detalhadas. No entanto, todos os tipos de peritextos da instância prefacial compartilham a função de discutir a obra publicada, oferecendo aos seus autores um espaço para expressar opiniões e atitudes acerca dessa obra. O conteúdo dos peritextos está sujeito

²¹⁵ Essa distinção refere-se, em Genette, ao autor do livro ou outros colaboradores, já que Genette analisa apenas livros literários na língua original. Neste corpus, no entanto, a categoria "autoral" refere-se a textos de tradutores.

à avaliação do organizador do dado volume e da editora; assim, são impostos certos limites à liberdade de opinar dos comentaristas. No entanto, os textos da instância prefacial não tem, ao contrário dos peritextos editoriais, discutidos na secção anterior, uma função comercial, que lhes imporia a necessidade de comentar a obra de um modo exclusivamente apelativo ao potencial leitor do livro.

Partindo desses pressupostos, todos esses peritextos (organizados segundo as traduções na tabela 10, no Anexo) foram analisados em busca de referências aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, segundo os critérios discutidos acima (cf. tópico 3.3.2). Busquei identificar não apenas meras referências aos *motifs* judaicos – ou seja, qualquer menção, explícita ou mais indireta, deles – mas sobretudo referências que indicariam uma atitude do autor do dado peritexto frente aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* – uma atitude positiva, negativa ou de indiferença. Conforme discuti no tópico sobre a metodologia (cf. tópico 3.3.2), contei também com a possibilidade de ausência de referências, ou seja, de não haver nenhuma menção aos *motifs* judaicos nos peritextos.

Ao contrário dos textos traduzidos, não delimitei de antemão quais seriam os *motifs* judaicos em relação aos quais busquei observar comentários. Pelo contrário, procurei identificar todos os tipos de referências. Nos peritextos, foram identificados, assim, diversos tipos de referências aos *motifs* judaicos, mas há também traduções que não têm nenhuma referência a essa temática nos peritextos.

No que diz respeito ao número de traduções, a distribuição entre traduções sem referências e com referências é relativamente desequilibrada: dezessete traduções contêm algum tipo de referências nos peritextos, enquanto seis não contêm nenhuma referência, por mais indireta que seja. Duas traduções não contêm nenhum tipo de peritexto da instância prefacial. O fato de seis traduções do corpus não fazerem referência nenhuma aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* nas instâncias prefaciais parece à primeira vista surpreendente, considerando que, apesar de o tema judaico não constituir o único elemento da trama, e apesar de ele ocupar, em termos de texto, relativamente pouco espaço na narrativa, ele não é, ao mesmo tempo, secundário, mas determina em grande parte o conteúdo e a trama da narrativa. Ao mesmo tempo, contudo, as referências aos *motifs* judaicos da *Judenbuche* nas treze outras traduções são de natureza diferenciada.

A análise dos peritextos da instância prefacial baseou-se, como foi dito acima, em um corpo de textos heterogêneo, de diferentes tipos textuais, diferentes funções dentro das publicações e de diferentes autores. Além disso, nem todos os peritextos encontram-se em todas as publicações (cf. tabela 4) e nem todas as publicações contêm peritextos da instância prefacial (cf. tabela 11, no Anexo). A interpretação dos resultados apresentados acima considerou os tipos de peritextos presentes em cada publicação e a função de cada um desses peritextos, mas também o pano de fundo contextual, que incluía o contexto histórico, o contexto dos estudos literários do dado período e as informações que pude obter em relação aos autores dos peritextos analisados. O critério histórico foi para esta pesquisa de maior importância. Referências aos *motifs* judaicos ou a ausência de referências em uma introdução ao texto traduzido antes de 1933, por exemplo, precisavam ser consideradas de modo diverso das referências ou da ausência de referências em uma introdução do início do século XXI.

Segue-se a discussão detalhada dos resultados da análise, baseada nessas reflexões. Cada tradução é discutida em relação aos critérios mencionados acima, na medida em que informações estavam disponíveis. A discussão segue, neste tópico, a cronologia das traduções no corpus; esse procedimento foi aqui escolhido para poder acompanhar também a evolução da recepção dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, nos peritextos da instância prefacial mais explicitamente documentada. As traduções do corpus foram subdivididas em três grupos, segundo o critério do contexto histórico de sua gênese; os três grupos abrangem os períodos antes de 1933, os anos entre 1933 e 1945 e os anos depois de 1945. As datas escolhidas correspondem não apenas a cesuras temporais na história judaica, mas também a cesuras temporais na crítica literária, cuja interação na recepção da *Judenbuche* é pressuposta aqui, enquanto um dos objetivos da análise é verificar em que medida essa interação se faz visível nas traduções. No final da discussão das traduções de cada grupo um resumo dos resultados é feito.

A discussão abaixo refere-se aos peritextos da instância prefacial das traduções do corpus; no entanto, comparações com os elementos já discutidos aqui – os textos traduzidos, no tópico 4.1 e os peritextos editoriais, no tópico 4.2.2 – foram incluídas. A discussão é, por fim, seguida por um resumo geral e uma avaliação dos resultados.

4.2.3.1 As traduções dos anos anteriores a 1933

1913-en

Na mais antiga tradução do corpus, 1913-en, não encontrei referências aos *motifs* judaicos. Contudo, nenhum dos três peritextos²¹⁶ da tradução inglesa de 1913 está relacionado diretamente com a *Judenbuche*. A tradução inglesa de 1913 é uma antologia de caráter quase enciclopédico, juntando, em vinte volumes, traduções de "clássicos" alemães dos séculos XIX e XX. Como comenta Lefevere (1995, p. 42), a antologia serviria como um "monumento para a cultura literária alemã" e foi publicada por um grupo de americanos de origem alemã que haviam fundado uma sociedade editorial para esse fim. Ainda segundo Lefevere, a antologia foi "uma obra dos filhos e netos daqueles que haviam deixado a Alemanha depois da fracassada revolução de 1848, que tiveram sucesso em seu novo país, que se orgulhavam do fato de seu antigo país velho estar prosperando e que procuravam por reconhecimento, no país novo, das realizações literárias do país que eles haviam deixado fisicamente, mas não espiritualmente." (LEFEVERE, 1995, p. 42)

O texto traduzido da *Judenbuche* encontra-se no volume sete da antologia. O primeiro volume da antologia contém os três peritextos introdutórios à antologia inteira; os volumes restantes contém apenas os textos traduzidos. Os dois prefácios editoriais breves – "Editor's Preface" ("Prefácio do organizador", 1913-en, pp. vii-x), de Kuno Francke, e "Publishers' Foreword" ("Prefácio dos editores", 1913-en, p. xi), assinado por "The Publishers" (Os editores) – informam apenas sobre a gênese da antologia, sem discutir as obras nela incluídas.

Os autores e algumas das obras traduzidas da antologia são em parte comentados na extensa "Introdução geral" ("General Introduction", 1913-en, pp. xiii-l), cujo autor, Richard M. Meyer, é introduzido como "Ph.D." e é descrito como professor de literatura alemã na universidade de Berlim,²¹⁷ dando assim ênfase ao caráter e a autoridade acadêmicas da

216 Informações sobre os tipos de peritextos da instância prefacial em cada tradução encontram-se na tabela 10, em Anexo.

217 O germanista Richard M. Meyer (1860-1914) foi livre docente na Universidade de Berlim (naquela época, *Friedrich-Wilhelms-Universität*, hoje *Humboldt-Universität*) a partir de 1886 e professor de literatura alemã na mesma universidade a partir de 1901, cf. Biografie Richard M. Meyer [<http://www.sammlungen.hu-berlin.de/dokumente/17233/>, último acesso: 22/09/11]. Meyer, de origem judaica, havia criado uma bolsa para estudantes judeus da universidade, cf. Oels (2010). A introdução está escrita em um tom decididamente nacionalista. Meyer, assim, parece incorporar os contrastes da época de nacionalismo na Alemanha, mostrando, de um lado, patriotismo e nacionalismo. De outro lado, Meyer parecia querer contrariar as tendências antissemitas, que faziam parte do nacionalismo, instituindo uma bolsa para estudantes judeus.

introdução. Depois de apresentar uma teoria teleológica do "desenvolvimento de literaturas" nacionais ("development of literatures", 1913-en, p. xiv), Meyer elabora uma descrição do desenvolvimento da literatura alemã a partir de 1700. O texto é de caráter geral e teórico, e não comenta em detalhes as obras reproduzidas na antologia, mas traça, antes, um panorama da literatura alemã desde 1700. Droste-Hülshoff, representada na antologia com traduções de alguns poemas²¹⁸ e da *Judenbuche*, é mencionada por Meyer apenas como poeta lírica em dissonância com o seu tempo (Meyer a descreve como "old-style poet of modern times", "poeta de estilo antigo em tempos modernos", 1913-en, p. xxxvii); a *Judenbuche* não é mencionada no texto de Meyer. A introdução da edição 1913-en parece, assim, ter a função de uma introdução geral ao tema da antologia.

1923-dk

Uma alusão, mais do que uma menção, aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* encontra-se na introdução de Julius R. Haarhaus, na tradução para o dinamarquês de 1923, uma edição de bolso intencionada, a meu ver, a um público geral. A tradução foi publicada pelo Slesvigsk Forlag, uma editora fundada em 1922 com o intuito de informar a minoria dinamarquesa na então província de Schleswig-Holstein sobre a política, história e vida cultural dinamarquesa. Schleswig-Holstein foi uma região contestada entre a Dinamarca e a Alemanha desde meados do século XIX e foi anexada à Alemanha depois de um plebiscito em 1920. As informações obtidas indicam que a fundação da editora foi um projeto dentro do contexto da confrontação nacional em Schleswig-Holstein. A editora Slesvigsk Forlag publicava livros traduzidos do alemão para o dinamarquês e vice versa, e em 1923, o seu catálogo continha 11 publicações, entre elas a *Judenbuche*.²¹⁹ Aparentemente, a *Judenbuche* foi considerada um texto adequado para fins de divulgação da literatura alemã.

Julius R. Haarhaus, um autor que publicava livros em alemão e dinamarquês,²²⁰ foi convidado para comentar a tradução dinamarquesa da *Judenbuche*. Na "Introdução"

218 Os poemas de Droste-Hülshoff na antologia são: *Pfingstsonntag* (1839), da coletânea *Das Geistliche Jahr*, *Das Haus in der Heide* (1841) e *Der Knabe im Moor* (1841), da coletânea *Heidebilder*, e *Am Turme* (1842) e *Das öde Haus* (1842), da coletânea *Fels, Wald und See*. A seleção abrange os poemas mais conhecidos e populares da autora. O tradutor dos poemas foi Charles Wharton Stock, enquanto a *Judenbuche* foi traduzida, nesta edição, por Lillie Winter,

219 Informações sobre a editora encontram-se na página de *Grænseforeningen* (Associação Fronteiriça), uma associação cujo atual objetivo é o trabalho cultural e o apoio para a minoria dinamarquesa em Schleswig-Holstein. Para informações sobre a editora cf. o verbete "Slesvigsk Forlag" do léxico da página [<http://www.grænseforeningen.dk/leksikon/s/all/6395>, último acesso: 22/09/11].

220 Não encontrei outras informações sobre ele além das datas de sua vida (1867-1947), cf. Deutsche Bibliographie [http://www.deutsche-biographie.de/sfz060_00057_1.html, último acesso: 23/09/11]

("Indledning", 1923-dk, pp. 1-7), Haarhaus traça um esboço biográfico de Droste-Hülshoff, apresenta a gênese e a recepção da *Judenbuche* e compara a narrativa com algumas outras obras alemãs.²²¹ Na discussão da gênese da *Judenbuche*, Haarhaus informa que as primeiras ideias da narrativa remontam ao ano de 1837 e que a *Judenbuche* surgiu como um projeto paralelo à ideia de um poema de um sonho poético sobre um assassinato de um judeu por um mendigo cego:

Den første Ide til Jødebøgen gaar tilbage til Aaret 1837. Den gaar parallelt med Planen til et stofligt nær beslægt Digt, der skulde behandle Opklaringen af et paa en Jøde begaaet Mord gennem en blind Tigger, og hvis Indhold Digterinden havde drømt sig in i til de mindste Enkeltheder. (1923-dk, p. 5)

A primeira ideia para A Faia dos Judeus remete ao ano de 1837. Ela coincidiu com os planos para um poema, muito próximo no que diz respeito à temática, que trataria do esclarecimento de um assassinato de um judeu, cometido por um mendigo cego, cujo conteúdo a poeta sonhou nos mínimos detalhes.

Droste-Hülshoff de fato havia planejado o poema (cf. HUGE, 1984). Em seguida à passagem citada, Haarhaus passa a descrever a gênese da *Judenbuche*, discutindo-a como uma novela e fazendo referência ao fato de Droste-Hülshoff ter baseado a narrativa em um caso criminal histórico, por ela conhecido desde a infância, sem, contudo, mencionar os *motifs* judaicos, tanto do caso criminal histórico, quanto da *Judenbuche*. Haarhaus comenta com aprovação a decisão de trabalhar o caso criminal em prosa, um gênero ao qual Haarhaus parece dar preferência, por ser mais "verídico": ele aprova a versão do caso na *Judenbuche* "porque a verdade simples é sempre mais bonita do que o engenho mais sublime" ("da den simple Sandhed altid er skønnere end den ypperligste Opfindsomhed", 1923-dk, p. 5). Haarhaus indica ainda que o título da narrativa foi trocado de *Friedrich Mergel*²²² para *Die Judenbuche* por Hermann Hauff na primeira publicação da narrativa, em 1842 (cf. 1923-dk, p. 6), e termina a introdução com afirmações acerca da importância da *Judenbuche* e de sua autora, anotando que *Die Judenbuche*, o "trabalho de estreia" de Droste-Hülshoff, havia permanecido a sua "obra prima" ("Hendes Debutarbejde forblev

221 As obras que Haarhaus menciona são *Aus dem Leben eines Taugenichts* de Joseph von Eichendorff e *Peter Schlemihl* de Chamisso.

222 Essa informação, contudo, não está correta: o título que Droste-Hülshoff menciona em uma carta do ano 1837 é *Friedrich Mergel. Eine Criminalgeschichte*. O título que Hauff mudou foi, contudo, *Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen*, o atual subtítulo ou segundo título da narrativa.

hendes Mesterstykke [...]", 1923-dk, p. 7), e que, com sua obra, Droste-Hülshoff havia entrado no "reino da imortalidade" ("Udødelighedens Rige", 1923-dk, p. 7).

Assim, apesar de discutir a influência do caso do assassinato de Soistmann Berend na composição da *Judenbuche*, Haarhaus não se refere explicitamente aos *motifs* judaicos da narrativa. Apenas na menção da ideia de um poema de 1837, uma referência aos *motifs* judaicos é indicada. A concentração em aspectos formais da *Judenbuche*, especialmente na questão do gênero da novela, está em sintonia com o teor geral da discussão da crítica literária do texto no início do século XX, na qual predominavam aspectos genéricos, especialmente em relação ao gênero de novela (cf. SCHNEIDER, R., 1995, p. 156). Assim, parece-me que o texto de Haarhaus corresponde ao teor geral da crítica literária da época. Ao mesmo tempo, não me parece que o silêncio observado esteja relacionado com questões de tabus, já que a capa da publicação, discutida em detalhes acima (cf. tópico 4.2.3), traz uma imagem que remete explicitamente para a um dos *motifs* judaicos, a faia com uma alusão à inscrição hebraica.

1923-nl

A tradução holandesa de 1923 não contém peritextos da instância prefacial. A publicação antológica – que contém, além da *Judenbuche*, uma tradução de *Das Haidedorf* (1840), de Adalbert Stifter – em formato de bolso, reproduz os dois textos sem qualquer paratexto introdutório.

As três traduções dos anos anteriores a 1933 ou não contém referências aos *motifs* judaicos, ou não os problematizam. Esses "silêncios" são dados, no caso de 1913-en, pela forma dos peritextos e, em 1923-nl, pela ausências de peritextos. A ausência de menção dos *motifs* judaicos em 1923-dk não diverge do teor geral da recepção da *Judenbuche* nos estudos literários da época, recepção essa caracterizada por um enfoque a questões das fontes de obras literárias e do gênero da novela. Não há indícios, também, que os comentaristas viam uma ligação entre o tema da narrativa e o seu contexto histórico.

No entanto, os textos traduzidos das três traduções, discutidos acima (cf. tópico 4.1), contêm alguns *shifts*, principalmente em relação ao gentílico "Jude", mas também em relação a outros aspectos, analisados acima. Parece, assim, que a leitura detalhada do texto da *Judenbuche* no processo de tradução resulta em mais "referências" aos *motifs* judaicos

do que a leitura crítica, mesmo quando esses *motifs* não são objeto de uma reflexão crítica sistemática.

As duas ilustrações de primeira capa, das traduções 1923-dk e 1923-nl, por fim, não demonstram nenhuma preocupação com os *motifs* judaicos, a primeira trazendo uma representação gráfica da faia dos judeus, a segunda aludindo a ela mais indiretamente. Assim, as três traduções de antes de 1933 não demonstram sinais de uma problematização dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*.

4.2.3.2 As traduções dos anos 1933 a 1945

1933-it

Dentre os traduções do corpus, cujos prefácios fazem menção explícita aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, a mais antiga é a tradução italiana de 1933. A publicação que contém apenas a *Judenbuche* parece estar voltada a um público mais geral e foi publicada em formato de bolso, com capa dura ornamental, contendo, na instância prefacial, algumas ilustrações relacionados à autora.²²³ O texto é preparado para uma leitura de lazer, com tipografia grande e preparação de páginas generosa, parágrafos dissolvidos e uma subdivisão do texto em quatro capítulos (cf. tópico 3.1.4).

Referências aos *motifs* judaicos foram encontradas nos peritextos "Prefácio" ("Prefazione", 1933-it, pp. 1-11) de Ada Saffo Sapere, uma dos dois tradutores da *Judenbuche*, e "Gênese da narrativa" ("Genesi del racconto", 1993-it, pp. 13-22) de August Bertsch, o segundo tradutor da publicação, bem como nas notas de rodapé inseridas ao longo do texto traduzido e de autoria presumidamente dos tradutores. Um quarto peritexto são as "Cenas biográficas" ("Cenni biografici", 1933-it, 23-27), sem indicação da autoria e sem referências aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. O prefácio de Sapere discute os aspectos narrativos e estilísticos da *Judenbuche*, enquanto o texto de Bertsch informa sobre as fontes e a gênese da *Judenbuche*. As "Cenas biográficas" são um breve resumo da vida e obra de Droste-Hülshoff. As notas de rodapé esclarecem diferentes aspectos do texto traduzido.

²²³ As ilustrações são todas relacionadas com a biografia de Droste-Hülshoff: dois retratos, uma foto do monumento de Droste-Hülshoff em Meersburg, uma cidade perto do Bodensee, no sul na Alemanha, onde a autora viveu os últimos anos de vida, e um desenho, sem indicação de autoria, do castelo em Meersburg, provavelmente do cunhado de Droste-Hülshoff, Barão von Laßberg. Não há nenhuma ilustração relacionada à *Judenbuche*.

No seu prefácio, de caráter ensaístico, Sapere discute aspectos da caracterização psicológica dos personagens da *Judenbuche*, bem como alguns aspectos das estratégias narrativas do texto, dando expressão a suas atitudes acerca dos diferentes aspectos da obra: Sapere mostra-se, por exemplo, decepcionada com o final da narrativa, visto por ela como "um pouco esmaecido" ("un po' scialbi", 1933-it, p. 10), no qual "a fantasia e as ideias tornam-se apáticas" ("divengono pigre la fantasia e le idee", 1933-it, p. 10). A única referência a um dos *motifs* judaicos encontra-se na caracterização psicológica dos personagens, na qual Sapere esboça retratos, também do personagem de Aaron, sobre o qual faz o seguinte comentário:

Ed ecco l'ebreo Aronne che, per la sua specie, non rappresenta un tipo degno di rilievo, e nel racconto drostiano non ha lunghe ed importanti parti da incarnare; tuttavia, con pochi tocchi maestri, l'Annette ci rivela in tutta la rude efficacia il cupo e sordido fondo dell'uomo dominato da ignobile passione. (1933-it, p. 6)

E, por fim, há o judeu Aaron, que, por sua espécie, não representa um tipo digno de relevo, e na narrativa drostiana não tem partes longas e importantes para encarnar; mas, com alguns toques de mestre, Annette nos revela, em toda a sua rude eficácia, o fundo obscuro e sórdido do homem dominado por uma paixão ignóbil.

O comentário mostra uma certa ambiguidade em relação a Aaron que "por sua espécie" não é considerado "digno de relevo" e não tem, para Sapere, "partes longas e importantes para encarnar" na *Judenbuche*. Sapere descreve-o como um "homem dominado por uma paixão ignóbil." A descrição, impressionista, contém várias expressões negativas. Não fica claro, no entanto, se a ambiguidade se refere a Aaron como personagem ou se a sua origem judaica tem a ver com a imagem sombria que Sapere evoca. A expressão "por sua espécie" parece indicar, contudo, que a avaliação negativa do personagem vai além de questões narrativas.

Na "Gênese da história", Bertsch inicia as informações sobre a gênese da *Judenbuche* com uma referência ao caso criminal histórico:

Il racconto non tratta un argomento ideato di sana pianta, ma riproduce figure e vicende colte nella realtà del 700. In quell'epoca, entro la cerchia dei beni del barone Guernieri di Haxthausen, avo di Annette von Droste-Hülshoff, un

servitore di Bellersen uccise un mercante ebreo e dovette subire la fatalità d'una strana espiazione. (1933-it, p. 15)

Não se trata de uma historia desenvolvida do zero, mas uma que reproduz personagens e eventos da realidade do século XVIII. Naquele tempo, nos bens do barão Werner von Haxthausen, ancestral de Annette von Droste-Hülshoff, um servo de Bellersen matou um comerciante judeu e teve que sofrer a fatalidade de uma estranha expiação.

Em seguida, Bertsch passa a indicar brevemente o uso do relato de Haxthausen por Droste-Hülshoff na gênese da *Judenbuche*, sem, contudo, fazer comentários mais detalhados, especialmente de que se trata de um caso de assassinato de um judeu. No restante do capítulo, Bertsch narra as etapas da redação e publicação da *Judenbuche*.

Essa é a primeira de várias referências à ligação entre os *motifs* judaicos na *Judenbuche* e o caso criminal histórico nos peritextos da instância prefacial do corpus. Tal como Bertsch, vários comentaristas da *Judenbuche* acentuam com frequência que a *Judenbuche* não é uma história fictícia, mas ficionalizada. Este é um fato da gênese do texto (cf. tópico 1.1); no entanto, Droste-Hülshoff não faz referência a isso no próprio texto, que poderia ser lido sem a referência ao caso histórico. A referência ao caso histórico e ao relato de Haxthausen não é algo incomum, já que os trabalhos críticos e também as edições críticas da *Judenbuche* sempre comentam essa relação intertextual. No entanto, é a insistência em estabelecer essa intertextualidade, nas traduções e nos trabalhos críticos, que me parece digna de nota. O estudo das fontes das obras literárias foi na germanística positivista um fator importante; assim, nos trabalhos anteriores a 1945 essa indicação faz também parte do procedimento metodológico (cf. HERMAND, 1994, p. 37s). A continuação dessa prática depois de 1945, no entanto, parece-me indicativa de uma intenção de amenizar o impacto da narração do assassinato de um judeu, num texto literário alemão, acentuando que não se trata, aqui, de um produto da imaginação, uma fantasia, mas de um "fato". O topos da autenticidade da violência narrada parece ser, assim, central na recepção da *Judenbuche*, e sobretudo dos *motifs* judaicos nela contidos.

Na tradução italiana de 1933, referências aos *motifs* judaicos encontram-se ainda nas notas de rodapé, inseridas ao longo do texto traduzido. As não muito frequentes notas dos tradutores esclarecem, de um lado, alguns elementos do texto, por exemplo na nota (1) da

página 35, na qual o "vilarejo B." é identificado geograficamente como "Bellersen, vilarejo ao norte da cidade de Brakel" ("Bellersen, paesetto al nord della città di Brakel", 1933-it, p. 35). Por outro lado, os tradutores interpretam para os leitores em várias notas o significado de algumas passagens, de uma forma quase didática, pretendendo, ao que parece, tirar as eventuais dúvidas dos leitores acerca das passagens. Os tradutores ou oferecem interpretações próprias, ou explicitam alusões implícitas no texto. Assim, no episódio da investigação do assassinato de Brandis, a reação de Friedrich ao machado mostrado pelo escrivão Kapp, que conduz a investigação, implícita no texto, é explicitada pelos tradutores:

Dalla scheggia divelta dal manico egli [Friedrich] riconosce che la scure appartiene a suo zio Simone e che questi dunque ha comesso l'omicidio. (1933-it, p. 86)

Graças à lasca solta no cabo [do machado], ele [Friedrich] reconhece que este pertence a seu tio, Simon, e que foi, portanto, ele quem cometeu o assassinato.

Os tradutores explicitam a alusão que o texto faz em relação ao machado, desambiguando essa passagem, contrariando, assim, as estratégias narrativas que justamente visam a deixar o texto ambíguo e requerem do leitor um papel ativo de interpretação (cf. WELLS, 1979). Essa ambiguidade e opacidade do texto da *Judenbuche* foram vistas, no entanto, como defeitos da narrativa principalmente nas primeiras recepções (cf. SCHNEIDER, R., 1995, p. 156). A meu ver, as várias interpretações e explicitações nas notas de rodapé desta tradução indicam também para esse tipo de recepção e para uma intenção de dissolver o caráter obscuro do texto de Droste-Hülshoff. Essa tendência fica, aliás, também visível na divisão do texto em capítulos (cf. tópico 3.1.4), proporcionando-lhe, assim, uma estrutura mais clara, bem como na diluição dos parágrafos e na transcrição da inscrição hebraica em alfabeto latino. O caráter elíptico da *Judenbuche* parece assim também ter incomodado os tradutores (ou os editores) da tradução de 1933-it.

Em duas notas de rodapé, os tradutores referem-se a passagens que contêm *motifs* judaicos. Na nota (1)²²⁴ da página 101, os tradutores inserem uma nota de rodapé depois da

224 A numeração das notas de rodapé de 1933-it recomeça a partir de (1) em cada página.

exclamação dos convidados do casamento contra Aaron, oferecendo a sua leitura do significado da exortação ao leitor:

Scherzo che spesso, giuocando, fanno i ragazzi. Si osservi che l'ebreo considera impuro il maiale. (1933-it, p. 101)

Uma brincadeira que os meninos costumam fazer, brincando. Observa-se que o judeu considera o porco impuro.

A nota de rodapé está em sintonia, a meu ver, com as notas em geral, por explicar uma passagem considerada pelos tradutores difícil de entender e, ao mesmo tempo, por dissolver o caráter opaco, nesse caso também ameaçador, do texto. Os tradutores Sapere e Bertsch interpretam a exortação como uma "piada" de "jovens", que esses fazem brincando, uma interpretação que é parcialmente apoiada pelo próprio texto, que indica que os convidados riem quando fazem a exortação (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80). O uso de dois termos que referem a atividades lúdicas – "scherzo" e "giuocando" – bem como o uso do termo "ragazzi" para os convidados do casamento parece-me indicar uma intenção de minimizar o impacto da frase no texto. O aspecto ambíguo da exortação, que mistura brincadeira e ameaça, é desambiguado em favor do aspecto lúdico. A informação de que essa é uma brincadeira que as pessoas "costumam" fazer reforça, a meu ver, a interpretação do caráter inofensivo da exortação. A anotação de que o porco é considerado "impuro" pelos judeus restaura, contudo, um pouco do caráter ofensivo e agressivo da exortação. Chama a atenção, por fim, que Sapere e Bertsch usam na nota o gentílico "ebreo", em vez do mais pejorativo "giudeo"; o último termo é usado, contudo, na própria tradução da frase (cf. tabela 15), que indica que apesar de um uso irregular dos dois termos no texto traduzido, como foi mostrado acima, os tradutores os diferenciavam segundo as suas conotações. No entanto, eles usam o gentílico "ebreo" no singular generalizante, uma prática discursiva que contém elementos de tipização (cf. HORTZITZ, 1995).

Uma segunda nota de rodapé relacionada aos *motifs* judaicos nessa tradução encontra-se no episódio da congregação da comunidade judaica na casa da viúva de Aaron. A nota refere-se à abreviação da localidade da casa da viúva, que, no texto de 1933-it, foi mudada em relação ao original. A abreviação no original alemão é "L.":

Die Juden der Umgegend hatten großen Antheil gezeigt. Das Haus der Witwe ward nie leer von Jammernden und Rathenden. Seit Menschengedenken waren nicht so viel Juden beisammen in L. gesehen worden. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33; § 90; grifo meu)

Os judeus da região mostraram grande interesse no caso. Na casa da viúva sempre havia pessoas a lamentar e dar conselhos. Desde tempos imemoriais não se viam tantos judeus unidos em L.

Na tradução italiana de 1933, a abreviação "L." é mudada para "B.", e a seguinte nota de rodapé é inserida a seguir:

A Brakel, dove la vedova del giudeo Aronne dimorava. (1933-it, p. 111)

Em Brakel, onde a viúva do judeu Aaron morava.

A mudança de "L" para "B" parece ser uma "correção" do texto original, já que o início da narrativa menciona o "vilarejo B." como local da trama; não é possível dizer se essa mudança foi feita pelos tradutores, ou se ela já estava presente no original, já que a publicação italiana não indica o original.²²⁵ Os tradutores explicitam aqui já pela segunda vez a abreviação "B", explicada já no início da narrativa em uma outra nota de rodapé (cf. acima). A informação de que se trata do lugar "onde a viúva do judeu Aaron morava" parece aqui redundante, visto que a frase precedente no texto, citada acima, informa justamente isto, embora mais implicitamente. Assim, essa nota de rodapé de novo explicita o texto da *Judenbuche* para os leitores italianos. Notável parece-me também o uso do gentílico "giudeo" nesta nota de rodapé, em comparação com o uso do gentílico "ebreo" na nota discutida acima. Como já foi dito, a tradução 1933-it mistura esses dois termos de um modo irregular no texto traduzido; essa tendência parece se repetir nas notas de rodapé.

Nenhum outro dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* é comentado nas notas de rodapé de 1933-it. As duas notas analisadas estão, por um lado, em sintonia com o tom geral das notas dessa edição, que, como foi dito, visam a explicitar conteúdos difíceis ou implícitos do texto; na segunda nota discutida acima essa intenção de explicitação beira a redundância. Parece-me, no entanto, que a primeira nota discutida vai além dessa intenção, não apenas explicando o texto, mas oferecendo uma interpretação que ameniza o

225 No entanto, a mesma mudança encontra-se na edição de Schulte-Kemminghausen (1925).

significado da passagem. Desambiguando a passagem em favor de uma leitura mais leve – uma ofensa é interpretada como uma mera brincadeira – os tradutores parecem querer tornar mais palatável o texto difícil da *Judenbuche*. A publicação mostra além disso que seus participantes e organizadores têm a intenção de apresentar Droste-Hülshoff do modo mais positivo possível e, ao mesmo tempo, como uma autora clássica e, portanto, "imaculada". A desambiguação desta passagem pela nota de rodapé parece-me apontar para a mesma direção: um elemento problemático do texto é atenuado. Assim, a nota de rodapé aponta, a meu ver, para uma certa sensibilidade dos tradutores diante pelo menos deste *motif* judaico na *Judenbuche*. Essa sensibilidade, contudo, não leva a uma problematização da natureza dos *motifs* judaicos, mas, ao contrário, a uma tentativa de apagar os aspectos problemáticos do texto. Talvez a agressão contida na exortação dos convidados foi vista, pelos tradutores, como incompatível com a imagem heroica e clássica de Droste-Hülshoff, expressa tanto no texto, quanto nas imagens dentro da publicação.

1934-en

A tradução inglesa de 1934 contém apenas uma referência, indireta, aos *motifs* judaicos. A tradução é uma antologia²²⁶ de *short stories* alemãs, publicada dentro da série *The World's Classics* da editora Oxford University Press, de formato pequeno, mas de capa dura e com uma sobrecapa ilustrada, cujos motivos, uma mapa-mundi, contudo, não fazem alusão ao conteúdo do livro, mas à série editorial (cf. ilustração 24). Edwin K. Bennett, o autor da introdução de 1934 e também de uma monografia sobre novelas alemãs (cf. BENNETT, E. K., 1934), publicada no mesmo ano da tradução, justifica, na "Introdução" ("Introduction", 1934-en, pp. vii-xi), a sua escolha de textos por serem textos exemplares desta forma literária e todos caracterizados por uma "fusão de elementos românticos e realistas" ("fusion of Romantic and realistic elements", 1934-en, p. vii). Comentando brevemente todos os cinco autores da antologia, Bennett apenas anota, sobre *Die Judenbuche*, que a narrativa é "baseada em um incidente que ela [Droste-Hülshoff] encontrou registrado em documentos da família" ("based upon an incident which she [Droste-Hülshoff] found recorded in family documents", 1934-en, p. xi), aludindo, assim, ao caso criminal histórico, sem, contudo, discuti-lo e relacioná-lo explicitamente com os *motifs* judaicos. O comentário parece-me ter, neste caso, apenas a intenção de afirmar o elemento realista na *Judenbuche*, um aspecto central na escolha dos textos desta antologia.

226 Para os títulos contidos no volume cf. tabela 11, no Anexo.

A concisão de E.K. Bennett na introdução em relação à *Judenbuche* pode ter sido causada parcialmente pela brevidade do texto introdutório e pelo fato de o texto discutir a antologia inteira. No entanto, ela está refletida nos diversos *shifts* encontrados no texto traduzido, do tradutor E.N. Bennett.²²⁷ Os *shifts* observados – a falta da inscrição hebraica, bem como de alguns elementos lexicais (cf. o tópico 4.1) – apontam para uma tendência ao apagamento de *motifs* judaicos mais destacados no texto traduzido, na tradução publicada um ano após ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. É o texto traduzido que mais apaga *motifs* judaicos, um fato que parece apontar para uma correlação entre o processo da tradução e o seu contexto histórico. O apagamento é, de um certo modo, corroborado pela introdução de E.K. Bennett.

1938-cz

A tradução tcheca de 1938, uma edição autônoma da *Judenbuche*, não contém peritextos da instância prefacial. É uma publicação de caráter ornamental e destinada a colecionadores, como indicam²²⁸ tanto a tipografia ornamental, como as informações editoriais, que informam sobre os colaboradores artísticos da publicação: são indicados, entre outros, o autor do frontispício, uma xilogravura mostrando um guarda florestal, o encadernador e o compositor da tipografia, junto com o tipo escolhido e a indicação do processo manual de impressão. As informações são seguidas pelo número do exemplar, 318, inserido a mão.

A publicação contém apenas o texto traduzido da *Judenbuche*, sem nenhum aparato paratextual. No texto traduzido de O. Reindl foram identificadas, contudo, escolhas tradutoriais em relação aos *motifs* judaicos – por exemplo na tradução de um dos apelidos, ou na escolha lexical (cf. tópico 4.1) - que apontam para uma leitura informada por conotações estereotípicas.

1941-hu

A tradução húngara de 1941, também monográfica, é a única tradução da *Judenbuche* da época da Segunda Guerra Mundial e pertence ao grupo das traduções sem referências aos

227 Não consegui obter quase nenhuma informação biográfica sobre esse tradutor, apenas algumas informações sobre outras traduções suas, publicadas entre os anos 1913 e 1934, todas do alemão [cf. <http://www.worldcat.org/identities/np-bennett,%20e%20n>, último acesso: 15/02/12]. A tradução inglesa de 1934 não contém nenhuma informação biográfica sobre esse tradutor.

228 O exemplar do texto que obtive é uma cópia, enviada pelo serviço de cópias da Biblioteca Nacional tcheca. Assim, as observações feitas aqui são baseadas nas informações do livro e da impressão que a cópia transmite.

motifs judaicos na instância prefacial. A publicação em formato de bolso e praticamente sem aparato paratextual parece ser voltada a um público geral; a sua concisão pode, contudo, também ter sido condicionada pela data de publicação, no meio da Segunda Guerra Mundial, que pode ter causado uma situação de precariedade na área editorial. O único peritexto da tradução não é do próprio tradutor, Lőrinc Szabó, mas é assinada por "W.E.", iniciais não decifradas. É uma breve nota biográfica de Droste-Hülshoff ("Annette von Droste-Hülshoff", 1941-hu, p. 71) que apresenta alguns fatos da vida de Droste-Hülshoff, bem como anotações sobre a sua obra em geral, além de uma informação sobre o seu catolicismo. Sobre *Die Judenbuche* consta apenas a seguinte frase:

A "Zsidobükk" Annette von Droste-Hülshoff legjelentősebb elbeszélése, egyike a legkorábbi német falusi történeteknek, s mint novella, a német költészet mesteri teljesítményei közé tartozik. (1941-hu, p. 70)

A "Faia dos judeus", narrativa principal de Annette von Droste-Hülshoff, é uma das primeiras narrativas rurais alemãs e pertence, enquanto novela, às obras primas da literatura alemã.

A frase apenas acentua a importância da *Judenbuche* para a literatura alemã. Nenhum outro comentário é feito nessa edição, publicada no meio da Segunda Guerra Mundial por uma editora alemã.

No entanto, um indicador de atitudes antijudaicas foi encontrado no texto traduzido, no qual a exortação dos convidados do casamento camponês foi rendida pelo tradutor, Lőrinc Szabó, de um modo muito mais agressivo do que o texto original (cf. tópico 4.1.4). A análise do texto traduzido mostra, assim, uma sensibilidade do tradutor frente os *motifs* judaicos no texto. Na tradução 1941-hu, o tradutor não dá nenhuma expressão explícita da sua tomada de posição ou atitude frente os *motifs* judaicos. No entanto, uma carta de Szabó, reproduzida na tradução 1995-hu e relacionada com essa tradução, mostra que ele considerava o texto sensível em relação ao contexto histórico e seus pressupostos ideológicos, fomentados por um antissemitismo oficial (cf. a discussão de 1995-hu, abaixo). A edição de 1941-hu, no entanto, não é explícita em nenhum momento e apenas uma comparação com o original traz à luz evidências de atitudes do tradutor frente ao texto traduzido.

As quatro traduções do período de 1933 a 1945 – um período marcado pelas ascensão ao poder do governo nacional-socialista na Alemanha, suas políticas antisemitas, a Segunda Guerra Mundial e o genocídio dos judeus europeus – parecem refletir, de diferentes modos, esse período e mostram, de modos diferentes, os incômodos provocados pelos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. A tradução italiana vacila, no texto traduzido, entre os termos "giudeo" e "ebreo" e translitera a inscrição hebraica, enquanto, nos peritextos da instância prefacial, outros indícios de incômodos ficam visíveis, na maioria dos casos por parte dos próprios tradutores: Sapere parece mostrar uma ambiguidade frente ao personagem Aaron, Bertsch não inclui uma discussão dos elementos judaicos na sua discussão do caso histórico criminal e das relações intertextuais entre ele e a *Judenbuche*, uma nota de rodapé dos tradutores ameniza o significado de uma passagem de caráter antijudaico no texto traduzido. A tradução inglesa parece apagar traços dos *motifs* judaicos, tanto no texto, quanto nos peritextos. A tradução tcheca dá a impressão de ser informada pela atmosfera antijudaica política do tempo da sua publicação, algo que fica também evidente na tradução húngara. Assim, apesar de em nenhuma das traduções haver uma expressão explícita de atitudes frente a *Judenbuche*, as observações elencadas acima parecem apontar, a meu ver, para o fato de o texto ter sido considerado sensível, de um modo ou outro, e aproximado, apesar de sua relativa antiguidade, à realidade vivida pelos tradutores e comentaristas.

4.2.3.3 As traduções a partir de 1945

1957-hu

Nos dois peritextos da tradução húngara de 1957 há referências à *Judenbuche*; nenhuma, porém, aos *motifs* judaicos. A tradução é uma antologia de narrativas curtas ou contos²²⁹ alemães. O volume, bastante extenso, impresso em papel fino e de aparência sóbria e, ao mesmo tempo, clássica, parece ser voltado a um público geral. Os textos incluídos na antologia abrangem doze autores "clássicos" do Classicismo, Romantismo e do período de Restauração na Alemanha (cf. tabela 11, no Anexo), traduzidos por diferentes tradutores. Como tradutor da *Judenbuche* é indicado Lőrinc Szabó. O texto é pontualmente modificado, pelo menos em relação a alguns dos *motifs* judaicos, em comparação com a tradução de 1941 (cf. tópico 4.1). No entanto, trata-se da mesma tradução, revista pelo próprio tradutor em 1956 (cf. 1995-hu, p. 112).

229 O termo húngaro "elbeszélés" denota textos narrativos curtos, como contos, fábulas, histórias, mas também ensaios.

Os dois peritextos da publicação são dos organizadores do volume. No relativamente extenso prefácio ("Előszó", 1957-hu, pp. I-XVII), Dezső Keresztury,²³⁰ o organizador e editor do volume, desenvolve a história da novela literária desde Boccaccio até Thomas Mann e comenta brevemente todos os autores do volume. Keresztury coloca *Die Judenbuche* na fronteira entre o Romantismo e Realismo, comparando a prosa de Droste-Hülshoff com a prosa de Grillparzer, vendo, contudo, mais influência do Romantismo do que do Realismo nas obras de ambos (cf. 1957-hu, p. XV). Keresztury não comenta o conteúdo da *Judenbuche*, e assim não faz referências aos *motifs* judaicos.

Os *motifs* judaicos na *Judenbuche* tampouco são mencionados nos "Comentários" ao texto traduzido ("Jegyzetek", 1957-hu, p. 668) de György Walkó, germanista e autor de diversos trabalhos críticos sobre a literatura alemã dos séculos XIX e XX. Os comentários abrangem um curto esboço biográfico de Droste-Hülshoff, uma frase sobre a gênese da *Judenbuche* – na qual Walkó apenas informa que a narrativa, a "melhor obra de prosa" da autora ("legjobb prózai alkotása", 1957-hu, p. 668), foi publicada em 1842 no *Morgenblatt* de Wilhelm Hauff em Stuttgart – e quatro notas explicativas ao texto, nenhuma das quais é relacionada com os *motifs* judaicos.

1958-en

A tradução inglesa de 1958 não contém referências explícitas aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. A publicação é um livro em formato de bolso. O texto foi traduzido e comentado por Lionel e Doris Thomas. Lionel Thomas, professor de literatura alemã da Universidades de Leeds, a Inglaterra e do Trinity College em Dublin, pesquisava narrativas alemãs e inglesas do século XIX e publicou diversos trabalhos sobre esses temas, entre eles trabalhos sobre a própria *Judenbuche* (cf. THOMAS, 1959, 1969); sua mulher, Doris tinha origem alemã.²³¹ A publicação contém dois peritextos da instância prefacial, uma breve introdução ("Introduction", 1958-en, p. 7-9) e uma também breve tabela biográfica sobre Droste-Hülshoff ("Chronology", 1958-en, p. 11). Os dois peritextos não são assinados;

230 Dezső Keresztury (1904 – 1996) foi um poeta e político húngaro. Foi ministro de religião e educação entre 1945 e 1947. Em 1982, tornou-se membro da Academia Húngara de Ciências. Cf. Wikipédia, http://en.wikipedia.org/wiki/Dezső_Keresztury, último acesso: 09/10/11.

231 Informações biográficas sobre Lionel Thomas encontram-se em um livro comemorativo para Thomas, cf. Ritchie e Lösel (1980). A informação sobre a origem alemã de Doris Thomas é a única informação que obtive sobre a tradutora.

contudo, a falta de indicação de outros colaboradores na publicação e alguns detalhes do conteúdo dos peritextos²³² apontam para a autoria dos tradutores.

A introdução contém informações biográficas sobre Droste-Hülshoff, sobre relações intertextuais da sua obra com a literatura inglesa, bem como sobre a sua formação como poeta e sua vida na Westfália, além de algumas anotações sobre a sua recepção. Sobre a *Judenbuche*, os autores apenas anotam que ela foi publicada com a mediação de Levin Schücking (1814-1883), caracterizado como o "único elo" de Droste-Hülshoff com a literatura contemporânea ("her only link with contemporary literature", 1958-en, p. 9).

Informações adicionais sobre a *Judenbuche* encontram-se na tabela biográfica da edição. Além de algumas datas mais importantes da vida da autora, a tabela aponta para algumas datas da gênese da *Judenbuche*. Para o ano 1818, os autores fazem referência ao relato de Haxthausen:

Her uncle, August von Haxthausen, publishes in a literary magazine the true story which was the main source for *The Jew's Beech*; the account is similar to that in the archives of the Haxthausen family. (1958-en, p. 11, grifo do autor)

Seu [de Droste-Hülshoff] tio, August von Haxthausen, publica em uma revista literária a história verdadeira que foi a principal fonte para A faia dos judeus; o relato é parecido com aquele que se encontra nos arquivos da família Haxthausen.

Apesar de remeter para a "história verdadeira" por trás da *Judenbuche* no relato de Haxthausen, levantando de novo o topos da veracidade dos eventos narrados, os autores não informam sobre o conteúdo dessa história. A concisão dos autores, que não discutem o relato de Haxthausen com mais detalhes no peritextos de 1958-en, contrasta com o fato de Thomas discutir esse relato e sua relação com a *Judenbuche* em um dos artigos citados acima, publicado um ano depois dessa tradução. Nesse artigo, cuja intenção é a reconstrução dos passos da composição da *Judenbuche*, no intuito "not only to explain ambiguities in the text but also to indicate why Droste was first attracted to the theme" (THOMAS, 1959, p. 57), Thomas compara extensivamente os dois textos, embora sem atenção especial para os *motifs* judaicos em si, discutindo-os apenas como um elemento da

232 Chama a atenção a discussão da relação da *Judenbuche* com a literatura inglesa; a mesma discussão encontra-se nas duas publicações de Thomas acerca da *Judenbuche*, citadas acima.

estrutura da narrativa. Se o artigo pode ser visto como indicador de que a referência para os *motifs* em si não foi considerada um tabu nessa época, a falta de avaliações desta temática no artigo talvez também indique que avaliação dos conteúdos de obras literárias não fazia parte da crítica literária de obras, principalmente aquelas consideradas "clássicas".

Além dos peritextos da instância prefacial, nem o texto traduzido da edição, nem os peritextos editoriais demonstram uma atenção especial dos seus respectivos autores para os *motifs* judaicos na *Judenbuche*.

1958-fr

O topos da autenticidade encontra-se, além de outras referências, na tradução francesa de 1958, uma publicação autônoma e bilíngue da *Judenbuche*, com um pano de fundo acadêmico: a página de rosto informa explicitamente que os dois colaboradores da publicação, a comentarista Dominique Iehl e o tradutor Pierre Brachin, são acadêmicos, Iehl é um "agrégé d'allemand" ("docente de alemão") e Brachin um "professeur à la Sorbonne" ("professor da Sorbonne"). Os textos que contêm referências aos *motifs* judaicos, nesta tradução, são a "Introdução" ("Introduction", pp. 5-50) de Dominique Iehl, e as anotações (pp. 173s) do tradutor, Pierre Brachin.

Na introdução desta publicação, Dominique Iehl, autora também de diversos trabalhos sobre Droste-Hülshoff,²³³ discute em bastante extensão a narrativa,²³⁴ mencionando, na discussão da trama e da estrutura narrativa, algumas vezes a presença de *motifs* judaicos na *Judenbuche*. No tópico "Circunstâncias da publicação" ("Circonstances de la publication", pp. 5-9), Iehl alude ao caso criminal e a sua documentação por August Haxthausen, para, no tópico "O relato de Haxthausen" ("Le récit de Haxthausen", pp. 12-14), comparar mais em detalhes os conteúdos e as estratégias narrativas dos dois textos, sem, contudo, dar uma atenção especial aos *motifs* judaicos além de mencionar semelhanças entre os textos.

No restante do texto da introdução, Iehl se refere mais duas vezes a *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Na discussão do personagem de Friedrich Mergel, no tópico "Os personagens.

233 Dominique Iehl escreveu sobre aspectos da religiosidade na obra de Droste-Hülshoff, cf. Iehl (1956), e um trabalho que compara Droste-Hülshoff com Ingeborg Bachmann, cf. Iehl (1986).

234 A introdução de 50 páginas é dividida em oito tópicos, que abrangem vários aspectos da *Judenbuche*: "Circunstâncias da publicação" ("Circonstances de la publication"), "As fontes" ("Les sources"), "O relato de Haxthausen" ("Le récit de Haxthausen"), "Os personagens. Friedrich" ("Les caracteres. Frédéric"), "Os outros personagens" ("Les autres caracteres"), "O universo da *Judenbuche*" ("L'univers de la *Judenbuche*"), "A técnica, a arte, o estilo" ("La technique, l'art, le style") e "Conclusão. A originalidade da autora" ("Conclusion. Originalité de l'auteur"), cf. 1958-fr (pp. 5-49).

Friedrich" ("Les caracteres. Frédéric", pp. 14-22), Iehl menciona, na discussão do caráter de Friedrich, a confrontação dele com Aaron no casamento, comentando o fato com uma pergunta retórica:

Mais, que dire de la seconde humiliation, lorsque le Juif lui réclame le montant de la belle montre d'argent qu'il faisait tantôt miroiter aux yeux de son comique rival Hülsmeier? (1958-fr, p. 20)

Mas e quanto à segunda humilhação, quando o judeu reivindica a soma pelo belo relógio de prata que ele acabara de fazer brilhar diante dos olhos de seu cômico rival, Hülsmeier?

A anotação vem acompanhada por uma citação do texto da *Judenbuche*. Na passagem chamou a minha atenção a referência de Iehl para Aaron como "le Juif". Iehl parece aqui adotar o discurso do narrador da *Judenbuche*, acentuando a identidade étnico-religiosa do personagem em vez da sua individualidade. Observei uma outra referência de Iehl aos *motifs* judaicos no tópico "O universo da *Judenbuche*" ("L'univers de la *Judenbuche*", pp. 25-35), no qual Iehl discute o pano de fundo filosófico e religioso da narrativa. Para Iehl, o conflito na *Judenbuche* não é "nem social, nem psicológico" ("ni social ni même psychologique", p. 29), mas uma "luta simbólica entre o bem e o mal" ("lutte symbolique du bien et du mal", p. 29). A resolução do conflito entre o bem e o mal na *Judenbuche* acontece, para Iehl, em termos de religião. Neste contexto, Iehl discute a questão da culpa de Friedrich Mergel e anota sobre a punição do seu crime:

Et revenant à ce monde de la lettre, il sera châtié selon la lettre, oeil pour oeil, dent pour dent, suivant la formule juive. (1958-fr, p. 33)

E voltando ao mundo da letra, ele será punido de acordo com a letra, olho por olho, dente por dente, de acordo com a fórmula judaica.

Chamou a minha atenção, neste trecho, a referência literal de Iehl à lei da talião, expressa na *Judenbuche* (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 31; § 84) e a denominação da lei da talião como "fórmula judaica". A expressão, tanto quanto a referência a Aaron como "le Juif", citada acima, parecem expressar um certo distanciamento da autora.

Nas anotações do tradutor, Pierre Brachin,²³⁵ inseridas depois do texto traduzido, consta uma referência a um dos *motifs* judaicos mais sensíveis, a exortação dos convidados do casamento camponês de colocar Aaron numa balança junto com um porco. Como foi analisado acima (cf. tópico 4.1.3), Brachin traduz a exortação não muito literalmente, mas com uma leve interpretação, explicitando questões de valor implícitas na frase alemã. Depois da frase traduzida, uma referência é inserida no texto traduzido, remetendo para a seguinte anotação:

Il y a vraisemblablement dans cette grosse plaisanterie une allusion au fait que l'usage de la viande de porc est interdit par le religion juive. (1958-fr, p. 174)

Há, provavelmente, nessa brincadeira grosseira, uma referência ao fato de que o uso de carne de porco é proibido pela religião judaica.

Brachin explica aos leitores, nesta anotação, o significado do porco na religião judaica. O que chama a atenção, no entanto, é a expressão "cette grosse plaisanterie". Denominar a exortação dos convidados de "brincadeira", indica, a meu ver, que Brachin considera (ou quer considerar) a exortação dos convidados do casamento como em princípio inofensiva. De fato, o texto da *Judenbuche* indica que alguns dos convidados do casamento riem ao excluir as duas frases, mas nem todos o fazem, e a exortação, mesmo sem ser cumprida, tem um teor agressivo que vai além de uma mera brincadeira. A leitura que Brachin faz desta passagem parece contradizer esse teor agressivo. Assim, como no caso de uma nota parecida em 1933-it, o tradutor ameniza, por meio da nota, o significado antijudaico da passagem. Em ambos os casos, os tradutores parecem incomodados pelo texto anotado; esse incômodo pode, a meu ver, ser interpretado em ambos os casos como uma amostra da sensibilidade frente os *motifs* judaicos na *Judenbuche*, especialmente em relação a seus aspectos mais ambíguos. Em ambos os casos, no entanto, acontece uma tentativa de amenizar o impacto do texto. Acredito que aqui, tal como no caso de 1933-it, a amenização possa ter sido motivada pelo fato de se tratar de um texto canônico e "clássico", atributos que, por um lado, impõem uma certa atitude de respeito ao texto, e, de outro lado, fazem um texto parecer distante dos problemas da contemporaneidade. Os incômodos, no entanto, que em ambos os casos fizeram os tradutores explicar a passagem aos leitores de um modo

235 Pierre Brachin (1914–2004) foi tradutor, editor e autor de obras críticas, especializado, na verdade na literatura holandesa. Cf. *WorldCat Identities*, <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n85-319119>, último acesso: 09/10/11.

amenizador, talvez possam ter sido causados pelo contexto histórico das duas traduções. A tradução italiana foi publicada em um período de tempo de um antissemitismo oficializado politicamente e o incômodo dos tradutores pode talvez ser visto como um eco de associações evocadas pela passagem. No caso de 1958, o pano de fundo das associações que a frase pode ter evocado é constituído pelos Julgamentos de Nuremberg, dos anos 1946 a 1949, e outros julgamentos de crimes da Segunda Guerra Mundial, nos quais detalhes sobre o genocídio dos judeus europeus foram tornados públicos. Diante desse contexto, a nota de Brachin parece, de um certo modo, querer afastar todas as associações negativas que a passagem na *Judenbuche* poderia evocar.

1966-sv

A tradução sueca de 1966, cujas características (forma bilíngue do texto e subdivisão em capítulos) foram descritas no tópico 3.1, não comenta os *motifs* judaicos no único peritexto da instância prefacial, notas de rodapé, de caráter estritamente filológico. A tradução sueca, voltada a estudantes do alemão, reproduz o texto da *Judenbuche* em uma mistura do sueco e alemão e as notas trazem exclusivamente os significados de algumas palavras das partes alemães do texto. Os dois textos da antologia não são comentados dentro da publicação. Os peritextos editoriais tampouco fazem referências à *Judenbuche*; o texto da quarta capa é uma lista das publicações da editora, enquanto a ilustração da primeira capa refere-se ao primeiro texto da antologia, a *Galera negra*.

1968-hu

A tradução húngara de 1968 faz uma referência aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* na única nota de rodapé do texto traduzido, que, ao mesmo tempo, constitui também o único peritexto de instância prefacial na publicação. A edição, organizada por László Lator, é, de um modo bastante semelhante à tradução húngara de 1957 e também à tradução húngara de 1983, uma antologia de autores alemães, compilados sob o título "Novelas alemãs clássicas". O volume, de novo bastante extenso, impresso em papel fino e de aparência sóbria e, ao mesmo tempo, clássica, é voltado a um público geral. O período de tempo dos textos da antologia é, em comparação com 1957-hu, mais focado na contemporaneidade e abrange autores da época do Romantismo, começando com E.T.A. Hoffmann, até os anos 1920. Os textos foram traduzidos por diferentes tradutores. Como tradutor da *Judenbuche* é de novo indicado Lőrinc Szabó. O texto traduzido mostra de novo algumas mudanças pontuais em relação à 1941-hu e 1957-hu (cf. tópico 4.1); no entanto, nada indica na

publicação quem foi o responsável pelas mudanças, que, com a morte de Szabó em 1957, parecem ter sido póstumas.

Uma das mudanças é a nota de rodapé no texto traduzido, ausente nos textos anteriores e que está relacionada com um dos *motifs* judaicos. A nota é colocada no rodapé da página, com uma referência na inscrição hebraica, e contém a "tradução" da inscrição pelo narrador, tal como ela aparece também no final do texto traduzido em 1968-hu:

Ha e helyhez köstelítség, beteljesedik rajtad, amit velem tettél. (1968-hu, p. 296 e 304)

Se você se aproximar deste lugar, vai lhe acontecer o que você fez a mim.

A tradução húngara da frase é bastante literal. A intervenção dos editores foi, contudo, além da colocação da nota: o texto húngaro difere das duas traduções precedentes. A tradução da segunda frase do trecho não corresponde à tradução original de Szabó, de 1941, nem à tradução de 1957, revista pelo próprio Szabó, nas quais essa frase é traduzida da seguinte maneira:

"Ha idejössz, utólr, amit velem tettél." (1941-hu, p. 70 e 1957-hu, p. 513)

"Se você vier até aqui, vai lhe acontecer o que você fez a mim."

A versão da frase na tradução húngara de 1968 (1968-hu, p. 304) encontra-se, por sua vez, na tradução húngara de 1983 (1983-hu, p. 494) e na tradução húngara de 1995 (1995-hu, p. 89). Não há indicações, em 1968-hu, de que tenham sido feitas mudanças editoriais em relação ao texto traduzido, mas diante desses achados parece plausível atribuir essa mudança aos editores dessa tradução. A mudança na tradução não apresenta, a meu ver, nenhum *shift* semântico no sentido de uma atenuação ou acentuação do significado da frase, ou seja, não vejo uma mudança que expressaria algum tipo de atitude. A versão mais recente da tradução parece ser, antes, motivada por um desejo de traduzir a frase de um modo mais próximo do original. Em comparação com a tradução húngara de 1995, que tira a "tradução" da inscrição do final da narrativa e coloca-a apenas numa nota de rodapé junto à inscrição hebraica, aqui a nota de rodapé é adicionada ao texto sem mudar o seu final.

A antecipação do significado da inscrição tem, como também é argumentado em relação à tradução húngara de 1995 (cf. tópico 4.1.2), consequências para a estrutura narrativa da *Judenbuche*. A explicação do significado da inscrição, que em razão de sua ininteligibilidade, constitui uma estratégia de criar suspense no texto, muda as expectativas do leitor em relação ao texto ainda por vir. Em vez da ambiguidade que o texto hebraico ilegível cria, o leitor fica sabendo da maldição da inscrição e interpreta os acontecimentos que se seguem na trama sob essa luz. Ao colocar a nota de rodapé, o editor do texto de Szabó parece assim visar a uma desambiguação da narrativa. O fato de esta ser a única nota de rodapé no texto inteiro aponta, a meu ver, para um incômodo do editor em relação a essa opacidade da *Judenbuche*.

1975-en

Uma menção dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* encontra-se na tradução para o inglês de 1975. A publicação reúne traduções de três narrativas de língua alemã sob o título "Three Eerie Tales from 19th Century German" ("Três contos sinistros do alemão do século XIX"). O critério do fantástico que motiva a compilação de textos desta antologia está também expresso na ilustração da capa (cf. tópico 4.2.2.2). De formato médio, o livro mostra-se voltado ao público geral, reunindo um aspecto informal, indicado pelo título e pela capa, mas também com pretensões à seriedade acadêmica, representadas pelo comentarista, Edward Mornin, apresentado na quarta capa como professor universitário. Mornin, pesquisador de literatura alemã do século XIX,²³⁶ comenta as três obras da antologia, na "Introdução" ("Introduction", pp. 1-16) pela lente do Realismo Poético, visto por ele como sucessor do Romantismo na Alemanha, e considera os três textos como representantes dessa vertente literária, reunindo uma representação realista com questões metafísicas:

These three tales, while retaining features which may broadly be classed as Romantic – a supernatural theme, an interest in custom and folklore, naive characters in a rural setting – surpass any Romantic work in their detailed description of everyday occurrences and commonplace objects and in their emphasis on the importance of social and environmental factors in shaping human behaviour and morality. While in this way they expose very real problems in individuals' lives, they also, in their poetic function, go beyond the

²³⁶ Uma breve biografia e uma lista de publicações de Mornin encontra-se no site da *University of British Columbia* (Canadá), da qual Mornin é professor aposentado [<http://www.cenes.ubc.ca/cenes-home/people/faculty/german-faculty/edward-mornin.html>, último acesso: 27/09/11]

merely social and moral to illuminate man's place in the metaphysical universe. (1975-en, p. 15)

Esses três contos, ainda que tenham características que podem ser, em linhas gerais, classificadas como românticas – um tema sobrenatural, um interesse por costumes e folclore, personagens ingênuos em um ambiente rural – vão além de qualquer obra do Romantismo na sua descrição detalhada de ocorrências cotidianas e objetos comuns, bem como na sua ênfase na importância de fatores sociais e ambientais na formação do comportamento e da moralidade humanas. Enquanto eles expõem, deste modo, problemas bastante reais de vidas individuais, eles também, na sua função poética, vão além de questões sociais e morais para iluminar o lugar do homem em um universo metafísico.

É dentro dessa perspectiva que Mornin compreende *Die Judenbuche*, que, para ele, mistura "dúvidas metafísicas" ("metaphysical doubts", p. 9) com elementos realistas. Mornin informa aos seus leitores que a narrativa é baseada em um ocorrência real, ficcionalizada por Droste-Hülshoff:

These events, expanded to include a (fictitious) account of the murderer's family background, are related by Droste-Hülshoff with extraordinary forcefulness and narrative concision and with considerable dramatic interest [...] (1975-en, p. 10)

Esses eventos, expandidos para incluir um relato (ficcional) do pano de fundo familiar do assassino, são contados por Droste-Hülshoff com extraordinária intensidade e coesão narrativa e com um interesse dramático considerável [...]

O caso criminal ficcionalizado constitui, para Mornin, o tema central da narrativa, enquanto os outros elementos da história proporcionam "razões sociológicas para a compaixão do leitor" ("sociological reasons for the reader's compassion", p. 11). Mornin comenta extensivamente diferentes *motifs* judaicos na *Judenbuche*: a ambígua "lição moral" de Margreth, a função da inscrição hebraica, a investigação do assassinato de Aaron (cf. pp. 11s). Esses elementos são comentados por ele em geral em função das estratégias narrativas. Contudo, Mornin aponta também para um momento de atitudes antijudaicas dentro do texto, no caso da "lição moral" de Margreth. Mornin escreve que Friedrich é

[...] taught by his mother to distinguish between crimes not in accordance with their essential gravity, but according to the persons against whom they are

committed – an offense against a Jew being deemed almost negligible [...] (1975-en, p. 11)

[...] ensinado pela mãe a diferenciar entre crimes não segundo sua gravidade essencial, mas de acordo com as pessoas contra as quais eles são cometidos – uma ofensa contra um judeu sendo considerada quase que negligenciável [...]

O comentário de Mornin é assim o primeiro entre as traduções do corpus a chamar atenção a um elemento antijudaico no texto da *Judenbuche*. Essa é, assim, a primeira evidência explícita, nos peritextos, de uma sensibilidade frente a esse tema. Nos anos 1970, a percepção geral e a sensibilidade em relação ao Holocausto havia sido intensificada em relação às décadas anteriores, como argumenta Alexander (2002). É possível que essa mudança de percepções tenha influenciado também os estudos literários e a percepção da literatura. A anotação de Mornin pode ter sido motivada, naturalmente, por uma sensibilidade pessoal do autor. No entanto, a introdução de Mornin, com um enfoque mais sociológico para a *Judenbuche*, parece apontar para uma mudança mais geral na percepção da narrativa.

Nada mais na introdução indica, no entanto, que Mornin considerasse o texto da *Judenbuche* como sensível em geral. O uso dos *motifs* judaicos por Droste-Hülshoff parece ser, para Mornin, um elemento realista dessa narrativa. No texto traduzido, de Michael Bullock, também nada chamou a minha atenção, nem nos peritextos editoriais.

1977-es

A tradução para o espanhol de 1977, publicada em Buenos Aires, contém dois peritextos da instância prefacial, um prólogo e notas de rodapé. A publicação é uma antologia de "Contos alemães do século XIX" e reúne seis autores da primeira metade do século XIX (cf. tabela 11, no Anexo), representados com um texto cada um, com a exceção de Hebbel, presente com três textos. A edição, de capa ilustrada, parece estar voltada para um público mais geral.

Os peritextos são de autoria da organizadora e tradutora da publicação, Ilse M. de Brugger, tradutora de várias obras literárias, do e para o alemão, que abrangem o período da Idade Média até o século XX, bem como editora de obras teóricas sobre literatura,

principalmente sobre o teatro alemão.²³⁷ No bastante extenso e detalhado prólogo ("Prologo", p. 2-27), Brugger define todas as narrativas da antologia como representantes do gênero da novela, vistas por ela como textos literários que refletem o contexto sócio-histórico do seu tempo:

[...] el cuento alemán del siglo XIX, en sus grandes exponentes, es fruto de una toma de conciencia en medio de convulsiones políticas, sociales y culturales. (1977-es, p. 7)

[...] o conto alemão do século XIX, em seus grandes expoentes, é fruto de uma tomada de consciência em meio às convulsões políticas, sociais e culturais.

Brugger discute o gênero de novela em geral e os textos compilados na antologia dentro dos contextos sócio-históricos de suas épocas. Para ela, os textos mostram "uma nova sensibilidade social" ("una nueva sensibilidad social", p. 10) e são caracterizadas por uma preferência por estratégias narrativas realistas, que lhes permitem "confrontar o indivíduo com a sociedade" ("confrontar al individuo con la sociedad", p. 11). A visão de Brugger acentua mais o aspecto social e realista nas novelas do que os peritextos nas publicações anteriores. Mornin, autor de introdução de 1975-en, também já foi nessa direção, embora não com a ênfase de Brugger, e alguns dos trabalhos posteriores a 1977-es também compartilham essa visão.

Na parte do prólogo dedicada à *Judenbuche*, Brugger faz, inicialmente, um breve esboço biográfico de Droste-Hülshoff e discute depois a novela nos termos indicados acima, interpretando a trama como reflexo da realidade sócio-histórica do contexto da sua gênese e vendo, ao mesmo tempo, *Die Judenbuche* como um texto que mistura fatos e transcendência:

Es cierto, estamos dentro de un mundo bien circunscripto, completamente real y, sin embargo, lo transcendental, aquello que no se deja tocar, está presente sin que se lo pueda definir. (1977-es, p. 18)

237 Essas informações, bem como uma lista abrangente de publicações de Brugger, foram encontradas na página biográfica *WorldCat Identities*, cf. <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n86-807919>, último acesso: 27/09/11. Nenhuma outra fonte de informações foi encontrada.

É verdade que estamos dentro de um mundo bem circunscrito, completamente real e, mesmo assim, o transcendental, aquilo que não é possível tocar, está presente sem que se possa defini-lo.

Brugger menciona, na discussão da gênese da *Judenbuche*, que o final da narrativa está baseado em um "conto verídico sobre um *Escravo argelino*" ("un cuento verídico sobre un esclavo argelino", p. 17), ao qual Droste-Hülshoff tivera acesso por meio de contos de sua avó e mediante o relato de Haxthausen. O restante da narrativa são, para Brugger, as "raízes psicológicas" ("raíces psicológicas", 1977-es, p. 18) adicionadas por Droste-Hülshoff com base em sua imaginação, aproximando-se, aqui, de novo a Mornin (1975-en). Brugger não discute o conteúdo do relato de Haxthausen, cuja relação com os *motifs* judaicos na *Judenbuche* não fica, assim, clara. Na discussão da própria *Judenbuche*, porém, Brugger chama atenção para o episódio da "lição moral" de Margreth, discutindo o desenvolvimento psicológico de Friedrich Mergel:

Incluso su madre, considerada honesta e decente, no titubea en referirse con sorna a los guardabosques y con menosprecio a los judíos. (1977-es, p. 18)

Mesmo a sua mãe, considerada honesta e decente, não hesita em referir-se com zombaria aos guardas florestais e com menosprezo aos judeus.

A indicação do "menosprezo" de Margreth em relação aos judeus indica explicitamente uma sensibilidade da tradutora diante da passagem. Brugger mostra sensibilidade ao mesmo elemento do texto da *Judenbuche* que Mornin, de 1975-en. O tema, contudo, não é elaborado em mais detalhes no prólogo e essa é a única referência valorativa aos *motifs* judaicos neste peritexto. Apesar da referência ser crítica em relação a esse elemento do texto da *Judenbuche*, Brugger não indica em nenhum lugar uma atitude crítica em relação à *Judenbuche* como um todo.

Além da introdução, Brugger inseriu comentários aos respectivos textos traduzidos. Há quatro comentários em relação à *Judenbuche*, em anexo ao texto traduzido, dos quais um está relacionado a um dos *motifs* judaicos. A anotação refere-se à inscrição hebraica, em relação à qual Brugger faz o seguinte comentário filológico:

En la edición crítica de las obras de Annette von Droste-Hülshoff (*Sämtliche Werke* ed. por K. Schulte Kemminghausen, Munich, Georg. Müller, 1925) se

afirma (III, 310) que en la impresión del texto en hebreo hay un error y que la cuarta palabra desde la derecha – debería ser "hazeh". (1977-es, p. 161, grifo da autora)

Na edição crítica das obras de Annette von Droste-Hülshoff (Sämtliche Werke ed. por K. Schulte Kemminghausen, Munich, Georg. Müller, 1925) afirma-se (III, 310) que na impressão do texto em hebraico há um erro e que a quarta palavra da direita – deveria ser "hazeh".

O comentário refere-se a um erro no texto da inscrição hebraica, observado por Kemminghausen na edição crítica das obras de Droste-Hülshoff de 1925.²³⁸ A observação parece um tanto estranha, já que a edição não discute, de resto, aspectos filológicos dos textos traduzidos. A informação tem também em princípio valor apenas para aqueles leitores que leem hebraico. Em si, portanto, a informação do comentário não oferece nenhuma interpretação da passagem.

De um certo ponto de vista, contudo, o comentário de Brugger pode ser lido como uma espécie de *statement* involuntário. O comentário afirma a legibilidade da inscrição hebraica, uma questão essencial na *Judenbuche*, na qual o texto é ilegível para os personagens não-judaicos e seu significado é revelado pelo narrador apenas no final. O fato do narrador revelar o significado aponta, ao mesmo tempo, para o fato de que o texto foi escrito e direcionado para leitores que não leem hebraico: o texto prevê como leitores aqueles que não compreendem a inscrição hebraica. O comentário de Brugger vai contra essa expectativa, transmitindo para leitores que não leem hebraico a sensação de que a passagem aparentemente incompreensível pode ser compreendida. Chamando atenção para um erro na inscrição, Brugger, ao mesmo tempo, parece querer indicar que a inscrição não é de autoria judaica, um fato da gênese da *Judenbuche* (cf. tópico 1.1) não explicitado na nota de Brugger. Assim, essa nota direcionada a alguns poucos leitores aponta, a meu ver, para um incômodo de Brugger com a ilegibilidade da inscrição, afirmada pela própria narrativa.

1979-no

A tradução para o norueguês de 1979 contém dois peritextos da instância prefacial, um prefácio e notas de rodapé. A publicação, com capa ilustrada (cf. ilustração 13) parece estar

²³⁸ E também comentado na recepção crítica da *Judenbuche*, nos artigos de Loewenberg (1920) e Meisels (1928). Cf. a discussão desses trabalhos no tópico 1.2.3.

voltada a um público geral. Referências aos *motifs* judaicos foram encontradas apenas no conciso prefácio (sem título, p. 5-9), de autoria da tradutora, Jenny Hortenbach.²³⁹ No prefácio, Hortenbach apresenta a vida e a obra de Droste-Hülshoff aos leitores, e discute brevemente a *Judenbuche*, considerada por ela a "primeira novela realista alemã" ("første realistiske tyske novelle", p. 8). Após localizar a *Judenbuche* dentro das obras de prosa de Droste-Hülshoff, Hortenbach anota que não se trata de uma história ficcional:

Den er ikke en fiktiv historie, men basert på faktiske begivenheter som Annette kjente til fra barndommen av. (1979-no, p. 8)

Essa não é uma história fictícia, mas baseada em eventos reais, conhecidos de Annette desde a sua infância.

Em seguida, Hortenbach passa a resumir o texto usado por Droste-Hülshoff como modelo, o relato sobre o *Escravo argelino* de August Haxthausen, sem, contudo, comparar os dois textos, e conclui o resumo e, ao mesmo tempo, o prefácio com a seguinte passagem:

Det er ingen tvil om at denne beretningen er korrekt. Familien Winkelhannes historie og de øvrige omstendighetene er nøye utforsket, og Winkelhannes hus står i Bellersen den dag i dag. (1979-no, p. 9)

Não há dúvida de que esse relato é correto. A história da família de Winkelhannes e outras circunstâncias foram investigadas cuidadosamente e a casa de Winkelhannes fica até hoje em Bellersen.

A tradutora parece fazer questão de afirmar que os *motifs* judaicos na *Judenbuche* não são frutos de imaginação, mas remetem a um fato histórico. A casa de Winkelhannes, o "protagonista" do *Escravo argelino*, é citada como fato manifesto da veracidade dos eventos contados na *Judenbuche*. Ao contrário dos comentaristas anteriores, dentre os quais vários faziam referências ao relato de Haxthausen dentro de uma discussão geral da *Judenbuche*, Hortenbach restringe a sua discussão da *Judenbuche* exclusivamente à apresentação do *Escravo argelino*. Isso parece reduzir, por um lado, a *Judenbuche* a uma

239 Poucas informações foram obtidas sobre a tradutora, que, além da *Judenbuche*, traduziu ainda duas novelas de C.F. Meyer e publicou alguns trabalhos acadêmicos sobre o teatro de Strindberg, cf. *WorldCat Identities*, <http://www.worldcat.org/identities/np-hortenbach,%20jenny%20christa>, último acesso: 27/09/11.

mera renarração de fatos. Por outro lado, discutindo só o *Escravo argelino*, Hortenbach evita, de certo modo, uma discussão da própria *Judenbuche*. A acentuação da veracidade dos eventos narrados na *Judenbuche* tira a responsabilidade da autora do texto em relação ao conteúdo, e, assim, também da tradutora. Assim, o prefácio discute a *Judenbuche* sem discuti-la.

1983-hu

A tradução húngara de 1983 é muito semelhante às traduções 1957-hu e 1968-hu: como essas, ela é uma antologia de obras curtas de autores alemães – o título anuncia "Narradores de língua alemã do século XIX" – reunindo narrativas curtas alemãs de diferentes autores do século XIX, representados com uma ou duas obras, de tradutores diferentes. O livro parece de novo voltado a um público geral, leitores de literatura clássica, de novo bastante extenso, impresso em papel fino e de aparência sóbria e "clássica". A tradução da *Judenbuche*, atribuída a Lőrinc Szabó, é uma reedição da tradução de 1968, porém sem a nota de rodapé inserida junto à inscrição hebraica (cf. acima). Os textos da antologia são seguidos por um peritexto do organizador da antologia, Miklós Györffy,²⁴⁰ que reúne notas biográficas de cada autor e comentários a cada texto ("A kötet szerzői. Jegyzetek", pp. 999ss).

A nota biográfica sobre Droste-Hülshoff e os comentários não se referem aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Na nota biográfica, Györffy traz os fatos centrais da vida da autora, salientando, por um lado, a sua ligação com a paisagem e os costumes da Westfália, e, por outro lado, a sua origem aristocrata e conservadora, expressando admiração em relação à capacidade de Droste-Hülshoff de escrever de um modo realista sobre a vida de camponeses:

Droste-Hülshoff törekenységének, magányának, konzervatív vallasosságának ismeretében elképedve kérdezheti az olvasó, honnan tudhatott az író ennyi mindent a hagyományos paraszti életforma bomlástüneteiről és csökevényeiről, a primitív babonák, a szegénység és a gyűlölködés lélekmérgező, jellemtorzító hatásáról. (1983-hu, p. 1013s)

Considerando a fragilidade, a solidão e a religiosidade conservadora de Droste-Hülshoff, o leitor, surpreso, pode-se perguntar como a escritora podia

240 Poucas informações biográficas foram encontradas sobre Miklós Györffy, nascido em 1942, que é hoje autor, roteirista, crítico literário e crítico de cinema. Em 1980, doutorou-se pela Universidade Eötvös Loránd em Budapeste. As informações biográficas foram obtidas de diversas páginas na internet.

saber tanta coisa sobre os sinais de desintegração da forma de vida tradicional dos camponeses e sobre os seus rudimentos, e sobre o efeito envenenador da alma e deformador de caráter das superstições primitivas, da pobreza e do ódio.

Os quatro comentários ao texto da *Judenbuche* explicam elementos locais mencionados na narrativa, bem como expressões não-alemãs no texto. Assim, os *motifs* judaicos na *Judenbuche* não são mencionados nem comentados aqui.

1984-nl

Uma discussão detalhada da *Judenbuche*, também em relação aos *motifs* judaicos, encontra-se no posfácio da tradução holandesa de 1984 ("Nawoord", 1984-nl, pp. 71-83). A publicação é voltada a um público geral, sem um extenso aparato peritextual – o único peritexto da instância prefacial é o posfácio. O autor do posfácio é Hans Ester, um germanista holandês, com diversas publicações sobre literatura alemã dos séculos XIX e XX.²⁴¹ Além de apresentar Droste-Hülshoff e sua obra aos leitores, Ester discute vários aspectos da gênese e da recepção da *Judenbuche*, comparando o relato de Haxthausen com a narrativa. A discussão (cf. 1984-nl, pp. 76s) gira em torno das diferenças e semelhanças entre o "material histórico" ("der historische stof", 1984-nl, p. 77) e a *Judenbuche*. A frase que conclui a comparação chamou a minha atenção:

Een merkwaardige bijzonderheid uit het verhaal van August von Haxthausen is dat Winkelhannes tijdens zijn slavernij getuige is van een pogrom tegen de joden aldaar en dat hij daarom een qua onderdrukking en ontrecting vergelijkbaar lot ondergaat als het volk waarvan hij een lid had vermoord. (1984-nl, p. 77)

Uma circunstância notável na história de August von Haxthausen é que Winkelhannes testemunha, durante a sua escravidão, um pogrom contra os judeus e que ele sofre, portanto, em termos de opressão e injustiça, um destino semelhante ao do povo do qual ele havia matado um membro.

A frase citada, contudo, está completamente descontextualizada, já que a frase que a antecede (uma comparação dos enterros dos respectivos assassinos nos dois textos – o enterro regular de Winkelhannes no *Escravo argelino* e o enterro desonroso de Friedrich Mergel na *Judenbuche*) não tem absolutamente nenhuma relação com ela. A frase citada,

241 Cf. a lista das publicações na página de Hans Ester da *Radboud Universiteit Nijmegen* [http://www.ru.nl/acw/wie_wat_waar/medewerkers_0/ester/, último acesso: 20/09/11].

portanto, assemelha-se a uma anotação ou a um excuro. Ester parece aqui chamar a atenção a algo que havia despertado a sua atenção. Trata-se de uma passagem do *Escravo argelino* que não tem correspondência na *Judenbuche*. O já velho Winkelhannes conta ao senhor feudal a história da sua fuga e escravidão, um episódio também presente na *Judenbuche*; contudo, na narração de Winkelhannes encontra-se a seguinte passagem, ainda do tempo da sua escravidão na Argélia, ausente no relato de Friedrich Mergel / Johannes Niemand:

[...] als die Revolution gegen die Juden ausgebrochen und diese mit dem sie begünstigenden Dei alle ermordet wurden, hätten sie [die Sklaven] gedacht die Reihe würde nun an sie kommen und viele von ihnen hätten es auch wohl gewünscht, aber sie wären unberührt unter der wogenden Menge umher gegangen. (HAXTHAUSEN, 1999, p. 77)

[...] quando a revolução contra os judeus eclodiu e eles, junto com o Bey que os favorecia, foram todos assassinados, eles [os escravos] teriam pensado que agora chegaria a sua vez e muitos deles até desejavam isso, mas eles caminharam sem serem incomodados no meio da multidão agitada.

Winkelhannes narra nesse trecho uma ação contra judeus na Argélia, denominada por ele de "revolução". O episódio não aparece na *Judenbuche* e não costuma ser comentado em edições do *Escravo argelino*.²⁴² A sua menção por Ester é, portanto, incomum. Chama atenção, além disso, que Ester fale de um "pogrom", atualizando o discurso do *Escravo argelino* aos usos contemporâneos: o termo "pogrom", de origem russa, passou a ser usado mais geralmente como denominação para ações violentas e coletivas antijudaicas apenas no século XX.²⁴³ Entre todas as traduções do corpus, essa é a única que associa a *Judenbuche* com pogrons, verbalizando o termo nos peritextos.

Por fim, chama também atenção a interpretação do episódio no *Escravo argelino* por Ester. Ester anota que Winkelhannes "sofre [...] em termos de opressão e injustiça, um destino semelhante ao do povo do qual ele havia matado um membro." Essa reflexão não está presente no discurso de Winkelhannes no texto de Haxthausen, mas é uma reflexão do

242 Nem Huge (1984), nem Begemann (1999) comentam, nas reproduções do *Escravo argelino* nessas duas edições críticas da *Judenbuche*, esse episódio. Não encontrei também nenhum comentário sobre isso em Haxthausen (2000), uma edição crítica do relato.

243 Cf. o verbete "Pogrom" no glossário de *GRA Stiftung gegen Rassismus und Antisemitismus* [<http://www.gra.ch/lang-de/gra-glossar/181>, último acesso: 20/09/11]. Para a história dos pogrons cf. Haumann (1991).

próprio Ester. O comentário parece documentar associações que a passagem evocou no comentarista. Essa não chega a ser uma expressão explícita de atitudes. No entanto, o discurso parece remeter aos sentimentos e reflexões que *Die Judenbuche*, mediante o *Escravo argelino*, deve ter evocado no comentarista; a referência ao "povo" judeu na frase parece indicar que as reflexões se estendiam além da trama da *Judenbuche*, ligando o texto da Droste-Hülshoff à história do século XX.

1987-it

Referências aos *motifs* judaicos foram também encontradas na tradução italiana de 1987, uma publicação com um caráter crítico, cujos peritextos editoriais trazem, em parte, referências a essa temática (cf. tópico 4.2.2). A publicação tem um aparato paratextual relativamente extenso: além de uma "Nota introdutória" ("Nota introduttiva", p. 9-24) de Josef Kunz, há um "Perfil biográfico-crítico" ("Profilo biografico-critico", pp. 25-31), uma "Nota do tradutor" ("Nota del traduttore", pp. 113s) e uma "Bibliografia" ("Bibliografia", pp. 115-120).

Um dos peritextos da tradução, a nota introdutória de Josef Kunz,²⁴⁴ menciona os *motifs* judaicos. O peritexto não foi feito para a publicação, mas é uma tradução de uma extrato de uma monografia de Kunz publicada alguns anos antes, como informa 1987-it. A monografia investiga novelas alemãs do século XIX²⁴⁵ e o extrato reproduzido e traduzido em 1987-it discute *Die Judenbuche* sob o aspecto do gênero novela e das estratégias narrativas. As referências aos *motifs* judaicos são feitas a partir desta perspectiva. Discutindo o episódio da "lição moral" de Margreth, por exemplo, Kunz chama a atenção para o uso do nome de Aaron, nesta passagem, em função da coesão textual e faz uma anotação semelhante sobre o fato de o assassinato de Aaron acontecer na floresta de Brede, um outro elemento da coesão textual para Kunz (cf. pp. 12 e 20). A inscrição hebraica é vista por Kunz como um apelo ao "obscuro poder da natureza" ("oscura potenza della Natura", p. 20), cuja função é trazer justiça ao mundo. A discussão de Kunz está, assim, em sintonia com o teor geral dos trabalhos críticos sobre a *Judenbuche* da segunda metade do século XX, focando questões de gênero e estratégias narrativas e discutindo os *motifs*

244 Josef Kunz (1906-1990) foi professor de germanística na Universidade de Marburg, Alemanha. Foi um especialista da literatura alemã desde Kleist até Thomas Mann, com várias publicações.

245 Cf. Kunz (1978). O texto reproduzido é o tópico "Annette von Droste-Hülshoff" desta monografia.

judaicos dentro desses parâmetros, sem diferenciá-los em termos discursivos dos outros aspectos da narração na *Judenbuche*.

Os outros peritextos da instância prefacial não contêm nenhuma referência aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. O texto da quarta capa faz algumas menções ao tema, sendo assim o primeiro texto desse tipo a fazê-lo; contudo, poucas edições do corpus antes dessa edição contêm esse peritexto, o que dificulta uma comparação. Uma referência explícita a essa temática encontra-se, no entanto, na primeira capa da publicação, que reproduz uma ilustração que representa o episódio da incisão da inscrição hebraica na faia (cf. tópico 4.2.2.2). É uma das mais explícitas referências aos *motifs* judaicos no corpus e um dos comentários sobre a narrativa mais dignos de nota. Há um certo contraste entre o caráter explícito da ilustração e a discussão mais formalista do tema nos peritextos.

1989-en

A edição 1989-en reproduz o texto traduzido da *Judenbuche* da tradução inglesa de 1958, de Lionel e Doris Thomas. Ao contrário da publicação de 1958, 1989-en é uma antologia, que, sob o título "Novelas alemãs do Realismo", reúne textos de cinco autores. O livro, de capa dura e aparência sóbria, é o primeiro volume da antologia, reunindo autores da época da Restauração (o segundo volume traz autores da segunda metade do século XIX).

A antologia é a publicação de número 37 da série editorial "The German Library", uma série de caráter acadêmico da editora Crossroads/Continuum, uma editora estadunidense ligada à alemã Suhrkamp. Pelo volume, a série é comparável com a antologia "German Classics", publicada em 1913 e discutida acima (cf. tópico 4.2.3.1). A diferença entre as duas séries, como anota Lefevere, está nos diferentes públicos visados: enquanto os "German Classics", com volumes ilustrados e impressos de um modo caro, visavam um leitor geral, interessado também em livros como objetos decorativos, a "German Library", impressa de um modo mais simples, visava o mercado universitário, já que depois de 1918, ainda segundo Lefevere, a literatura alemã nos EUA foi relegada à academia (LEFEVERE, 1995, p. 46).

A edição é organizada e comentada por Jeffrey L. Sammons, tradutor, editor e, na época, professor de literatura alemã da Universidade de Yale, com diversas publicações

sobre literatura alemã, principalmente Heinrich Heine;²⁴⁶ mais tarde, Sammons publicou também trabalhos sobre questões de antissemitismo literário.²⁴⁷ Os textos da antologia são traduzidos por diversos tradutores, entre eles também o próprio Sammons.

Na introdução ao volume I da antologia ("Introduction", 1989-en, pp. vii-xvii), que introduz o tema da antologia, o realismo na literatura alemã do século XIX, Sammons comenta os critérios da compilação²⁴⁸ e discute os autores e as obras reunidas no volume com atenção ao contexto sócio-histórico. Sammons não faz menção aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Na discussão da narrativa, Sammons introduz brevemente a autora e faz alguns comentários sobre a *Judenbuche*, que, para ele, mistura aspectos de regionalismo com questões sociais:

In part this work is a product of her enduring fascination with the tales and superstitions of the Westphalian heaths and forests. But it is also interesting in regard to its insight into a social milieu very different from the author's own. (1989-en, p. xiii)

Essa obra é, em parte, o produto de sua contínua fascinação com as lendas e as superstições dos campos e das florestas da Westfália. Mas ela é também interessante no que diz respeito a sua perspectiva sobre um ambiente social muito diferente do da própria autora.

Para Sammons, a *Judenbuche* representa, de um lado, uma "investigação enfática, de uma mulher da nobreza, na consciência de uma classe baixa semi-criminalizada" ("the emphatic probe of a noblewoman into the consciousness of a semi-criminalized underclass", p. ix). De outro lado, Sammons lê a *Judenbuche* como "uma espécie de história policial" ("a kind of detective story", p. xiv), na qual o leitor tem que assumir o papel de detetive. Sammons é um dos poucos comentaristas que não fazem referência ao caso de Soistmann Berend na afirmação do realismo da narrativa.

246 Informações biográficas sobre Jeffrey L. Sammons foram encontradas, entre outros, na Wikipedia [http://de.wikipedia.org/wiki/Jeffrey_L._Sammons, último acesso: 27/09/11] e na página da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* [<http://www.gf.org/fellows/12825-jeffrey-l-sammons>, último acesso: 27/09/11]. Uma lista extensa de publicações encontra-se no *WorldCat Identities* [<http://www.worldcat.org/identities/lccn-n79-81310>, último acesso: 27/09/11].

247 Cf. especialmente o trabalho sobre a recepção de Wilhelm Raabe (SAMMONS, 2002) e a edição crítica dos *Protocolos dos Sábios de Sião* (SAMMONS, 1998).

248 Sammons informa em relação aos critérios da compilação: "A nossa seleção segue um cânone de resistência: ela contém algumas das mais lidas e, na maioria dos casos, mais traduzidas obras da ficção alemã do século XIX" (1989-en, p. xi).

Uma referência aos *motifs* judaicos encontra-se no segundo peritexto da instância prefacial desta publicação, nas notas de rodapé do texto traduzido. Embora não expressamente assinados como tais, as notas de rodapé devem ser da autoria de Sammons, já que elas não estão presentes na edição original do texto traduzido de Lionel e Doris Thomas. Aqui, como na edição argentina de 1977, uma nota de rodapé traz um comentário filológico à inscrição hebraica. A nota, que contém passagens em hebraico que lhe proporcionam certos aspectos gráficos, é reproduzida na ilustração abaixo (1989-en, p. 123):

*The Hebrew inscription was faulty in the original printing of the text. It is now believed that the fifth word should be **בָּמָאָמ** and the ninth **עֲשִׂיתָ**. Transliterated the inscription would then read: *im ta'abor bammaqom hazzeh yifga bekha ka'asher attah asisa li*. The sense is given in the last sentence of the novella. An inscription carved onto a tree would naturally not have vowel points.

Ilustração 29: Nota de rodapé da tradução para o inglês de 1989

O texto da nota de rodapé é:

The Hebrew inscription was faulty in the original printing of the text. It is now believed that the fifth word should be [...] and the ninth [...]. Transliterated the inscription would then read: *in ta'abor bammaqom hazzeh yifga bekha ka'asher attah asisa li*. The sense is given in the last sentence of the novella. An inscription carved onto a tree would naturally not have vowel points. (1989-en, 123, grifo do autor)

A inscrição hebraica estava errada na impressão original do texto. Acredita-se hoje que a quinta palavra deveria ser [...] e a nona, [...]. Transliterada, a inscrição seria lida: in ta'abor bammaqom hazzeh yifga bekha ka'asher attah asisa li. O sentido é dado na última frase da novela. Uma inscrição tachada em uma árvore não teria, naturalmente, pontos nas vogais.

Tal como Brugger na tradução 1977-es, Sammons informa aqui sobre (dois) erros na impressão da inscrição hebraica no original alemão. A discussão filológica é, em concordância com o caráter mais acadêmico da publicação, mais detalhada e exata aqui do que em 1977-es: as palavras são contadas da esquerda para a direita, em correspondência com o fluxo de texto em hebraico; os erros são indicados em hebraico; a transcrição

corrigida da inscrição é dada. O texto da nota de rodapé informa sobre a "tradução" da inscrição pelo narrador no final do texto, sem revelar o seu significado e sem, assim, mudar o fluxo da narrativa, como acontece nas traduções que revelam o sentido (cf. a discussão de 1968-hu acima e 1995-hu abaixo). A informação de que "uma inscrição tachada em uma árvore não teria, naturalmente, pontos de vogais" refere-se à característica do alfabeto hebraico, no qual a indicação de vogais, na forma de pontos, é opcional, e ao modo de reprodução da inscrição em 1989-en, com os pontos nas vogais ausentes, como na maioria das reproduções. Tal como em 1977-es, a informação dada aqui tem um valor principalmente para aqueles que leem hebraico; no entanto, e de novo em concordância com 1977-es, a indicação de erros de tipografia no original pode ser vista além para da mera informação: aqui também a atenção é chamada, por um lado, para a legibilidade da inscrição, desconstruindo, assim, o seu aspecto visual, enquanto, de outro lado, a origem não-judaica da frase é aludida. Assim, a nota de rodapé, sem fazer um comentário explícito sobre os *motifs* judaicos, demonstra uma sensibilidade do comentarista em face desse elemento da *Judenbuche*, que ele repassa ao leitor.

1995-hu

A tradução húngara de 1995 é uma antologia bilíngue em todos os aspectos: tanto as duas obras literárias, quanto todos os peritextos da instância prefacial e editoriais são apresentados de forma bilíngue, embora apenas os tradutores das duas obras literárias – Lőrinc Szabó, da *Judenbuche*, e Hans Skirecki,²⁴⁹ dos *Cavalos Alados* de Miklós Mészöly – são creditados. A publicação, de aparência sóbria, é voltada a leitores bilíngues, aos quais a série da qual 1995-hu faz parte promete oferecer "descobertas" ("Entdeckungen", 1995-hu, quarta capa) literárias. Na publicação, há três tipos de peritextos: notas biográficas dos dois autores da antologia ("Annette von Droste-Hülhoff", p. 112, e "Miklós Mészöly", p. 157), uma "Lista de mudanças editoriais na versão húngara" ("Verzeichnis der redaktionellen Änderungen in der ungarischen Fassung" / "Jagyzék a Szabó Lőrinc szövegében végrehajtott szerkesztői módosításokról", pp. 114-121) e um posfácio (sem título, pp. 160-173). A autoria dos peritextos é dos editores da publicação. Presumidamente, os peritextos húngaros são os "originais", traduzidos para o alemão; isso, contudo, não é explicitado na publicação. A discussão dos peritextos de 1995-hu a seguir baseia-se nas versões alemãs, que, até onde pude verificar, correspondem aos textos húngaros.

249 Hans Skirecki (*1935) é autor de contos e tradutor de várias obras literárias e técnicas do húngaro para o alemão.

As duas breves notas biográficas²⁵⁰ informam sobre as vidas e as obras dos dois autores, além de dar algumas informações sobre as traduções reproduzidas. Em relação à *Judenbuche*, a nota biográfica sobre Droste-Hülshoff apenas avalia o texto como "uma obra-prima da prosa narrativa alemã do século XIX" ("ein Meisterwerk der deutschen Erzählprosa im 19. Jh.", p. 112).

A lista de mudanças editoriais²⁵¹ informa as mudanças no texto traduzido, de Lőrinc Szabó, feitas nesta edição. A edição de 1995 já é a quinta publicação deste mesmo texto traduzido, originalmente publicado em 1941 e já mudado nas edições seguintes. Na nota biográfica sobre Droste-Hülshoff, os editores de 1995 informam que o texto traduzido, ao qual as mudanças desta edição se referem, é o texto da publicação 1957-hu, que é uma versão da tradução original revista, em 1956, pelo próprio Szabó (cf. p. 112). As informações correspondem às observações feitas na análise dos textos traduzidos (cf. tópico 4.1).

As mudanças são documentadas por meio de uma lista comparativa de trechos correspondentes do texto original alemão e do texto traduzido húngaro, com indicações de páginas referentes. A lista informa tanto a versão, de dada passagem, na tradução de 1956 de Szabó, quanto a nova versão em 1995-hu. Ao todo, são documentadas 29 mudanças editoriais, que variam entre substituições lexicais e retraduições de trechos. Até onde pude verificar, trata-se aqui, na maioria dos casos, de reinterpretações de trechos e expressões. Considerando a extensão da lista, parece-me que a tradução de Szabó foi considerada como carente de correções pelos editores de 1995-hu.

Duas mudanças em relação a trechos que contêm *motifs* judaicos são documentadas na lista. A primeira refere-se à já discutida exortação a humilhar Aaron, feita pelos convidados do casamento camponês, mais especificamente à frase "Wiegt ihn gegen ein Schwein!"

250 "Annette von Droste-Hülshoff", pp. 112 (alemão) e 113 (húngaro), e "Mészöly Miklós", pp. 156 (húngaro) e 157 (alemão). A ordem dos textos bilíngues depende do original: o texto da *Judenbuche* e seus peritextos são reproduzidos com o texto em alemão do lado esquerdo da página e os textos em húngaro do lado direito. Para os textos ligados a Mészöly a ordem é invertida. A convenção de indicação de nomes em húngaro é sempre iniciando com o sobrenome, seguido pelo primeiro nome, como no título citado acima.

251 O título na tradução húngara de 1995 é indicado em alemão e húngaro, com leves variações: *Verzeichnis der redaktionellen Änderungen in der ungarischen Fassung* (Lista das mudanças editoriais na versão húngara)(1995-hu, p. 114) e *Jegyzék a Szabó Lorinc szövegében végre hajtott szerkesztői módosításokról* (Lista das mudanças editoriais feitas sobre o texto de Lőrinc Szabó)(1995-hu, p. 115).

(DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80) (cf. tópico 4.1.4). A lista de mudanças editoriais indica a seguinte mudança:

Lökjétek a disznóólba! - Mázsára vele, nyom annyit, mint egy disznó! (1995-hu, p. 119)

Joguem-no na pocilga! - Pesem-no, ele deve ter o peso de um porco!

Como foi discutido acima (cf. tópico 4.1.4), a mudança é caracterizada por uma atenuação do conteúdo ofensivo da frase na *Judenbuche*. A segunda mudança indicada refere-se ao trecho "... eine Anzahl der angesehenen Israeliten..." ("... um grande número dos mais respeitados israelitas...") (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 33; § 90), do episódio da compra da faixa, do senhor feudal, pela comunidade judaica. Na 1995-hu, a tradução de Szabó do termo "Anzahl" foi mudada, de "sereg" para "csoport" (cf. 1995-hu, p. 119).²⁵² Szabó havia escolhido o termo "sereg", uma palavra que denota um grupo de pessoas, mas também com denotações militares de "exército" ou um "tropa". Assim, o trecho poderia ter adquirido, na tradução de 1956, conotações agressivas: o grupo de israelitas que propõe a compra da faixa ao senhor feudal pode parecer um "tropa" organizada ou até armada, e assim ameaçadora. Optando pela palavra húngara "csoport", um termo menos marcado que denomina apenas um grupo de pessoas (ou objetos), os editores da tradução húngara de 1995 pretendiam, a meu ver, atenuar também aqui, como na mudança discutida acima, conotações, consideradas indesejadas em 1995, da tradução de Szabó. Assim, as mudanças editoriais documentadas na tradução húngara de 1995 mostram, a meu ver, uma certa sensibilidade dos editores húngaros frente aos *motifs* judaicos.²⁵³

O terceiro peritexto da instância prefacial de 1995-hu é um posfácio dos editores (sem título, pp. 160-173, em alemão e húngaro), de Pál Kárpáti, que assina o texto como "Der Herausgeber" ("o organizador", p. 172) e indica a data com "Berlin, August 1995" ("Berlim, agosto de 1995", p. 172). O posfácio informa, inicialmente, sobre a série editorial da qual a edição faz parte: a série é dirigida a leitores com interesse nos dois idiomas,

252 A análise desses dois termos apoiou-se nos dicionários *Sztaki* [<http://szotar.sztaki.hu/>, último acesso: 15/02/12] e *Magyar Német Online* [de.magyarismet.hu/worterbuch/, último acesso: 15/02/12].

253 A própria presença da lista de mudanças editoriais mostra também, a meu ver, uma preocupação ética dos editores com mudanças feitas dentro do texto traduzido de um tradutor falecido, uma preocupação que não surge nas outras traduções húngaras publicadas depois da morte de Szabó, que mostram intervenções dos editores.

falantes nativos e estudantes de uma das línguas, e visa, por meio de publicações que sempre reúnem um autor alemão e um húngaro, a contribuir para um intercâmbio cultural entre os dois idiomas, focando também aspectos da diacronia, juntando sempre obras mais recentes com obras mais antigas, aparentadas tematicamente.²⁵⁴

Em seguida, o posfácio traz informações sobre a história da tradução da *Judenbuche* de Szabó, com várias referências aos *motifs* judaicos. O relato consiste de algumas informações acerca do contexto da tradução e é acompanhado por uma carta de Szabó, relacionada à tradução, e extratos do diário e de outras cartas de Szabó. A tradução de Szabó parece ter sido intimamente ligada ao contexto político e ideológico da Alemanha nazista, um fato que, no posfácio de Kárpáti, fica evidente, mas não é comentado.

Kárpáti introduz Szabó como "um poeta e tradutor de primeira categoria" ("ein Dichter und Nachdichter ersten Ranges", p. 162) e inicia o relato com a informação de que Szabó foi encarregado em 1940 de traduzir *Die Judenbuche* e algumas outras obras:

Ihn beauftragte im Jahre 1940 ein Berliner Verlag mit der Herausgabe und der Übersetzung der ersten Bände der Reihe "Kazinczy Könyvtár" der Deutsch-Ungarischen Gesellschaft (die das Erbe der – gleichgeschalteten – Gesellschaft der Freunde des Ungarischen Instituts angetreten hatte). (1995-hu, p. 162)

Ele foi encarregado, em 1940, por uma editora berlinense, de editar e traduzir os primeiros volumes da série "Kazinczy Könyvtár" da Sociedade Teuto-Húngara (sucessora da – consolidada – Sociedade dos Amigos do Instituto Húngaro).

Nas palavras de Kárpáti, a gênese desta tradução parece não ter nada de digno de nota. O contexto da Alemanha Nazista é aludido por Kárpáti por meio da referência ao ano de 1940 e da palavra "gleichgeschaltet", que se refere à política do Partido Nazista de exercer controle sobre instituições e pessoas por meio de unificação ideológica e política. As duas sociedades mencionadas por ele estavam ligadas à Friedrich-Wilhelms-Universität, hoje Humboldt-Universität, em Berlim. A Sociedade de Amigos do Instituto Húngaro (Gesellschaft der Freunde des Ungarischen Instituts an der Universität Berlin), fundada em 1917 como órgão independente de apoio à pesquisa, foi dissolvida em 1941 e integrada à Sociedade Teuto-Húngara (Deutsch-Ungarische Gesellschaft), fundada em 1940 (cf.

²⁵⁴ Com a exceção de mais uma publicação, a série não parece ter sido continuada. Cf. (VÖRÖSMARTY; FÜHRMANN, 2002).

VEENKER, 1986, p. 125). A Hungria estava aliada à Alemanha desde 1934 por meio de diversos acordos e tanto a fundação da Sociedade Alemão-Húngara, quanto o plano de uma série editorial de obras alemãs traduzidas para o húngaro devem ter ocorrido com o intuito de divulgar a cultura alemã na Hungria. A dissolução da Sociedade de Amigos do Instituto Húngaro e a sua integração na Sociedade Teuto-Húngara seguiu um período de sua adaptação à nova situação política, que significou sobretudo a demissão ou emigração de professores de origem judaica (cf. VEENKER, 1986, p. 125). A encomenda da tradução da *Judenbuche* para o húngaro aconteceu, assim, em um contexto informado pela ideologia nazista.

Em seguida, Kárpáti reproduz uma carta de Szabó, de 1940, enviada de Budapest para, segundo a suposição de Kárpáti,²⁵⁵ Julius von Farkas, desde 1928 diretor do Instituto Húngaro em Berlim e o então vice-presidente da Sociedade Teuto-Húngara. A carta de Szabó, direcionada a um "caro amigo" ("Lieber Freund", p. 164), relata a encomenda da tradução em um tom pessoal. O motivo da carta de Szabó parece ser um pedido de intermediação entre ele e Karlheinz Engel, o seu interlocutor com a editora que o encarregou da tradução. Pelo fato de Szabó falar de alguns assuntos delicados e/ou pessoais e pedir ao destinatário intermediar, parece-me que ele não soube negociar o encargo com Engel.

Primeiramente, Szabó comenta a seleção sugerida por Engel de obras para a série editorial, dizendo que enviou uma resposta a ele, porém sem comentar a questão, por entender que seria difícil demais explicar suas ideias a respeito ("weil ich die Erklärung als zu schwierig empfand", p. 164). Em seguida, Szabó comenta as obras selecionadas, pedindo ao destinatário para transmitir os comentários a Engel "se tiver oportunidade e achar necessário" ("gelegentlich und nötigenfalls", p. 164). Em relação a quase todas as obras (de Theodor Storm, Paul Heyse, Gottfried Keller, Franz Grillparzer, Heinrich von Kleist e Wilhelm Hauff), Szabó faz comentários sobre a sua importância na literatura alemã, seu valor literário ou o fato de esses autores já terem sido traduzidos para o húngaro. Em relação à *Judenbuche*, contudo, também incluída na lista de obras, Szabó levanta dúvidas de natureza ideológica, ligadas aos *motifs* judaicos da obra:

255 Kárpáti informa que encontrou a carta, sem destinatário, no arquivo do Seminário de Hungarologia da Universidade Humboldt em Berlim e supõe que o destinatário era Julius von Farkas (cf. 1995-hu, p. 162).

Die Droste ist erstklassig; wird man das Thema nicht als versteckte judenfreundliche Stimmungsmacherei empfinden? (1995-hu, p. 166)

Droste é de primeira classe; será que o tema não será considerado como um disfarçado fomento a sentimentos favoráveis aos judeus?

O comentário de Szabó, em meio a outros comentários, parece não querer chamar atenção. Ao mesmo tempo, ele expressa uma preocupação estritamente ligada com o contexto ideológico da encomenda de tradução. Os *motifs* judaicos na *Judenbuche* foram vistos, pela crítica literária da época, como não adequados aos parâmetros da ideologia antissemita do Nazismo; uma expressão clara disso encontra-se no já discutido artigo de Müller (1939) (cf. tópico 1.2.3). Szabó expressa a mesma preocupação: os *motifs* judaicos na *Judenbuche* expressam, aos seus olhos, atitudes que podem ser interpretados como favoráveis em relação aos judeus. Assim, Szabó mostra uma sensibilidade, em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, condicionada pelo contexto histórico. Ao mesmo tempo, a pergunta mostra uma insegurança de Szabó em relação a questões ideológicas do seu tempo, e o fato dele ter comentado essa preocupação com um intermediador, em vez de expressá-la diretamente para a editora, sugere, a meu ver, que o comentário de Szabó foi motivado sobretudo pela ansiedade e pela incompreensão da situação na qual ele se encontrava.

Essa impressão é reforçada por uma outra pergunta de Szabó mais adiante na mesma carta. Ao terminar os comentários sobre a série editorial sugerida, Szabó passa a fazer questões de natureza mais prática, ligadas ao trabalho – as modalidades de trabalho, prazos e honorários, de novo pedindo a intermediação do amigo com a editora. Entre as perguntas sobre as condições de trabalho consta também a seguinte:

Ich würde gern wissen, was der Verlag darunter versteht, er wolle keine jüdischen Übersetzer. Nach was für einem Gesetz geht er bei der Einstufung vor? Ob man wohl für anonyme Hilfsarbeiten Juden verwenden kann? (1995-hu, p. 168)

Gostaria de saber, o que a editora quer dizer quando afirma que não quer tradutores judeus. Nos termos de qual lei ela baseia sua classificação? Será que é possível usar judeus para tarefas auxiliares anônimas?

Nessas questões, tal como na questão acima, fica visível a insegurança de Szabó em relação a questões da ideologia antissemita. Aparentemente, a editora proibiu expressamente a participação de tradutores de origem judaica na produção da série editorial.²⁵⁶ A pergunta de Szabó acerca da "classificação" refere-se, a meu ver, às Leis de Nuremberg de 1935, instrumentos legislativos de segregação racial do Terceiro Reich. Szabó mostra aqui de novo insegurança em relação a questões ideológicas, uma impressão reforçada mais ainda pela pergunta seguinte, sobre a possibilidade de trabalhar com tradutores judeus anônimos; Szabó parece compreender a proibição da participação de tradutores judeus só quando nomeados, mostrando, a meu ver, ingenuidade em relação ao significado das Leis de Nuremberg.

As perguntas de Szabó mostram, assim, que ele aceitou as exigências ideológicas do seu contexto, querendo se posicionar de forma considerada adequada a elas. Se essa postura de Szabó foi pragmática, consequência de oportunismo, ou se ela refletia as convicções políticas e ideológicas dele, é algo que não pode ser definido a partir da carta reproduzida em 1995-hu. O uso do termo "usar", em vez de "empregar", ou algo parecido, em relação a tradutores auxiliares de origem judaica, no segundo trecho citado, parece indicar que Szabó adotou pelo menos o discurso do regime nazista. Szabó, um poeta modernista importante na Hungria da época entre as guerras, participou de cooperações culturais entre a Alemanha e a Hungria na época do Terceiro Reich e foi punido, pelo regime comunista pós-1945, pela colaboração com nazistas com uma proibição de publicar obras próprias;²⁵⁷ contudo, ele tinha autorização para publicar como tradutor.²⁵⁸ Se Szabó de fato colaborou com o regime, não é possível dizer com base nos dados disponíveis; no entanto, a carta mostra que Szabó pelo menos neste trabalho não se opôs ativamente ao *Zeitgeist*.

Kárpáti reproduz a carta sem uma discussão do contexto histórico; o seu interesse é meramente traçar a gênese da tradução, como mostra também o texto do posfácio que segue à carta de Szabó. Kárpáti anota que "chegou-se a um acordo com a editora" ("es kam

256 Não encontrei nenhum trabalho específico sobre esse tipo de proibições durante a pesquisa para esta tese. No entanto, Maier (2007), com referência a Zanganeh (2004), relata um caso parecido: para a tradução de *Mein Kampf* para o italiano, de 1933, o contrato entre a Alemanha e o Ministério das Relações Exteriores da Itália proibia a contratação de tradutores judeus.

257 Cf. o verbete "Lőrinc Szabó" na *Wikipedia* [http://de.wikipedia.org/wiki/Lorinc_Szabó, último acesso: 28/09/11]

258 Essa punição aponta, ao mesmo tempo, para a diferença que se faz(ia) em relação ao trabalho de autor, considerado mais perigoso, e o trabalho de tradutor, considerado, aparentemente, apenas um mediador de conteúdos.

zu einer Vereinbarung mit dem Verlag", p. 170), mas o trabalho foi interrompido pelo fato de Szabó ter sido recrutado, em 1940, "pelo tempo que durasse a ocupação da Transilvânia"²⁵⁹ ("für die Dauer des Einmarsches in Siebenbürgen", p. 170). Em relação a isso, Kárpáti reproduz um excerto de uma outra carta de Szabó, na qual este reclama, para a sua mulher, de não poder continuar o trabalho de traduções para a editora em Berlim, sem, de novo, comentar o contexto histórico.

Em seguida, Kárpáti cita um excerto do anuário da Sociedade Teuto-Húngara de 1942, no qual são citadas, na lista das publicações da sociedade, as três primeiras traduções da série, feitas por Szabó (cf. 1995-hu, p. 170/172), informando que a série terminava ali, "perecida naquela grande guerra" ("untergegangen in jenem großen Krieg", p. 172), e que a reprodução da tradução da *Judenbuche* na presente série editorial seria uma homenagem àquela série de 1940. Kárpáti termina o posfácio citando uma nota do diário de Szabó, de 1941, na qual ele menciona uma visita a um "amigo paternal", que está no "leito da morte" ("Sterbebett eines väterlichen Freundes", p. 172) e que havia expressado remorso por não ter ele mesmo traduzido a *Judenbuche*.

O posfácio de Kárpáti tem como objetivo evidente render uma homenagem a Szabó enquanto tradutor da *Judenbuche*. Os comentários de Kárpáti sobre Szabó mostram admiração pelo tradutor. A narração da história da tradução da *Judenbuche* é romantizante, visando a mostrar um tradutor que produz uma grande obra apesar de obstáculos impostos por sua época. Os obstáculos citados por Kárpáti estão ligados com o período da Segunda Guerra Mundial e mostram Szabó e a sua tradução profundamente envolvidos em questões do antissemitismo e das políticas expansionistas do Terceiro Reich. Kárpáti, no entanto, não parece perceber nada disso; a sua narração não demonstra nenhum indício de uma reflexão sobre a natureza dos fatos contados. Se essa narração é consequência de uma visão ingênua ou partidária da história, ou se ela é motivada por um desejo de desprender um tradutor e poeta admirado do seu contexto histórico, muito traumático, isso é algo que não pode ser determinado aqui definitivamente. O texto de Kárpáti comportaria ambas as suposições.

259 Invasão de tropas húngaras na Transilvânia, uma região multiétnica nos Balcãs, em consequência de um acordo territorial, a Segunda Arbitragem de Viena de 1940, alcançado através da mediação e pressão da Alemanha e da Itália, pelo qual a Romênia foi forçada a ceder esse território à Hungria (cf. BALLHAUSEN, 2004, p. 79).

Do ponto de vista desta pesquisa, o posfácio cumpre, involuntariamente, duas funções ao mesmo tempo: ele constitui, por um lado, um peritexto da tradução de 1995, mas, ao mesmo tempo, a carta de Szabó e os outros excertos de sua autoria dentro do posfácio constituem um epitexto²⁶⁰ da tradução húngara de 1941. Enquanto epitexto de 1941-hu, ele mostra, como foi dito acima, um envolvimento profundo de Szabó e de sua tradução da *Judenbuche* em questões do antissemitismo e das políticas expansionistas da Alemanha Nazista, jogando luz às escolhas tradutoriais de Szabó, analisadas acima (cf. tópico 4.1). Suas traduções dos *motifs* judaicos mostram uma tendência a criar uma imagem negativa dos judeus na *Judenbuche*, motivada, sem dúvida, pelo seu receio de que o texto original da *Judenbuche* poderia parecer favorável demais aos judeus.

Não é possível saber se os receios de Szabó eram justificados. O fato de a *Judenbuche* ter sido escolhida pelos editores para fazer parte da série "Kozinczy Könvatar" indica, talvez, que o tratamento dos *motifs* judaicos no texto foi visto como suficientemente em concordância com a ideologia antissemita vigente. Por outro lado, a discussão da *Judenbuche* em Müller (1939) e a constatação de Schneider (1995, p. 159) de que as tentativas da germanística do Terceiro Reich de incorporar a *Judenbuche* ao seu cânone literário não tiveram sucesso, indicam que os receios de Szabó talvez fossem justificados.

Enquanto peritexto de 1995-hu, o posfácio de Kárpáti mostra, a meu ver, que os *motifs* judaicos na *Judenbuche* não são considerados, por ele, como um tema sensível. A citação despreocupada da carta de Szabó de 1940 mostra que questões do tema judaico na *Judenbuche* não preocuparam o editor desta publicação. Diante disso, parece-me possível perguntar se as intervenções editoriais no texto da *Judenbuche*, documentadas na lista de mudanças editoriais discutida acima, não foram necessariamente motivadas por uma sensibilidade frente ao tema, mas, antes, por questões filológicas.

Assim, os peritextos de 1995-hu apontam, paradoxalmente, para uma tendência oposta ao que parecia acontecer ao longo da recepção da tradução de Szabó desde 1941: enquanto as traduções húngaras de 1957, 1968 e 1983 documentam, nas consequentes mudanças do texto traduzido e, em parte, nos peritextos, uma tendência de amenizar as escolhas de Szabó e, assim, uma sensibilidade frente aos *motifs* judaicos, 1995-hu demonstra, a meu ver,

260 Por "epitextos" Genette denomina "todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado" (GENETTE, 2009, p. 303).

uma volta para uma visão acrítica da tradução de Szabó, de sua história, e, em particular, dos *motifs* judaicos.

1996-es

A publicação monolíngue espanhola de 1996, que reúne duas obras de prosa de Droste-Hülshoff, *Die Judenbuche* e *Ledwina* (um fragmento de romance inacabado e publicado postumamente), contém quatro peritextos da instância prefacial: uma extensa introdução ("Introducción", pp. 7-74), uma nota da tradutora ("Esta edición", p. 74s), uma bibliografia ("Bibliografía", pp. 77-79) e notas de rodapé junto aos dois textos traduzidos. A publicação, em formato de livro de bolso, tem um caráter acadêmico, reforçado pela série editorial da editora Cátedra, voltada para a publicação de textos acadêmicos.²⁶¹ Alguns fatores – a extensa introdução de caráter acadêmico, a dedicação da publicação a um professor da Universidade de Münster na Alemanha e a série editorial – sugerem a possibilidade de que essa tradução seja um trabalho acadêmico da organizadora e tradutora da edição, Ana Isabel Almendral, tradutora e germanista espanhola²⁶² e autora de todos os peritextos.

Referências aos *motifs* judaicos foram encontradas apenas na introdução e consistem na discussão da relação intertextual entre a *Judenbuche* e o *Escravo argelino*. A nota da tradutora não faz nenhuma referência à temática. A breve bibliografia, que indica diferentes edições da *Judenbuche* e de *Ledwina*, além de alguns poucos trabalhos críticos, não indica nenhum trabalho relacionado aos *motifs* judaicos. Nenhuma das notas de rodapé, por fim, refere-se a algum dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*.

A extensa introdução, que ocupa quase a metade da publicação, discute, além das duas obras de Droste-Hülshoff traduzidas na antologia, os seus aspectos contextuais. O texto é subdividido em onze tópicos; os oito primeiros discutem a biografia, a obra e o contexto histórico da autora. A isso seguem-se tópicos sobre *Ledwina*, *Die Judenbuche* e a recepção de Droste-Hülshoff na Alemanha e na Espanha. O tópico sobre *Die Judenbuche* (1996-es, pp. 61-72), esboça a gênese do texto, para depois passar à discussão do conteúdo e do gênero. Almendral menciona a leitura de Droste-Hülshoff do *Escravo Argeliano* e resume o

261 Cf. a página da internet da editora, <http://www.catedra.com/>, último acesso: 07/02/12.

262 Algumas informações sobre Almendral encontram-se no *Germanistenverzeichnis* do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) [http://www.germanistenverzeichnis.phil.uni-erlangen.de/institutlisten/files/es/00000_es/24_es.html, último acesso: 29/09/11]. As traduções de Almendral são listadas no *WorldCat Identities*.

conteúdo do relato de Haxthausen (1996-es, p. 64s), sem comentar especificamente os *motifs* judaicos.

Na discussão do conteúdo da *Judenbuche*, Almendral repetidamente afirma que a narrativa ficcional está baseada em documentos e fatos. Para Almendral, a trama da *Judenbuche* corresponde a acontecimentos reais, compreendendo a voz que narra na *Judenbuche* como a voz de Droste-Hülshoff:

Hay que hacer notar que la autora inscribió la obra haciéndose plenamente responsable de la veracidad de los hechos, y esto lo demuestran sus propias palabras cuando, en un momento dado, interrumpe la narración para afirmar textualmente: "Sería injusto engañar la curiosidad del lector con una historia imaginada. En este caso se trata de un hecho real. Por eso yo no puedo, ni debo, quitar ni añadir nada a los acontecimientos." (1996-es, p. 67s)²⁶³

É preciso salientar que a autora escreveu a obra assumindo toda a responsabilidade pela veracidade dos acontecimentos, e isso demostram as suas próprias palavras quando ela, em um dado momento, interrompe a narração para afirmar literalmente: "Seria injusto enganar a curiosidade do leitor com uma história imaginada. Neste caso trata-se de um acontecimento real. Por isso, não posso, nem devo, adicionar nem tirar nada dos acontecimentos."

É interessante notar que Almendral parece interpretar a *Judenbuche* como um relato fático, narrado pela própria Droste-Hülshoff, não apenas como um texto ficcional baseado em um acontecimento histórico. A passagem citada por ela, e traduzida bastante livremente, é uma interjeição do narrador na *Judenbuche*:

Es würde in einer erdichteten Geschichte unrecht seyn, die Neugier des Lesers so zu täuschen. Aber dieß alles hat sich wirklich zugetragen; ich kann nichts davon oder dazu thun. (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 25; § 67)

Seria injusto, em uma história ficcional, decepcionar assim a curiosidade do leitor. Mas isso tudo aconteceu de verdade; eu não posso adicionar nem tirar nada.

O trecho costuma ser considerado um elemento importante na construção do narrador não confiável da *Judenbuche* e é lido como uma afirmação irônica. Almendral, no entanto,

263 A citação do texto da *Judenbuche* está destacada no texto da Alemendral.

lê a *Judenbuche*, bem como *Ledwina*, como relatos narrados por Droste-Hülshoff. Além da comparação entre a *Judenbuche* e o *Escravo argelino* não há outras referências aos *motifs* judaicos aqui. Os peritextos editoriais tampouco aludem a eles (cf. tópico 4.2.2) e o texto traduzido mostra *shifts* não considerados significativos aqui. A tradução espanhola de 1996 não contém, por fim, nenhuma referência à discussão, naquela época já corrente na crítica literária, sobre o antissemitismo na *Judenbuche*, remetendo o leitor, na bibliografia da edição, para obras de crítica literária dos anos 1933 até 1977 ("Bibliografía – Estudios e ensayos", p. 79).

1997-en

A tradução para o inglês de 1997 é uma antologia monolíngue de "Oito novelas alemãs" ("Eight German Novellas"), de oito diferentes autores alemães do século XIX (cf. tabela 11 no Anexo), todas traduzidas para esta edição por Michael Fleming. O livro é um *paperback* da série *The World's Classics* da Oxford University Press, constituindo, assim, a segunda publicação da *Judenbuche* dentro desta série (a primeira é a tradução de E.N. Bennett, de 1934). Os textos traduzidos são contextualizados por meio de vários peritextos da instância prefacial. Além da introdução ("Introduction", pp. vii-xxxii) de Andrew Webber, na época da publicação docente da Universidade de Cambridge, como informa o texto editorial na publicação, e com publicações sobre a *Judenbuche*,²⁶⁴ há quatro outros peritextos: uma nota do tradutor ("Translator's Note", p. xxxiii), de autoria do tradutor e organizador da antologia, Michael Fleming, tradutor radicado na Alemanha; uma bibliografia selecionada ("Select Bibliography", p. xxxiv) e anotações ("Explanatory Notes", pp. 368-372), sem indicação da autoria, mas que são muito provavelmente da autoria de Webber ou Fleming; e, por fim, um breve texto editorial antes da folha de rosto, um item convencional desta série editorial.

Nenhum dos peritextos da edição contém referências aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. A extensa introdução de Webber discute as obras da antologia em relação ao gênero da novela, para Webber "o gênero representativo da literatura alemã do século XIX" ("the representative genre of nineteenth-century German literature", p. vii, grifo do autor), dedicado "em grande parte à representação de crises naturais, sociais, familiares e interpessoais" ("devoted largely to the depiction of natural, social, familial, and interpersonal crisis", p. x). Após uma discussão da história do gênero, Webber discute

264 Cf. Webber (1996), bem como um artigo analisado e discutido acima, no tópico 1.2.3, Webber (2001).

brevemente todas as obras da antologia sob este aspecto. A discussão de Webber sobre a *Judenbuche* foca questões filosóficas do texto, sem analisar os detalhes do conteúdo. *Die Judenbuche* é para ele uma narrativa sobre "uma comunidade que resiste ao desenvolvimento histórico" ("tale of a community which resists historical development", p. xviii). Modelada como uma "história de investigação criminal sem um detetive" ("detective story without a detective", p. xxvi), a *Judenbuche* trata, para Webber, sobretudo da dos problemas da "regulação moral da sociedade", que tem que se apoiar em "evidências duvidosas e circunstanciais" ("that the moral regulation of society is made to rely upon dubious and circumstantial evidence", p. xxvi).

O peritexto de Fleming, a nota do tradutor, tampouco menciona os *motifs* judaicos, discutindo meramente questões da estratégia da tradução. As anotações sobre a *Judenbuche*, organizadas segundo as obras da antologia e precedidas, em cada caso, por uma breve nota bibliográfica sobre cada autor, não estão ligadas a nenhum dos *motifs* judaicos no texto. A bibliografia indica algumas obras sobre o gênero da novela, bem como monografias críticas para cada autor da antologia respectivamente; a obra indicada para a *Judenbuche* é uma monografia de Guthrie (1989), de caráter mais geral. O texto editorial antes da folha de rosto, por fim, apresenta a publicação do ponto de vista do gênero novela e da história da literatura alemã, sem entrar nos detalhes dos textos traduzidos, e traz breves notas biográficas sobre os dois colaboradores da edição, Fleming e Webber.

1998-it

A tradução italiana de 1998, uma edição bilíngue, é uma publicação de um trabalho de tradução feito por um grupo de tradutoras no âmbito da Escola Europeia de Tradução Literária (Scuola Europea di Traduzione Letteraria – SETL), um instituto de especialização para tradutores.²⁶⁵ A publicação, em formato de bolso, parece apelar a um público mais geral; o aparato peritextual da instância prefacial, contudo, tem um caráter decididamente acadêmico. O texto vem acompanhado por cinco peritextos. Ele é precedido por uma introdução de caráter crítico ("Introduzione", pp. 9-72), de Uta Treder, na época docente da Universidade de Perugia e autora de trabalhos sobre a literatura alemã em geral e Droste-Hülshoff em particular,²⁶⁶ bem como de um texto biográfico sobre Droste-Hülshoff

265 Segundo as informações encontradas na internet, o instituto não está funcionando ativamente no momento [http://www.grinzane.net/P_SETL_ITA.html, último acesso: 29/09/11].

266 Cf. por exemplo Treder (1993), um trabalho de cunho feminista.

("L'autore e l'opera", pp. 73-82) e de uma nota ao texto ("Nota al testo", p. 83f), sem autoria indicada. Ao texto traduzido, publicado em forma bilíngue, seguem-se comentários ("Commento", pp. 213-234), presumidamente das tradutoras, bem como uma bibliografia ("Bibliografia", pp. 235-243), sem autor.

A edição italiana de 1997 é a primeira e única do corpus na qual alguns peritextos não só fazem referências aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, mas também interpretam o significado dessa temática. Dos cinco peritextos, dois não fazem nenhum tipo de referências: a nota biográfica, que, em forma de uma tabela organizada por anos, traz informações sobre a vida, a obra e o contexto histórico de Droste-Hülshoff, sem, contudo, entrar nos detalhes das obras mencionadas; e a nota ao texto, que apenas esboça a história textual da *Judenbuche* e indica as edições usadas na tradução. Todos os três outros peritextos não apenas fazem referências, como também expressam explicitamente atitudes frente aos *motifs* judaicos.

A introdução de Uta Treder comenta, inicialmente, as discrepâncias na recepção de Droste-Hülshoff na Alemanha e na Itália, para passar a discutir a vida e a obra da autora, incluindo uma discussão da fortuna crítica. Em relação à *Judenbuche*, Treder afirma, em primeiro lugar, o significado do *Escravo argelino* como modelo para a gênese da história, comparando os dois textos e discutindo a sua relação intertextual. Em seguida, Treder faz uma análise da *Judenbuche* primeiro sob aspectos narrativos, depois em termos de conflito social rural, considerando a violência na *Judenbuche* como expressão deste conflito. No contexto dos conflitos sociais, Treder discute também a personagem de Margreth. Em relação ao episódio da "lição moral", Treder caracteriza Margreth como "a porta-voz do antissemitismo difundido na Westfália" ("la portavoce dell'antisemitismo diffuso nella Vestfalia", p. 59), concluindo:

All'interno dei miserabili vi è dunque ancora una separazione sociale. Da un lato ci sono i cristiani, dall'altro gli ebrei, tutti ladri e arabutti. Sebbene agli occhi della gente i due omicidi assumano una diversa valenza sociale - con Brandis viene ucciso il rappresentante del potere, con Aaron un paria che non ha status in una comunità di cristiani -, il duplice delitto affonda le radici nello stesso humus emotivo, nell'odio che i contadini provano sia per il primo, che non riconosce loro il diritto di legnativo, che per il secondo che li rende debitori. (1998-it, p. 59)

Entre os miseráveis há, portanto, ainda uma separação social. De um lado estão os cristãos, do outro, os judeus, todos ladrões e vagabundos. Embora, aos olhos das pessoas, os dois assassinatos assumam um significado social distinto - Brandis é morto como um representante do poder, e Aaron, como um pária que não tem status nenhum em uma comunidade de cristãos - o duplo assassinato tem as suas raízes no mesmo húmus emocional, no ódio que os camponeses sentem, seja em relação ao primeiro, que não reconhece o seu direito a desmatar, seja em relação ao segundo, pois os torna devedores.

O antissemitismo, do qual Margreth é uma "porta-voz", é, para Treder, um tipo de "separação social" nas áreas rurais da Westfália. Essa separação acontece em termos religiosos, com os cristãos vendo os judeus como "ladrões e vagabundos" e relegando aos judeus um papel de "párias" da sociedade rural. No entanto, Treder vê ambos os conflitos sociais rurais na *Judenbuche* – o conflito acerca do direito de usufruto das florestas e as oposições baseadas em questões religiosas – como fomentados pelo "mesmo ódio".

A atribuição de antissemitismo à *Judenbuche* por Treder, discutido como um fenômeno social, fomentado pelo ódio, parece ser informada pelas leituras de Brett (1985) e Doerr (1994), discutidas acima (cf. tópico 1.2.3), como informa uma nota inserida no final do parágrafo citado. Nas traduções do corpus, essa é a primeira atribuição de antissemitismo à *Judenbuche*, e a nota de Treder para as duas autoras citadas parece indicar que isto está correlacionado com o fato de a crítica literária também discutir isso. Treder, contudo, não parece considerar a *Judenbuche* um texto antissemítico, como o faz Doerr, mas sim e tão somente um texto que representa o antissemitismo.

Nas anotações ao texto traduzido, as tradutoras fazem referência a três passagens com *motifs* judaicos. As anotações, ao todo 127, em anexo ao texto traduzido, comentam diversos aspectos do texto da *Judenbuche*, frequentemente fazendo referência, nos comentários, à fortuna crítica. Os três elementos comentados são a palavra "Schelme" no episódio da "lição moral" de Margreth (a palavra está contida na passagem discutida acima, cf. tópico 1.2.1), a exortação dos convidados do casamento contra Aaron, e a inscrição hebraica.

Em relação à palavra "Schelme" (DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 8; § 18), as tradutoras anotam:

Schelme: a partire dal quindicesimo secolo il termine designa chi è disonesto, ladro, farabutto, qui strozzino. Solo alla fine del diciannovesimo secolo la parola acquisisce quella dimensione vezzeggiativa che va verso il significato odierno di "birichino". (1998-it, p. 216, grifo das autoras)

Schelme: a partir do século XV, o termo designa uma pessoa desonesta, um ladrão, um bandido, um agiota. Somente no final do século XIX, a palavra adquire uma dimensão afetiva que se aproxima do significado atual de "menino travesso".

Apesar de não aparecer ligada aos *motifs* judaicos, a explicação indica, a meu ver, uma certa sensibilidade das tradutoras frente ao tema. Com o termo "Schelme", Margreth designa, na passagem anotada, judeus, com a intenção de ofender. Para os ouvidos de hoje, a ofensa "Schelme" não parece muito grave, já que o termo de fato adquiriu, como argumentam as tradutoras, uma conotação afetiva. Assim, a informação das tradutoras de que, na época da trama e mesmo ainda na época da gênese da *Judenbuche*, o termo tinha denotações claramente ofensivas e pejorativas, tem a função de deixar claro o caráter agressivo da declaração de Margreth. A preocupação das tradutoras com o termo tem talvez a ver com a sua escolha lexical na tradução; o termo "Schelme" é traduzido por "furfanti" ou "patifes", um termo mais forte do que o uso atual do alemão "Schelme" sugere. As tradutoras justificam aqui a sua escolha lexical; ao mesmo tempo, contudo, elas deixam claro que a passagem tem um caráter mais pejorativo do que talvez pareça.

Em relação à exortação dos convidados do casamento camponês (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, 1978a, p. 29; § 80), consta a seguinte nota em 1998-it:

Packt den Juden, wiegt ihn gegen ein Schwein!: oltre alla doppia morale che Margret aveva impartito a Friedrich, questo grido è un'altra prova del diffuso antisemitismo in Vestfalia già all'epoca della Droste. L'equiparazione di un ebreo al maiale, l'animale impuro per eccellenza de Vecchio Testamento, è una delle più grande offese che si possano arrecare a un ebreo. Il racconto è comunque cosparso di insulti tratti dalla sfera animale dove primeggiano il maiale. (Margret: "Ecco che mi riportano quel maiale") e il cane (cfr. *Introduzione*). (1998-it, p. 228, grifos das autoras)

Packt den Juden, wiegt ihn gegen ein Schwein!: além da dupla moral, que Margreth havia transmitido a Friedrich, este grito é uma outra evidência do antissemitismo difundido na Westfália já na época da Droste. Equiparar um judeu a um porco, o animal impuro por excelência do Antigo Testamento, é

uma das maiores ofensas que se pode infligir a um judeu. A narrativa ainda está repleta de insultos originários da esfera animal, entre eles, em primeiro lugar, o porco (Margreth: "Lá vêm eles me trazendo o porco") e o cão (cf. Introdução).

No comentário, as tradutoras declaram ser esta a segunda evidência do antissemitismo na Westfália dentro da *Judenbuche*, depois da lição de "dupla moral" de Margreth que, contudo, não é discutida separadamente nas anotações. A nota é explícita na interpretação do episódio como uma evidência do antissemitismo. As tradutoras informam ainda sobre o significado do porco na religião judaica e anotam que insultos da esfera animal são frequentes na narrativa. A passagem comentada aqui foi também comentada em outras traduções da *Judenbuche* (nas traduções 1933-it e 1958-fr). O comentário desta edição, contudo, é muito mais explícito na interpretação da passagem do que os comentários anteriores, que tendem a amenizar o significado da frase, caracterizando-a como uma "brincadeira" e restringindo a sua crítica à anotação de que o porco é considerado impuro na religião judaica.

A anotação à inscrição hebraica, por fim, esboça a origem da ideia e a gênese da inscrição na *Judenbuche*:

Iscrizione ebraica. Nella *Storia di uno schiavo algerino* di August von Haxthausen gli ebrei avevano effettivamente inciso, sull'albero vicino al quale avvenne l'omicidio, dei segni ebraici. L'iscrizione diceva che "l'assassino, che il nostro Dio troverà, non morirà di morte naturale" (*HKA, Prosa. Text/Dokumentation*, cit. p. 791). Alla fine del racconto si legge inoltre: "Due anni dopo la sua [dell'assassino] morte, l'albero sul quale gli ebrei avevano inciso i loro oscuri segni, venne abbattuto. Ma la corteccia crescendo nel corso dei lunghi anni li aveva cancellati di modo che non se ne riconosceva più la forma" (ivi, p. 799). L'incisione sull'albero la Droste la attinge dunque dal racconto di suo zio, ma da un frammento all'altro de *Il faggio degli ebrei* il suo senso veniva continuamente cambiato. Solo nella versione definitiva l'iscrizione giunse all'estrema concisione, quale si legge nelle parole finali della novella. Si suppone che la traduzione in ebraico sia opera di Alexander Haindorf, medico a Münster. Cfr. R. Hauschild [...]. (1998-it, p. 229, grifos das autoras)

Inscrição hebraica. Na História de um Escravo argelino, de August von Haxthausen, os judeus haviam realmente gravado, na árvore perto da qual o assassinato ocorrera, alguns sinais hebraicos. A inscrição dizia que "o assassino, que o nosso Deus encontrará, não morrerá de morte natural"

(HKA, Prosa. Text/Dokumentation, cit. p. 791). No final da história afirma-se ainda: "Dois anos depois de sua [do assassino] morte, a árvore em que os judeus tinham gravado seus sinais obscuros foi abatida. Mas a casca, crescendo ao longo dos anos, os fez desaparecer, de tal modo que a sua forma não era mais reconhecível" (idem, p. 799). A Droste pegou a história da gravura na árvore do conto do seu tio, mas de um fragmento da Faia dos judeus ao outro o seu significado mudava continuamente. Só na versão final a inscrição chegou à extrema brevidade que se lê nas palavras finais da novela. Supõe-se que a tradução hebraica seja de Alexander Haïndorf, um médico de Münster. Cf. R. Hauschild [...].

As tradutoras mostram, nessa anotação, a evolução da inscrição hebraica desde o modelo no *Escravo argelino*, passando pelas diferentes versões nos manuscritos da *Judenbuche* até a versão final do texto, citando como fontes a edição histórico-crítica mais recente da *Judenbuche* (aqui também pela primeira vez citada no corpus, apesar de sua publicação ter sido finalizada em 1980) e o artigo de Hauschild (1952), discutido acima (cf. tópico 1.2.3). Ao contrário dos seus antecessores, as tradutoras não explicam o significado da inscrição (como em 1968-hu), nem fazem comentários filológicos (como em 1977-es ou 1989-en), concentrando-se, em vez disso, na explicação da presença deste elemento no texto da *Judenbuche*.

Assim, em comparação com as outras traduções do corpus nas quais há anotações aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, 1998-it faz mais anotações, é mais explícita na interpretação e mais interessada em informar o leitor alvo da tradução sobre isso. Ao mesmo tempo, as tradutoras mostram uma disposição em se posicionar frente ao texto que traduzem. Como no caso da introdução de Uta Treder, fica claro que as interpretações e os comentários tem como pano de fundo a leitura de trabalhos críticos mais recentes.

O terceiro peritexto de 1998-it que contém referências aos *motifs* judaicos é a bibliografia, aqui de novo a única dentre as traduções do corpus que contém esse peritexto, a trazer referências para a temática. Na lista de obras sobre a *Judenbuche* e suas fontes ("Su "Il faggio degli ebrei" e sulle sue fonti (scelta)", 1998-it, pp. 240-243), são indicados os trabalhos de Brett (1985), Doerr (1994), Franzos (1897), Hauschild (1952), Krus (1990), Webber (2001) e Wittkowski (1985), informando o leitor, assim, sobre uma discussão não mencionada nas outras publicações do corpus.

A tradução italiana de 1998 é, assim, a mais explícita na sua avaliação dos *motifs* judaicos, oferecendo aos leitores interpretações diretas e informações sobre uma discussão crítica ausentes nas outras traduções. De um lado, o contexto temporal e institucional dessa tradução tiveram um papel central nisso: a tradução segue a publicação seminal de Doerr, que desencadeou uma discussão acerca dos *motifs* judaicos; a publicação de Doerr, por sua vez, é também, como foi discutido acima (cf. tópico 1.2.3), um fenômeno do seu tempo, ligada a tendências pós-estruturalistas e aos estudos discursivos nos estudos literários. O fator institucional – o fato de a tradução ter sido feita em um ambiente se não estritamente acadêmico, ao menos com claras influências teóricas – é importante na avaliação das observações feitas acima. No entanto, parece-me que fatores mais pessoais também devem ter tido um papel nisso: por exemplo, o fato de Treder estar ligada a estudos feministas, de cuja metodologia o questionamento de fenômenos discursivos em obras literárias é parte integrante. O fato de fatores comerciais não serem necessariamente um impedimento para avaliações negativas de (ao menos aspectos de) obras literárias, parece comprovado pela publicação de 1998-it.

Uma referência aos *motifs* judaicos encontra-se, por fim, nesta edição, também no texto editorial das orelhas do livro, apontando, talvez, para uma maior disposição em lidar com esse tema sensível por parte dos editores.

2008-en

Os peritextos da instância prefacial da tradução inglesa de 2008 são idênticos à tradução inglesa de 1958. Apesar de uma "embalagem" nova, a tradução inglesa de 2008 é, no interior do livro, uma cópia inalterada (apenas com uma tipografia adaptada) da tradução de Lionel e Doris Thomas de 1958, com os mesmos peritextos, uma introdução e uma tabela cronológica. Assim, a discussão desses peritextos é a mesma que a dos peritextos de 1958 – ou quase a mesma, pois, como no caso de Pierre Menard, no conto de Borges, fica em aberto a questão se textos idênticos em diferentes contextos históricos têm o mesmo significado. Além disso, se a ausência de uma discussão dos *motifs* judaicos nos peritextos de 1958-en poderia ser motivada, de um certo modo, pelo *Zeitgeist* da crítica literária, desinteressado em questões do discurso, essa justificativa não vale para os peritextos de uma tradução de 2008, em um contexto crítico no qual a discussão está vigente.

No entanto, se o conteúdo de 2008-en sugere que nada mudou desde 1958-en na recepção da *Judenbuche*, o exterior da publicação corrige essa impressão. O texto da quarta capa não repete o texto da capa de 1958, mas traz novas formulações e faz, entre outros, uma menção a um dos *motifs* judaicos no livro (cf. tópico 4.2.2.3). A mudança reflete, a meu ver, a mudança tanto na recepção da *Judenbuche*, quanto na recepção de "clássicos" em geral, que gradualmente param de ser tratados como obras veneráveis e de gênios, e passam a ser descritos como obras de dimensão humana.

2010-en

A mais recente tradução do corpus, a tradução para o inglês de 2010, também traz referências aos *motifs* judaicos em peritextos da instância prefacial, embora não explicitamente valorativas. O livro, em formato *trade paperback* e de aparência relativamente sóbria, junta uma aparência textual direcionada ao leitor geral com aspectos acadêmicos, representados pelos peritextos. A participação de Jochen Grywatsch, da Sociedade Annette von Droste-Hülshoff na Alemanha, proporciona à publicação ainda um certo aval acadêmico. A edição, monolíngue, contém dois textos de Droste-Hülshoff, *Die Judenbuche* e *Westphälische Schilderungen aus einer westphälischen Feder*, um outro texto de prosa da autora (cf. tópico 1.1). Além disso, a publicação contém três peritextos: "Comentários do tradutor" ("Translator's Notes", p. 91) e "Comentários aos textos" ("Notes on the Texts", pp. 92-94), ambos do tradutor Sydney G. Swan, bem como um epílogo ("Epilogue: I was born in distressing times: Annette von Droste-Hülshoff", pp. 97-113) de Jochen Grywatsch.²⁶⁷

Nas anotações ao texto traduzido da *Judenbuche*, que seguem o texto e comentam predominantemente regionalismos dentro da *Judenbuche*, o tradutor Sidney Swan faz um comentário acerca da inscrição hebraica, como única referência a um dos *motifs* judaicos:

In August von Haxthausen's *The Algerian slave's tale*, the Jews provided the tree beneath which the murder took place, with Hebrew characters which read as "that the murderer whom our God will find, shall not die a regular death". The Hebrew line in *Jews Beech*, whose translation is given at the end of the text, is Annette von Droste-Hülshoff's invention. (2010-en, p. 43, grifos do autor)

267 Que, além de ser institucionalmente ligado à pesquisa acerca de Droste-Hülshoff, publicou várias obras sobre ela, também sobre os *motifs* judaicos na *Judenbuche*, cf. Grywatsch (2006). Grywatsch é também o organizador das continuções da bibliografia da edição histórico-crítica (GRYWATSCH, 2010, 2005).

No Escravo argelino, de August von Haxthausen, os judeus apuseram, na árvore sob a qual o assassinato ocorreu, caracteres hebraicos que diziam "que o assassino o qual o nosso Deus vai encontrar não deve encontrar uma morte natural". O verso hebraico na Faia dos Judeus, cuja tradução é dada no final do texto, é uma invenção de Annette von Droste-Hülshoff.

Com essa nota, Swan informa o leitor sobre a relação intertextual entre a *Judenbuche* e o *Escravo argelino*, indicando, assim, que a ideia para a inscrição na *Judenbuche* não foi uma invenção de Droste-Hülshoff, apenas o texto. No entanto, Swan salienta que a inscrição foi "inventada" por Droste-Hülshoff, chamando assim a atenção do leitor para o fato de não se tratar aqui de um elemento genuinamente judaico. A nota informa ao leitor, ao mesmo tempo, que a inscrição incompreensível aqui será traduzida no final da narrativa, mostrando, assim, as expectativas acerca dos leitores desta tradução (supostamente sem conhecimentos do hebraico). A nota é meramente informativa, no entanto, como no caso de outras notas já comentadas, a sua presença parece indicar um incômodo do tradutor com o texto hebraico. Notas como a de Swan antecipam a dúvida do leitor acerca da capacidade do tradutor, afirmando a propriedade do elemento incompreensível no texto.

O epílogo de Jochen Grywatsch, cujo título anuncia uma discussão mais sobre Droste-Hülshoff do que sobre os textos, inicia-se com algumas passagens com um caráter elogioso da autora. A primeira frase parece introduzir um conto de fadas:

Within and without the gates of the city of Münster in Westphalia there lived and worked an authoress whose outstanding position is uncontested in the history of German philosophy. (2010-en, p. 97)

Dentro e fora dos portões da cidade de Münster, na Westfália, vivia e trabalhava uma autora cuja posição extraordinária é incontestável na história da filosofia alemã.

Se as primeiras palavras ainda deixam esperar algum indicador de ironia do autor, que, talvez cansado de administrar a herança de Droste-Hülshoff, encontra em um comentário irônico um certo alívio, essa esperança é anulada pelo texto que se segue, repleto de elogios e superlativos acerca da autora, que apontam, a meu ver, para uma intenção de fortalecer, e não de desconstruir, o mito "Annette von Droste-Hülshoff".²⁶⁸

268 Se essa impressão for correta, a atitude de Grywatsch pode ser talvez interpretada como uma tentativa de conter as tendências atuais de desconstruir cânones literários, delegando a assim chamada "maior poeta

Em seguida, Grywatsch passa a fazer um conciso esboço da vida, obra e do contexto social e histórico da autora, afirmando, com frequência, a sua importância e originalidade. A isso segue-se a discussão das duas obras traduzidas, apresentadas aqui, como afirma Grywatsch, em traduções novas (cf. 2010-en, p. 105). Na discussão da *Judenbuche*, Grywatsch refere-se à gênese da narrativa e debate algumas questões da trama, dos personagens (entre eles Aaron) e das estratégias narrativas, sem dar uma atenção especial aos *motifs* judaicos. Grywatsch faz também uma referência ao "caso criminal, historicamente documentado, de Soistmann Berend" ("the historically recorded criminal case of Soistmann Berend", 2010-en, p. 106) como base para a redação do texto ficcional e que era conhecido por Droste-Hülshoff desde a sua infância. Além disso, Grywatsch menciona o *Escravo argelino*, sem, porém, comentar o seu conteúdo. Assim, as referências de Grywatsch ao caso histórico não deixam explícito que o caso criminal está ligado aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*.

Apesar de não ignorar, em princípio, os *motifs* judaicos na *Judenbuche*, Grywatsch, ao mesmo tempo, não destaca esse aspecto da narrativa no epílogo. Dentro do contexto deste epílogo, no qual o autor se esforça, explícita e repetidamente, em afirmar a importância de Droste-Hülshoff como autora e da sua obra no âmbito da literatura alemã e mundial – (cf. por exemplo "Her work has a recognisably high ranking in German literature, parts of which belong among the canon of World Literature", 2010-en, p. 97) – a não-discussão dos *motifs* judaicos poderia ser, talvez, interpretada como uma forma de excluir aspectos "desagradáveis" da imagem da autora, uma suposição também já feita por Doerr em relação à crítica literária alemã sobre Droste-Hülshoff (cf. DOERR, 1994, p. 447). Por outro lado, Grywatsch expressou a sua posição frente à discussão acerca dos *motifs* judaicos no artigo discutido acima (cf. tópico 1.2.3), deixando claro que, para ele, a representação dos judeus na *Judenbuche* não qualifica a narrativa como um texto antissemita. Assim, para ele, essa temática não tem aparentemente nada de controverso. Seja como for, o epílogo deixa claro que a questão do antissemitismo na *Judenbuche*, discutido desde o trabalho de Doerr de 1994, não é considerada importante pelo autor.

alemã" à posição de uma entre muitos (ou muitas). Grywatsch mostra-se em suas obras como um defensor da herança de Droste-Hülshoff, também, por exemplo, na rejeição das críticas da *Judenbuche* como um texto antissemita, cf. Grywatsch (2006).

A reserva dos autores dos peritextos da instância prefacial em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* de 2010-en contrasta, de um modo semelhante à 1987-it, com a ilustração da primeira capa da edição que alude explicitamente aos *motifs* judaicos na narrativa, mas evoca também associações com outros temas ligados a questões da história judaica. Apesar disso, o texto da quarta capa da edição não menciona em nenhum momento essa temática.

A tradução para o inglês de 2010 é a última e mais recente das traduções desde 1945. O período de tempo, maior do que dos outros dois grupos discutidos acima, está caracterizado de diversas transformações, tanto no que diz respeito à história judaica, quanto no que diz respeito aos estudos literários.

A história judaica desde 1945 é caracterizada pela fundação do Estado Israel, em 1948, e pelo subsequente conflito entre Israel e palestinos, que levou, entre outros, ao surgimento de novas formas de antisemitismo, às vezes igualadas ao antissionismo (cf. KATZ, 1979). Ao mesmo tempo, esse período é caracterizado pela crescente consciência do Holocausto, fomentado pelo grande número de trabalhos críticos, mas também publicações e produções de filmes populares, que também contribuíram para a elaboração da imagem do Holocausto tal como ela é hoje (cf. ALEXANDER, 2002; LEVY, D.; SZNAIDER, 2001). A intensidade da percepção e do efeito dessas duas tendências difere nos diferentes contextos nacionais deste corpus; no entanto, a sua presença no imaginário coletivo pode ser, a meu ver, pressuposta.

Os estudos literários do período de 1945 a 2010 também passaram por várias transformações, cujas incidências também variam nos diferentes contextos nacionais das traduções do corpus; no entanto, uma transformação em todos os contextos pode ser pressuposta também aqui. Além disso, os estudos literários sobre Droste-Hülshoff são centrados, predominantemente, na Alemanha e nos países anglo-saxões; portanto, são as transformações da crítica literária nesses dois contextos que mais influenciaram os estudos sobre a *Judenbuche*. Em linhas muito gerais, estudos voltados a poeticidade do texto literário foram, gradualmente, substituídas por estudos voltados aos aspectos discursivos e

às condições sócio-históricas de textos, trazendo consigo uma visão mais "sintomática" (cf. CULLER, 1997) e menos formalista do texto literário.

Essas duas tendências são consideradas aqui como o contexto no âmbito do qual as traduções analisadas foram comparadas. Em relação a ambos, as traduções mostram relativamente pouca interação. A recepção da *Judenbuche* enquanto texto literário é tendencialmente formalista e "tradicional", no sentido de repetir interpretações do início da recepção da narrativa. A partir dos anos 1970, aspectos de uma leitura sociológica ficam visíveis, nas traduções 1975-en e 1977-es, mas também nas traduções 1989-en e 1997-en; uma leitura voltada também a aspectos discursivos do texto encontra-se em 1998-it. Essas leituras estão ligadas aos comentaristas, em todos os casos acadêmicos convidados para comentar as respectivas publicações e, não por acaso, parece-me, a maioria deles é do contexto anglo-saxão, no qual estudos literários informados por teorias discursivas etc. tiveram uma disseminação relativamente cedo. A grande maioria das traduções deste período, contudo, mostra uma recepção da *Judenbuche* em termos mais tradicionais.

Interação com o contexto da história judaica é interpretada aqui no sentido de expressões de uma sensibilidade em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Procurei detectar essa sensibilidade interpretando referências aos *motifs* judaicos nos peritextos e nos textos traduzidos das publicações. No período entre 1945 e 2010, apenas três publicações – 1957-hu, 1966-sv e 1983-hu – não fazem nenhuma referência nos peritextos à essa temática. Nas outras traduções, encontrei referências de diferentes formas. Como expus na discussão acima, na grande maioria das vezes as referências não são explícitas na sua avaliação dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, mas, antes, têm a aparência de afirmações não engajadas sobre essa temática. As menções ao caso criminal real e as comparações que são feitas entre ele e a *Judenbuche* são um exemplo disso. Mas há também referências a *motifs* judaicos na discussão de estratégias narrativas, bem como notas de rodapé que explicam alguns dos *motifs* judaicos, sobretudo a inscrição hebraica e a exortação ofensiva dos convidados do casamento contra Aaron. A presença dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* está reconhecida nessas referências, sem, contudo, ser problematizada. Portanto, essas referências podem ser interpretadas apenas indiretamente como expressões de um incômodo com os *motifs* judaicos no texto: a sua presença significa que explicações acerca desses elementos da narrativa foram consideradas necessárias pelos

diversos autores dos textos analisados, mas não se deu expressão explícita de alguma atitude valorativa em relação a esses elementos.

Apenas em alguns poucos casos identifiquei referências que considere explícitas na sua avaliação dos *motifs* judaicos. As traduções 1975-en e 1977-es contêm ambas uma referência, nos textos introdutórios, à "lição moral" de Margreth, na *Judenbuche*, sendo que ambas as referências avaliam esse elemento do texto como expressão de preconceitos – Mornin fala da "dupla moral" (1975-en, p. 11), Brugger usa a expressão "menosprezo" (1977-es, p. 18). Apesar de criticar, assim, esse elemento textual, os dois autores não chegam, contudo, a chamar a atitude de Margreth expressamente de "antissemita". No entanto, o discurso dos dois autores sinaliza, a meu ver, uma atitude dissociativa deles em relação a esse aspecto do texto.

A expressão mais explícita de uma atitude sobre os *motifs* judaicos na *Judenbuche* deste período está na tradução italiana de 1998. Aqui, tanto no texto introdutório de Treder, quanto nos comentários das tradutoras, um dos *motifs* judaicos é chamado de antissemita: Treder considera Margreth uma "porta-voz do antissemitismo rural" na Westfália, enquanto as tradutoras qualificam a exortação dos convidados do casamento contra Aaron uma expressão de antissemitismo. 1998-it é a primeira e única tradução do corpus, na qual o termo "antissemitismo" é usado. Como as autoras mostram, por meio de referências bibliográficas, a sua recepção da *Judenbuche* é guiada, entre outros, pela leitura de trabalhos da crítica literária contemporâneos à publicação, que também explicitam esse termo; assim, a sensibilidade expressa nesta tradução está relacionada a esses trabalhos.

Outras referências consideradas como expressões explícitas de uma sensibilidade frente a *Judenbuche* encontram-se em publicações mais recentes deste grupo e os autores dessas expressões são todos ligados a ambientes acadêmicos. Parece-me, portanto, que pelo menos a *expressão explícita* de atitudes sobre os *motifs* judaicos na *Judenbuche* está ligada ao fato de a questão do antissemitismo ter entrado no discurso público e ao fato de os comentaristas da narrativa terem um pano de fundo de estudos literários, nos quais esse tipo de problematização de textos estava virando habitual. A ausência de problematizações nas outras referências, por sua vez, parece sugerir que livros de caráter comercial não são considerados o lugar adequado para debater obras literárias. Por fim, a continuidade de uma recepção canônica da *Judenbuche* parece impedir uma problematização da obra.

5 Conclusões

Na comparação de trechos escolhidos dos textos traduzidos com o original da *Judenbuche*, foram observados diversos *shifts* interpretados como opcionais. Essa interpretação levou em consideração as estratégias de tradução identificadas nas publicações. As traduções do corpus mostram uma tendência geral, em termos de estratégias dos tradutores, a acomodar a *Judenbuche* nas respectivas línguas, ou seja, as traduções foram classificadas aqui predominantemente como "livres" e, nesse sentido, *shifts* em vários níveis do texto (estrutura, sintaxe, léxico) são relativamente frequentes no corpus. No entanto, pela natureza das mudanças em relação ao texto original, os *shifts* considerados aqui foram ligados a questões definidas como ideológicas e não apenas a diferenças de linguagem ou a dificuldades idiomáticas dos trechos traduzidos.

Chamou a atenção o fato de os *shifts* se concentrarem nos anos até 1945 e depois de 1980; no entanto, nos anos "pós-guerra" num sentido mais estrito, entre 1945 e 1980, poucos *shifts* foram identificados. Em termos de atitudes, esse período corresponde, nos textos traduzidos, a um período de "silêncio" e aponta talvez para uma falta de disposição em se confrontar com o texto e seus pontos nevrálgicos. Nos outros dois períodos, duas tendências opostas foram observadas: antes de 1945, os *shifts* representam predominantemente intensificações negativas do texto original, ou seja, interpretações com tendência a atitudes antijudaicas, com o auge dessa tendência na tradução húngara de 1941 que aponta claramente para atitudes antissemitas; depois de 1945, e especialmente a partir de 1980, amenizações semânticas foram observadas. Essas observações confirmam, a meu ver, a influência do contexto histórico, ou, em termos de Lefevere, do "universo do discurso", nas traduções.

Os elementos do texto nos quais *shifts* foram encontrados com mais frequência foram o grupo de palavras em torno do gentílico "Jude", a exortação dos convidados do casamento camponês contra Aaron e os dois apelidos, "Wucherjoel" e "Lumpenmoises". Dentro dos aspectos escolhidos para a análise, esses elementos do texto foram considerados os mais sensíveis e a análise confirmou, assim, essa suposição.

É difícil fazer afirmações acerca de tendências linguísticas que sejam válidas para o corpus como um todo, especialmente por causa da variedade de contextos nacionais. Nos

casos de diferentes traduções para a mesma língua, no entanto, foi sim possível afirmar tendências. Dois idiomas do corpus claramente mostram tendências: nas traduções italianas, ficou visível uma sensibilização em relação ao gentílico "Jude", em forma da variação dos termos "giudeo" e "ebreo", ligada a mudanças linguísticas gerais na língua italiana no século XX; nas traduções húngaras, as evidências da editoração da exortação dos convidados do casamento camponês nas consecutivas reedições da tradução de Szabó apontaram para uma mudança na percepção do trecho.

Na maioria dos textos traduzidos, foram encontrados *shifts* singulares; contudo, dois textos traduzidos foram aqui considerados mais "densos" em relação aos *shifts*; ao mesmo tempo, essas duas traduções mostram tendências claramente opostas no tratamento dos *motifs* judaicos. A tradução inglesa de 1934, de Bennett, "apaga" muitos dos *motifs* judaicos (a inscrição hebraica é omitida, várias instâncias do léxico ligado ao gentílico "Jude" são removidas, os dois apelidos são omitidos). A razão deste "apagamento" não fica clara com base nas informações encontradas na publicação, uma antologia; nenhum elemento paratextual aponta explicitamente para possíveis razões. Contudo, a data da publicação dessa tradução inglesa, 1934, coincide com o início do regime nazista na Alemanha; as primeiras implementações de políticas antissemitas desse regime podem ter tido uma influência nas decisões do tradutor, que pode ter apagado esses *motifs* judaicos como uma forma de "proteção" do texto de Droste-Hülshoff contra suspeitas de parentesco com a ideologia na Alemanha contemporânea da publicação.

O mesmo contexto histórico ficou visível, mais explicitamente, na outra tradução aqui considerada "densa", a tradução húngara de 1941, de Lőrinc Szabó, que proporciona ao texto de Droste-Hülshoff um caráter antissemita. Que isso aconteceu com grande probabilidade intencionalmente, atesta a carta de Szabó, reproduzida na tradução húngara de 1995, que testemunha as preocupações com questões ideológicas em relação à *Judenbuche*.

A meu ver, a análise dos textos traduzidos em geral, e a análise dessas duas traduções mais especificamente, tornam visível a relação, pressuposta aqui, entre a recepção dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* e o contexto histórico mais amplo das traduções do corpus. Os resultados da análise apontaram, a meu ver, para a presença dos tradutores nos textos traduzidos, bem como para o fato de que, apesar de relativamente raras evidências

explícitas de sensibilidade frente os *motifs* judaicos nos peritextos, o próprio texto da *Judenbuche* deve ter provocado sensibilidades.

Nas instâncias prefaciais das publicações do corpus foram também encontradas evidências de atitudes em relação aos *motifs* judaicos na *Judenbuche*, em forma de manifestações explícitas e implícitas.

Considerando o corpus como um todo, poucas manifestações de uma discussão explícita e crítica dos *motifs* judaicos na *Judenbuche* foram encontradas. Na interpretação desse resultado, algumas características das publicações foram levadas em consideração. Por um lado, o corpus contém um número relativamente grande de antologias. Nessas coletâneas, o aspecto coletivo prevalece nos peritextos, ou seja, o texto individual recebe menos espaço nesses textos, nos quais a atenção costuma ser dada mais ao critério da composição da antologia. Como nenhuma das antologias reúne textos com base no critério do tema judaico, a ausência de atenção a esse tema foi interpretada também sob essa luz.

Por outro lado, a discussão de questões da representação em textos literários, como é o caso dos *motifs* judaicos aqui analisados, costuma acontecer com mais frequência em ambientes acadêmicos do que em publicações comerciais desses textos. No corpus, a maioria das publicações está voltada a um público mais geral; isso influencia tanto o número de peritextos (edições para um público geral costumam ser menos emolduradas por aparatos paratextuais), quanto a natureza desses peritextos, cuja função costuma ser a de uma introdução breve mais do que uma análise crítica. Além disso, em todos os países das publicações do corpus os *motifs* judaicos apresentam um tema até um certo ponto tabuizado e a sua discussão acontece, normalmente, com a consciência das controversas que podem resultar. A pouca atenção aos *motifs* judaicos foi considerada à luz de todos esses fatores.

Entre os *motifs* judaicos aos quais foram feitas referências nas instâncias prefaciais do corpus e que foram interpretadas como manifestações de atitudes, embora não necessariamente explícitas, destacam-se as referências ao *Escravo argelino* como fonte da narrativa. O *Escravo argelino* e as referências ao caso criminal histórico são "onipresentes" no corpus – em quase todas as publicações que contêm peritextos da instância prefacial essa referência é feita. Essa onipresença pode ser explicada, de um lado, pela influência da

crítica literária, a fonte principal das informações fornecidas ao leitor nestes peritextos. Nela, essas referências também são onipresentes; não me deparei até agora com nenhum trabalho da crítica literária acerca da *Judenbuche* que não mencionasse, pelo menos com uma frase, o fato de a narrativa ser baseada em um "caso criminal histórico". Na crítica literária acerca da *Judenbuche*, esse fato tem a ver, de um lado, com a dominância de estudos de fontes e estudos de recepção entre as abordagens críticas da narrativa, para os quais questões de gênese do texto são centrais. De outro lado, o foco na relação da *Judenbuche* com "fatos reais" está também ligado ao gênero da novela, usualmente atribuído à narrativa, para cuja definição o critério da "veracidade" (cf. AUST, 2006, p. 11) é um dos pontos centrais: a relação com um evento "verídico" que serviu como ponto de partida para a ficção costuma ser acentuada em relação a novelas.

No entanto, a insistência na relação da *Judenbuche* com um "caso criminal histórico", tanto na crítica literária, quanto nas publicações do corpus, parece-me mesmo assim digna de nota. Para a leitura da narrativa, essa relação é, na verdade, pouco relevante, principalmente em abordagens centradas em aspectos estéticos do texto, que predominam na recepção crítica da *Judenbuche*. Diante disso, parece-me que a frequência das referências ao "caso real" pode apontar para uma necessidade, entre os críticos e comentaristas, de estabelecer uma conexão entre a violência narrada e "fatos", talvez justamente para evitar associações "indesejáveis" (DOERR, 1994, p. 447): por meio dessa relação, o texto da *Judenbuche*, que narra o assassinato de um judeu e usa, intencionalmente ou não, imagens estereotipantes, fica "exonerado" e acima de qualquer suspeita de antissemitismo.

Em contraste com as fontes da narrativa, os *motifs* judaicos no texto da *Judenbuche* são comentados com muito menos frequência nos peritextos das publicações. Apenas dois elementos são comentados com alguma frequência: a exortação dos convidados do casamento camponês, que já nos textos traduzidos se destacou por *shifts* relativamente frequentes, e a inscrição hebraica. A exortação, contra Aaron, dos convidados do casamento camponês, de caráter ofensivo e antissemita, é comentada em anotações em quatro publicações do corpus. As duas mais antigas, na tradução italiana de 1933 e na tradução francesa de 1958, apontam para a ofensa contida na comparação de um judeu com um porco, mas caracterizam, ao mesmo tempo, a exortação como uma "brincadeira",

minimizando, assim, o seu impacto. A anotação na tradução húngara de 1995, por sua vez, tem um caráter filológico: ela comenta a mudança no texto traduzido feita pelos editores no texto de Szabó, na sua versão já mais amenizada em comparação com a de 1941. No entanto, parece que os editores de 1995 haviam considerado mesmo essa tradução revisada inadequada. A mudança parece apontar para uma tentativa de eliminar os *shifts* das traduções de Szabó e de traduzir de um modo mais literal possível. Por fim, apenas uma das quatro anotações, a da tradução italiana de 1998, faz uma referência explícita ao significado antissemita da frase.

Embora sejam poucos e de contextos parcialmente distintos, os comentários sobre essa frase parecem apontar para um incômodo que ela gera ou que os editores e tradutores presumem que ela possa gerar nos leitores. A estratégia que predomina é a de atenuar e "silenciar" – as publicações mais antigas tentam atenuar o próprio texto da *Judenbuche*, declarando ser uma brincadeira uma frase agressiva, enquanto a publicação húngara atenua a própria tradução, apagando *shifts* antigos. Apenas a publicação mais recente "enfrenta" as conotações da frase. A maioria das publicações do corpus, contudo, não comenta o trecho de nenhuma forma. O tratamento desse elemento claramente antissemita no texto parece assim apontar para uma tabuização dos elementos antissemitas na *Judenbuche*.

A inscrição hebraica é, também, anotada algumas vezes no corpus, em seis publicações. Em quatro delas (na tradução argentina de 1977, na tradução para o inglês de 1989, na tradução italiana de 1998 e na tradução para o inglês de 2010), os aspectos filológicos do texto hebraico – a sua origem e ortografia – são objetos de comentários, enquanto duas publicações, ambas húngaras (de 1968 e 1995), fornecem uma explicação antecipada, em relação ao original, à inscrição, inserindo a tradução da inscrição já na primeira aparição do texto hebraico, no caso da tradução húngara de 1995 até apagando a "tradução" final pelo narrador. Todas as anotações parecem apontar para um incômodo dos respectivos autores com a ilegibilidade e ininteligibilidade da inscrição: os comentários filológicos afirmam a legibilidade do texto hebraico, as explicações "clareiam" a sua obscuridade.

Um terceiro *motif* judaico objeto de alguns comentários é a conversa de Margreth com o pequeno Friedrich Mergel, no início da narrativa. Esse elemento é comentado duas vezes nos textos introdutórios à narrativa, ambos da mesma época, mas de contextos diferentes: na tradução para o inglês de 1975, publicada nos EUA, e na tradução argentina de 1977. Um

comentário a esse trecho encontra-se também em uma nota de rodapé da tradução para o italiano de 1998, na qual o hoje ambíguo termo "Schelme", que Margreth usa para difamar os judeus, é desambiguado e o seu significado negativo é acentuado. Em comparação com a exortação dos convidados do casamento camponês, discutida anteriormente, os comentários a esse trecho mostram, assim, um claro "enfrentamento" do conteúdo: em todos os três casos, as conotações antijudaicas do trecho são comentadas.

Os outros *motifs* judaicos no texto da *Judenbuche* não são comentados nas traduções do corpus. Os peritextos da instância prefacial apresentam e comentam a *Judenbuche* em termos do "mainstream" da crítica literária acerca da narrativa. Assim, apesar de constituir um lugar adequado para discussão do texto traduzido, os peritextos não o fazem muito. A impressão geral é de desinteresse em relação aos *motifs* judaicos. As ocorrências identificadas sugerem que há sim sensibilidade acerca do tema, mas a tendência nas instâncias prefaciais é a de os críticos se retirarem para aspectos mais seguros, como a interpretação estética, a crítica literária, a questão do clássico etc. O antissemitismo é um tabu social forte, tanto pessoalmente, quanto em termos comerciais e talvez haja aqui uma barreira: nem os autores, nem as editoras querem ser identificados com textos tidos como antissemitas.

Essas suposições parecem ser confirmadas por algumas ocorrências interpretadas como "atos falhos", como por exemplo o uso do termo "pogrom" na tradução norueguesa de 1979. No entanto, a impressão geral evocada pelas instâncias prefaciais do corpus é a de tentar manter a *Judenbuche* um clássico e de evitar o elemento político nos peritextos. As observações sugerem que o contexto que exerce mais influência nos textos da instância prefacial é o contexto da crítica literária e que ele é mais forte nas instâncias prefaciais, do que o contexto histórico. Em geral, as publicações refletem o teor da crítica literária acerca da *Judenbuche*. Na crítica literária, a maior parte das publicações até hoje não toca no assunto dos *motifs* judaicos; o padrão é repetido nas publicações. O contexto histórico fica evidente apenas de forma indireta, com uma maior frequência de comentários e uma maior disposição em admitir aspectos negativos da narrativa, em anos mais recentes; isso reflete, a meu ver, a abertura dos estudos literários para esses aspectos, decorrente, por sua vez, de tendências sócio-históricas, como por exemplo a mudança nas práticas de memória da Shoá.

Os peritextos editoriais são a parte das publicações do corpus na qual manifestações de atitudes frente aos *motifs* judaicos foram menos encontradas. Por um lado, esse é um peritexto que vem sendo usado intensamente apenas mais recentemente, sendo relacionado com o desenvolvimento do mercado editorial, suas convenções e sua dinâmica. As publicações anteriores a 1945 praticamente não têm esse peritexto, à exceção da ilustração de capa; antigamente, esse espaço não era usado tão intensamente quanto hoje para apresentar a visão da obra pela editora e para atrair leitores. O peritexto editorial é o espaço mais usado comercialmente em um livro impresso, ou seja, a visão do livro nele apresentada tende a ser positiva e evitar controvérsias negativas. Além disso, a forte presença de antologias também foi considerada um fator para explicar a pouca frequência de referências aos *motifs* judaicos e à *Judenbuche* em geral: o espaço já limitado dos peritextos editoriais é compartilhado, em antologias, por apresentações de vários textos ao mesmo tempo e, como no caso da instância prefacial, o foco costuma ser dado à antologia como um todo.

No corpus, dois aspectos desse peritexto foram analisados: os textos editoriais na capa e nos anexos, e as ilustrações da primeira capa. Nos textos não foi encontrada nenhuma manifestação de associar a *Judenbuche* ao antissemitismo (literário). Em três casos foram identificadas referências aos *motifs* judaicos, em duas traduções italianas mais recentes (de 1987 e 1998) e na tradução inglesa de 2008. A ausência de menções contrasta com o fato de o título da *Judenbuche* ter sido traduzido de um modo literal em todas as publicações; o título não fica, assim, explicado. A maioria das publicações posteriores a 1945 são, contudo, antologias. Além disso, várias das publicações, mesmo posteriores a 1945, não contêm nenhum peritexto editorial.

As ilustrações de primeira capa, também encontradas em algumas das publicações do corpus, relacionam-se de três maneiras distintas com o título e, assim, com os *motifs* judaicos. Por um lado, as ilustrações de antologias não fazem referência nenhuma ao título. Por outro lado, algumas das publicações autônomas do texto, principalmente as mais recentes, reproduzem na capa a imagem de uma árvore, que alude à faia do título, mas sem referência aos *motifs* judaicos. Três publicações, por fim, contêm representações da faia dos judeus, mostrando a árvore com a inscrição hebraica e, em dois casos, com mais alguns outros motivos. Nesse terceiro grupo foi observado um aumento de complexidade das

ilustrações no decorrer do tempo. A mais antiga e a única anterior a 1933, a ilustração da primeira capa da edição dinamarquesa de 1923, é uma representação simples e direta, mostrando apenas uma árvore com símbolos hebraicos. A ilustração da tradução italiana de 1987 foi interpretada como aludindo, embora indiretamente, à Shoá enquanto tragédia, ao passo que a ilustração da tradução para o inglês de 2010 foi interpretada como mostrando o Holocausto como crime e aludindo à complexidade narrativa da *Judenbuche*.

Aqui, como nos outros textos e peritextos das publicações do corpus, uma influência do contexto sócio-histórico foi pressuposta. Os peritextos editoriais não costumam ser um lugar de discussão de literatura, mas são, antes, um lugar para exibir aspectos positivos do produto para atrair leitores e, por isso, avaliações apenas positivas dos textos publicados e a ausência de elementos potencialmente controversos foram esperadas e encontradas. No entanto, a presença de referências aos *motifs* judaicos na *Judenbuche* predominantemente em edições recentes parece indicar que os temas judaicos ganharam uma aceitação social.

O mapeamento de atitudes no corpus como um todo mostrou, assim, relativamente poucas evidências de uma discussão crítica acerca dos *motifs* judaicos na *Judenbuche*. Esse diagnóstico não foi atribuído à impossibilidade de identificar atitudes nos textos analisados: os resultados da análise do corpus mostram, em geral, que atitudes de tradutores e de outros autores de reescrituras são identificáveis em traduções publicadas. Nas traduções do corpus, há evidências de atitudes, mas são poucas as manifestações explícitas e críticas.

A partir disso concluiu-se que, em geral, a *Judenbuche* não é tratada, nas traduções, como um texto problemático ou "sensível", pelo menos não explicitamente. Avaliações explícitas do conteúdo da *Judenbuche* são uma exceção: apenas a tradução italiana de 1998 avalia explicitamente alguns dos *motifs* judaicos, caracterizando-os como expressões de atitudes antissemitas. Contudo, mesmo aqui, não é o texto inteiro que é questionado, mas apenas alguns dos seus aspectos. No entanto, a *Judenbuche* é apresentada em todas as traduções do corpus, como um texto "clássico" e de alto valor literário.

Essa unanimidade contrasta com a evolução das avaliações da *Judenbuche* na crítica literária. Por um lado, esse contraste parece natural: não é de se esperar que editoras (comerciais) publiquem textos aos quais são atribuídas características negativas, a não ser para fins específicos; mas esse não é o caso das publicações do corpus. É mais provável

que, se o texto fosse avaliado como pelo menos suspeito de atitudes antissemitas, ele não teria sido publicado. Por outro lado, especialmente o fato de algumas das traduções mais novas repetirem interpretações antigas suscita a pergunta sobre o significado do "silêncio" acerca de trabalhos de crítica literária mais novos. É possível que esses trabalhos fossem desconhecidos dos autores dos textos nas publicações analisadas; no entanto, esse silêncio pode ser também interpretado como uma forma de recalque, como aquele que Doerr e Gilman atribuem para a crítica literária acerca da *Judenbuche*, um silêncio "eloquente", por assim dizer. A pergunta permanece sem resposta definitiva, já que a intencionalidade por trás desse silêncio não pode ser pressuposta. Diferentes razões podem ser imaginadas: o caráter comercial das publicações, que inibe a expressão de certos tabus sociais, ou o status de "clássico" da *Judenbuche*, que, sem dúvida, determinou a visão do texto em todas as traduções do corpus. Além disso, é uma prerrogativa da editora apresentar um texto literário da maneira que mais lhe convier. Some-se a isso, também, o fato de a recepção da crítica literária em outros meios de mediação de literatura acontecer frequentemente com um certo atraso. No entanto, a tradução italiana de 1998 transforma todos esses argumentos em apenas possíveis, mas não necessários.

Uma das questões levantadas em relação ao corpus foi também a da influência de diversos contextos mais amplos nessas publicações. Apesar da multinacionalidade do corpus, evidências de uma orientação por contextos mais amplos do que os nacionais na recepção da *Judenbuche* são observáveis: o contexto da crítica literária é forte nas reescrituras da *Judenbuche* no corpus. Já o outro contexto mais amplo pressuposto nesta pesquisa, o do contexto da história judaica no século XX, está presente com menos força.

Em relação ao contexto da crítica literária, as publicações do corpus são caracterizadas por uma forte recepção de trabalhos da crítica, que fica visível na frequente repetição de interpretações e avaliações nas diferentes edições. A imagem da *Judenbuche* nas traduções corresponde, em todo o período do corpus, à interpretação "mainstream" da *Judenbuche*, que, desde a primeira recepção no final do século XIX, havia persistido: a recepção como uma novela e "obra prima da literatura alemã", escrita pela "maior poetisa alemã do século XIX". Há, ocasionalmente, evidências da recepção de outros trabalhos da crítica literária acerca da *Judenbuche*, como na já mencionada tradução italiana de 1998; a consideração da crítica literária acontece, contudo, mais em edições voltadas a um público acadêmico.

Em relação ao contexto da história judaica no século XX, dos três aspectos pressupostos aqui – a cesura causada durante o regime nazista na Alemanha, a fundação do Estado de Israel e as práticas de memória da Shoá - apenas o primeiro é visivelmente relacionado com a recepção da *Judenbuche* nas traduções, mais explicitamente na tradução húngara de 1941, representada também pela carta de Szabó na tradução de 1995, mas também, embora menos explicitamente, em outras publicações. A memória da Shoá aparece como contexto de uma forma mais indireta, como evidência de novas abordagens da literatura, por exemplo nos olhares críticos para a conversa entre Margreth e Friedrich Mergel nas duas publicações dos anos 1970: novos paradigmas da teoria literária parecem dirigir os olhares dos comentaristas da *Judenbuche* para aspectos até então ignorados. A influência de discussões acerca do Estado de Israel pode ser, no entanto, apenas pressuposta como um pano de fundo, pois nada indica claramente a sua influência. Assim, parece-me que a *Judenbuche* foi vista nas publicações do corpus como um texto definitivamente antigo e, por ser canônico, como acima de qualquer suspeita, enquanto a sua relevância e a conexão com a realidade contemporânea de todas as traduções nunca é estabelecida nos peritextos (embora sensível nos textos traduzidos).

Por fim, uma característica comum a todas as publicações do corpus é a tradução literal do título da *Judenbuche*. A julgar por esse fato, os *motifs* judaicos na *Judenbuche* não foram considerados muito sensíveis. O caráter estranho e intrigante do título, cujo sentido se revela só na leitura da narrativa, parece ter prevalecido, nas editoras, diante de possíveis considerações de um potencial de incompreensão.

A impressão geral que o corpus proporciona é, portanto, a de que os tradutores da *Judenbuche* em geral não perceberam a sua tarefa como algo que, em vez de comunicação e colaboração, corria o risco de promover o contrário disso. As traduções mostram poucas evidências de reações dissociativas em relação ao conteúdo da *Judenbuche*, reações essas que poderiam apontar explicitamente para um "conflito de valores" nos tradutores e editores da narrativa. No entanto, uma certa discrepância entre os textos traduzidos (cujos *shifts* apontam para uma sensibilidade diante dos *motifs* judaicos) e os paratextos (que, com poucas exceções, evitam uma discussão dos *motifs* judaicos) apontam, a meu ver, para um certo mal-estar entre os reescritores do texto e para um aumento da sensibilidade em face do tema no decorrer do século XX. Assim, apesar de serem de fato mais "estáticas" do que

a crítica literária, as traduções da *Judenbuche* indicam que a percepção da sensibilidade de temas judaicos parece ter aumentado. Expressões de atitudes são, no entanto, ainda escassas. Talvez isso se deva a convenções, bem como ao habitus de invisibilidade entre tradutores. Contudo, é talvez também possível, como afirma Maier (2007), que muitos tradutores simplesmente não estejam ainda suficientemente preparados para a visibilidade (e a responsabilidade) que a expressão de atitudes traz consigo.

Bibliografia

As traduções da Judenbuche

- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. The Jew's Beech Tree. In: FRANCKE, K.; GUILD HOWARD, W. (Eds.). **The German Classics of Nineteenth and Twentieth Centuries. Masterpieces of German Literature**. Tradução Lillie Winter. New York: The German Publication Society, 1913. p. 445-496.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Jøde-Bøgen: En Millieuskildring fra det bjergrige Westfalen**. Tradução Knud Gantzel. Flensborg: Slesvigske Forlag, 1923a.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. De Jodenbeuk. Zedenschildering uit't Heuvelland van Westfalen. **De Jodenbeuk. Zedenschildering uit't Heuvelland van Westfalen / Op der Heide**. Lecturis-Verhalen. Tradução D. Fischerin. Eindhoven: N.V. Lecturis, 1923b. p. 9-91.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Il Faggio dei Giudei**. Tradução August Bertsch; Ada Soffo Sapere. Bologna: Capelli, 1933.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. The Jews' beech-tree. In: BENNETT, E. . (Ed.). **Selected German Short Stories**. The World's Classics. Tradução E.N. Bennett. Oxford: Oxford University Press, 1934. p. 225-289.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Židův buk**. Tradução O. Reindl. Brno: Edice Atlantis, 1938.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **A zsidóbükk: Erkölcskép a vestfáliai hegyekbol**. Tradução Lorinc Szabó. Berlin-Dahlem: Kampmann, 1941a.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche*. In: KOGUCHI, M. (Ed.). **Die Schuldige (Clara Viebig) und andere Erzählungen**. Gesamtausgabe der Frauenliteratur der Welt. Tradução Masaru Koguchi. Tokyo: Modan-Nippon-sha-Verlag, 1941b. v. Deutschland 1p. 1-96.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche. Die Judenbuche. Ledwina*. Tradução Fujio Nagano. Tokyo & Kyoto: Kōbun-sha-Verlag, 1949.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Dorosute-Hyurushofu, Judayaijn no buna no ki**. Tradução Eiichi Banshōya. Tokyo: Iwanami Shoten, 1953.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. A zsidóbükk: Erkölcskép a vestfáliai hegyekbol. In: KERESZTURY, D. (Ed.). **A német elbeszélés mesterei**. A világirodalom klasszikusai. Tradução Lorinc Szabó. Budapest: Európa Könyvkiadó, 1957. p. 471-513.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Le Hêtre aus juifs. Scènes de la vie des mintagnards westphaliens**. Tradução Pierre Brachin. Paris: Aubier, 1958a.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **The Jew's Beech**. Tradução Lionel Thomas; Doris Thomas. London: Calder, 1958b.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Judeboken. In: RAABE, W.; DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON (Eds.). **Svarta galären**. Den klassiska litteraturens mäterwerk. Tradução Margaret Tenfält. Stockholm: Niloé, 1966. p. 73-152.

- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. A Zsidóbükk. In: LATOR, L. (Ed.). **Klasszikus német kisregények.** Helikon klasszikusok. Tradução Lorinc Szabó. Budapest: Magyar Helikon, 1968. p. 263-304.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **'Ets ha-Yehudim.** Tradução Leah Goldberg. Tel-Aviv: Devir, 1970.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. The Jews' beech tree. In: MORNIN, E. (Ed.). **Three Eerie Tales from 19th Century German.** Tradução Michael Bullock. New York: Ungar, 1975. p. 99-151.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. El haya de los judíos. In: BRUGGER, I. M. DE (Ed.). **Cuentos alemanes del siglo XIX.** Tradução Ilse M. De Brugger. Buenos Aires: Corregidor, 1977. p. 113-162.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Jødebøken: et genremaleri fra fjelltraktene i Westfalen.** Tradução Jenny C. Monsen Hortenbach. Lysaker: Solum Forlag, 1979.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. A zsidóbükk: Erkölcskép a vestfáliai hegyekbol. In: MIKLÓS, G. (Ed.). **XIX. századi német elbeszélők.** A világirodalom klasszikusai. Tradução Lorinc Szabó. Budapest: Európa Könyvkiadó, 1983. p. 439-494.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **De jodenbeuk: een zedenschildering uit het bergachte Westfalen.** Tradução Elly Shippers. Tricht: Goossens, 1984.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Il faggio degli ebrei.** Tradução Francesco Politi. Roma: Salerno, 1987.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. The Jew's Beech. In: SAMMONS, J. L. (Ed.). **German Novellas of Realism.** The German Library. Tradução Lionel Thomas; Doris Thomas. New York & London: Continuum, 1989. p. 88-132.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche* = A Zsidóbükk. In: DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON; MÉSZÖLY, M. (Eds.). ***Die Judenbuche* = A Zsidóbükk; Szárnyas Lovak = Geflügelte Pferde.** Medaillon littera. Tradução Hans Skirecki; Lorinc Szabó. Budapest: Argumentum, 1995. p. 4-111.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. El haya de los judíos. In: DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON (Ed.). **El haya de los judíos / Ledwina.** Letras universales. Tradução Ana Isabel Almendral. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. p. 81-138.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. The Jew's beech. In: WEBBER, A. (Ed.). **Eight German novellas.** The World's Classics. Tradução Michael Fleming. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 83-127.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Il faggio degli ebrei.** Tradução Laura Ducati. Venezia: Marsilio, 1998.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Yudayajin no buna no ki.** Tradução Rakutyou Kyokkou; Gorou Morimoto. Ōsaka: Seikosha, 2007.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **The Jew's Beech.** Tradução Lionel Thomas; Doris Thomas. Rochester: Oneworld Books, 2008a.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Novelle: *Die Judenbuche* - Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen. **«Meine Lieder werden leben, wenn ich längst entschwand».** Annette von Droste-Hülshoff (1797-1848): **Ausgewählte Balladen und *Die Judenbuche* im Original und in chinesischer Übersetzung.** Tradução Xiuli

Jin. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008b. p. 95-150.

DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Jews Beech. A Portrait of Morals in Hilly Westphalia*. In: GRYWATSCH, J. (Ed.). **Jews Beech - Westphalian Sketches from a Westphalian Pen**. New Encounters - 18th- and 19th-Century German Texts. Tradução Sydney G. Swan. Hannover: Wehrhahn, 2010. p. 7-54.

Referências

ALEXANDER, J. C. On the Social Construction of Moral Universals. The “Holocaust” from War Crime to Trauma Drama. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 1, p. 5-85, 2002.

ANTOR, H. Erwartungshorizont. In: NÜNNING, A. (Ed.). **Metzler Lexikon Literatur und Kulturtheorie**. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2001a. p. 151-152.

ANTOR, H. Konkretisation/Konkretisierung. In: NÜNNING, A. (Ed.). **Metzler Lexikon Literatur und Kulturtheorie**. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2001b. p. 330.

AREND, E. Übersetzungsforschung und Rezeptionsforschung. Fragen der Theorie und Praxis am Beispiel der übersetzerischen Rezeption italienischer Literatur im deutschen Sprachraum von 1750 bis 1850. In: HAUSMANN, F.-R. (Ed.). **Italien in Germanien. Deutsche Italien-Rezeption von 1750 - 1850. Akten des Symposiums der Stiftung Weimarer Klassik 24.-26. März 1994**. Tübingen: Narr, 1996. p. 185-214.

AREND, E. Übersetzung als Gegenstand der neueren Literatur und Kulturwissenschaft: Rezeptionsforschung und Komparatistik. In: KITTEL, H. (Ed.). **Übersetzung - Translation - Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung / An International Encyclopedia of Translation Studies / Encyclopédie internationale de la recherche sur la traductio**. Berlin & New York: de Gruyter, 2004. v. 1p. 211-218.

ARROJO, R. The Ethics of Translation in Contemporary Approaches to Translators. In: TENNENT, M. (Ed.). **Training for the New Millennium: Pedagogies for Translation and Interpreting**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 225-245.

ASIMAKOULAS, D. Rewriting. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. London & New York: Routledge, 2011. p. 241-245.

AUST, H. **Novelle**. 4. ed. Stuttgart & Weimar: Metzler, 2006.

BACHLEITNER, N.; WOLF, M. ÜbersetzerInnen als “gatekeepers”? (Selbst-)Zensur als Voraussetzung für die Aufnahme in das literarische Feld der späten Habsburgermonarchie. In: MERKLE, D.; O’SULLIVAN, C.; DOORSLAER, L. VAN; WOLF, M. (Eds.). **The Power of the Pen. Translation and Censorship in 19th Century Europe**. Representation - Transformation. Berlin et al.: Lit Verlag, 2010. p. 29-54.

BAKER, M. **Translation and Conflict: A Narrative Account**. New York: Routledge, 2006.

- BAKKER, M.; KOSTER, C.; LEUVEN-ZWART, K. VAN. Shifts. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. London & New York: Routledge, 2011. p. 269-274.
- BALLHAUSEN, H. (ED.). **Chronik des Zweiten Weltkriegs**. Gütersloh & München: Chronik-Verlag, 2004.
- BAL, M. **Narratology: Introduction to the Theory of Narrative**. 2. ed. Toronto et al.: University of Buffalo Press, 2004.
- BANDEL, J.-F. Der enttäuschte Assimilant. Der erste deutsch-jüdische Bestseller: Vor hundert Jahren erschien Karl Emil Franzos' Ghettoroman "Der Pojaz". **Jüdische Allgemeine**, p. 10, 30 jun 2005.
- BARSCHE, A. Epirische Rezeptionsforschung. In: NÜNNING, A. (Ed.). **Metzler Lexikon Literatur und Kulturtheorie**. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2001. p. 551-553.
- BEGEMANN, C. Kommentar. In: DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON (Ed.). **Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999. p. 81-122.
- BELLER, S. **Antisemitism**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2007.
- BENNETT, E. K. **A History of the German novel: from Goethe to Thomas Mann**. Cambridge: Cambridge University Press, 1934.
- BENNETT, T. Texts in History: The Determinations of Readings and Their Texts. In: MACHOR, J. L.; GOLDSTEIN, P. (Eds.). **Reception Study: From Literary Theory to Cultural Studies**. New York: Routledge, 2000. p. 61-74.
- BENZ, W. (ED.). **Handbuch des Antisemitismus. Judenfeindschaft in Geschichte und Gegenwart. Band 2: Personen**. Berlin & New York: De Gruyter, 2009.
- BERGMANN, W. **Geschichte des Antisemitismus**. München: C.H. Beck, 2002.
- BERING, D. **Der Name als Stigma: Antisemitismus im deutschen Alltag 1812 - 1933**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1992.
- BERMANN, S.; WOOD, M. (EDS.). **Nation, Language, and the Ethics of Translation**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2005.
- BERND, C. A. Clarity and Obscurity in Annette von Droste-Hülshoff's *Judenbuche*. In: MEWS, S. (Ed.). **Studies in German Literature of the Nineteenth and Twentieth Centuries / Festschrift for Frederic E. Coenen**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1970. p. 64-72.
- BILLIANI, F. **Modes of censorship and translation. National contexts and diverse media**. Manchester: St. Jerome, 2007.
- BISTROVIĆ, M. **Antisemitismus und Philosemitismus in Japan: Entwicklungen und Tendenzen seit dem 19. Jahrhundert**. Essen: Klartext, 2011.
- BOGDAL, K.-M. Literarischer Antisemitismus nach Auschwitz. Perspektiven der Forschung. In: BOGDAL, K.-M.; HOLZ, K.; LORENZ, M. N. (Eds.). **Literarischer Antisemitismus nach Auschwitz**. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2007. p. 1-11.
- BOGDAL, K.-M.; HOLZ, K.; LORENZ, M. N. (EDS.). **Literarischer Antisemitismus nach Auschwitz**. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2007.

- BOURDIEU, P. **Razões praticas. Sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. 8. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- BRENNER, M. **Geschichte des Zionismus**. München: Beck, 2002.
- BRETT, D. Friedrich, the Beech and Margreth in Droste-Hülshoff's Judenbuche. **Journal of English and Germanic Philology**, v. 84, p. 157-165, 1985.
- BROWNLIE, S. Descriptive vs. committed approaches. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. London & New York: Routledge, 2011. p. 77-81.
- BUNZEL, W. **Romantik und Vormärz: zur Archäologie literarischer Kommunikation in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts**. Bielefeld: Aisthesis-Verl, 2003.
- BUNZEL, W. (ED.). **Romantik: Epoche - Autoren - Werke**. Darmstadt: WBG, 2010.
- BUTKUS, G.; GÖHRE, F. (EDS.). **So wie du mir : 19 Variationen über Die Judenbuche von Anette von Droste-Hülshoff**. Bielefeld: Pendragon, 2010.
- CHASE, J. S. Part of the Story. The Significance of the Jews in Annette von Droste-Hülshoff's Die Judenbuche. **Deutsche Vierteljahresschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte**, v. 71, p. 127-145, 1997.
- CULLER, J. **Literary Theory. A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- CULLER, J. **Literary theory**. Oxford: Oxford Univ. Press, 2000.
- CUNICO, S. (ED.). **Translation and ideology : encounters and clashes**. Manchester: St. Jerome, 2007.
- DACHSLAGER, E. L. To Teach or Not to Teach Antisemitism. **Sh'ma**, v. 7, n. 124, p. 25-26, 1976.
- DACHSLAGER, E. L. Teaching Literary Antisemitism. **College English**, v. 39, n. 3, p. 315-325, 1977.
- DAUBE, D. Ahasver. **The Jewish Quarterly Review**, New Series. v. 45, n. 3, p. 243-244, 1955.
- DAXELMÜLLER, C. Das "Mauscheln". In: SCHOEPS, J. H.; SCHLÖR, J. (Eds.). **Antisemitismus: Vorurteile und Mythen**. München [u.a]: Piper, 1995. p. 143-152.
- DEES, H. **Annette von Droste-Hülshoffs Dichtung in England und Amerika**. Tübingen: Eberhar-Karls-Universität zu Tübingen, 1966.
- DEINERT-TROTТА, C. Zum Wortschatz der Annette von Droste-Hülshoff. **Annali**, v. 16, p. 175-211, 1973.
- DEVINE, P. G. Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 56, p. 5-18, 1989.
- DIEM, A. Vom Dingsymbol zur Verdinglichung: "Symbol" und Gesellschaft bei A. von Droste-Hülshoff, Th. Fontane und A. Robbe-Grillet. **Der Deutschunterricht**, v. 23, n. 2, p. 120-133, 1971.
- DINER, D. (ED.). **Zivilisationsbruch: Denken nach Auschwitz**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1988.
- DOERR, K. The Specter of Anti-Semitism in and around Annette von Droste-Hülshoff's Judenbuche. **German Studies Review**, v. 17, n. 3, p. 447-471, 1994.

- DONAHUE, W. C. "Ist er kein Jude, so verdiente er einer zu sein": Droste-Hülshoff's Die Judenbuche and Religious Anti-Semitism. **German Quarterly**, v. 72, n. 1, p. 44-73, 1999.
- DONAHUE, W. C. Jews' Beech, The (1842). In: LEVY, R. S. (Ed.). **Antisemitism. An Historical Encyclopedia of Prejudice and Persecution**. Santa Barbara, Calif. et al.: ABC-CLIO, 2005. v. 1: A-Kp. 383-384.
- DOVIDIO, J. F.; KAWAKAMI, K.; GAERTNER, S. L. Implicit and explicit prejudice and interracial interaction. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, n. 1, p. 62-68, 2002.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Dunkel im Moor / Névoa sobre o pântano. In: CAMPOS, G. (Ed.). **Poesia alemã traduzida no Brasil**. Tradução Agmar Murgel Dutra. Rio de Janeiro: MEC, 1960. p. 246f.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westphalen. **Morgenblatt für gebildete Leser (Stuttgart, Tübingen)**, v. 96-111, n. 22, 23, 25-30 April, 2-7, 9, 10 Mai, p. 381-382, 386-387, 391-392, 393-394, 398-399, 401-402, 406-407, 409-410, 414-415, 418-420, 421-422, 426-427, 429-430, 434-435, 438-439, 442-443, 1842a.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen. **Westfälischer Anzeiger (Arnsberg)**, v. 18-30, n. 1 Juni - 13 Juli, p. 73-74, 78, 80-82, 84-86, 89-90, 93-94, 97-98, 101-102, 105-106, 113-114, 117-118, 121-122, 1842b.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. In: HEYSE, P.; KURZ, H. (Eds.). **Deutscher Novellenschatz. 4 Serien zu je 6 Bänden**. München: Oldenbourg, 1876. v. 6p. 51-128.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westphalen. In: SCHÜCKING, L. (Ed.). **Gesammelte Schriften von Annette Freiin von Droste-Hülshoff**. Deutsche Volksbibliothek. Stuttgart: Verlag der J.G. Cotta'schen Buchhandlung, 1878. v. 2: Erzählende Gedichte. Schriften in Prosa.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Annette von Droste's Judenbuche**. Münster: Druck und Verlag der Aschdorff'schen Buchhandlung, 1882.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Die Judenbuche. Mit sämtlichen jüngst wieder aufgefundenen Vorarbeiten der Dichterin und einer Handschriftenprobe**. Dortmund: Ruhfus, 1925.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. In: KOGUCHI, M. (Ed.). **Die Schuldige (Clara Viebig) und andere Erzählungen**. Gesamtausgabe der Frauenliteratur der Welt. Tradução Masaru Koguchi. Tokyo: Modan-Nippon-sha-Verlag, 1941. v. Deutschland 1p. 1-96.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Gesammelte Werke : Sonderausgabe in einem Band**. Vaduz: Liechtenstein Verlag, 1948.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Die Judenbuche. Ledwina**. Tradução Fujio Nagano. Tokyo & Kyoto: Kōbun-sha-Verlag, 1949.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Dorosute-Hyurushofu, Judayaijn no buna no ki**. Tradução Eiichi Bانشōya. Tokyo: Iwanami Shoten, 1953.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **'Ets ha-Yehudim**. Tradução Leah Goldberg. Tel-Aviv:

- Devir, 1970.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen. In: HUGE, W. (Ed.). **Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Bd. 5,1 Prosa, Text.** Tübingen: Niemeyer, 1978a. p. 1-42.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen.** Münster, Westfalen: Aschendorff, 1978b.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen. Mit einem Kommentar von Christian Begemann.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. **Yudayajin no buna no ki.** Tradução Rakutyou Kyokkou; Gorou Morimoto. Ōsaka: Seikosha, 2007.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. «Meine Lieder werden leben, wenn ich längst entschwand». **Annette von Droste-Hülshoff (1797-1848): Ausgewählte Balladen und Die Judenbuche im Original und in chinesischer Übersetzung.** Tradução Xiuli Jin. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008.
- EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. **The psychology of attitudes.** Fort Worth et al.: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.
- ELON, A. **The Pity of It All: A Portrait of the German-Jewish Epoch 1743-1933.** New York: Picador, 2002.
- ERB, R.; BERGMANN, W. **Die Nachtseite der Judenemanzipation: Der Widerstand gegen die Integration der Juden in Deutschland 1780-1860.** Berlin: Metropol Verlag, 1989.
- FALLBACHER, K.-H. (ED.). **Die Welt in Gelb. Zur Neugestaltung der Universal-Bibliothek 2012.** Stuttgart: Reclam, 2012.
- FINKELSTEIN, D. The Globalization of the Book 1800-1970. In: ELIOT, S.; ROSE, J. (Eds.). **A Companion to the History of the Book.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 329-340.
- FIOLA, M. A. (ED.). **Translation, Ethics and Society.** Québec: TTR, 2004.
- FISCHER, B. **Morgenblatt für gebildete Stände, gebildete Leser, 1807 - 1865 : nach dem Redaktionsexemplar im Cotta-Archiv (Stiftung "Stuttgarter Zeitung") ; Register der Honorarempfänger, Autoren und Kollationsprotokolle.** München: Saur, 2000.
- FISH, S. **Is there a text in this class? The authority of interpretive communities.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1980.
- FISH, S. Yet Once More. In: MACHOR, J. L.; GOLDSTEIN, P. (Eds.). **Reception Study: From Literary Theory to Cultural Studies.** New York: Routledge, 2000. p. 29-38.
- FIX, U.; HABSCHEID, S.; KLEIN, J. (EDS.). **Zur Kulturspezifik von Textsorten.** Tübingen: Stauffenburg, 2001.
- FLIEDL, K. Dichte deine Droste! **Text**, v. 9, p. 161-163, 2004.
- FORSYTH, P. **Marketing in publishing.** London & New York: Routledge, 1997.
- FRANK, G. **Krise und Experiment: komplexe Erzähltexte im literarischen Umbruch**

- des 19. Jahrhunderts.** Wiesbaden: DUV, 1998.
- FRANK, G. Auf dem Weg zum Realismus. In: BEGEMANN, C. (Ed.). **Realismus: Epoche, Autoren, Werke.** Darmstadt: Wiss. Buchges, 2007. p. 27-44.
- FRANZOS, K. E. Eine Novelle und ihre Quellen. **Allgemeine Zeitung des Judentums**, p. 609-611/619f/632f, 1897.
- GAEHTGENS, B. (ED.). **Genremalerei.** Berlin: Reimer, 2002. v. 4
- GEBAUER, M. Das heimische Unheimliche. Gattungsästhetische Überlegungen zu Annette von Droste-Hülshoffs Kriminalerzählung "Die Judenbuche". **Text & Kontext. Jahrbuch für germanistische Literatur in Skandinavien**, v. 31, p. 54-79, 2009.
- GEISS, I. **Geschichte griffbereit. Band 4: Begriffe. Die sachsystematische Dimension der Weltgeschichte.** Gütersloh & München: Wissen.de Verlag, 2002.
- GELBER, M. H. What is Literary Antisemitism? **Jewish Social Studies**, v. 47, n. 1, p. 1-20, 1985.
- GENETTE, G. **Paratextos editoriais.** Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GEULEN, C. **Geschichte des Rassismus.** München: Beck, 2007.
- GILMAN, S. L. Zwanzig Mark oder: Die sichtbare Unsichtbarkeit der Juden im "neuen" Deutschland. In: MAYER-ISWANDY, C. (Ed.). **Zwischen Traum und Trauma – die Nation.** Tübingen: Stauffenburg, 1994. p. 167-195.
- GÖDDEN, W. Vom "Spätzünder" zum Bestseller. Vor 150 Jahren erschien Annette von Droste-Hülshoffs "Judenbuche". **Westfalenspiegel**, v. 41, n. 3, p. 31-33, 1992.
- GORZNY, W. (ED.). **Gesamtverzeichnis der Übersetzungen deutschsprachiger Werke (GVÜ). Berichtszeitraum 1954-1990.** München et al.: Sauer, 1992.
- GRAY, R. T. Red Herrings and Blue Smocks: Ecological Destruction, Commercialism and Anti-Semitism in Annette von Droste-Hülshoff's Die Judenbuche. **German Studies Review**, v. 26, p. 515-543, 2003.
- GRIMM, G. **Rezeptionsgeschichte. Grundlegung einer Theorie. Mit Analysen und Bibliographie.** München: Fink, 1977.
- GRYWATSCH, J. Ein "Sittengemälde" mit "Vorurtheil". Die Judenbuche als Quelle für das jüdische Leben im ländlichen Ostwestfalen um 1800. In: BAUMEIER, S.; STIEWE, H. (Eds.). **Die vergessenen Nachbarn. Juden auf dem Lande im östlichen Westfalen.** Bielefeld: Verlag für Regionalgeschichte, 2006. p. 109-120.
- GRYWATSCH, J. **Bibliographie: Jahresberichte.** Disponível em: <<http://www.lwl.org/LWL/Kultur/Droste/Bibliographie/neuerscheinungen>>.
- GRYWATSCH, J. (ED.). **Droste-Bibliographie 1981-2003.** Bielefeld: Aisthesis, 2005.
- GUBSER, M. **Literarischer Antisemitismus. Untersuchungen zu Gustav Freytag und anderen bürgerlichen Schriftstellern des 19. Jahrhunderts.** Göttingen: Wallstein, 1998.
- GUTHRIE, J. **Annette von Droste-Hülshoff: A German Poet Between Romanticism and Realism.** Oxford: Berg, 1989.
- HAUMANN, H. **Geschichte der Ostjuden.** München: dtv, 1991.

- HAUSCHILD, R. Die Herkunft und Textgestaltung der hebräischen Inschrift in der Judenbuche der Annette von Droste-Hülshoff. **Euphorion**, v. 46, p. 85-99, 1952.
- HAVERBUSCH, A. (ED.). **Annette von Droste-Hülshoff. Historisch-Kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel, Bd. 14, 1-2: Droste-Bibliographie.** Tübingen: Max Niemeyer, 1983.
- HAXTHAUSEN, A. VON. Geschichte eines Algerier-Sklaven. In: BEGEMANN, C. (Ed.). **Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen. Text und Kommentar.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999. p. 67-79.
- HAXTHAUSEN, A. VON. **Geschichte eines Algierer-Sklaven: Urfassung der "Judenbuche"**. Tradução Gerta Thier. Brakel: G. Thier, 2000.
- HELPER, M. B. "Wer wagt es, eitlen Blutes Drang zu messen?": Reading Blood in Annette von Droste-Hülshoff's Die Judenbuche. **German Quarterly**, v. 71, n. 3, p. 228-253, 1998.
- HERMAND, J. **Geschichte der Germanistik.** Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1994.
- HERMANS, T. The Translator's Voice in Translated Narrative. **Target**, v. 8, n. 1, p. 23-48, 1996.
- HERMANS, T. **Translation in Systems: Descriptive and System-oriented Approaches Explained.** Manchester: St. Jerome, 1999.
- HERMANS, T. **The Conference of the Tongues.** Manchester: St. Jerome, 2007a.
- HERMANS, T. Translation, irritation and resonance. In: FUKARI, A.; WOLF, M. (Eds.). **Constructing a Sociology of Translation.** Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, 2007b. p. 57-75.
- HEYDEBRAND, R. VON; WINKO, S. **Einführung in die Wertung von Literatur. Systematik - Geschichte - Legitimation.** Paderborn u.A.: Schöningh, 1996.
- HOHENDAHL, P. U. Der privilegierte Leser. Rezeptionsästhetik und Reader-Response-Theory als konkurrierende Ansätze. In: ADAM, W.; DAINAT, H.; SCHANDERA, G. (Eds.). **Wissenschaft und Systemveränderung. Rezeptionsforschung in Ost und West - eine konvergente Entwicklung?** Heidelberg: Winter, 2003. p. 211-223.
- HOLUB, R. C. **Reception Theory. A Critical Introduction.** New York & London: Routledge, 2002.
- HORTZITZ, N. **"Früh-Antisemitismus" in Deutschland (1789 - 1871/72): strukturelle Untersuchungen zu Wortschatz, Text und Argumentation.** Tübingen: Niemeyer, 1987.
- HORTZITZ, N. Die Sprache der Judenfeindschaft. In: SCHOEPS, J. H.; SCHLÖR, J. (Eds.). **Antisemitismus: Vorurteile und Mythen.** München [u.a]: Piper, 1995. p. 19-40.
- HORTZITZ, N. Die Wortbildung im Dienst der Meinungssprache. Am Beispiel von Substantivkomposita mit "Jude" in antijüdischen Texten. In: KÖNIG, W.; ORTNER, L. (Eds.). **Sprachgeschichtliche Untersuchungen zum älteren und neueren Deutsch: Festschrift für Hans Wellmann zum 60. Geburtstag.** Heidelberg: Winter, 1996. p. 107-130.
- HORTZITZ, N. **Die Sprache der Judenfeindschaft in der frühen Neuzeit (1450 - 1700): Untersuchungen zu Wortschatz, Text und Argumentation.** Heidelberg: Winter,

2005.

- HOTZ, J. (ED.). **Der Brockhaus Geschichte. Personen, Daten, Hintergründe.** Mannheim & Leipzig: Brockhaus, 2003.
- HOUSE, J. **Translation Quality Assessment: A Model Revisited.** Tübingen: Narr, 1997.
- HUGE, W. **Annette von Droste-Hülshoff, Die Judenbuche: Erläuterungen und Dokumente.** Stuttgart: Reclam, 2006.
- HUGE, W. (ED.). **Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Bd. 5,2 Prosa, Dokumentation.** Tübingen: Niemeyer, 1984.
- HUGHES, T. **Selected translations.** New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.
- IEHL, D. **Le Monde religieux et poétique d'Annette von Droste-Hülshoff.** Paris: Didier, 1956.
- IEHL, D. Das Wort bei Annette von Droste-Hülshoff und Ingeborg Bachmann: Überlegungen zu zwei Gedichten. In: KLEIBER, C.; TUNNER, E. (Eds.). **Frauenliteratur in Österreich von 1945 bis heute.** Bern: Peter Lang, 1986. p. 63-72.
- INGHILLERI, M. The Ethical Task of the Translator in the Geo-political Arena. **Translation Studies**, v. 1, n. 2, p. 212-223, 2008.
- INGHILLERI, M.; MAIER, C. Ethics. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies.** 2. ed. London & New York: Routledge, 2011. p. 100-104.
- ISER, W. **Der Akt des Lesens. Theorie ästhetischer Wirkung.** München: Wilhelm Fink, 1994.
- JAKOBSON, R. Linguistik und Poetik [1960]. In: HOLENSTEIN, E.; SCHELBERT, T. (Eds.). **Roman Jakobson: Poetik. Ausgewählte Aufsätze 1921-1971.** 4. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005. p. 83-121.
- JANIKOWSKI, P. Tłumacz uwikłany. Kilka słów o przekładzie literatury młodzieżowej na przykładzie "Faith with Suicidal Tendencies" Davida Pierce'a. In: FAST, P. (Ed.). **Socjologiczne aspekty przekładu.** Studia o przekładzie. Katowice & Warszawa: Wydawnictwo "Ślask", 2004. p. 227-235.
- JAUSS, H. R. **Literaturgeschichte als Provokation.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.
- JAUSS, H. R. The Identity of the Poetic Text in the Changing Horizon of Understanding. In: MACHOR, J. L.; GOLDSTEIN, P. (Eds.). **Reception Study: From Literary Theory to Cultural Studies.** New York: Routledge, 2000. p. 7-28.
- JONES, F. R. Literary translation. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies.** 2. ed. London & New York: Routledge, 2011. p. 152-157.
- JOOS, J. C. **Trustees for the public? Britische Buchverlage zwischen intellektueller Selbstständigkeit, wirtschaftlichem Interesse und patriotischer Verpflichtung zur Zeit des Zweiten Weltkriegs.** Wiesbaden: Harrassowitz, 2008.
- KATZ, J. Zionism vs. Anti-Semitism. **Commentary**, v. 67, n. 4, p. 46-52, 1979.
- KELLER, G. **Tükör, a cica: mese.** Tradução Lorinc Szabó. Berlin-Dahlem: Kampmann, 1941.

- KILCHER, A. Das magische Gesetz der hebräischen Sprache: Drostes Judenbuche und der spätrömantische Diskurs über die jüdische Magie. **Zeitschrift für Deutsche Philologie**, v. 118, n. 2, p. 234-265, 1999.
- KILCHER, A.; KREMER, D. Romantische Korrespondenzen und jüdische Schriftmagie in Drostes Judenbuche. In: RIBBAT, E. (Ed.). **Dialoge mit der Droste**. Paderborn u.A.: Schöningh, 1998. p. 249-262.
- KIMMICH, D.; STIEGLER, B. (EDS.). **Zur Rezeption der Rezeptionstheorie**. Berlin: BWV Berliner Wissenschafts-Verlag, 2003.
- KITTEL, H. (ED.). **International Anthologies of Literature in Translation**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1995.
- KLEMPERER, V. **LTI**. 22. ed. Stuttgart: Reclam, 2007.
- KOPSAKANGAS, E. **Die Sprache in Annette von Droste-Hülshoffs Die Judenbuche**. Helsinki: Helsingin yliopisto, 1953.
- KÖRTE, M. Das "Bild des Juden in der Literatur". Berührungen und Grenzen von Literaturwissenschaft und Antisemitismusforschung. **Jahrbuch für Antisemitismusforschung**, v. 7, p. 140-150, 1998.
- KÖRTE, M. **Die Uneinholbarkeit des Verfolgten: der Ewige Jude in der literarischen Phantastik**. Frankfurt am Main & New York: Campus-Verlag, 2000.
- KÖRTE, M. Judenfiguren in der Literatur. Shylock, Ewiger Jude, Jud Süß. In: BENZ, W. (Ed.). **Der Hass gegen die Juden: Dimensionen und Formen des Antisemitismus**. Positionen, Perspektiven, Diagnosen. Berlin: Metropol-Verlag, 2008. p. 83-102.
- KÖRTE, M. Literarischer Antisemitismus. In: BENZ, W. (Ed.). **Handbuch des Antisemitismus. Judenfeindschaft in Geschichte und Gegenwart. Band 3: Begriffe, Theorien, Ideologien**. Handbuch des Antisemitismus. Berlin & New York: De Gruyter, 2010. p. 195-200.
- KÖRTE, M.; STOCKHAMMER, R. (EDS.). **Ahasvers Spur: Dichtungen und Dokumente vom "Ewigen Juden"**. Leipzig: Reclam, 1995.
- KOSKINEN, K. **Beyond Ambivalence: Postmodernity and the Ethics of Translation**. Tampere, Finland: University of Tampere, 2000.
- KREBS, K. **Cultural dissemination and translational communities: German drama in English translation, 1900-1914**. Manchester, UK: St. Jerome, 2007.
- KRECH, A. **Schauererlebnis und Sinngewinn. Wirkungen des Unheimlichen in fünf Meisternovellen des 19. Jahrhunderts**. Frankfurt am Main et al.: Peter Lang, 1992.
- KROBB, F. Was bedeutet literarischer Antisemitismus im 19. Jahrhundert? In: BOGDAL, K.-M.; HOLZ, K.; LORENZ, M. N. (Eds.). **Literarischer Antisemitismus nach Auschwitz**. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2007. p. 85-102.
- KRUS, H.-D. **Mordsache Soistmann Berend. Zum historischen Hintergrund der Novelle "Die Judenbuche" von Annette von Droste-Hülshoff**. Münster: Aschendorff, 1990.
- KÜHLMANN, W. Schiffbruch, Notstand und "rechtsfreier Raum" (Vergeltung von Annette von Droste-Hülshoff und ein Roman von Willibald Alexis). **Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur**, v. 31, n. 2, p. 228-239, 2006.

- KUNZ, J. **Die deutsche Novelle im 19. Jahrhundert**. 2. ed. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1978.
- LANGEN, A. Annette von Droste-Hülshoff. In: STAMMLER, W. (Ed.). **Deutsche Philologie im Aufriß**. Berlin: E. Schmidt, 1957. v. 1p. 1321ff.
- LEFEVERE, A. Why Waste Our Time on Rewrites? The Trouble With Interpretation and the Role of Rewriting in an Alternative Paradigm. In: HERMANS, T. (Ed.). **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. London: Croom Helm, 1985. p. 215-243.
- LEFEVERE, A. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London & New York: Routledge, 1992a.
- LEFEVERE, A. **Translating Literature. Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. New York: MLA, 1992b.
- LEFEVERE, A. German Literature for Americans 1840-1940. In: KITTEL, H. (Ed.). **International Anthologies of Literature in Translation**. Göttinger Beiträge zur Internationalen Übersetzungsforschung. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1995. p. 40-55.
- LEFEVERE, A. Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature. In: VENUTI, L. (Ed.). **The translation studies reader**. 2. ed. New York & London: Routledge, 2004. p. 239-255.
- LEUVEN-ZWART, K. M. VAN. Translation and Original: Similiarities and Dissimilarities, I. **Target**, v. 1, n. 2, p. 151-181, 1989.
- LEUVEN-ZWART, K. M. VAN. Translation and Original: Similiarities and Dissimilarities, II. **Target**, v. 2, n. 1, p. 69-95, 1990.
- LEVY, D.; SZNAIDER, N. **Erinnerung im globalen Zeitalter: Der Holocaust**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.
- LEVY, R. S. (ED.). **Antisemitism: a historical encyclopedia of prejudice and persecution**. Santa Barbara, Calif. et al.: ABC-CLIO, 2005.
- LIEBRAND, C. **Kreative Refakturen: Annette von Droste-Hülshoffs Texte**. Freiburg i. Br. [u.a.]: Rombach Verlag, 2008.
- LIEBRAND, C. Drostes "Judenbuche" als Genre-Hybride. **Der Deutschunterricht**, v. 63, n. 4, p. 13-21, 2011.
- LINDKEN, H.-U. **Erläuterungen zu Annette von Droste-Hülshoff, Die Judenbuche**. 3. ed. Hollfeld: Bange, 1988.
- LINNARTZ, K. **Studien zur Sprache der Annette von Droste-Hülshoff**. Köln: Elsner, 1903.
- LOEWENBERG, J. Zu der "Judenbuche" von Annette von Droste-Hülshoff. **Das literarische Echo - Halbmonatschrift für Literaturfreunde**, p. 1247, 1920.
- LORENZ, M. N. **Literatur und Zensur in der Demokratie. Die Bundesrepublik und die Freiheit der Kunst**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009.
- MACHOR, J. L.; GOLDSTEIN, P. **Reception Study: From Literary Theory to Cultural Studies**. New York: Routledge, 2000.
- MAIER, C. The Translator's Visibility: The Rights and Responsibilities Thereof. In:

- SALAMA-CARR, M. (Ed.). **Translating and Interpreting Conflict**. Amsterdam & New York: Rodopi, 2007. p. 255-266.
- MAILLOUX, S. Interpretation and Rhetorical Hermeneutics. In: MACHOR, J. L.; GOLDSTEIN, P. (Eds.). **Reception Study: From Literary Theory to Cultural Studies**. New York: Routledge, 2000. p. 39-60.
- MAN, P. DE. Reading and History. In: MAN, P. DE (Ed.). **The Resistance to Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986. p. 54-72.
- MARCUSCHI, L. A. Generos textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Eds.). **Gêneros textuais e ensino**. Estratégias de ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.
- MASON, I. Audience Design in Translating. **The Translator**, v. 6, n. 1, p. 1-22, 2002.
- MASSEY, I. **Philo-Semitism in Nineteenth-Century German Literature**. Tübingen: Niemeyer, 2000.
- MAYER, H. **Außenseiter**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.
- MAYER, M. Drostes Ballade "Die Vergeltung" zwischen Moral und Ethik. **Wirkendes Wort**, v. 57, n. 1, p. 11-18, 2007.
- MECKLENBURG, N. **Der Fall Judenbuche: Revision eines Fehlurteils**. Bielefeld: Aisthesis, 2008.
- MEISELS, S. Die Judenbuche. **Bayerische Israelitische Gemeindezeitung**, p. 185-186, 1928.
- MILES, R.; BROWN, M. **Racism**. 2. ed. London & New York: Routledge, 2006.
- MIYAMOTO, H. Wie entwickelt der Japaner die Kraft der Analyse in bezug auf literarische Werke? - durch das Gespräch über "Die Judenbuche" zwischen einem Japaner und einem Deutschen. **Norden (Sapporo)**, v. 7, p. 1-27, 1969.
- MORITZ, K. P. **Droste-Hülshoff: Die Judenbuche. Sittengemälde und Kriminalnovelle**. Paderborn: Schöningh, 1980.
- MÜLLER, B. **"Dichterbilder" in Literaturgeschichten. Die Darstellung Droste-Hülshoff, Heines und Mörikes in literaturgeschichtlichen Kommentaren**. München: Books on Demand, 2004.
- MÜLLER, J. Annette von Droste-Hülshoff und die Problematik des Dichterischen im 19. Jahrhundert. **Zeitschrift für Deutsche Geisteswissenschaft**, v. 2, n. 1, p. 360-379, 40 1939.
- NAGATANI, M. Zur Droste-Rezeption in Japan. Überblick und Ausblick. Bibliographie: Annette von Droste-Hülshoff in Japan. **Doitsu Bungaku - Neue Beiträge**, v. 128, n. 4, p. 117-142, 2005.
- NEUHAUS, S. **Literaturvermittlung**. Konstanz: UVK, 2009.
- NIETHAMMER, O. Kanonisierung als patriarchalischer Selektionszwang? Das Beispiel Annette von Droste-Hülshoff. In: ARNOLD, H. L. (Ed.). **Literarische Kanonisierung. Text + Kritik. Zeitschrift für Literatur. Sonderband 2002**. München: edition text+kritik, 2002. p. 181-197.
- NORD, C. Loyalität statt Treue. Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie. **Lebende Sprachen**, v. 34, n. 3, p. 100-105, 1989.

- NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained.** Manchester: St. Jerome, 1997.
- NUSSER, P. **Der Kriminalroman.** 4. ed. Stuttgart: Metzler, 2009.
- NUTT-KOFOTH, R. Annette von Droste-Hülshoff. In: CRUSE, D. A. (Ed.). **Lexikologie / Lexicology: Ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen / An International Handbook on the Nature and Structure of Words and Vocabularies.** Berlin: de Gruyter, 2005. p. 1494-1497.
- OELS, D. Über den Germanisten Richard M. Meyer: Brücken über die Spree. **Der Tagesspiegel Online**, 26. set 2010.
- ÖLKE, M. **“Heimweh” und ‘Sehnsucht in die Ferne: Entwürfe von “Heimat” und “Fremde” in der westfälischen und orientalischen Lyrik und Prosa Annette von Droste-Hülshoffs.** St. Ingbert: Röhrig, 2002.
- PALMIERI, A. Die Judenbuche - eine antisemitische Novelle? In: HEUER, R.; WUTHENOW, R.-R. (Eds.). **Gegenbilder und Vorurteil: Aspekte des Judentums im Werk deutschsprachiger Schriftstellerinnen.** Frankfurt: Campus, 1995. p. 9-21.
- PALOPOSKI, O. Limits of freedom: Agency, choice and constraints in the work of the translator. In: MILTON, J.; BANDIA, P. (Eds.). **Agents of Translation.** Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 189-208.
- PICKAR, G. B. The “Bauernhochzeit” in Droste’s Die Judenbuche: A Contemporary Reading. In: BODI, L. (Ed.). **Weltbürger - Textwelten.** Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995. p. 68-93.
- PYM, A. (ED.). **The Return to Ethics.** Manchester: St. Jerome, 2001.
- RAPHAEL, F. Der Wucherer. In: SCHOEPS, J. H.; SCHLÖR, J. (Eds.). **Antisemitismus: Vorurteile und Mythen.** München [u.a]: Piper, 1995. p. 103-118.
- RECKWITZ, A. Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.
- REQUADT, P. Illustrationen zur “Judenbuche” der Droste am Rand des Expressionismus. **Unold - Nauen - Kubin. Wetsfalen (Münster)**, v. 57, n. 1/4, p. 101-115, 1979.
- RIEB, C. “Ich kann nichts davon oder dazu tun”. Zur Fiktion der Berichterstattung in Annette von Droste-Hülshoffs Judenbuche. In: BRANDT, W. (Ed.). **Erzähler - Erzählen - Erzähltes. Festschrift für Rudolf Freudenberg.** Stuttgart: Franz Steiner, 1994. p. 47-65.
- RITCHIE, J. M.; LÖSEL, F. Lionel Thomas - An Appreciation. In: ATTWOOD, D. (Ed.). **For Lionel Thomas. A collection of essays presented in his memory.** Hull: University of Hull, 1980. p. xi-xiii.
- ROBERTSON, R. Franzos, Karl Emil. In: KILLY, W. (Ed.). **Literaturlexikon: Autoren und Werke deutscher Sprache.** Gütersloh u.A.: Bertelsmann, 1989. v. 3p. 498-499.
- ROBINSON, S. L. **Blood Will Tell: Vampires as Political Metaphors Before World War I.** Boston: Academic Studies Press, 2011.
- ROE, H. M. **Translation and interpretation: three English versions of Die Judenbuche.** Ann Arbor, Mich.: UMI, 1998.
- ROHRBACHER, S. Die “Hep-Hep-Krawalle” und der “Ritualmord” des Jahres 1819 zu

- Dormagen. In: ERB, R.; SCHMIDT, M. (Eds.). **Antisemitismus und jüdische Geschichte: Studien zu Ehren von Herbert A. Strauss**. Berlin: Wissenschaftlicher Autorenverlag, 1987. p. 135-148.
- ROHRBACHER, S. The “Hep Hep” Riots of 1819: Anti-Jewish Ideology, Agitation and Violence. In: HOFFMANN, C.; BERGMANN, W.; SMITH, H. W. (Eds.). **Exclusionary violence: antisemitic riots in modern German history**. Social history, popular culture, and politics in Germany. Ann Arbor, Mich.: University of Michigan Press, 2002. p. 23-42.
- ROHRBACHER, S.; SCHMIDT, M. **Judenbilder. Kulturgeschichte antijüdischer Mythen und antisemitischer Vorurteile**. Reinbeck: Rowohlt, 1991.
- RUSCH, G. Literaturverarbeitung. In: NÜNNING, A. (Ed.). **Metzler Lexikon Literatur und Kulturtheorie**. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2001a. p. 388.
- RUSCH, G. Empirische Theorie der Literatur. In: NÜNNING, A. (Ed.). **Metzler Lexikon Literatur und Kulturtheorie**. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2001b. p. 141-143.
- SAMMONS, J. **Die Protokolle der Weisen von Zion : die Grundlage des modernen Antisemitismus, eine Fälschung : Text und Kommentar**. Göttingen: Wallstein, 1998.
- SAMMONS, J. **The Shifting Fortunes of Wilhelm Raabe. A History of Criticism as a Cautionary Tale**. Columbia, SC: Camden House, 2002.
- SCHMIDT, M. Hinter den Spiegeln. Mergels Uhr und Aarons Risiko. Aufsatz ohne Untertitel. In: HEIL, J.; WACKER, B. (Eds.). **Shylock? Zinsverkehr und Geldverleih in jüdischer und christlicher Tradition**. München: Fink, 1997. p. 171-180.
- SCHMITZ, C. Annette von Drostes “Judenbuche” im Lichte moderner Kunsttheorie. **Zeitschrift für deutsche Bildung**, v. 17, p. 183-188, 1941.
- SCHNEIDER, J. Einleitung. In: SCHNEIDER, J. (Ed.). **Methodengeschichte der Germanistik**. Berlin & New York: de Gruyter, 2009. p. 1-32.
- SCHNEIDER, R. **Annette von Droste-Hülshoff**. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 1995.
- SCHOEPS, J. H.; SCHLÖR, J. (EDS.). **Antisemitismus: Vorurteile und Mythen**. München [u.a]: Piper, 1995.
- SCHUBERT, K. **Jüdische Geschichte**. 6. ed. München: Beck, 2007.
- SHACHAR, I. **The “Judensau”: A Medieval Anti-Jewish motif and its History**. London: The Warburg Institute - University of London, 1974.
- SILVA, L. S. B. DA. **Annette von Droste-Hülshoff: isolacionismo e universalismo da sua obra**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1955.
- SIMEONI, D. The Pivotal Status of the Translator’s Habitus. **Target**, v. 10, n. 1, p. 1-39, 1998.
- SIMMS, K. Introduction. In: SIMMS, K. (Ed.). **Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects**. Amsterdam: Rodopi, 1997. p. 1-26.
- SPERBER, D.; WILSON, D. Relevance Theory. In: HORN, L. R.; WARD, G. (Eds.). **The**

- Handbook of Pragmatics.** Blackwell Handbooks in Linguistics. Oxford: Blackwell, 2004. p. 607-632.
- STANITZEK, G. Buch: Medium und Form - in paratexttheoretischer Perspektive. In: RAUTENBERG, U. (Ed.). **Buchwissenschaft in Deutschland: Ein Handbuch. Bd. 1: Theorie und Forschung.** Berlin & New York: De Gruyter, 2010. v. 1p. 157-202.
- STARK, I. For All Its Perversity, Art Must Be Free. **Sh'ma**, v. 7, n. 127, p. 58-59, 1977.
- STERN, G. The Rhetoric of Anti-Semitism in Postwar American Literature. In: GILMAN, S. L.; KATZ, S. T. (Eds.). **Anti-Semitism in Times of Crisis.** New York & London: New York University Press, 1991. p. 291-310.
- STIEWE, H. Jüdische Wohn- und Alltagskultur im Freilichtmuseum. Zur Translozierung des Hauses Uhlmann/Steilberg aus Ovenhausen (Kr. Höxter) ins Westfälische Freilichtmuseum Detmold. In: STEINECKE, H.; TIGGESBÄUMKER, G. (Eds.). **Jüdische Literatur in Westfalen. Vergangenheit und Gegenwart. Symposium im Museum Bökerhof 27. bis 29. Oktober 2000.** Bielefeld: Aisthesis, 2002. p. 185-194.
- STORM, T. **Aquis submersus.** Tradução Lorinc Szabó. Berlin-Dahlem: Kampmann, 1941.
- SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- THOMAS, L. H. C. Die Judenbuche by Annette von Droste-Hülshoff. **Modern Language Review**, v. 54, p. 56-65, 1959.
- THOMAS, L. H. C. "Die Judenbuche" and English literature. **MLR**, v. 64, n. 2, p. 351-354, 1969.
- TITZMANN, M. **Zwischen Goethezeit und Realismus. Wandel und Spezifik in der Phase des Biedermeier.** Tübingen: Niemeyer, 2002.
- TOMPKINS, J. P. The Reader in History: The Changing Shape of Literary Response. In: TOMPKINS, J. P. (Ed.). **Reader-Response Criticism.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988. p. 201-232.
- TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond.** Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- TREDER, U. Annette von Droste-Hülshoff und die Schriftstellerinnen ihrer Zeit. In: NIETHAMMER, O.; BELEMANN, C. (Eds.). **Ein Gitter aus Musik und Sprache: Feministische Analysen zu Annette von Droste-Hülshoff.** Schöningh: Schöningh, 1993. p. 159-171.
- TYMOCZKO, M. **Enlarging Translation, Empowering Translators.** Manchester & Kinderhook, NY: St. Jerome, 2007.
- VEENKER, W. Die Entwicklung der Finnougristik im deutschsprachigen Raum. **Hungarian Studies**, v. 1, n. 1, p. 117-151, 1986.
- VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: a History of Translation.** London & New York: Routledge, 1995.
- VERMEER, H. J. Retro- oder prospektiv? Bibelübersetzung als Beispiel. **Der Deutschunterricht**, v. 42, n. 1, p. 59-64, 1990.
- VÖRÖSMARTY, M.; FÜHRMANN, F. **A holdvilágos éj. Csongor és Tünde. Gondolatok a könyvtárban. Előszó. A vén cigány / Die Mondscheinnacht /**

- Istenítélet 7 Das Gottesgericht.** Tradução Pál Kárpáti. Budapest: Argumentum Kiadó, 2002.
- VOßKAMP, W. Kontinuität und Diskontinuität. Zur deutschen Literaturwissenschaft im Dritten Reich. In: LUNDGREEN, P. (Ed.). **Wissenschaft im Dritten Reich.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985. p. 140-162.
- WALDBAUER, P. **Lexikon der antisemitischen Klischees : antijüdische Vorurteile und ihre historische Entstehung.** Murnau: Mankau, 2007.
- WALDEN, D. Three Cases of Literary Antisemitism. **Sh'ma**, v. 7, n. 124, p. 26-28, 1976.
- WARNKE, I. Intrakulturell versus interkulturell – zur kulturellen Bedingtheit von Textmustern. In: FIX, U.; HABSCHEID, S.; KLEIN, J. (Eds.). **Zur Kulturspezifität von Textsorten.** Tübingen: Stauffenburg, 2001. p. 241-254.
- WEBBER, A. **The Doppelgänger. Double Visions in German Literature.** Oxford: Clarendon Press, 1996.
- WEBBER, A. Traumatic Identities: Race and Gender in Annette von Droste-Hülshoff's Die Judenbuche and Freud's Der Mann Moses. In: MARTIN, L. (Ed.). **Harmony in Discord. German Women Writers in the Eighteenth and Nineteenth Centuries.** Oxford et al.: Lang, 2001. p. 185-205.
- WELLS, L. D. Indeterminacy as Provocation: The Reader's Role in Annette von Droste-Hülshoff's Die Judenbuche. **MLN**, v. 94, n. 3, p. 475-492, 1979.
- WERNER, M. Dichtung oder Wahrheit? Empirie und Fiktion in A. von Haxthausens "Geschichte eines Algerier-Sklaven", der Hauptquelle zur "Judenbuche" der Droste. **Zeitschrift für Deutsche Philologie**, v. 99, n. Sonderheft, p. 21-31, 1979.
- WILLER, U. "Die Judenbuche" und ihre Illustratoren. Zum 200. Geburtstag der Dichterin Annette von Droste-Hülshoff am 10. Januar 1997. **Illustration** 63, v. 33, n. 2 & 3, p. 2/47-52 & 3/93-100, 1996.
- WILPERT, G. VON. **Sachwörterbuch der Literatur.** 7. ed. Stuttgart: Kröner, 1989.
- WINTER, J. Thinking about Silence. In: BEN-ZE'EV, E.; GINIO, R.; WINTER, J. (Eds.). **Shadows of War: A Social History of Silence in the Twentieth Century.** Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2010. p. 3-31.
- WITTKOWSKI, W. Das Rätsel der Judenbuche und seine Lösung: Religiöse Geheimsignale in Zeitangaben der Literatur um 1840. **Sprachkunst: Beiträge zur Literaturwissenschaft**, v. 16, n. 2, p. 175-192, 1985.
- WOESLER, W. Die Vergeltung von Annette von Droste-Hülshoff: Eine Interpretation. In: HOLZHAUER, H. (Ed.). **Die Judenbuche (1842) / Die Vergeltung (1841).** Baden-Baden: Nomos, 2000. p. 81-87.
- WOESLER, W. (ED.). **Annette von Droste-Hülshoff. Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel.** Tübingen: Niemeyer, 1978.
- WOESLER, W. (ED.). **Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-Kritische Ausgabe. Bd. 10: Briefe 1843-1848. 1. Text.** Tübingen: Niemeyer, 1992.
- WOESLER, W.; HAVERBUSCH, A. **Modellfall der Rezeptionsforschung: Droste-Rezeption im 19. Jh. : Dokumentation, Analysen, Bibliographie.** Frankfurt am Main: Peter Lang, 1980.
- WOLLER, H. **Geschichte Italiens im 20. Jahrhundert.** München: C.H. Beck, 2010.

- YERUSHALMI, Y. H. **Zachor: erinnere Dich! Jüdische Geschichte und jüdisches Gedächtnis.** Berlin: Wagenbach, 1988.
- ZANGANEH, L. A. "Mein Kampf": The Italian Edition. **The New York Times**, 7 nov 2004.
- ZELLER, H. Zur Deutungsproblematik der Judenbuche - semiotisch gesehen. **Beiträge zur Droste-Forschung**, v. 5, p. 95-104, 82 1978.
- ZUMBINI, M. F. **Die Wurzeln des Bösen. Gründerjahre des Antisemitismus: Von der Bismarckzeit zu Hitler.** Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2003.

Anexo: Tabelas

Tabela 8: As traduções do corpus: informações editoriais

<i>Tradução</i>	<i>Idioma(s) da publicação</i>	<i>País da publicação</i>	<i>Lugar da publicação</i>	<i>Editora</i>	<i>Tradutor(es) da "Judenbuche"²⁶⁹</i>	<i>Outros colaboradores da edição</i>
1913-en	inglês	EUA	Nova Iorque	The German Publication Society	Winter, Lillie, A.B.	Francke, Kuno Meyer, Richard M., Ph.D.
1923-dk	dinamarquês	Dinamarca	Flensburg	Slesvigsk Forlag	Gantzel, Knud	Haarhaus , J[ulius] R[üttger]
1923-nl	holandês	Países Baixos	Eindhoven	N.V. Lecturis	Fischerin, D.	
1933-it	italiano	Itália	Bolonha	Capelli	Bertsch, August Saffo Sapere, Ada	
1934-en	inglês	Reino Unido	Oxford	Oxford University Press	Bennett, E.N.	Bennett, E.K.
1938-cz	tcheco	Checoslováquia	Brno	Edice Atlantis	Reindl, O.	
1941-hu	húngaro	Alemanha	Berlim	Kampmann	Szabó, Lőrinc	W. E.
1957-hu	húngaro	Hungria	Budapeste	Európa Könyvkiadó	Szabó, Lőrinc	Keresztury, Dezső Walkó, György
1958-en	inglês	Reino Unido	Londres	Calder	Thomas, Doris Thomas, Lionel	
1958-fr	francês / alemão	França	Paris	Aubier	Brachin, Pierre	Iehl, Dominique
1966-sv	sueco / alemão	Suécia	Estocolmo	Nilóé	Tenfält, Margaret	Lombard, Alf Lindström, Erik Åhlén, Henrik Bauer, Erika
1968-hu	húngaro	Hungria	Budapeste	Magyar Helikon	Szabó, Lőrinc	
1975-en	inglês	EUA	Nova Iorque	Ungar	Bullock, Michael	Mornin, Edward
1977-es	espanhol	Argentina	Buenos Aires	Corigedor	Brugger, Ilse M. de	
1979-no	norueguês	Noruega	Lysaker	Solum Forlag	Hortenbach, Jenny C. Monsen	

²⁶⁹ Os nomes tanto dos tradutores, quanto dos outros colaboradores editoriais são informados tal como encontrados nas traduções.

<i>Tradução</i>	<i>Idioma(s) da publicação</i>	<i>País da publicação</i>	<i>Lugar da publicação</i>	<i>Editora</i>	<i>Tradutor(es) da "Judenbuche"</i>	<i>Outros colaboradores da edição</i>
1983-hu	húngaro	Hungria	Budapeste	Európa Könyvkiadó	Szabó, Lőrinc	Györffy, Miklós
1984-nl	holandês	Países Baixos	Tricht	Goossens	Schippers, Elly	Ester, Hans
1987-it	italiano	Itália	Roma	Salerno	Politi, Francesco	Kunz, Josef Alker, Ernst
1989-en	inglês	EUA	Nova Iorque	Continuum	Thomas, Doris Thomas, Lionel	Sammons, Jeffrey L.
1995-hu	húngaro	Hungria	Budapeste	Argumentum	Szabó, Lőrinc	
1996-es	espanhol	Espanha	Madrid	Ediciones Cátedra	Almendral, Ana Isabel	-
1997-en	inglês	Reino Unido	Oxford	Oxford University Press	Fleming, Michael Webber, Andrew	Webber, Andrew
1998-it	italiano / alemão	Itália	Veneza	Marsilio	Ducati, Laura Lombardo, Arianna Moro, Cristina Trepin, Giulia	Treder, Uta
2008-en	inglês	Reino Unido	Richmond	Oneworld Books	Thomas, Doris Thomas, Lionel	-
2010-en	inglês	Alemanha	Hannover	Wehrhahn	Swan, Sydney G.	Grywatsch, Jochen

Tabela 9: As traduções do corpus: títulos e coleções

Tradução	O título da "Judenbuche"	O título da antologia	Coleção
1913-en	<i>The Jew's Beech-Tree</i>	<i>The German Classics of Nineteenth and Twentieth Centuries. Masterpieces of German Literature</i> [Os clássicos alemães dos séculos XIX e XX. Obras primas da literatura alemã]	-
1923-dk	<i>Jøde-Bøgen</i>	-	-
1923-nl	<i>De Jodenbeuk</i>	<i>De Jodenbeuk. Zedenschildering uit't Heuvelland van Westfalen / Op der Heide</i> [A faia dos judeus. Quadro de costumes da Westfália serrana / Na charneca]	<i>Lecturis-Verhalen 1</i> [Contos Lecturis]
1933-it	<i>Il faggio dei giudei</i>	-	-
1934-en	<i>The Jews' Beech-Tree</i>	<i>Selected German Short Stories</i> [Contos alemães escolhidos]	<i>The World's Classics 415</i> [Clássicos do mundo]
1938-cz	<i>Židův Buk</i>	-	-
1941-hu	<i>A Zsidóbükk</i>	-	<i>Kazinczy könyvtar 2</i> [Biblioteca Kazinczy]
1957-hu	<i>A Zsidóbükk</i>	<i>A német elbeszéles mesterei</i> [Mestres do conto alemães]	<i>A világirodalom klasszikusai</i> [Clássicos da literatura mundial]
1958-en	<i>The Jew's Beech</i>	-	<i>Calderbook CB.47</i> [Livro Calder]
1958-fr	<i>Le hêtre aux juifs</i>	-	<i>Collection bilingue des classiques étrangères</i> [Coleção bilingue de clássicos estrangeiros]
1966-sv	<i>Judeboken</i>	<i>Svarta galären</i> [A galera negra]	<i>Den klassiska litteraturens mäterwerk 142</i> [Obras primas da literatura clássica]
1968-hu	<i>A Zsidóbükk</i>	<i>Klasszikus német kisregények</i> [Novelas alemãs clássicas]	<i>Helikon klasszikusok</i> [Clássicos Helikon]
1975-en	<i>The Jews' Beech Tree</i>	<i>Three Eerie Tales from 19th Century German</i> [Três contos fantásticos do alemão do século XIX]	-
1977-es	<i>El haya de los judíos</i>	<i>Cuentos alemanes del siglo 19</i> [Contos alemães do século XIX]	-
1979-no	<i>Jødebøken</i>	-	-
1983-hu	<i>A zsidóbükk</i>	<i>XIX. századi német elbeszélők</i> [Narradores de língua alemã do século XIX]	<i>A világirodalom klasszikusai</i> [Clássicos da literatura mundial]
1984-nl	<i>De jodenbeuk</i>	-	<i>Marmerboeken</i> [Livro de mármore]
1987-it	<i>Il faggio degli ebrei</i>	-	<i>Omikron 23</i>
1989-en	<i>The Jew's Beech</i>	<i>German Novellas of Realism</i> [Novelas alemãs do Realismo]	<i>The German Library 37</i> [A biblioteca alemã]
1995-hu	<i>A Zsidóbükk</i>	<i>Die Judenbuche = A Zsidóbükk / Szárnyas Lovak = Geflügelte Pferde</i> [A faia dos judeus / Cavalos alados]	<i>Medaillon Littera 1</i>

<i>Tradução</i>	<i>O título da "Judenbuche"</i>	<i>O título da antologia</i>	<i>Coleção</i>
1996-es	<i>El haya de los judíos</i>	<i>El haya de los judíos – Ledwina</i> [A faia dos judeus - Ledwina]	<i>Letras universales 240</i> [Letras universais]
1997-en	<i>The Jew's Beech</i>	<i>Eight German Novellas</i> [Oito novelas alemãs]	<i>The World's Classics</i> [Clássicos do mundo]
1998-it	<i>Il faggio degli ebrei</i>	-	<i>Gli Elfi – Collana di classici tedeschi diretta da Maria Fancelli / Letteratura universale Marsilio</i> [Elfos – Coleção de clássicos alemães organizado pela Maria Fancelli / Literatura universal Marsilio]
2008-en	<i>The Jew's Beech</i>	-	-
2010-en	<i>Jews Beech</i>	<i>Jews Beech – Westphalian Sketches from a Westphalian Pen</i> [A faia dos judeus – Narrativas westfalianas de uma pena westfaliana]	<i>New Encounters – 18th- and 19th-Century German Texts 2</i> [Novos encontros – textos alemães dos séculos XVIII e XIX]

Tabela 10: As traduções do corpus: peritextos

<i>Tradução</i>	<i>Os peritextos dos tradutores</i> ²⁷⁰	<i>Os peritextos de outra autoria</i>
1913-en		<i>Editor's Preface</i> [Prefácio do organizador] <i>Publishers' Foreword</i> [Prefácio dos editores] <i>General Introduction</i> [Introdução geral]
1923-dk		<i>Indledning</i> [Introdução]
1923-nl		
1933-it	<i>Prefazione</i> [Prefácio] <i>Genesi di Raconto</i> [Gênese da narrativa] <i>Cenni Biografici</i> [Cenas biográficas] Notas de rodapé	
1934-en		<i>Introduction</i> [Introdução]
1938-cz		
1941-hu		<i>Annette von Droste-Hülshoff</i>
1957-hu		<i>Előszó</i> [Prefácio] Nota biográfica <i>Jegyzetek</i> [Comentários]
1958-en	<i>Introduction</i> [Introdução] <i>Chronology</i> [Cronologia]	
1958-fr	Notas de rodapé	<i>Introduction</i> [Introdução]
1966-sv		Notas de rodapé
1968-hu		Comentários
1975-en		<i>Introduction</i> [Introdução]
1977-es	<i>Prólogo</i> [Prólogo] Comentários	<i>Fe de erratas</i> [Errata]

270 Na tabela, os títulos dos peritextos encontrados nas traduções são marcados em itálicos, seguidos por uma tradução do título para o português entre colchetes. Quando um peritexto encontrado não tinha título, apenas o tipo textual é indicado na tabela.

<i>Tradução</i>	<i>Os peritextos dos tradutores</i>	<i>Os peritextos de outra autoria</i>
1979-no	Introdução Notas de rodapé	
1983-hu		<i>A kötet szerzői. Jegyzetek</i> [Nota biográfica. Comentários]
1984-nl		<i>Nawoord</i> [Posfácio]
1987-it	<i>Nota del traduttore</i> [Nota do tradutor] <i>Bibliografia</i> [Bibliografia]	<i>Nota introduttiva</i> [Nota introdutiva] <i>Profilo biografico-critico</i> [Perfil biográfico-crítico]
1989-en		<i>Introduction</i> [Introdução] Notas de rodapé
1995-hu		Biografias dos autores da antologia Lista de mudanças editoriais Posfácio
1996-es	<i>Introducción</i> [Introdução] <i>Esta edición</i> [Esta edição] <i>Bibliografía</i> [Bibliografia] notas de rodapé	
1997-en	<i>Translator's Note</i> [Nota do tradutor] <i>Select Bibliography</i> [Bibliografia escolhida]	Texto editorial <i>Introduction</i> [Introdução] <i>Explanatory Notes</i> [Comentários]
1998-it	<i>L'autore e l'opera</i> [A autora e a obra] <i>Nota al testo</i> [Nota ao texto] <i>Commento</i> [Comentários] <i>Bibliografia</i> [Bibliografia]	<i>Introduzione</i> [Introdução]
2008-en	<i>Introduction</i> [Introdução] <i>Chronology</i> [Cronologia]	
2010-en	<i>Translator's Notes</i> [Notas do tradutor] <i>Notes on the Text</i> [Notas sobre o texto]	<i>Epilogue</i> [Epílogo]

Tabela 11: As traduções do corpus: os autores das antologias

<i>Tradução</i>	<i>Os autores da antologia</i> ²⁷¹
1913-en	Arnim, Bettina von - Droste-Hülshoff, Annette von - Freiligrath, Ferdinand – Geibel, Emanuel - Grün, Anastasius – Gutzkow, Karl – Hegel, G.W.F. – Herwegh, Georg – Immermann, Carl L. - Lenau, Nikolaus – Mörike, Eduard - Strachwitz, Moritz Graf von
1923-nl	Droste-Hülshoff, Annette von - Stifter, Adalbert
1934-en	Droste-Hülshoff, Annette von – Eichendorff, Josef von - Hoffmann, E.T.A. - Kleist, Heinrich von - Tieck, Ludwig
1957-hu	Chamisso, Adelbert, von – Droste-Hülshoff, Annette von – Eichendorff, Josef von – Goethe, Johann W. von – Gotthelf, Jeremias – Grillparzer, Franz – Heine, Heinrich - Hoffmann, E.T.A. - Jean Paul – Kleist, Heinrich von – Mörike, Eduard – Wieland, Martin
1966-sv	Droste-Hülshoff, Annette von – Raabe, Wilhelm
1968-hu	Chamisso, Adelbert von – Droste-Hülshoff, Annette von – Eichendorff, Josef von – Fontane, Theodor - Hoffmann, ETA – Kafka, Franz – Keller, Gottfried – Kleist, Heinrich von – Mann, Thomas – Meyer, Conrad Ferdinand – Mörike, Eduard – Musil, Robert – Storm, Theodor – Werfel, Franz – Zweig, Stefan
1975-en	Droste-Hülshoff, Annette von - Gotthelf, Jeremias - Storm, Theodor
1977-es	Brentano, Clemens – Droste-Hülshoff, Annette von – Gotthelf, Jeremias – Hebbel, Friedrich – Mörike, Eduard – Tieck, Ludwig
1983-hu	Chamisso, Adelbert von – Droste-Hülshoff, Annette von – Eichendorff, Josef von – Fontane, Theodor – Grillparzer, Franz - Hoffmann, E.T.A. - Keller, Gottfried – Kleist, Heinrich von – Meyer, Conrad Ferdinand – Mörike, Eduard – Storm, Theodor
1989-en	Droste-Hülshoff, Annette von – Gotthelf, Jeremias- Stifter, Adalbert
1995-hu	Droste-Hülshoff, Annette von – Mészöly, Miklos
1997-en	Büchner, Georg – Droste-Hülshoff, Annette von – Keller, Gottfried – Kleist, Heinrich von – Mörike, Eduard – Stifter, Adalbert – Storm, Theodor – Tieck, Ludwig

271 Os autores são colocados, na tabela, em ordem alfabética dos seus sobrenomes. A ordem dentro das publicações costuma divergir disso.

Tabela 12: A análise das estratégias de tradução

<i>Tradução</i>	<i>Intervenções no texto na íntegra</i>	<i>Tradução do poema inicial</i>	<i>Intervenções na estrutura dos parágrafos</i>	<i>Traduções dos topônimos</i>	<i>Traduções dos antropônimos²⁷²</i>
1913-en	sem divisão do texto original	falta	parágrafos dissolvidos		adaptação: Frederick Mergel, Fritzzy Huelsmeyer John Nobody
1923-dk			parágrafos dissolvidos		
1923-nl	divisão do texto em dois capítulos, mas diferentes das duas partes do original		parágrafos dissolvidos	"L" substituído por "S" (p. 72)	adaptação: Frederik Mergel, Frits, Fritsje Margriet Mergel, Griet Aäron Sijmen Semmler Johan Niemand
1933-it	divisão do texto em quatro capítulos	formato mais formal	parágrafos dissolvidos	"L" substituído por "B" (p. 111), explicação do "B" como Brakel em uma nota de rodapé	adaptação: Federico Merghel, Fredericuccio Margherita Semmler Simone Semmler Aronne Giovanni Nessuno
1934-en	sem divisão original do texto	falta			adaptação : Frederick Mergel John Nobody
1938-cz					adaptação: Bedřich Mergel, Fricku, Bedrisku Heřman Mergel Marketa Semmlerová Aron Jan Nikdo

²⁷² Os antropônimos analisados foram: "Friedrich Mergel" e os diminutivos ("Fritz", "Fritzchen"), "Margreth", "Hermann Mergel", "Simon Semmler", "Aaron" e "Johannes Niemand".

<i>Tradução</i>	<i>Intervenções no texto na íntegra</i>	<i>Tradução do poema inicial</i>	<i>Intervenções na estrutura dos parágrafos</i>	<i>Traduções dos topônimos</i>	<i>Traduções dos antropônimos</i>
1941-hu					adaptação: Mergel Frigyes Senki Johannes
1957-hu			parágrafos dissolvidos carta do presidente de P. impressa em itálicos		adaptação: Mergel Frigyes Senki Johannes
1958-en			parágrafos dissolvidos		explicação ²⁷³ : Johannes Niemand (Nobody)
1958-fr		traduzido em prosa			adaptação: Frédéric Mergel, Frédy Marguerite Semler Jean Personne
1966-sv	divisão do texto em dez capítulos	parte em sueco, parte em alemão	parágrafos dissolvidos		adaptação: Johannes Ingen
1968-hu			parágrafos dissolvidos carta do presidente de P. impressa em itálicos		adaptação Mergel Frigyes Senki Johannes
1975-en			parágrafos dissolvidos		adaptação: Johannes Nobody
1977-es			parágrafos dissolvidos		adaptação: Frederico Mergel, Federiquito Germán Mergel Margareta Semmler Simón Semmler Juan Nadie
1979-no					
1983-hu			parágrafos dissolvidos carta do presidente de P. impressa em itálicos		adaptação: Mergel Frigyes Senki Johannes

²⁷³ Como "explicação" foram interpretadas estratégias de adicionar uma explicação a um antropônimo.

<i>Tradução</i>	<i>Intervenções no texto na íntegra</i>	<i>Tradução do poema inicial</i>	<i>Intervenções na estrutura dos parágrafos</i>	<i>Traduções dos topônimos</i>	<i>Traduções dos antropônimos</i>
1984-nl					
1987-it	divisão do texto em três capítulos	formato mais formal	parágrafos dissolvidos		adaptação Friedrich Mergel Johannes Nissún
1989-en			parágrafos dissolvidos		explicação: Johannes Niemand (Nobody)
1995-hu			parágrafos dissolvidos		adaptação: Mergel Frigyes Senki Johannes
1996-es			parágrafos dissolvidos		explicação: nota de rodapé para Johannes Niemand
1997-en					explicação : Johannes Niemand (Nobody)
1998-it			parágrafos dissolvidos		
2008-en			parágrafos dissolvidos		explicação : Johannes Niemand (Nobody)
2010-en					adaptação: Freddie

Tabela 13: As traduções das frases do primeiro trecho analisado

<i>Tradução</i>	<i>As frases nos textos traduzidos</i>	<i>Traduções para o português</i>
1913-en	If he took money from Aaron, no doubt the accursed Jew had first cheated him out of it. Huelsmeyer is a <u>respectable householder</u> , and the Jews are all rascals! (p. 452)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, sem dúvida aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um proprietário de casa respeitável e estabelecido, e os judeus são todos malandros!
1923-dk	Har han taget Penge fra Aaron, saa har den forbandede Jøde sikkert tidligere bedraget ham. Hülsmeyer er et <u>ordentligt, retskaffent</u> Menneske, og alle Jøder er Skælme. (p. 18)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro e integro, e os judeus são todos embusteiros.
1923-nl	Als hij Aäron geld heeft afgenomen, dan heeft de vervloekte Jood hem zeker zooveel afgezet. Hulsmeier is 'n <u>fatsoenlijk</u> man, <u>waarop niets te zeggen valt</u> , maar de Joden zijn allemaal bedriegers. (p. 20)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego muito dele antes. Hülsmeyer é um homem decente, sobre o qual não há nada a dizer, e os judeus são todos enganadores.
1933-it	Se egli ha preso denaro ad Aronne, di sicuro il maldetto giudeo lo avrà truffato. Hülsmeyer è un uomo <u>ordinato, domiciliato</u> , edi giudei sono tutti bricconi. (p. 47)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro, residente, e os judeus são todos embusteiros.
1934-en	If he took the money from Aaron, you may be sure the accursed Jew had swindled him of it before. Hülsmeyer is a <u>decent, proper</u> man, and the Jews are all rogues. (p. 235)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, você pode ter certeza de que aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um homem decente e próprio, e os judeus são todos embusteiros.
1938-cz	Uzmul-li Aronovi peníze, jistě ho ten prokletý žid o ně před tím ošidil. Hülsmeyer je <u>pořádný a rozumný</u> člověk a každý žid je lotr. (p. 18)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro e razoável, e os judeus são todos malandros.
1941-hu	Ha visszavette az Aaron pénzét, akkor előzetesen bizonyára becsapta az a gyalázatos zsidó. Hülsmeyer <u>rendes, idevalósi</u> ember, a zsidók meg mind csalók. (p. 15)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu infame havia pego dele antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro e daqui, e os judeus são todos embusteiros.
1957-hu	Ha visszavette az Aaron pénzét, akkor előzetesen bizonyára becsapta az a gyalázatos zsidó. Hülsmeyer <u>rendes, idevalósi</u> ember, a zsidók meg mind csalók. (p. 473) (= 1941-hu)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu infame havia pego dele antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro e daqui, e os judeus são todos embusteiros.
1958-en	If he took money from Aaron, the wretched Jew had certainly swindled him out of it earlier. Hülsmeyer is a <u>respectable</u> man, <u>one of us</u> , and Jews are all rogues. (p. 22)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um homem respeitável, um de nós, e os judeus são todos embusteiros.
1958-fr	S'il a pris de l'argent à Aaron, c'est que ce maudit Juif avait commencé par le lui soutirer. Hülsmeyer est un homme <u>sérieux, bien établi</u> , et les Juifs sont tous de coquins. (p. 69/71)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego dele antes. Hülsmeyer é um homem confiável, bem estabelecido, e os judeus são todos embusteiros.
1966-sv	[Hat er dem Aaron Geld genommen, so hat ihn der verfluchte Jude gewiß zuvor darum betrogen.] Hülsmeyer är en <u>ordentlig, bofast</u> man, och judarna är allesamman skälmar. (p. 85)	[Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego dele antes.] Hülsmeyer é um homem ordeiro, habitante daqui, e os judeus são todos embusteiros.
1968-hu	Ha visszavette az Aaron pénzét, akkor előzetesen bizonyára becsapta az a gyalázatos zsidó. Hülsmeyer <u>rendes, idevalósi</u> ember, a zsidók meg mind csalók. (p. 270) (= 1941-hu)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu infame havia pego dele antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro e daqui, e os judeus são todos embusteiros.
1975-en	If he took money from Aaron, the damned Jew must have cheated him out of it in the first place. Hülsmeyer is a <u>respectable, well-established</u> man, and Jews are all rascals. (p. 108)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeyer é um homem respeitável e bem estabelecido, e os judeus são todos embusteiros.
1977-es	Si le ha quitado dinero a Aarón, es porque el maldito judío seguramente lo engañó antes en esa suma. Hülsmeyer es un hombre <u>decente y sedentario</u> y los judíos son todos pícaros. (p. 123)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado por este valor. Hülsmeyer é um homem decente e sedentário, e os judeus são todos embusteiros.
1979-no	Har han tatt penger fra Aaron så har den fordømte jøden sikkert lurt dem fra først. Hülsmeyer er en <u>ordentlig mann her fra landsbyen</u> , og jødene er alle sammen kjeltringer. (p. 18)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego dele antes. Hülsmeyer é um homem ordeiro do vilarejo, e os judeus são todos embusteiros.

<i>Tradução</i>	<i>As frases nos textos traduzidos</i>	<i>Traduções para o português</i>
1983-hu	Ha visszavette az Aaron pénzét, akkor előzetesen bizonyára becsapta az a gyalázatos zsidó. Hülsmeier <u>rendes, idevalósi</u> ember, a zsidók meg mind csálók. (p. 448) (= 1941-hu)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu infame havia pego dele antes. Hülsmeier é um homem ordeiro e daqui, e os judeus são todos embusteiros.
1984-nl	Als hij Aaron geld heeft afgepakt, dan zal die vervloekte jood hem wel hebben opgelicht. Hülsmeier is een <u>fatsoenlijk, eerzaam</u> man en de joden zijn allemaal schurken. (p. 14)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia pego dele antes. Hülsmeier é um homem decente e honroso, e os judeus são todos embusteiros.
1987-it	Se glielie ha prese, vuol dire che quel maldetto giudeo glielie aveva truffate. È un <u>galantuomo</u> lo Hülsmeier, <u>uno della nostra terra</u> , mentre gli ebrei sono tutti dei furfanti <u>giramondo</u> . (p. 45)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Ele é um homem honrado, o Hülsmeier, um da nossa terra, enquanto os judeus são todos enganadores errantes pelo mundo.
1989-en	If he took money from Aaron, the wretched Jew had certainly swindled him out of it earlier. Hülsmeier is a <u>respectable</u> man, <u>one of us</u> , and Jews are all rogues. (p. 94) (= 1958-en)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeier é um homem respeitável, um de nós, e os judeus são todos embusteiros.
1995-hu	Ha visszavette az Aaron pénzét, akkor előzetesen bizonyára becsapta az a gyalázatos zsidó. Hülsmeier <u>rendes, idevalósi</u> ember, a zsidók meg mind csálók. (p. 21) (= 1941-hu)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu infame havia pego dele antes. Hülsmeier é um homem ordeiro e daqui, e os judeus são todos embusteiros.
1996-es	Si le ha quitado dinero a Aaron, seguro que el maldito judío antes le ha engañado a él. Hülsmeier es un hombre <u>ordenado y prudente</u> y los judíos son todos unos pícaros. (p. 92)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeier é um homem ordeiro e prudente, e os judeus são todos embusteiros.
1997-en	If he took money from Aaron, then the cursèd Jew must have cheated him of the money in the first place. He is a <u>respectable, orderly</u> man, and the Jews are all rogues. (p. 89)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeier é um homem respeitável, ordeiro, e os judeus são todos embusteiros.
1998-it	Se ha preso del denar as Aaron sarà stato certamente perché quel maldetto ebreo l'aveva imbrogliato per primo. Hülsmeier è <u>un uomo per bene, è uno de noi</u> , e gli ebrei sono tutti furfanti. (p. 105) ²⁷⁴	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeier é um homem do bem, é um de nós, e os judeus são todos enganadores.
2008-en	If he took money from Aaron, the wretched Jew had certainly swindled him out of it earlier. Hülsmeier is a <u>respectable</u> man, <u>one of us</u> , and Jews are all rogues. (p. 24) (= 1958-en)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeier é um homem respeitável, um de nós, e os judeus são todos embusteiros.
2010-en	If he took money from Aaron, then the cursed Jew had cheated him previously, for sure. Hülsmeier is a <u>decent, reasonable</u> man and Jews are all rogues. (p. 13)	Se ele pegou dinheiro do Aaron, com certeza é porque aquele judeu maldito havia o enganado antes. Hülsmeier é um homem decente, sensato, e os judeus são todos embusteiros.

²⁷⁴ As frases estão acompanhadas, na tradução, por uma nota de rodapé explicativa.

Tabela 14: As traduções dos adjetivos "ordentlich" e "angesessen"²⁷⁵

<i>Tradução</i>	<i>Traduções do adjetivo "ordentlicher"</i>	<i>Significado em português</i>	<i>Traduções do adjetivo "angesessener"</i>	<i>Significado em português</i>
1913-en	respectable	respeitável	householder	proprietário de casa
1923-dk	ordentligt	ordeiro	retskaffent	íntegro
1923-nl	fatsoenlijk	decente	waarop niets te zeggen valt	sobre o qual não há nada a dizer
1933-it	ordinato	ordeiro	domiciliato	residente
1934-en	decent	decente	proper	próprio
1938-cz	pořádný	ordeiro	rozumny	razoável
1941-hu	rendes	ordeiro	idevalósi	daqui
1957-hu	rendes	ordeiro	idevalósi	daqui
1958-en	respectable	respeitável	one of us	um de nós
1958-fr	sérieux	sério, confiável	bien établi	bem estabelecido
1966-sv	ordentlig	ordeiro	bofast	habitante
1968-hu	rendes	ordeiro	idevalósi	daqui
1975-en	respectable	respeitável	well-established	bem estabelecido
1977-es	decente	decente	sedentário	sedentário
1979-no	ordentlig	ordeiro	her fra landsbyen	do vilarejo
1983-hu	rendes	ordeiro	idevalósi	daqui
1984-nl	fatsoenlijk	decente	eerzaam	honroso
1987-it	galantuomo	homem honrado	uno della nostra terra	um da nossa terra
1989-en	respectable	respeitável	one of us	um de nós
1995-hu	rendes	ordeiro	idevalósi	daqui
1996-es	ordenado	ordeiro	prudente	prudente
1997-en	orderly	ordeiro	respectable	respeitável

²⁷⁵ A tradução dos termos apoiou-se em diversos dicionários das respectivas línguas.

<i>Tradução</i>	<i>Traduções do adjetivo "ordentlicher"</i>	<i>Significado em português</i>	<i>Traduções do adjetivo "angesessener"</i>	<i>Significado em português</i>
1998-it	un uomo per bene	um homem do bem	uno de noi	um de nós
2008-en	respectable	respeitável	one of us	um de nós
2010-en	decent	decente	reasonable	sensato

Tabela 15: As traduções das frases no segundo trecho analisado

<i>Idioma de tradução</i>	<i>Frases no trecho nos textos traduzidos</i>	<i>Traduções para o português</i>
dinamarquês	Grib Jøden, vej ham op mod et Svin!	Peguem o judeu, pesem-no com um porco!
espanhol	¡Agarrad al judío! ¡Pesadlo a trueque de un chanco! (1977) ²⁷⁶ ¡Agarrad al judío! ¡Pesadlo y ponedle de contrapeso un cerdo! (1996)	Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco! Peguem o judeu! Pesem-no e coloquem um porco como contrapeso!
francês	Attrapez le Juif, [...] échangez-le contre un cochon!	Peguem o judeu, [...] troquem-no contra um porco!
holandês	Pakt den Jood! Weegt 'm tegen 'n zwijn! (1923) Grijp de jood! Hij is niet meer waard dan een varken! (1984)	Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco! Peguem o judeu! Ele não vale mais do que um porco!
húngaro	Fogjátok meg a zsidót! Leszúrni, mint egy disznót! (1941) Fogjátok meg a zsidót! Lökjétek a disznóólba! (1968, 1983) Fogjátok meg a zsidót! Mázsára vele, nyom annyit, mint egy disznó! (1995)	Peguem o judeu! Matem-no como um porco! Peguem o judeu! Joguem-no na pocilga! Peguem o judeu! Pesem-no, ele deve ter o peso de um porco!
inglês	Catch the Jew! Balance him against a pig! (1913) Seize the Jew! weigh him against a pig! (1934, 1997) Get hold of the Jew! He'll outweigh a pig, you'll see! (1958, 1989, 2008) Grab the Jew! Weigh him against a pig! (1975, 2010)	Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco! Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco! Peguem o judeu! Vocês vão ver, ele pesa mais do que um porco! Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco!
italiano	Afferrate il giudeo! cullatelo verso un maiale! (1933) Dàlli all'ebreo! Bilanciatelo col maiale! (1987) Afferrate l'ebreo! Che se lo vengano a riprendere in cambio di un maiale! (1998)	Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco! Peguem o judeu! Pesem-no com um porco! Peguem o judeu! Que o troquem por um porco!
norueguês	Grip jøden! vei ham mot en gris!	Peguem o judeu! Pesem-no com um porco!
sueco	[Pakt den Juden! Wiegt ihn gegen ein Schwein!] ²⁷⁷	[Peguem o judeu! Pesem-no contra um porco!]
tcheco	Podpadnete toho žida! Hodte ho sviním!	Peguem aquele judeu! Joguem-no aos porcos!

²⁷⁶ Os anos são indicados apenas quando há diferenças entre as traduções dentro de cada idioma.

²⁷⁷ Na tradução 1966-sv, o trecho no qual as duas frases se encontram está em alemão.

Tabela 16: As traduções dos termos "Jude", "Israeliten" e "hebräisch"

<i>Idioma da tradução</i>	<i>Traduções dos gentílicos "Jude(n)" (m) e "Jüdin" (f)</i>	<i>Traduções do gentílico "Israeliten"</i>	<i>Traduções do adjetivo "hebräisch"</i>
dinamarquês	Jøde (m) Jødin (f)	Israeliter	hebræiske
espanhol	judío (m) judía (f)	israelitas	hebrea
francês	Juif (m) Juive (f)	Juifs	hébraïque
holandês	Jood (m) Jodin (f) (1923) ²⁷⁸ joodse (Adj.) (1984)	Israëlieten	Hebreeuwsche ²⁷⁹ (1923) Hebreeuwse (1984)
húngaro	zsidó zsidóasszony (f)	izraeliták	héber
inglês	Jew (m) Jewess (f) (1913, 1934, 1997, 2010) Jewish (Adj.)	Israelites Jews (1934)	Hebrew Jewish (1934)
italiano	giudeo (m) (1933, 1987) ebreo (Ebreo) (m) ebrea (f) (1987, 1998)	israeliti	ebraici
norueguês	jøden (m) jødiske (Adj.)	israelittene	hebraiske
sueco	juden (m) judinnans (f)	israeliterna	[hebräische]
tcheco	žid (m) židovka (f) židovský (Adj.)	izraelity	hebrejský

²⁷⁸ Os anos são indicados apenas quando há diferenças entre as traduções dentro de cada idioma.

²⁷⁹ Ambos os termos são, na verdade, idênticos. O termo da tradução de 1923 segue a ortografia antiga do holandês, válida até 1934.

Tabela 17: As traduções dos apelidos "Wucherjoel" e "Lumpenmoises"

<i>Idioma da tradução</i>	<i>Traduções de "Wucherjoel"</i>	<i>Traduções de "Lumpenmoises"</i>
dinamarquês	Aager-Joel	Lumpenmoises
espanhol	Joel el logrero (1977) Joel el usurero (1996)	Moisés el trapero (1977) Ratón Trapero (1996)
francês	Joël l'Usurier	Moïse le Chiffonnier
holandês	Woerjood (1923) Woerjoël (1984)	Lompenmozes (1923) Voddenmozes (1984)
húngaro	Uzsorás Joel	Rongyász Moises
inglês	"Joel the Usurer" (1913, 1975) (-) (1934) ²⁸⁰ Joel the Shark (1958, 1989, 2008) Usurer Joel (2010)	Ragged Moses (1913, 1975) Moses (1934) Rag-and-bone Moses (1958, 1989, 2008) Ragman Moses (1997, 2010)
italiano	Gioele l'usurario (1933) Joel el Struzzín (1987) Joel lo strozzino (1998)	Mosé il cenciaiuolo (1933) Moisè el Strazzè (1987) Moises lo straccione (1998)
norueguês	Åger-Joel	Fille-Moises
sueco	Ockrar-Joel	[Lumpenmoises] ²⁸¹
tcheco	Vydrůch Jonáš	Zlotřilý Mojšl

280 Na tradução 1934-en, o apelido "Wucherjoel" é omitido.

281 Na tradução 1966-sv, o trecho no qual o apelido "Lumpenmoises" se encontra está em alemão.